



NATALIA JASTER

BEIJO FEÉRICO

FEÉRICOS PERVERSOS | LIVRO 1



NATALIA JASTER

BEIJO FEÉRICO

FEÉRICOS PERVERSOS | LIVRO 1



COPYRIGHT © 2020 NATALIA JASTER
COPYRIGHT © 2022 EDITORA CABANA VERMELHA
TÍTULO ORIGINAL: **KISS THE FAE**
Todos os direitos reservados.

Diretora Editorial

Elaine Cardoso

Editora

Mari Vieira

Tradução

Sara Lima

Preparação

Letícia Campopiano

Revisão

Alessandra Cristina

Revisão Final

Mari Vieira

Leitura Final

Gisele Oliveira

Capa

Mirella Santana

Diagramação Digital

Elaine Cardoso

Nenhum trecho deste livro pode ser reproduzido em qualquer forma, eletrônica ou mecânica, incluindo armazenamento de informações e sistemas de recuperação, sem a permissão por escrito da autora, exceto para o uso de breves citações em uma crítica do livro.

Sumário

[SINOPSE](#)

[Prólogo](#)

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)
[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[Nota da Autora:](#)

[Sobre a Autora](#)

SINOPSE

Existem três regras para sobreviver aos feéricos — e estou prestes a quebrar cada uma delas.

^a Regra: Nunca entre em Feéria¹

Quando sou perseguida pela fronteira perversa e capturada por seu recluso governante do céu, o belo trapeceiro com uma língua afiada me oferece um acordo.

2ª Regra: Nunca faça acordos com um feérico.

Mas eu não tenho escolha. Por treze dias, preciso sobreviver em seu labirinto montanhoso de caminhos sinistros, escadas enganosas e criaturas desonestas. Se eu recusar, minhas irmãs vão sofrer como punição.

3ª Regra: Nunca se apaixone pelo inimigo.

Eu deveria saber que meu sequestrador sexy não jogaria limpo. Quanto mais fundo eu mergulho neste mundo perigoso dos feéricos solitários, mais eu estou enredada na sedutora teia de desejo de seu governante – e nas tentações proibidas que ele oferece.

O preço de perder este jogo perverso é tudo que eu amo. Mas vencer pode custar meu coração.

AVISO: *Este é um romance de fantasia picante New Adult e Enemies to Lovers com conteúdo e linguagem sexual explícito.*

Para os fãs de Sarah J. Maas, Jennifer L. Armentrout, Holly Black,

Laura Thalassa e Raven Kennedy.

Beijo Feérico é o primeiro livro da série de romances de fantasia de Natalia Jaster, Feéricos Perversos. Se você gosta de sensualidade, inimigos que se apaixonam e um protagonista moralmente duvidoso, esteja preparado para desmaiar pelo vilão.

Para o Rei dos Goblins – o primeiro vilão pelo qual me apaixonei

Não olhe para baixo. Cuidado onde pisa. Tenha medo do vento.

Siga o vento. Perca o rumo. Ache o caminho...

Do Livro das Fábulas
Sob as estrelas traiçoeiras,
uma Coruja se encontrou com uma Cotovia...

Prólogo

Eu lhe diria como matá-los – se já tivesse descoberto uma maneira.

Às vezes, você sente a presença deles à espreita do lado de fora. Talvez estejam lá mesmo, talvez não. Se você espiar pela janela, pode encontrar uma silhueta perversa, um corte de sombra num raio de luar, e aquela presença faz seu corpo estremecer. E, se você tiver sorte – ou for muito amaldiçoado –, pode captar um vislumbre de penas, chifres ou escamas.

Não encare por muito tempo. Em vez disso, feche as cortinas.

Diria como desafiá-los – se não fosse pelo encanto.

Às vezes, nos caminhos da floresta, entre a aldeia e o poço d'água, você consegue senti-los. Esses idiotas brutais e bonitos se esconderão em plena vista, encantados para parecer humanos, ansiosos para lhe obrigar a fazer coisas.

Tirar as roupas no mercado? Arrancar com uma mordida o lóbulo da orelha de alguém? Roubar uma adaga e arrastar sua ponta pelo umbigo? Entrar em uma clareira e nunca mais voltar? Pode apostar que são eles.

O que estou dizendo é: não saia sozinho. E, se sair, leve uma arma.

Diria como evitá-los – se eu já tivesse conseguido.

Às vezes, eles vão se esgueirar pelos cantos isolados do seu quarto. Você vai dar uma segunda olhada no espelho, jurando que retalhou o pedaço pontiagudo de uma asa que estivera ali há alguns segundos. Você vai sentir a magia deles se espalhando com a brisa, esgueirando-se entre suas coxas nuas, quando você está na cama. E você vai ofegar, mas seria por surpresa,

indignação, ou um impulso mais profundo?

Qualquer que seja sua reação, você poderá ouvir uma risada atravessando o ar noturno, como se a criatura conhecesse seu corpo melhor do que você.

Não dê ouvidos. Apenas enterre o rosto em um travesseiro. Funciona, acredite em mim.

Posso dizer mais, ou posso pular para a pior parte?

Eles sempre existiram, nos enganando e nos atormentando. Mas, uma vez, muito enfurecida, nós os enganamos e os atormentamos também. Em um tempo curto e mágico, os mortais capturaram toda a *sua* espécie.

Mas três escaparam.

Desde então, tornaram-se mais poderosos. Ou assim dizem as Fábulas.

Desde então, tornaram-se mais perversos. Ou assim dizem os sussurros.

Um que governa o céu. Um feérico com cabelo azul-obsidiana e lábios com um tom escuro. Um monstro que empunha uma lança de arremesso e toca uma flauta traiçoeira.

Um que governa a floresta. Um feérico que tem chifres em sua cabeleira ruiva volumosa e ondulada, suas pernas acabando em um par de cascos fendidos. Um monstro que empunha um arco longo e dedilha um violoncelo luxurioso.

Um que governa o rio. Um feérico com longos cabelos cor de ônix e olhos dourados de serpente tão severos que vão cegá-lo se chegar muito perto. Um monstro que empunha punhais bifurcados e dedilha uma harpa vingativa.

Na verdade, eu devia lhe dizer uma última coisa. Vivemos sob regras por aqui. Para começar, se você é mortal, tome cuidado.

Mantenha os lampiões acesos. Deixe as velas queimando.

Não entre no território deles. Fique longe da montanha, da floresta e do rio.

Não responda ao vento, às árvores ou à água. Ou eles vão lhe ouvir.

1

Estou nua e deitada de costas de novo, só que desta vez estou sozinha. Minha bunda repousa em uma pilha de almofadas, enquanto expiro ar frio pelos lábios. Fiz um único ninho de almofadas na varanda do sótão. Há um céu imenso e sexy escancarado acima de mim, as nuvens preguiçosas deslizando por uma tela cor de malva e azul-claro.

A cabana da minha família se abriga em uma clareira, os pios vindos de lá detrás puxando as cordas do meu coração. A frente tem vista para o nosso quintal, onde postes de cerca são cravados na linha da propriedade, uma trilha arborizada saindo do portão e continuando até a aldeia. Lá, o caminho converge com a estrada principal e se enrola como uma concha de caracol, percorrendo o centro de Reverie Hollow.

Sim, é um nome engraçado para uma aldeia, parece mais apropriado para um lugar de sonhos destruídos e vazios.

A quase dois quilômetros, nossos vizinhos vão encerrar o expediente. O cervejeiro e o sapateiro vão abaixar as persianas, e os comerciantes vão rolar os barris de pickles pela praça. Imagino os indivíduos habituais: a ferreira virando o cartaz de “*Pode Gastar*” para “*Vá Embora*”, o costureiro polvilhando a varanda com sal e o tintureiro corpulento saindo da loja para deixar um jarro de nata ao lado da porta.

A maioria estaria com pressa. Ninguém costuma ficar vagueando depois de escurecer.

Bem, quase ninguém. Fique tranquilo, algum idiota está pensando em

saquear o moinho. E, eu juro, os cárceres estão uma bagunça, cheios de bandidos, mas sem guardas.

Aposto que vários imprestáveis estão planejando sair escondidos das cabanas para ficar agachados no estábulo, onde vão dividir uma garrafa de vinho de sabugueiro. Eu sei, porque era um desses patifes. Toda vez que voltava para casa, saltitava com os rouxinóis.

Um arrepio percorre minha pele. Enquanto aldeões a distância termina de fazer as coisas na aldeia, eu tinha acabado de transar com meu mais novo admirador. O andarilho que estava passando por Hollow e ansiando por uma hora de companhia. Era mais velho que eu, talvez 25 anos, enquanto eu tenho 19 anos. Sem minha família, eu tinha ansiado por um orgasmo e o trouxe para meu quarto.

Em certo momento, o andarilho mordeu meu pescoço, então tive que dar uma cotovelada nas partes baixas dele. Eu tinha ditado as regras antes de começarmos. Nada de algazarra ou mordidas.

Terminou rápido. Agora ele está roncando na minha cama. Preciso acordá-lo daqui a pouco.

Eu me enrolo nas almofadas que trouxe para fora, relaxando ao som do canto dos pássaros. Então o ar muda, acariciando as cicatrizes nos meus joelhos. Fico tensa e completamente ereta. A corrente de ar pode ser o que parece, apenas uma corrente, só uma rajada de vento. Ou podia ser outra coisa.

A brisa do início da noite passa, fazendo as folhas sussurrar. Quando a sensação passa, meus ombros relaxam e meus olhos se fecham. As palavras do Livro das Fábulas aparecem na minha cabeça e saem dos meus lábios:

— *Sob as estrelas traiçoeiras, uma Coruja se encontrou com uma Cotovia. E a Cotovia disse...*

O sino da praça toca, o gongo de latão vibrando pelas árvores. Preciso me apressar. Tinha trazido a calcinha comigo, então me levanto e coloco

pequenas ceroulas, em seguida, envolvo uma tira de pano formando uma faixa em torno dos meus seios. Depois de proteger a mercadoria, coloco meu robe e calço as botas até o tornozelo.

Uma janela triangular leva da varanda ao quarto do sótão. Subo e entro no espaço, onde três cômodas e camas estreitas reivindicam cada uma das paredes de madeira. Uma colcha perfeitamente feita cobre um colchão, as pontas dobradas sob um travesseiro combinando. Um lençol macio envolve a outra. E, na terceira cama, um tecido de algodão cobre grandes músculos.

Admiro o homem esparramado de braços em cima do colchão, com os braços caindo pela borda. Ele tem cabelo castanho-bútio, os cílios mais longos da história e uma cicatriz de espada no ombro. *Putá merda*, ele é lindo, sem sombra de dúvida. Pena que seu talento na cama não tenha sido tão abençoado quanto o rosto.

Quando vislumbro a parte inferior das costas dele, percebo que tenho um problema. Flechas de besta tatuadas formam um X na base da coluna. A bile sobe pela minha garganta, minha fantasia por ele se desfazendo.

Merda. Um caçador mercenário.

Do quintal, nosso falcão-peregrino residente crocita um “*cuá*” áspero. A ave não pode saber o que está acontecendo, mas o sinal causa uma onda de proteção que me faz cerrar os punhos. De todos os andarilhos com quem eu podia dormir, escolhi este imbecil.

Algumas pessoas caçam porque estão famintas. Ele não. A tatuagem marca a diferença. Um símbolo dos ignorantes que perseguem animais para fazer negócios, lucrando com partes valiosas da fauna.

Poucas pessoas sabem dessa tatuagem secreta, mas sei o que procurar – graças a Juniper.

Quero chutar a bunda desse homem para fora da cama. Quero chutá-lo tão forte que ele sairá voando para fora da nossa terra. Ele é um forasteiro, não

um residente desta comunidade, então tudo isso pode ser uma coincidência – ou não. Por causa da especialidade da minha família, esse cara pode ter vindo aqui com um objetivo, mas se distraiu com meus peitos. Com tantos animais inocentes vagando livremente perto dele, preciso ter muito cuidado.

Ele está em um sono pesado, então verifico os bolsos da sua calça, usando as mãos leves que aprendi a ter com Cove. Depois, ando de fininho até a cadeira e mexo na bolsa dele. Minha mão se atrapalha, sentindo algo longo, macio e afilado. Enrijeço, reconhecendo o tamanho e a forma. Filho da mãe.

Puxo a pena azul, as franjas banhadas no pigmento etéreo, uma mistura de azul e preto do anoitecer.

Meu coração para, a Fábula reacendendo em minha mente. *E a Cotovia disse: “Podemos voar separados, mas que nossa direção seja a mesma”.*

Devo ter deixado a pena em algum lugar onde este imbecil – seja qual for o nome dele – notou e lambeu os beijos. Um prêmio como este é coisa de magia de outro mundo. Essa pena é a candidata perfeita para um grande saco de moedas, que provavelmente serão falsas, já que o negociador mais próximo em um raio de cinco quilômetros não é conhecido por ser idiota.

Vou pegar minha posse de volta, muito obrigada. Quando coloco a pena no tecido em volta do peito, um gemido ressoa da cama. O barulho desleixado se solta como se estivesse preso num frasco, juntando poeira esse tempo todo.

Posso dizer algumas coisas sobre os homens, baseado em como eles fodem. Para começar, esse caçador não tem destreza. Ele é precipitado, só tem músculos e é temperamental, considerando a mordida que me deu no calor do momento. Sem mencionar o que seus movimentos fizeram com a cabeceira e o aperto intenso que ele mantinha nos meus quadris. Ele segura firme, o que significa que gosta de controle, o que significa que vai ficar irritado se eu tentar apressá-lo para sair. No caso de ser uma coincidência,

vou precisar usar bajulação e conversa fiada para fazê-lo ir embora.

Meu chicote está enrolado em um dos remates da cama. Arranco a arma e a envolvo no braço como um acessório, depois agarro o pé da cama e me inclino para expor o decote.

— Finalmente — ronrono. — Dormiu bem, bonitão?

O imbecil se senta, o cálice largo de sua cabeça equilibrando-se na haste fina do pescoço enquanto ele dá um sorriso torto para o meu peito.

— Ah, que bela visão.

— Que pena, você demorou tanto para acordar. Tenho más notícias, querido. Já ficou muito tempo por aqui.

— Já quer que eu vá embora?

— Sou uma garota ocupada. — Balanço o chicote e brinco: — É melhor se mexer ou vou precisar amarrá-lo.

— Isso soa como uma ameaça safada. Com esse tipo de conversa indecente, posso querer uma segunda rodada.

Que as Fábulas o amaldiçoem.

— A primeira aventura foi por diversão, então foi de graça. Uma segunda vez não é barata.

Eu não me vendo, então não estou falando sério e me certifico de que meu sorriso seja modesto. É mais fácil de acreditar em algo simples. Explicações mais longas enterram pessoas em uma pilha de esterco.

Ele ri e se arrasta para se levantar, determinado a recolher suas coisas. Neste instante, a porta da cabana se abre e fecha com um clique. Minhas costas endurecem quando dois pares de pés caminham em direção ao quarto e param no lado oposto da porta.

A primeira voz grasna:

— Lark!

A segunda voz flui como água doce:

— Lark?

— Por favor, diga que está sozinha.

— Mas, se não está, tudo bem.

— Estou bem — minto. — Vão lá para baixo. Já desço.

Por fora, sou casual. Por dentro estou estressada por causa da pena que esse caçador ainda acha que conseguiu pegar.

Há um momento de silêncio, seguido de passos se afastando – passos calculados.

Putá merda, às vezes, queria que elas não me conhecessem tão bem. Elas perceberam a tensão em minhas palavras, então isso vai ficar complicado a menos que eu consiga mandar o caçador para fora daqui com elogios.

— Quem eram elas? — o homem pergunta.

— Hora de ir, bonitão — murmuro. — Bem rapidinho.

— O quê? Sem beijo de despedida? Uma anfitriã mostra cortesia a seus amantes, a menos que não tenham lhe ensinado boas maneiras.

Bem, tudo bem. Sorrio.

— Minha irmã está no quarto apontando uma flecha para você.

Na janela do sótão – para onde ela se arrastou depois de subir pelo lado da cabana –, uma silhueta pequena e esguia planta seu pé no peitoril de ferro, com os dedos posicionados na besta. Cabelo verde-pinheiro emoldura o rosto impetuoso de Juniper, as camadas lisas presas em um rabo de cavalo baixo e lateral que cai no ombro. A blusa de algodão está enfiada primorosamente em uma saia com bolso, as mangas curtas revelando um bracelete de folhas dourado que envolve seu braço.

— Olá — Juniper diz, enquanto mira a besta.

— Minha outra irmã acabou de entrar com uma lança — termino, sem

precisar olhar.

— Prazer — Cove cumprimenta, tendo dado a volta e entrado pela porta do sótão.

Seu cabelo azul como a água está preso em um coque frouxo, mas intrincadamente preso, na nuca, algumas ondas errantes escapando pelas costas. Um vestido de musselina cai pelo corpo alto, o decote gracioso mergulhando de modo modesto nas costas para revelar uma corrente de ouro e um pingente de gota d'água. Ela pareceria uma donzela delicada, se não fosse pela lança apontada de leve entre os dedos.

O que posso dizer? A cautela vem de família.

Meu último erro, avalia nosso trio. O cérebro dele deve estar experimentando um surto de crescimento, porque ele pisca. A verdade é que não somos irmãs de sangue, mas temos a mesma idade e outra característica em comum frente a qual os estranhos tendem a ficar boquiabertos. Nossas íris combinam com os raros tons do nosso cabelo. Cinza-claro para o cabelo branco comprido saindo da minha cabeça, verde-pinheiro vivo e um azul-esverdeado sereno.

As cores são incomuns, mas coisas ainda mais estranhas acontecem. Qualquer um que esteja morando aqui há uma semana ou mais pode confirmar isso.

Ambas as mulheres fazem uma pausa, processando a cena em meu convidado. Papa Thorne vai chegar daqui a pouco, e geralmente não trago minha diversão para casa comigo.

Juniper balança a cabeça.

— Eu sabia.

Cove suspira.

— Lark, pelo amor das Fábulas.

— O que temos aqui? — O imbecil parece impressionado e assume que o estamos elogiando. O jeito sedutor com o qual anunciei a chegada delas tinha funcionado.

Mas, como Juniper é péssima em reconhecer ironia, ela inclina o queixo em direção à túnica do homem no chão, em seguida, ao próprio homem.

— Você. Se vista.

— Por favor — Cove emenda, a língua presa fazendo as palavras terminar em um balbucio delicado.

Felizmente, a carranca dele imediatamente derrete.

— Olha, eu não gosto que me digam o que fazer — ele brinca, ao passar a túnica pela cabeça e nos avaliar. — Mas, sabe, faz sentido. Ouvi falar na praça sobre vocês três. Uma rameira, uma metida e uma solteirona. Um trio que não me importaria de conhecer melhor. Qual é o preço para os hóspedes entrarem *naquelas* portas?

E esse é o meu limite.

— Continue falando das minhas irmãs assim e, em um segundo, você não terá pernas para carregá-lo por qualquer porta.

Os olhos dele se estreitam com o aviso.

— É mesmo?

Este imbecil está demorando de propósito. Se não estivesse certa de que planejou o caminho para minha cama, tenho certeza agora. Os amantes nunca demoram tanto para ir embora depois de sair de cima de mim. Além disso, se ouviu falar da gente na praça, ele deve saber o que fazemos para viver.

Ele tentou roubar uma pena de valor inestimável. Não foi só isso que planejou levar.

Para ressaltar esse ponto, o grito do falcão soa lá de trás outra vez. A cabeça do caçador se vira em direção ao som, então ele diz:

— Pensando bem, alguns dos moradores usaram a palavra *abandonadas*. É verdade que estavam vagando como uns sacos de pulgas antes do atual guardião ficar com pena? O que fizeram para serem abandonadas pela sua verdadeira família?

Juniper faz uma careta, as bochechas de Cove ficam vermelhas e a raiva desliza pela minha língua.

— Terminamos por aqui, então pode ir embora. Cai fora, bonito.

Eu devia parar por ali. Em vez disso, pego a bolsa dele e a jogo em seu peito.

É uma péssima ideia. Já sei disso, mesmo enquanto estou fazendo. A bolsa bate no peitoral do caçador e se abre antes que ele possa pegá-la. As bugigangas caem pelo chão, incluindo um cantil e um saco de moedas.

A pena que ele havia pegado não estava mais lá.

Os olhos dele percorrem o chão, chegando à conclusão certa, e ele se joga na minha direção. É quando me lembro da adaga envolta na bainha do seu cinto. Pelo jeito que suas pupilas brilham, acho que a arma foi afiada há pouco.

Ah, merda. Não quero que as coisas se compliquem, mas, com minhas irmãs aqui em cima e uma série de animais lindos na nossa terra, é o que vai acontecer. Primeiro, não estou com disposição para varrer vidro e um cadáver do chão. Vai ser preciso determinação para limpar a bagunça, e vai custar dinheiro para consertar a janela.

Contenho um suspiro. Os dedos do homem se contraem.

Tudo acontece muito rápido. Eu me movimento para afastar Juniper, e depois Cove, do perigo. Estou girando e soltando meu chicote enquanto o caçador pega a sua adaga. O chicote voa e prende seu braço, puxando-o para o lado e forçando-o a soltar a faca. Ela voa pelo ar e crava na parede.

Ele corre para buscá-la, enquanto minhas irmãs se levantam, atabalhoadas. Juniper e Cove se atrapalham com suas armas, mas abro a porta do sótão e empurro minhas irmãs para o corredor. Com outro impulso do meu calcanhar, a porta fecha nos seus rostos indignados, e coloco a tranca no lugar.

O caçador puxa a adaga da parede e ruga:

— Sua vadia!

Puxo o chicote de novo, jogando o idiota no chão. Ele uiva, gritando pela janela como se tivesse amigos por perto. Vozes masculinas abafadas respondem dos arbustos.

Hora de ir. Prendo o chicote nas dobras do robe, salto para o outro lado e mergulho pela janela triangular. Indo em direção ao parapeito da varanda, enfio os dedos na boca e solto um assobio ensurdecedor, depois pulo.

Whinny, a égua malhada da família, galopa pela sujeira e para sob o beiral. Pulo, jogando-me em seu dorso. A égua voa pela grama alta, subindo a cerca, passando as árvores em direção ao campo.

Gritos ecoam da cabana e expõem a palavra *puta*. Olhando por cima do ombro, vejo o caçador pulando da plataforma. Dois outros homens emergem do bosque, saltando em cavalos que aparentemente esconderam.

Eu estava mais do que certa. Aquele imbecil veio aqui pelos animais.

E, aparentemente, trouxe companhia. Seus servos devem ter esperado que ele terminasse comigo para atacar nossos residentes selvagens enquanto eu dormia depois do orgasmo. Por que mais essa escória estaria escondida na folhagem, passando despercebida quando minhas irmãs chegaram em casa?

Juniper e Cove aparecem na varanda da frente e brandem suas armas, mas os homens já estão fora de alcance.

Eles estão vindo, e rápido. Ótimo. Melhor eu do que minha família.

Viro-me e enfio os calcanhares na égua. O vento corre pelo meu cabelo,

embaraçando as ondas brancas. A rajada escancara meu robe, o tecido esvoaçando de modo irregular. Não posso levar esses caras para a aldeia a menos que queira que as pessoas se machuquem e eu seja vista.

Eliminando Reverie Hollow, Whinny contorna amieiros e sabugueiros. O crepúsculo se propaga pelo céu, leveza e escuridão se fundindo.

Atrás de mim, gritos perfuram o ar:

— Atrás dela!

Cavalgo com pressa, o suor saindo das axilas. Os campos abertos não vão me esconder, e os bosques mais densos estão muito longe. Os terrenos humanos, quero dizer.

Esses desgraçados vão me pegar antes. A única escolha que tenho é o vale da montanha à frente. Aonde ninguém vai, não importa o motivo. No horizonte, rochas irregulares apontam em direção ao céu, tirando uma parte da vista, com árvores preenchendo as lacunas e escondendo segredos.

Eu me inclino para a frente, agarro a crina da égua e a incito para ir mais rápido. A faixa rochosa fica maior e o vento, mais rápido. A égua relincha e recua, seus cascos resvalando a sujeira. Porra, ela sabe para onde estamos indo.

Não que tenha que se preocupar. Animais mortais nunca foram feridos por ninguém além de, bem, mortais e outros animais.

Eu me viro. As figuras galopam mais perto, bolsões de solo em torno deles. Eles gritam e falam merdas que não consigo ouvir. Eles podiam ter lutado com minhas irmãs e tentado invadir nossas terras, com uma fauna valiosa. Para esses homens, não sou tão importante.

Eis o poder do ego ferido.

Se bem que me lembro da pena azul guardada no peito. Aquele idiota deve suspeitar que estou com ela. Levando em conta suas origens mágicas, não é

de se admirar que ele a queira e isso é o suficiente para vir atrás de mim. Se me alcançarem, meu chicote não será o bastante para derrubá-los. Eles vão usá-lo para me amarrar e rasgar minha faixa, isso se não enfiarem uma faca em mim antes.

Meu coração acelera. Estarei encurralada em uma questão de minutos. Posso correr pela fronteira e esperar que tenha uma lacuna ao redor do vale pela qual a égua consiga passar.

Ou posso continuar em frente, para onde as montanhas sobem do chão, seus campanários rochosos salpicam um mural de vegetação varrida pelo vento. Quanto mais perto chego, mais alta e sinistra a cordilheira fica.

Vejo aquela fronteira misteriosa. Três árvores estão ao lado uma da outra. Um espinheiro-branco, um carvalho e um freixo.

A Tríade é proibida. Mas é isso ou morrer.

A noite sufoca os céus, devorando as listras remanescentes cor de malva e azul-claro. Minhas coxas queimam, e meus dentes tremem. Cantarolo nos ouvidos da égua, escuto seus ofegos e perco a noção dos minutos.

Não tenho escolha. Não tenho escolha. Não tenho escolha.

Grito. A égua acelera, avançando pela natureza.

Diretamente para Feéria.

2

Vivemos em um continente chamado: As Fábulas Sombrias. Ele é separado em três países de encantamento sombrio – As Geadas do Norte, Os Mares do Sul e o País Médio. Elfos, dragões e uma infinita vida mística e selvagem preenchem essas terras até a borda. Por ser de outro mundo, o povo mágico acha que são melhores que nós, peões humanos.

Besteira. Mas é verdade.

Aqui no País Médio? Os feéricos prosperam.

Reverie Hollow compartilha sua paisagem rural com uma leva perversa de povo mágico. Nossa aldeia é um alvo fácil, de frente para um monte de penhascos, com um monte de florestas, com um monte de cursos d'água correndo por ela.

A Montanha Solitária.

A Floresta Solitária.

O Rio Solitário.

Três territórios protegidos pela Tríade Feérica. No entanto, a linha divisória de espinheiro-branco, carvalho e freixo não é impenetrável. Essa é a ironia. Então entre caso se atreva a quebrar as regras, se quiser se sacrificar aos caprichos dos feéricos. Se isso é o que quer, eles não vão desencorajá-lo.

Só não espere ir embora.

Não posso pensar nisso agora, senão vou botar a comida pra fora. Seguindo em frente, meus olhos vasculham meus arredores, procurando por uma brecha no terreno.

Nada. Nadinha.

A estrada se estreita em direção a uma parede de pedregulhos cobertos de filigranas de um verde escuro e teixos iminentes que se aglomeram. Além da Tríade, a paisagem parece normal, como qualquer cenário montanhoso. Isso é o que mais me assusta – encobre o que quer que haja lá dentro.

Os caçadores mercenários ganham velocidade. Whinny protesta, resistindo ao nosso destino. Falo com ela rapidamente, acaricio sua crina brilhante, e espero que confie em mim tanto quanto confio nela.

No instante em que ela permite, empurro-a com meus calcanhares. Avançamos, meu cabelo e sua crina balançando juntos enquanto a Tríade se aproxima, ficando maior. O espinheiro-branco, o carvalho e o freixo são sentinelas do reino que ocultam.

Nós entramos.

Galhos estalam. Folhas zumbem ao sair do caminho. O crepúsculo desaparece como um truque de mágica.

A faixa de terra vira grama alta. Corremos por um caminho sinuoso, a rota curvando-se de modo tão severo e torto que quase faz a égua tropeçar e me derrubar. Vacilo para o lado, mas luto para ficar no lugar.

O mundo passa rapidamente por mim, as cores aparecem muito rápido para que possa assimilar. A égua se impulsiona pelo solo e pelas raízes expostas, recuando à medida que chegamos em um beco de arbustos sem saída

Estou vestida com a ceroula, coberta de suor e coragem. Muito ofegante, meus seios sobem e descem rapidamente na faixa pequena.

São muitas informações de uma vez – o bater acentuado de asas, o lampejo de penas cor de açafrão e um chirriar agudo. Com a respiração ruidosa, olho ao redor. Entramos em algum tipo de margem onde a montanha, a floresta e o rio convergem. O ambiente se inclina em ambos os lados e

forma um desfiladeiro, o sopé cruzando com a floresta e uma nascente serpenteando entre as árvores.

Eu me atrapalho com as rédeas, lutando para manter a égua estável. A escuridão transborda pelas copas das árvores, as sombras nem azuis, nem pretas. Bulbos dourados nadam pelas samambaias... vaga-lumes?

Enquanto giro para rastrear o som de outra ave, meu braço colide com um dos bulbos. O contato abrasador arranca um grito baixo de mim, minha pele fervendo como se eu tivesse encostado o cotovelo num ferro quente.

Estou imaginando ou o vaga-lume está rindo de mim?

Observo os pontos flutuantes, mas eles voam muito rápido e começam a se aproximar. Whinny coiceia, forçando-os para longe. Mais risadas à medida que se espalham, adentrando nas sombras.

Vejo um recesso em uma das cercas altas, um espaço improvável entre o beco sem saída e o declive. Balançando as pernas, caio no chão e guio a égua com pressa pelo vão, a vegetação sacudindo de forma audível pela nossa entrada, o arbusto liberando uma melodia sinistra que vibra no ar. Esse barulho vai dificultar nos escondermos em silêncio, especialmente com o tamanho da égua.

Pelo menos passamos pela lacuna, densa o suficiente para servir de escudo. Os caçadores sabem que tenho poucas opções para esconder a beleza equina. Mas, neste lugar, não vão verificar tão minuciosamente, nem se aventurar demais.

Trepadeiras deslizam de árvores tortas e cintilantes. Eu esperava tons ricos, mas não essa colisão de escuridão e brilho. O perímetro é uma combinação de marrom-caramelo, verde-teixo e azul-pavão.

Eu me agacho na penumbra, minhas narinas inalando o cheiro rançoso da égua e algo bizarro – maduro demais e metálico, como ameixas atadas com algum veneno.

Whinny bate a cauda áspera no meu rosto. Ela está inquieta e se mexe, perturbando os ramos.

— Shh, querida — sussurro. — Se eles passarem, chute seus traseiros.

Não é o conselho mais prudente. Se os caçadores me encurralarem, não haverá espaço neste lugar para desviar da égua quando der um coice neles. Ela não me machucaria de propósito, mas eu seria pega no meio, com certeza.

O problema é que não há como dizer se os caçadores ainda são a ameaça ou se cavalguei até um destino mais mortal. Encolho-me no espaço, minhas botas afundando em um montinho de lama. Quando engulo em seco, é a coisa mais barulhenta que já ouvi.

Eu me dou conta de verdade. Sou uma mortal perdida em Feéria.

E não estou sozinha.

A égua resmunga. Fico de orelhas em pé quando uma melodia flutua pela natureza, elevando o nível de medo no meu sangue. É a vibração ludibriosa de uma flauta, seguida pelo zumbido sensual de um violoncelo e o dedilhado inquietante de uma harpa.

Reconheço cada instrumento do Livro das Fábulas, música do céu, da floresta e do rio entrelaçadas. A colisão de notas soa elegante, impetuosa e venenosa.

O povo mágico usa ao máximo o encanto em nós. De acordo com as Fábulas e os horrores que testemunhei ao longo dos anos, isso acontece de várias maneiras. Um truque é através da música. Os sons dos instrumentos deles têm o poder de percorrer distâncias impossíveis transportados pelo ar, pelas raízes ou pela água.

As notas da flauta deslizam até minhas panturrilhas e as afastam. Da mesma forma, sinto um puxão na minha consciência que não mantém o controle.

Com um rosnado, fecho as pernas. A melodia para.

No entanto, o peso de uma presença física cresce, acompanhado de uma risada ameaçadora, serrilhada nas bordas. Meus dedos traçam as cerdas do meu chicote. Viro a cabeça depressa de um lado para o outro, procurando um intruso no esconderijo compacto.

Grunhidos cortam o riso misterioso. Xingamentos e o barulho de cascos ressoam pela natureza, vindos de fora da fronteira. Peculiar, já que eu não deveria conseguir ouvir os caçadores a essa distância. A não ser que eles tenham coragem de cruzar a Tríade.

Os cavalos trotam para cima e para baixo nos arredores. O caçador com quem dormi não me parece moderado, visto que seu pica-pau não conseguiu localizar meu ponto especial. Mas ele tem que ser esperto o suficiente para não me seguir até aqui dentro. Ele tem que ser!

O imbecil fala devagar:

— Vou acabar com aquela vadia.

— Esqueça a mulher — outro resmunga. — Não vou entrar aí por causa de uma puta qualquer.

— Pelas Fábulas — o terceiro fala com a voz áspera. — Vocês viram aquilo?

O vento uiva, as raízes estalam e o riacho silva com vapor. Os ruídos convergem e costuram em direção à fronteira. Os caçadores falam baixo e rápido, suas vozes muito perturbadas. Um dos desgraçados reclama sobre ser pego por *eles* e como nada disso vale a pena ter o pau cortado por magia das trevas e – em seguida, ele para de tagarelar.

E começa a berrar. Os homens gritam de um jeito como nunca ouvi homens gritarem antes, gritos de furar os tímpanos que podiam tirar o couro de uma vaca. Minha pele formiga. Eu me agacho mais, meus joelhos trêmulos na lama, os olhos grudados no chão enquanto os lamentos se

sobrepõem.

Os cavalos debandam do perímetro, os baques de seus cascos desaparecendo. Quando esse barulho acaba, um silêncio cobre a natureza.

Seja o que for que tenha acontecido lá fora, deu aos meus caçadores um caso grave de pânico. Eles não seriam os primeiros; se não enfeitiçados para cruzar a fronteira, outros andarilhos que se aventuraram perto da Tríade nunca se recuperaram. A única salvação foi não terem cruzado a fronteira. Ainda assim, alguns voltaram com o cabelo branco, enquanto outros ficaram cegos ou mudos.

A debandada dos caçadores diz tudo. Eles vão embora da aldeia e não voltarão mais, o que significa que nossos animais estão seguros.

Eu relaxo – depois enrijeço. O riso diabólico retorna, deslizando pelos troncos e espreitando pelo bosque.

Cuidado, pequena humana. Tenha muito cuidado agora.

As palavras percorrem meu corpo. Uma das minhas palmas se achata no chão para buscar apoio, caso eu caia. Minha outra mão tapa minha boca trêmula, uma acidez subindo pela minha garganta.

Um pequeno talho perfura os arbustos. Rastejo em direção à fenda e aperto os olhos, olhando através dela.

O afluente serpenteia entre as samambaias, o brilho da água impermeável à escuridão, e a superfície borbulhante é tão radiante que espiá-la por muito tempo machuca meus olhos. Embora não pareça incomodar a *elas*. Três silhuetas que pareciam com humanas se escondem atrás dos troncos das árvores, caçando no meio do sopé.

Eu me escondo de vista.

E espero. E espero. E espero.

Finalmente, escuto as silhuetas recuarem nas profundezas. Sinto meu

pulso num ritmo desagradável no meu pescoço. Quando espio e não vejo nenhum sinal das silhuetas, arrasto-me para fora do esconderijo – e bato em dois corpos.

Nós cambaleamos para trás, nossos gritos cortando a paisagem. Um segundo, dois segundos, três segundos. Então nos agarramos em um abraço.

Minhas irmãs e eu arquejamos, nossas vozes se sobrepondo:

— Você está bem?

— Você se machucou?

— Você é louca?

Eu me afasto, colocando as mãos nas bochechas delas, mas Juniper me afasta. Sua voz rápida e rústica podia cortar madeira:

— Você não imaginou que isso poderia acontecer? Achou que não íamos seguir você?

Cove amarra a lança, ramificações agitadas do cabelo azul-esverdeado se dividindo nas extremidades.

— Amarramos o cavalo albino do papai fora da fronteira, depois viemos o resto do caminho a pé. — Ela suspira, sua língua presa mais pronunciada quando está nervosa.

Ninguém é perfeito. Eu estava com pressa.

Minha ideia de liderar a perseguição era de protegê-las, não trazê-las para um território fatal. Juniper e Cove têm um dom para não ouvir. Isso também é de família.

— Vocês são idiotas — digo.

Juniper tenta sorrir apesar do medo.

— Aprendemos com a melhor.

Queria que tivéssemos tempo para rir disso. Abro a boca, mas um galho se quebrando corta meu aviso. Nós pulamos, ficamos de costas uma para a outra

e formamos um círculo. Meu chicote está levantado e as armas das minhas irmãs estão posicionadas. Não olhei para ver nenhuma delas fazer isso, mas sei como minha família age. Sei o barulho que fazemos – é um trio de sons e um único som.

Preparamos nossas defesas, mas a quem estamos enganando? No instante em que um fragmento preto passa por nossa visão periférica, nos desarmamos. Entrelaçando os dedos, nos impulsionando juntas até a encosta, onde nos amontoamos atrás de um teixo, o tronco tão largo quanto a bunda de um troll.

Os vaga-lumes incandescentes retornam, vários à beira de chamuscar o cabelo de Juniper. Ela bate neles, então dá um grito chocado com a queimadura, o que leva Cove a dar um gritinho. Enrolada no meio das duas, jogo os braços para os lados, as mãos cobrindo a boca delas.

Nós congelamos. O pavor se arrasta pelo perfil das minhas irmãs.

Asas batem com um grande golpe, a brisa arrulhando através de algumas penas.

Cascos percorrem o bosque. Isso não é galope de cavalo. Apostaria meu chicote. Talvez um cervo? Mas que cervo só tem dois cascos?

Por último, uma violenta onda de água transborda daquele afluente ofuscante.

Como essa comoção consegue, ao mesmo tempo, soar graciosa, depravada e nefasta?

Cada brecha no silêncio nos faz pular. Eu me fixo nos olhos verdes arregalados de Juniper, depois nos de Cove, marejados. Espero por outra invasão de música, mas ela não vem, nem aquela risada de antes.

É preciso uma eternidade para que os ruídos diminuam. Finalmente, tiro a mão da boca das minhas irmãs. Contamos até três, descemos cambaleando a encosta e voltamos ao beco sem saída para pegar Whinny. Graças as Fábulas,

a pena azul repousa em segurança dentro da minha roupa íntima.

Enquanto corremos para longe, uma corrente de ar percorre meu corpo. Sinto um peso aéreo tocar na pele das minhas costas – um par de olhos brilhantes observando de um pedestal invisível.

3

Quanto mais escuro fica, mais brilhantes as estrelas ficam. À medida que as horas vão passando, um azul-acinzentado lustra o céu. Descemos os degraus do quintal, nossas camisolas soltas se inflando, prestes a levantar voo. Se tivéssemos asas, fico pensando em quem de nós voaria mais alto, mais rápido e mais distante.

Minhas irmãs e eu saltamos pela grama como fazemos desde que éramos crianças, carregando lampiões tremeluzentes com fogo. É tarde, quase meia-noite. Juniper caminha em direção à baia onde um filhote de cervo, que foi abandonado pela família, espera em pé nas patas compridas, o tufo da cauda balançando. Ao se aproximar da criatura, ela acaricia o pelo manchado e sussurra notícias secretas.

Cove vai na ponta dos pés até a lagoa onde uma cobra-d'água brilhante ziguezagueia pelas ondulações. Essa raça de serpente é nativa do País Médio; os caçadores mercenários que cobiçavam as escamas marrons marmoreadas tinham estripado a família do réptil. Pouco tempo depois, Cove encontrou a única sobrevivente ferida.

A cobra gosta da minha irmã brincando de jogar água e retalia com um golpe da cauda, molhando a camisola de Cove.

Vou para o aviário improvisado. Na base de uma árvore, coloco o lampião e o chicote – manter a arma perto parece necessário depois do dia de hoje. Subo os degraus da escada de madeira e entro sob o toldo de folhas. Uma dúzia de gaiolas e ninhos fica suspensa nos galhos, as portas abertas de modo

permanente para que os habitantes possam voar para dentro e para fora, enquanto conseguirem. Até poderem voltar ao habitat deles, a rede que montei nas vigas os protege de predadores.

Um estorninho fêmea está em um balanço perto de um dos comedouros com alpiste. Fico feliz em ver que sua asa quebrada sarou. Ela está pronta para ser liberada.

Acima dela, o aristocrático falcão residente está de vigia. Esse é um pássaro na defensiva, não se engane. Caçadores o roubaram de uma área cultivada distante no ano passado e o trauma danificou o senso de confiança do pássaro em humanos.

E esse é o detalhe da nossa casa. É um refúgio para animais perdidos, órfãos e abandonados. Minha família resgatou inúmeras criaturas, dando a elas um lar no Santuário Fábula do Pôr do Sol.

Em cima de um dos galhos, fico confortável e assobio. Um tordo-eremita voa até minha coxa e assobia de volta, e começamos uma melodia.

Depois, desço da árvore e pego o lampião e o chicote. Mais fundo no santuário, uma carroça coberta se abriga sob um salgueiro. Gavinhas de folhas verdejantes se inclinam dos galhos e envolvem o veículo oval, uma tinta azul-esverdeada desbotada cobre o exterior da carroça, lembrando-me de uma antiga caixa de joias apoiada sobre rodas.

Subo os degraus de ferro e me abaixo para passar pela porta, colocando o lampião e a arma no tapete. A chama ilumina uma coleção valiosa de brinquedos lascados e arranhados. Uma pilha de prateleiras ao longo da parte de trás exibe um conjunto de labirinto de pedra; um jogo de tabuleiro florestal, as peças em formato de guaxinins e esquilos; e um pequeno aquário de vidro.

As fantasias estão penduradas em pinos. Uma máscara de coruja e um par de asas de mariposa. Uma coroa de chifres de cervo, um focinho de raposa e

uma capa espinhosa de porco-espinho. Uma cauda de cavalo marinho e uma máscara de serpente com uma língua bifurcada.

Normalmente, essa carroça oferece conforto. Mas não tive tanta sorte hoje. Ainda ouço aquela flauta e sinto aqueles olhos misteriosos em mim.

Preciso me livrar do fardo. Preciso fazer algo que me faça rir e relaxar.

Quando Cove desliza para dentro da carroça, eu me contenho. Mas, quando Juniper sobe os degraus, o semblante estudioso aparecendo pela pequena abertura da porta, fecho as cortinas em seu rosto. Cove sufoca uma risada, e eu bufo.

Cove é um pé de feijão, já eu tenho uma altura média, mas as pernas curtas de Juniper garantem que ela não tenha que se curvar sob o batente da porta. Ela entra e me dá um tapa no ombro enquanto dou um monte de beijos desleixados em seu rosto, esmagando seu rosto até que se pareça uma esponja.

Minhas irmãs juntam seus lampiões com o meu, e nos acomodamos de pernas cruzadas em torno das chamas acesas. Quando Juniper não está carregando uma arma, está segurando uma enciclopédia. Como seria de esperar, ela tira os óculos de leitura do bolso da camisola, pega um livro da pilha de chão e folheia as páginas.

— Diga de novo...

— Vamos recitar nossa Fábula favorita — peço.

Juniper fecha o livro com um baque.

— Não. Não se atreva, Lark. — Ela se vira para nossa irmã enquanto gesticula para mim. — Cove, diga a ela.

— Não temos uma Fábula favorita — Cove diz.

— Não foi o que eu quis dizer. — Juniper se arrepia, em seguida, me encara com uma carranca que diz “não estou brincando”, os olhos se

estreitando por trás dos óculos que escorregam pelo nariz. — Não é a hora de distrações.

— Você nunca está no clima para distrações — contraponho. — O que são alguns minutos perdidos? Prometo que será a irmã prevendo nossos destinos. Ninguém aqui terá as respostas antes de você, então relaxa.

— Me senti ofendida.

— Para ser justa, você se sente ofendida por qualquer um que seja mais esperto que você — Cove a lembra.

— Escolha as diversões sabiamente, caso contrário levarão à ruína — Juniper diz, citando uma lição de uma das Fábulas, acho que é *A Raposa e o Feérico*, antes de passar para *O Cervo Persegue a Corça*. — A inteligência é aliada da intenção e inimiga da letargia.

— Que tal eu começar? — Pigarreio. — *Sob as estrelas traiçoeiras...*

Um travesseiro me atinge no rosto.

— Você pode parar de protelar? — Juniper resmunga mais alto que meu xingamento, exasperada demais para arrumar os óculos desordenados. — Você precisa levar isso a sério.

— Acha mesmo? — falo bruscamente, esfregando o nariz. — Ao contrário de quando estava me divertindo ao galopar pra salvar a porra da minha vida?

Cove suspira.

— Um dia, vou fazer você parar de xingar.

— Um dia, vou fazer você começar.

— Lark. — Ela coloca a mão na minha coxa. — Não foi sua culpa.

Um nó entala minha garganta. Eu me viro antes que elas vejam como essas palavras mexem comigo.

Se eu não tivesse escolhido o parceiro de cama errado. Se tivesse descoberto uma direção melhor para onde levar seus comparsas e ele. Se não

tivesse invadido Feéria. Se não tivesse colocado minhas irmãs em perigo.

Podemos ser as primeiras mortais a cruzar essa fronteira e depois sair. Mas ninguém entra em Feéria sem ser detectado.

Mais cedo, quando voltamos para casa, nos enrolamos na minha cama. Sussurrei para elas, contando tudo o que ouvi e vi na floresta antes delas chegarem lá. Juniper me fez repetir várias vezes, depois mergulhou em um de seus livros, tentando decifrar em que tipo de enrascada nos metemos.

Quando Juniper não conseguiu uma única pista – já que nenhum humano jamais voltou da selva Solitária – ela jogou o tomo no sótão. Minha irmã se orgulha de ser uma sabe-tudo e não consegue lidar com pontas soltas ou cometer erros.

O que sabemos sobre os feéricos que reinam no País Médio é simples – e não tão simples. Longe desta aldeia residem as Cortes da Flora, dos Sóis, da Colheita e das Luas. Mais perto de Reverie Hollow vivem os feéricos Solitários, que há muito reivindicavam essa região rural. Desinteressados pela política das distantes Cortes Seelie e Unseelie, os feéricos Solitários passam a vida independente dos reinos.

Entretanto, todos feéricos têm objetivos semelhantes quando se trata de humanos. Como seres não mágicos, fomos julgados como espécies inferiores por séculos. Esses monstros acreditam que só somos bons para diversão ou servidão. Ou estão entrando de fininho na nossa aldeia, sem serem detectados – usando encanto para se parecerem conosco –, ou estão manipulando os elementos para causar estragos em nossas vidas ou estão atraindo mortais para seus reinos, e ninguém sabe o motivo.

Então veio a revolta. Nós chamamos de “A Armadilha”.

Nove anos atrás, os jogos do povo mágico cobraram seu preço dos camponeses, fazendeiros e comerciantes da aldeia. Cansados de serem aterrorizados, os aldeões enfurecidos se armaram e invadiram o domínio dos

solitários.

Mas a parte mais importante é: os aldeões não foram atrás dos feéricos.

Foram atrás da vida silvestre.

A fauna mística de Feéria dá à paisagem sua força vital. Sem ela, a Montanha e a Floresta Solitárias e o Rio Solitário se deteriorariam. E, sem a terra, os feéricos ficariam fracos. Até que, um dia, desapareceriam por completo.

Como os humanos não têm poder para combater os feéricos, capturar os animais foi uma tática indireta. Os aldeões invadiram a natureza ao amanhecer com lâminas de ferro, flechas, forquilhas, armadilhas e gaiolas. Nossa ferreira até inventou uma rede amarrada com pedaços de ferro.

Eles apreenderam inúmeras vidas silvestres enquanto o povo mágico dormia, o ferro enfraquecendo aquelas criaturas ao ponto de não poderem se defender. Muitos da fauna foram mortos, considerados uma praga como seu povo. Sempre que penso nisso, a vergonha gela meu sangue.

Naturalmente, alguns feéricos acordaram com a perturbação e atacaram, buscando salvar sua fauna a todo custo. A raiva tende a fortalecer a força de vontade e dos punhos. Houve uma briga, resultando em derramamento de sangue e pescoços e crânios quebrados. Pela força da convicção e do ferro, os aldeões inflamados conseguiram capturar e massacrar os feéricos que tentavam resgatar os animais silvestres.

Todos, exceto três.

Como diz a história, eles escaparam, recuperaram os poucos animais sobreviventes e voltaram ao seu território. Depois disso, os feéricos restantes nomearam esse infame trio como monarcas da selva Solitária: governantes do céu, da floresta e do rio.

No fim das contas, a Armadilha fracassou. Desde então, os Solitários juraram vingança eterna. Eles nos atacam com mais desprezo que antes.

Sabemos isso pelas mensagens que deixaram, gravadas nos couros cabeludos humanos ou pregadas em abdomens humanos ou rabiscadas em janelas embaçadas ou esculpidas em troncos de árvores ou girando dentro de poços de água.

Cuidado com o vento, as raízes e a água.

O desconhecido é angustiante. Não sabemos dizer o que acontece com os mortais depois de serem atraídos para Feéria. Além disso, ninguém sabe quem será o próximo.

Se uma pessoa passa pela Tríade sem ser convidada? Bem, isso é fatal da mesma forma.

Minhas irmãs e eu não deveríamos estar vivas. Isso não significa que estamos a salvo.

Uma mão segura meu queixo. O olhar azul de Cove me engole por inteiro.

— Não foi sua culpa — ela repete. — Não foi culpa de ninguém.

Outro corpo se aproxima até ficarmos conectadas, as testas coladas.

— Você não nos fez ir atrás de você — Juniper diz. — Entendeu?

Entendo as duas. E teria feito a mesma coisa, se tivesse sido uma delas. Teria entrado rasgando naquela selva sem pensar duas vezes.

Esta é a doce e amarga verdade. Não amo nada tanto quanto amo minha família – irmãs, pai e animais, da mesma forma.

Além deles, um rosto traidor que pareço não conseguir esquecer – a fonte daquela pena azul.

Nós nos afastamos, os lampiões desenhando nossas silhuetas nas paredes curvas da carroça. Juniper se vira para jogar o livro no chão, o tecido transparente da camisola esticando. Uma tatuagem de flechas de besta formando um X aparece através do material, uma relíquia de infância.

A voz de Juniper traz à mente fogueiras – estalantes, esfumaçadas e

ocupadas.

— Tudo bem — ela concede. — Vou adiar os planos de contingência pelos próximos sete minutos.

Cove fala com um tom alegre:

— Meu voto é passarmos esses sete minutos amaldiçoando aquele bandido por fazer uma visita a Lark.

Eu me lembro do meu chicote levando aquele caçador ao chão.

— Ele pagou por tudo. Depois de conseguir o que queria. Péssimo amante, sem sombra de dúvida.

Uma piscina rosada aparece nas bochechas de Cove.

— Ele foi gentil?

Quando eu lhe dou um olhar presunçoso, ela emenda:

— Você foi gentil?

— Ora, que tipo de pessoa você acha que eu sou?

— Isso é rudimentar — Juniper declara. — Toda vez que você olha para um homem, ou você tira a virgindade dele ou a ressuscita.

— Pelo amor das Fábulas. — Cove aponta para o próprio peito. — Irmã. Sentada bem aqui.

Chuto o tornozelo dela, brincando.

— Algum dia, um sujeito irresistível vai pegá-la de surpresa. Mal posso esperar para sua hora chegar.

— Estou perfeitamente bem fazendo você esperar. E não quero ouvir outra palavra. — Ela cobre os ouvidos. — Não quero ouvir. Lalalalalalaaaaaaaaa.

Nossas risadas morrem rápido. Cove olha para a luz das estrelas penetrando pela janela do vagão. Sua língua presa se enrola enquanto ela segura nossas mãos.

— Seja lá o que aconteça com uma de nós, acontece com todas nós.

— Juntas — Juniper concorda com um aceno.

— Tudo ou nada — digo. — Então, que tal uma Fábula?

Juniper escolhe a primeira que lemos na vida, quando Papa Thorne estava nos ensinando a ler. Nós nos movemos em direção às chamas, nossas vozes preenchendo o espaço.

— *Sob as estrelas traiçoeiras, nas planícies rurais do País Médio, está escuro e claro ao mesmo tempo* — Juniper começa.

— *Sob as estrelas traiçoeiras* — Cove continua —, *contos místicos flutuam pelo céu, e se enraízam na floresta, e nadam no rio.*

— *Sob as estrelas traiçoeiras, os escudos sobem, e a floresta ri, e a água se enfurece* — narro. — *Sob as estrelas traiçoeiras, uma Coruja se encontrou com uma Cotovia. E a Cotovia disse...* — Minha mente fica em branco. — *E a Cotovia disse...*

Pelo amor das Fábulas, não me lembro da próxima frase. Como é possível, quando a fiquei repetindo-a horas atrás?

Cove está prestes a se intrometer quando Juniper resmunga para ela me deixar lembrar sozinha. Enquanto discutem, eu me levanto e ando de um lado para o outro, pensando, pensando.

— Juniper, é muito difícil mostrar misericórdia pelo menos uma vez?

Cove implora:

— Me deixe ajudá-la. Ela só precisa de uma pequena dica.

— Não é assim que deve ser. — Juniper arrebatou um de seus livros do chão e dá um aperto caloroso para ênfase, seus óculos ficando fora do lugar. — As fábulas devem ser recitadas levemente e sem preâmbulo, para que tenham o impacto mais profundo. Você saberia disso se tivesse estudado *A Natureza da Narrativa das Fábulas e dos Feéricos: uma história muito concisa e muito comentada*. Li duas vezes.

— Nesse caso, você pode ler meu dedo do meio duas vezes também.

— Que singular. Xingando sem realmente xingar.

— Não precisei estudar esse livro. Você repetiu o bendito livro para mim que nem um papagaio quando eu estava com a febre da colheita.

— Você estava ouvindo mesmo quando eu li?

— Exibida.

— Preguiçosa.

— Fábulas eternas. — Rindo ao andar até a porta, abro a pequena janela e deixo a noite inquieta passar pelo meu cabelo. — Parem de tagarelar e me deixem pensar.

No entanto, não consigo pensar. Minhas irmãs ainda estão discutindo, mas não estão mais sérias porque começaram a rir. A qualquer minuto, elas estarão no chão, batendo uma na outra de brincadeira.

Normalmente, eu me juntaria. Mas nunca tive problemas em lembrar dessa Fábula. Chama-se *Uma Coruja Encontra uma Cotovia* – há! Cotovia é o significado do meu nome – e fala sobre feéricos encontrando seus companheiros, que é o que acontece quando são conectados por uma força da natureza ou...

Esqueci a segunda maneira. Acho que tem algo a ver com beijos.

Seja como for, improviso:

— Vamos ver — digo, falando com as árvores e estrelas. — *E a Cotovia disse: “Alguém pode pegar essas duas para eu ter um minuto de paz?”*

Aquilo cala minhas irmãs. Isso as silencia tão rápido que eu rio. Virando, brinco:

— Sabia que um dia desses deixaria vocês sem palavras.

Paro com a brincadeira e olho para o chão onde minhas irmãs deveriam estar.

Mas elas desapareceram.

4

Já vi truques de mágica. Já vi aqueles truques realizados em fogueiras e festivais, em feiras e jubileus e assembleias na cidade. Já vi brincadeiras entre imprestáveis valentões e desordeiros. Também já fiz truques.

E sem sombra de dúvida já desapareci para o meu pai sempre que ele me proibia de ir a algum lugar. Uma vez, fiz isso e nunca me esqueci do que aconteceu em seguida.

Mas nunca vi um truque de mágica, ou uma brincadeira, ou um ato de desaparecimento que parasse meu coração. Nunca perdi o fôlego por causa de uma piada, porque aquelas piadas não tinham más intenções, porque não eram reais.

Isso é real. Isso tem uma má intenção.

Atravesso a carroça correndo, derrapando até onde minhas irmãs estavam há um segundo. Não há nada além do ar frio e da minha sombra inclinando-se pelo chão.

Viro para um lado.

— Juniper?

Viro para o outro.

— Cove?

Se hoje fosse um dia normal, estaria pagando para ver. Estaria cutucando a carroça, sabendo que é um jogo, e do qual faço parte. Brincaríamos de esconde-esconde, sem nos importarmos por sermos velhas demais para brincadeiras de criança. Eu modificaria minha voz para o tom áspero de um

duende e sairia procurando por aí, esperando pegá-las.

Mas hoje não foi um dia normal. E minhas irmãs não se foram por vontade própria.

Eu me lembro da floresta feérica e daqueles olhos escondidos me observando.

Uma ventania explode pela janela aberta, escancarando a porta e apagando os lampiões. Pego uma caixa de fogo de um banquinho no canto. Caindo de joelhos, eu me atrapalho com a pederneira e a pedra de fogo, minhas mãos tremendo bastante ao tentar reacender os pavios. As chamas sibilam e se apagam, sibilam e se apagam, sibilam e se apagam.

Outro uivo de vento varre o veículo, abrindo caminho sob minha camisola. Solto as ferramentas da caixa de fogo. Sob o material transparente, um toque invisível desliza pelas minhas coxas, arrepiando a pele. Tirando hoje na selva, essa intrusão já aconteceu em outros momentos na minha vida.

Puxo a roupa para o lugar e me levanto de vez, minha voz furiosa:

— Juniper! Cove!

Por que não estão tagarelando? Por que não estão rindo? Por que não estão brincando?

Por que não estão aqui? Elas estavam *bem aqui!*

Apareçam!. Apareçam, agora! Apareçam, apareçam, apareça!

Estou pedindo a elas? Ou alguém está me pedindo?

As perguntas não ditas se enrolam como dedos. Um desses dedos vaporosos entra na minha cabeça – suplicando, persuadindo.

Alguma coisa está aqui. Alguém está aqui.

Essa coisa, esse alguém, está tocando música. As notas de uma flauta entram na carroça, montando um cobertor de ar e passando pelos meus membros. Eu me lembro dessa melodia enganosa. Estou me preparando para

gritar com ela, mas o ritmo sensual desaparece tão rapidamente quanto minhas irmãs.

O vento atinge tudo à vista. As fantasias voam, os brinquedos caem das prateleiras e os lampiões tombam.

Uma sombra com asas aparece no tapete. Eu me viro em direção à porta, onde uma coruja entra e voa freneticamente ao longo das paredes, então me circunda. Afugento a criatura, e ela volta para a noite, suas asas estalando no céu.

Pegando meu chicote do chão, disparo para fora da carroça. Correndo pelos degraus, paro de repente na grama e fico boquiaberta, mechas de cabelo batendo nas minhas bochechas. Uma corrente de vento chacoalha o salgueiro e além, os galhos grasnando, os ramos enredando.

Olho para a ave de rapina voando pelo bosque, as penas das asas cortando pelas copas das árvores. Há algo estranho na maneira como voa.

Esse não é um pássaro mortal.

Ele mergulha no bosque atrás da carroça. Corro atrás dele, mexendo as pernas enquanto imagino os óculos polidos de Juniper e o sorriso corado de Cove. Meus batimentos aceleram quando me enfio nos arbustos, seguindo o chirriar distorcido da ave de rapina. Paro em um pequeno recinto de cercas vivas – e quase esmago a coruja.

Ela dispara na direção ao meu peito, forçando-me a abaixar. Ao levantar, grito quando ela se dirige para mim outra vez, batendo as plumas no meu rosto. Afastando minha cabeça da criatura, pego o chicote e dou um estalo hábil. É um blefe, o cordão batendo em direção à coruja, mas não a atingindo, levando o animal a recuar.

Seguro a arma e enfrento a ave de rapina. É um corujão-orelhudo. Meus olhos observam a plumagem cor de bronze incandescente do animal, os tufos na orelha subindo mais alto do que fisicamente possível para sua raça – o

comprimento rivalizando com uma espada larga – e a cratera oca onde seu olho esquerdo deveria estar.

A coruja vaia, dando outro chirriar sinistro. Meus dedos apertam o chicote.

— Eu não o provocaria — uma voz diz.

Meu corpo enrijece. Meu olhar vaga em direção à fonte e observa o bosque vazio.

Mas tem alguém aqui. Alguém com um timbre masculino que vibra no espaço, o tom leve e astuto.

A coruja se mexe. Meu chicote estala em direção ao pássaro, mantendo-o longe.

A voz suave fica impaciente:

— Vamos ter que fazer algo sobre essa sua coragem.

Sibilo para nenhuma direção específica.

— Quem é você?

— Abaixar o chicote.

— Apareça primeiro...

Um dedo de vento percorre meu queixo e fecha meus lábios, silenciandome.

— Eu diiisse abaixe o chicote — o falante instrui. Sua voz tem um timbre tenor, mas, por mais elegante que o comando soe, também tem um toque diabólico. Seja quem – ou o que – for esse estranho, não vai pedir duas vezes.

Juniper. Cove.

Abaixo o chicote.

— Maravilha. Agora recue três passos — a voz ordena.

Rangendo os dentes, faço o que ele pede.

— Encontre o olhar dele, de modo agradável e por um tempo — continua o tenor, enunciando para que eu ouça a arte do desenrolar de sua língua. O

barulho desliza por baixo da minha camisola, acariciando meus joelhos e subindo.

Meus quadris se contraem, negando mais avanço. Nesse ponto, percebo uma risada arrogante.

Meus olhos encaram a coruja. Uma única íris água-marinha me julga, então o pássaro inexpressivo se afasta para se empoleirar em uma árvore.

Aquele tenor se aproxima de fininho por trás de mim:

— *Sob as estrelas traiçoeiras, nas planícies rurais do País Médio, está escuro e claro ao mesmo tempo.*

Eu me viro, sem encontrar ninguém.

As próximas palavras vêm de uma direção diferente:

— *Sob as estrelas traiçoeiras, contos místicos flutuam pelo céu, e se enraízam na floresta, e nadam no rio.*

Giro para o outro lado, meus olhos percorrendo o cercado. Nada além de trepadeiras e sombras. No entanto, a recitação vem de todos os lugares, cercando-me de todos os pontos de vista, muito móvel e ágil para que eu possa identificar.

A narração continua, desta vez de cima:

— *Sob as estrelas traiçoeiras, os escudos sobem, e a floresta ri, e a água se enfurece.*

Minha cabeça se volta rapidamente a essa direção, encontrando flocos de nuvens nadando em um céu negro. Ando vacilando pelo lugar. A voz tem um talento para sussurrar, acariciando o ar com golpes perversos.

— *Sob as estrelas traiçoeiras, uma Coruja se encontrou com uma Cotovia.* — A voz me questiona de algum lugar à frente: — E o que o Cotovia diz?

— Você é um homem morto, é o que ela diz — rosno.

Só que ele não é um homem, nada disso. Ele só pode ser um tipo de monstro.

O vento sopra das árvores, estremecendo os galhos. A corrente circula meu corpo em um ritmo lânguido, semelhante a uma corda pacientemente capturando seu prêmio.

Quando brinca com minha camisola e mexe no decote baixo, minha mão reage. Meu chicote estala no ar. Outro impulso de vento me atinge, derrubando a arma ao lado, de modo que caia, inútil, da minha mão.

Os galhos resmungam. O corujão-orelhudo salta para o céu.

Uma voz descontente e ameaçadora ronda minha pele:

— Isso... foi inacreditavelmente estúpido, mascote.

Desvio-me em direção às palavras condescendentes e estalo minha arma – que bate em um braço masculino que bloqueia o ataque. O impacto me faz cambalear. Por um segundo, o braço inflexível permanece dobrado no cotovelo e fixo no lugar antes de finalmente baixar.

E então eu me deparo com um par de íris perturbadoras e brilhantes.

Pelas Fábulas. Dou um passo involuntário para trás.

Do nada, uma forma masculina esbelta está diante de mim. Ele tem a aparência de um humano na casa dos vinte e poucos anos, com o cabelo volumoso ao redor do rosto. É o tom mais perigoso que já vi, um azul-obsidiana que é mais rico do que o amanhecer, e mais profundo do que o crepúsculo.

Uma mecha longa e fina de cabelo trançado balança das camadas despenteadas, com uma pena do mesmo pigmento no final.

É o mesmo tom que...

Afasto o pensamento da cabeça, porque não. Pode ser um tom deslumbrante, mas não é o mesmo da pena azul que protegi hoje.

Não pode ser o mesmo tipo de pluma. É impossível, por uma razão indiscutível.

Uma razão na qual não quero pensar.

Este estranho é a imagem da elegância desgrenhada. Botas pretas sobem pelas pernas, encaixando-se em torno de calças soltas. Uma camisa branca está pendurada em seu torso, o material tão amarrotado como uma cama desarrumada. A peça mergulha em um V sem vergonha, o decote descendo até o umbigo e expondo a maior parte do peito.

Cara, esse filho da mãe tem muita audácia.

Um casaco longo ondula ao seu redor, tingido com a cor do anoitecer. A bainha bate nas panturrilhas e o colarinho acompanha seu maxilar.

Recuo ainda mais, colocando distância entre nós, e dou um palpite:

— Você é um dos Três. Você é o que governa o céu.

O feérico dá um sorrisinho.

— Ora, assim você me faz parecer perverso.

Embora feéricos falem uma língua própria, são fluentes na língua mortal. Mas, ao contrário do meu estilo rústico, seu sotaque tem uma inclinação elevada e imponente.

Minha atenção salta para seus lábios, revestidos de um azul-escuro sinistro. Ele pintou a boca com esse tom? Ou é uma parte natural da pele dele?

Ele é alto e lindo. Meus olhos traçam seu físico – esbelto, mas tonificado onde é importante –, chegando a um rosto requintadamente letal. Os côncavos e relevos de seu rosto são afiados e demarcados, as maçãs do rosto se inclinando em direção a um par de orelhas pontudas.

Minhas mãos sufocam o chicote.

— Não sou mascote de nenhum homem.

— É mesmo? Que pena, e que desperdício. — Suas íris brilham, os anéis incrustados com um espectro de azuis, comparável às penas vívidas de um gaio-azul. — Embora seja um prazer saber que você ainda não foi reivindicada.

É. Essa foi minha culpa.

— O que você fez com minhas irmãs?

— Garotinha obstinada, intrometida e rebelde. Onde estão seus modos?

Eu juro, a hipocrisia deles é coisa de lendas. No entanto, pressiono os lábios, lutando para me lembrar de tudo que minhas irmãs e eu pesquisamos, tudo o que os aldeões foram ameaçados a lembrar.

Leia nas entrelinhas. Fique atenta às palavras distorcidas e promessas que eles não cumprirão. E, não importa o que aconteça, seja educada.

Ah, puta merda! Vou ter problemas com essa última.

— Também não sou uma garotinha — digo.

Seus olhos deslizam pela minha camisola e brilham com curiosidade quando param nos meus mamilos enrijecidos.

— Ah, mas eu vejo isso — ele diz, enquanto caminha devagar na minha direção, com graça descuidada. — Vi mais cedo também, uma visão muito incomum, encantadora e intrigante na Colônia dos Vaga-lumes. Seu corpo vestido em quase nada, a indecência de seu traje exibido para a natureza.

Isso me choca por um total de três segundos. É muito para mim. Cerca de três segundos além da conta, e percebo que isso foi sua intenção.

Pelo visto, aquele recanto depois da Tríade Feérica é chamado de Colônia dos Vaga-lumes. Acho que isso explica o porquê aqueles insetos estavam por lá, queimando qualquer superfície em que aterrissassem.

E aqueles olhos escondidos, observando-me. Também tinha sido ele.

— Hum. — O feérico faz uma pausa, observa meu estupor e sorri. — Eu

te deixo nervosa?

— Onde estão minhas irmãs? Por favor? — pergunto, entredentes.

— Uma pergunta por outra pergunta. Qual é o seu nome, mascote?

— Quem deseja saber? — Mas, quando ele fica quieto, falo com raiva: — Diga onde elas estão.

— Não se preocupe. Suas irmãs desenfreadas estão seguras, embora, quando vocês se reunirem da próxima vez, tenha cuidado com o que dirá a elas. Seu nome?

— Por quê? O que você está planejando fazer com ele?

— Em qualquer amanhecer ou crepúsculo, planejo muitas coisas e nada. Neste caso, depende da sua resposta e do quanto vou gostar da textura do seu nome na minha língua. Será comum ou elegante? Terá gosto de salmoura ou de açúcar? — Ele inclina a cabeça. — Essa avaliação é suficiente?

De jeito nenhum.

— Receio que não.

— Você não tem receios. — Ele se inclina e sibila: — Vamos mudar isso?

— Solte minhas irmãs. Por favor, deixe-as ir.

— Não queria ser a pessoa que deveria lhe dizer isso, mas: o que você diz, não pode desdizer.

E a Cotovia disse: “Alguém pode pegar essas duas para eu ter um minuto de paz?”.

— A Fábula? — Entro em pânico. — Não estava falando sério. Eu estava improvisando.

— Seja uma piada, uma brincadeira ou uma farsa, é tudo a mesma coisa.

Porque estou a segundos de jogar o chicote no idiota do outro mundo, eu o encaro, furiosa, deixando a tentação evidente no meu rosto. Para começo de conversa, devia ter revestido a alça e a ponta do meu chicote em ferro, do

jeito como Juniper tinha banhado as flechas da besta e Cove havia incrustado a lança com inscrições de ferro.

O feérico inspeciona meu chicote com desgosto.

— Armas mortais. Parece que vocês três são bem parecidas.

Finjo um sorriso de desdém.

— Não, só gostamos de adereços. Quer tocar o meu?

Ao que ele responde de modo lascivo:

— Um toque por um toque.

O que ele quer dizer é: não o teste. Relutantemente, solto o chicote.

Os humanos costumavam acreditar que dar aos feéricos nossos nomes significavam problemas, mas as Fábulas afastaram esse mito há muito tempo. Na verdade, é o oposto. Descobrir o verdadeiro nome de um feérico é o verdadeiro poder.

— Meu nome é Lark — digo.

Seus lábios azuis se curvam para um lado.

— Me chame de Cerulean.

— Não significa que é seu nome. — Você não perguntou meu nome, mas aí está. Até onde sei, é o único que tenho. Não nasci duas vezes.

— Tudo bem. Já te disse o meu. Agora me diga onde estão minhas irmãs.

— Por que eu faria isso?

— Você disse que se eu...

— Eu disse uma pergunta por outra pergunta. Nunca disse uma resposta por outra resposta — Cerulean retruca, o canto de sua boca ainda preso naquele gancho invisível.

Falo de modo ríspido:

— Atravessar a Tríade foi um acidente. Eu estava sendo perseguida por um bando de babacas sanguinários e não tive escolha. E sobre a Fábula...

O feérico me dispensa com um floreio indiferente do pulso.

— Esqueça a Fábula. Preocupe-se com sua penitência. — Das pontas de seus dedos, uma pena branca como a neve aparece no ar. A cada torção de seus dedos, o vento corre, girando e virando a pena. — Você vê essa pluma? É você, dançando na minha melodia. Você gosta de dançar?

— O que você quer?

A pena se aproxima do meu peito e acaricia entre minhas clavículas. A haste levanta meu queixo para encontrar o olhar de Cerulean.

— Quero que você se desculpe, mascote. Que sinta muito, muito mesmo.

— O nome é Lark — murmuro, furiosa, com a minha respiração no seu cabelo. — Olha, invadir não era meu plano.

— Isso é uma defesa, não um pedido de desculpas.

— Escuta aqui, imbe...

A pena dispara para o meu coração e faz uma pausa, perfurando o material tão facilmente quanto uma faca. Engulo minhas palavras. Satisfeita, a pena passa pela minha boca como se fosse um dedo, aconselhando-me a não terminar essa frase.

Meus molares cerram. A pluma desaparece.

Cerulean se aproxima ainda mais, sua silhueta se estendendo pelas lâminas de grama. Seu casaco encosta na minha camisola, o contato trazendo um cheiro entre nós, uma combinação irritante de almíscar e tempestade.

Um cheiro que permeia a atmosfera. Um cheiro resistente.

Os aromas trazem à tona momentos do passado, mas não consigo discerni-los.

Sua expressão alcança um equilíbrio entre irreverente e imperial, suas íris mapeando um caminho brilhante pelo meu pescoço, em seguida, subindo para o rosto. Enquanto isso, luto para não chutar, morder ou arranhar.

Cerulean me encara de cima, seus olhos cortando a escuridão.

— Agora, como lá na floresta, e na carroça, você ouviu a flauta. Por que não a seguiu?

A textura quente de sua respiração desliza pelo meu pescoço.

— Estava desafinada.

— Nunca minta para um feérico.

— Nunca duvide da verdade.

— Escolha suas verdades sabiamente.

Estamos sussurrando, esperando o outro ceder. Mas, considerando há quanto tempo ele deve estar vivo, Cerulean tem muito mais paciência do que eu.

Suas características angulosas são uma bela visão, nenhuma cor em sua pele marfim. Mas, porra, vejo a volatilidade em chamas lá dentro.

— Era uma armadilha — respondo. — A música era uma armadilha.

A expressão de Cerulean se estreita.

— Entendo. Bem, então, parece que vou ter que ser mais criativo com você.

Um arrepio rasteja até minha nuca. O calor corporal do feérico se choca com sua voz frígida, incitando o caos sob minha camisola.

É um erro me acovardar na presença dele. Enojada, fico na ponta dos pés e jogo uma caralhada de coragem em seu rosto.

— Você e todos os outros caras deste continente.

— Cuidado — ele avisa, o murmúrio deslizando pelo meu pescoço. — Muito, muito cuidado.

— Faça o que quiser comigo. Basta soltar Juniper e Cove.

— Sacrifício — o feérico constata. — Isso é lamentavelmente humano. Exceto que nós nunca a pegamos. — Com um sorriso vingativo, ele sussurra:

— Mas agora você sabe que podemos.

Gritos femininos atravessam as árvores:

— Lark!

Eu me viro.

— Juniper? Cove?

O vento gira, liberando sua sucção ao meu redor. Balanço em direção a Cerulean, mas ele se foi. Meus olhos percorrem o bosque. A coruja não está à vista, os galhos estão parados e as cores da noite entorpeceram, a aspereza da noite menos perfurante.

O oxigênio volta aos meus pulmões. Vacilo como se tivesse tido um episódio de sonambulismo, como se tivesse sonhado tudo.

Mas não sonhei. Embora ele não tenha me tocado, ainda sinto aqueles dedos graciosos roçando cada parte exposta do meu corpo.

Minhas irmãs gritam de novo. Corro para fora do cercado, surgindo pelas sebes em um ritmo insano e colidindo com elas do lado de fora da carroça. Os óculos de Juniper foram derrubados, e o cabelo de Cove está uma bagunça. Elas choram, aliviadas. Jogamos os braços em volta uma da outra, tremendo e murmurando ao mesmo tempo:

— Você está bem?

— O que aconteceu?

— Onde você estava?

Eu me afasto do abraço.

— O que quer dizer, onde eu estava?

— Você desapareceu — Juniper diz freneticamente, e depois se volta para Cove. — Você também.

— Isso n-não é verdade — Cove consegue soltar. — E-eu estava aqui. Vocês sumiram. Procurei em todos os lugares.

Trocamos olhares confusos. A carroça transborda de calor. Elas reacenderam os lampiões? Ou os pavios nunca se apagaram?

Não. Aconteceu mesmo. Ele é de verdade.

E hoje foi uma introdução, percebo. Que o feérico veio aqui para brincar comigo, para mostrar com que facilidade pode tirar o que mais me importa, mesmo antes da verdadeira diversão começar.

Na verdade, não foi só ele. Quando ele proferiu aquela última ameaça, não estava se referindo apenas a si mesmo.

... agora você sabe que podemos.

— Vocês ouviram alguém? — pergunto. — Ou viram alguém?

Uma rajada belisca nossas camisolas. Juniper pressiona os lábios e Cove mexe os pés descalços. Elas estão se segurando. Conheço esses gestos muito bem, e mesmo que Cerulean tenha me avisado para ter cuidado com o que digo às minhas irmãs, de jeito nenhum vou deixar aquele monstro me controlar.

Abro a boca, mas Juniper me corta:

— Não havia ninguém.

— Também não vi ninguém — Cove afirma.

Então fico calada, também. Absorvemos as mentiras, fingindo que não podemos contar, fingindo acreditar uma na outra.

5

Gotas de chuva deslizam pelas folhas, as gotículas batendo no telhado. Já é de manhã, hora de o galo irritar todo mundo. Na primeira sequência de cacarejos lá fora, resmungo e rolo para o lado, ficando de costas. Eu tinha dormido muito bem ontem à noite, mas acordei de supetão quando o sol nasceu.

O sussurro diabólico de Cerulean aparece em minha mente – resíduo do sonho implacável que tive.

Muito, muito cuidado.

Ainda bem, o sino da comida toca, tirando-me da memória. É a vez de Juniper fazer o café da manhã, e ela despreza o atraso, ainda por cima em tempos de crise.

Saio da cama, visto leggings por baixo da camisola e coloco um grande suéter de lã do meu pai. Enquanto junto o cabelo em um coque desordenado no topo da cabeça, desço as escadas em uma missão de fome.

Minha família tem uma casa forte construída com troncos e pedras. Tem cortes e estão desbotados, mas foi feita para lutar contra o clima pesado e sua estrutura vai durar mais que eu. Com dois andares e um sótão, persianas enquadrando as janelas de ferro e uma varanda na frente e no quintal, o Santuário Fábula do Pôr do Sol é o nosso mundo inteiro.

Nosso pai e Cove decoraram a sala de estar com um tapete estampado, um conjunto de lampiões em um canto e aquarelas montadas nas paredes. Os cheiros de café e pão fresco, ainda quentinhos do forno, inundam a cozinha. No canto, um balde de leite está no chão ao lado de um barril de farinha de

espelta, e uma dúzia de ovos repousa em uma cesta no balcão.

Um senso de proteção atinge meu íntimo quando vejo Juniper no fogão e Cove na mesa de jantar. Eu me lembro do caçador nos julgando por termos sido abandonadas – sacos de pulgas, como ele disse – que cresceram nas ruas até os 10 anos. E, bom, ele está certo.

Caçadores mercenários tinham forçado Juniper a trabalhar para eles. Pelo visto, crianças têm uma chance melhor de ficar quietas enquanto caçam. Por isso, a tatuagem dela.

Quanto a Cove, ela era uma batedora de carteiras canhota, embora não pratique mais essa habilidade porque não está mais passando fome.

Eu? Eu era uma limpadora de chaminé com uma nuvem de tranças brancas enterradas por baixo de uma camada de fuligem.

Não gosto de falar do meu passado mais do que as minhas irmãs gostam de falar do passado delas.

Pulo do último degrau e aterrizo com um baque. Ao ouvir o som, Juniper olha do fogão e me encara, seus ombros completamente tensos. Ela está com os óculos, mesmo que sejam para ler, não cozinhar. Atrás das lentes, seus olhos estão estreitos.

Cove está sentada na ponta da cadeira, as mãos cruzadas no colo, raras crescentes lilás vazando debaixo de seus olhos. Eu ronco, e Juniper fala enquanto dorme, mas Cove é quem dorme de modo tão pacífico que é difícil dizer se está sonhando ou não. Pelo que parece, a noite passada foi uma exceção.

Para superar isso, precisamos comer. Para ter uma chance remota de digerir qualquer coisa, precisamos de uma distração.

Juniper corta uma torta decorada de frutas e especiarias, o aroma cristalino de canela e noz-moscada tomando a casa. As fatias têm ângulos perfeitos e bem calculados, porque as Fábulas nos livrem de o padrão entrelaçado ficar

arruinado.

Avalio qual porção é a dela. Essa é a que roubo.

Juniper se joga do fogão com um “ei!” e avança na minha direção, perseguindo-me ao redor da mesa. Na terceira volta, ela está com a fatia quebradiça entre os dentes e segura meus cotovelos, e eu estou me contorcendo. Estamos meio que rindo, meio que discutindo. Mordo a outra metade da torta. Por causa disso, ela passa o recheio viscoso da torta no meu rosto, fazendo-me gritar.

Quando não está rolando no chão conosco, Cove geralmente tampa os ouvidos para abafar nossa briguinha. Hoje, ela apenas observa, espantada do quanto podemos agir assim em um momento como este.

Papa Thorne marcha para dentro do cômodo e cruza os braços corpulentos.

— Claro. — Ele suspira em um barítono civilizado.

— Ela que começou — Juniper declara enquanto ele fala as palavras junto com ela.

— Se eu ganhasse uma moeda cada vez que vocês disseram isso — ele brinca.

A idade enrugou as laterais de seus olhos e decora o cabelo com prateado. Ele tem um perfil culto, com o queixo quadrado e a pele escura.

Papa Thorne está administrando este santuário há muito tempo, e nos encontrou por acaso, em momentos diferentes. Estávamos sujas e desnutridas, com o cabelo brotando em cores mais raras do que o vermelho. Ele deu um lar para nós, essa ralé, nos apresentou à sua preservação da vida selvagem e nos tornamos uma tribo.

Ele não está feliz em nos encontrar brigando antes do café ser servido. Ele pega um par de garfos, depois entra entre mim e Juniper, brandindo os

talheres.

— Desordem ou fome — ele nos diz. — Faça sua escolha e não se arrependa.

Obedientemente, nós nos separamos e nos acomodamos à mesa. A chuva cai do lado de fora enquanto a lareira da sala esquentava as paredes. Depois de limpar o recheio do meu rosto, pego uma porção da torta e coloco direto na boca, as especiarias e o sabor de cranberries desidratados estouram em meu paladar. Meus modos geralmente são melhores, mas estou faminta depois de uma noite inteira em que o medo me corroeu por dentro.

Por mais que queira dizer que nossa inquietação não passa despercebida, eu estaria mentindo. Nosso pai espera que uma de nós acotovele a outra ou comece outra briga que não vá durar.

Cove é um problema. Ela quer falar porque é a melhor do nosso trio, a mais honesta e a mais obediente, o que faz dela uma péssima mentirosa. Os olhos dela viajam para os meus, dois lagos refletindo esperança.

Pelas Fábulas, odeio quando ela me dirige esse olhar de passarinho. No entanto, trazer nosso pai para isso pode fazer com que se machuque.

Invadimos terreno proibido. Insultamos os feéricos.

A culpa é minha, minha, minha. E não estou prestes a arrastar mais pessoas que amo para essa bagunça comigo, então aqui, agora? Manter nossas bocas fechadas? Tenho muito a dizer sobre isso.

De modo discreto, balanço a cabeça e testemunho aquelas íris azul-esverdeadas lamuriosos piscando de raiva.

O olhar do nosso pai desvia de uma filha para outra. Não ajuda que meu sorriso falso vacile, sendo mantido forçadamente. Não ajuda que Cove esmague seu guardanapo até que seus dedos fiquem brancos. Não ajuda que Juniper não esteja comendo sua torta na ordem de sempre, o recheio primeiro, a crosta por último.

Por impulso, passo ao meu pai as sobras da minha fatia.

— Ajude uma garota. Estou cheia.

Ele ignora a torta.

— Quando vão me dizer o que está acontecendo?

Minhas irmãs param de mastigar. Abaixo o prato.

Ele dá de ombros.

— Estou domando vocês por nove anos. O que esperavam?

— Que você demorasse dez anos? — chuto.

— Tente de novo. — Mas, quando me mexo na cadeira, uma distração prestes a saltar da minha língua, ele levanta a palma da mão. — Chega. Desembuchem.

— Estamos amaldiçoadas! — Cove grita, sua confissão ecoando nas paredes.

Meus olhos se fecham com força. Puta merda!

O olho dele se arregala, depois, se estreita. Cove tem uma tendência a exagerar, então ele está duvidando se estamos mesmo em apuros ou se ela está apenas sendo dramática.

Antes que nossa irmã sensível possa entrar em detalhes, Juniper toma a iniciativa. Ela levanta a mão e, mesmo que este momento não exija que ela faça isso, o movimento chama a atenção do nosso pai.

Divertido, ele levanta uma sobrancelha.

— Sim, minha árvore de conhecimento?

— É o salgueiro — Juniper mente, referindo-se à árvore perto da carroça. — Cove acidentalmente quebrou um galho enquanto tentava raspar a casca. Ela queria lascas para fazer chá.

Os feéricos valorizam salgueiros. Se um humano danificar um, vai irritar o povo mágico. Embora quebrar um galho seja um delito pequeno, não importa

no caso de Cove.

Juniper e eu damos à nossa irmã olhares particulares e insistentes até que ela dá uma fungada e acena, confirmando a mentira. Nosso pai observa o rosto miserável dela, suspira e dá tapinhas na mão dela.

— Ah, minha menina. É preciso mais do que isso para amaldiçoar a si mesma.

— Eu disse a ela — Juniper afirma, como se tivesse feito exatamente isso.

Faço uma sugestão, uma que talvez nos ajudasse:

— Conta uma Fábula? — peço ao papai.

Juniper se endireita, o pedido reforçando sua postura. As articulações de Cove relaxam, e seus olhos azul-esverdeados brilham. Quando éramos pequenas, uma de nós sempre usava essa frase depois de uma refeição, e nosso pai se reclinava ao lado da lareira para narrar o conto sombrio que pedíssemos.

Ninguém vive neste continente sem possuir uma cópia do Livro das Fábulas. Nossa grande antologia de criaturas de outro mundo oferece orientação cautelosa em relação aos seres mágicos e como manter a cabeça ao viver com eles.

Depois de um momento, o rosto do nosso pai se ilumina. Nos reunimos na sala de estar, onde ele se acomoda em uma poltrona ao lado do sofá, a lareira crepitando e banhando seu sorriso em um tom ocre. Minhas irmãs e eu nos acomodamos no chão aos pés dele como costumávamos fazer. Enquanto nos arrumamos, sei que foi a decisão certa. Uma leveza enche o ambiente, varrendo para o lado as coisas ruins.

Nós nos refugiamos na voz do nosso pai enquanto ele conta uma fábula do norte.

— *Uma vez, uma Lebre branca confrontou um Elfo...*

* * *

Ao anoitecer, a chuva para. Juniper e Cove se retiram para o santuário para passar tempo com seus animais favoritos. Estou ansiosa para visitar meu aviário, mas em vez disso vou para o sótão. Eu me aninho em uma cadeira remendada ao lado da janela triangular, mastigando uma tira do meu cabelo enquanto contemplo a faixa nebulosa. Tinha planejado já ter uma solução por agora, compartilhá-la com minhas irmãs e depois ouvir o que tinham pensado juntas. No entanto, minha mente é uma terra infértil. No que diz respeito às opções, tudo o que pensei foi *fugir e nos esconder*.

O telhado se inclina acima da minha cabeça, amostras do luar vazando pelo teto. As paredes rangem sem motivo, já que Papa Thorne foi para a cama.

A pena azul repousa na minha mesa de cabeceira, a visão dela puxando uma memória distante. Desenterrou uma antiga visão de olhos jovens e sobrenaturais cobertos por uma máscara de pássaro, as pupilas diabólicas e furiosas.

Ontem à noite não tinha sido meu primeiro encontro com um feérico. Embora, naquela época, eu fosse muito jovem e estivesse muito encantada para ser cautelosa.

Minhas irmãs não sabem desse segredo. Toda vez que tentava dizer a elas, perdia a coragem.

Se eu pudesse retornar ao passado, eu o mudaria? Minha mente diz que sim. Meu coração diz outra coisa.

Na praça central, o sino toca. Cascos golpeiam a terra, seguidos por respingos de água. Uma brisa passa pela janela aberta, fazendo a alça da minha camisola cair. Eu devia fechar as persianas, bloquear a rajada. Em vez disso, encaro a noite, desafiando o vento a me incomodar.

Ele desafia de volta, na forma de uma criatura alada vindo na minha

direção. Emoldurado pelo cume, um conjunto de plumas de bronze cruza o ar. Ela mergulha, a curva do bico apontando para o chão.

Dou uma guinada na cadeira enquanto fica no mesmo nível da grama. O pássaro desliza pelas folhas verdes, e depois mira o sótão. Eu me preparo, sem tempo para fazer qualquer outra coisa. Pernas e garras empurradas para a frente, evitando graciosamente o peitoril de ferro e pousando no encosto da cadeira.

Minhas sobrancelhas se encontram no meio quando a coruja e eu nós medimos. O pássaro se lança da borda, voa ao meu redor uma vez e joga um envelope na almofada do assento antes de voltar pela janela. Rapidamente, a ave de rapina entra na catedral das árvores, corta os galhos e desaparece.

O envelope é feito de pergaminho, selado com uma nuvem de cera branca. Gravado nela, um par de asas se expandem sobre uma montanha. Uma corrente gelada percorre meu sangue. Com um laço enterrado sob a moeda de cera, o bilhete se assemelha a algum convite elegante para um baile, com escrita de tinta voando pela folha.

Rebelde Lark

Então Cerulean se acha engraçado? Bem, ele pode pegar esta saudação astuta e enfiá-la naquele cu encantado. Rasgo o bilhete, quebrando o emblema ao meio.

Dentro do envelope... tem outro.

Ora, ora. Não tão rápido.

Putá merda! Maldito filho da puta!

A mensagem não tem outra instrução, então rasgo a abertura e viro o pergaminho. A mesma caligrafia me observa. Escaneando o conteúdo, minha língua gruda no céu da boca.

Siga o vento.

6

Quando abro a porta da frente, Juniper está ali, semi-iluminada pelas arandelas da varanda. Em vez de ficar surpresa, seus olhos chegam a uma conclusão. E isso antes de ela notar a bolsa amarrada nas minhas costas, a alça do chicote presa a uma fivela no meu quadril e o envelope amassado em minhas mãos.

É o mesmo tipo de carta de amor que ela está amassando entre os dedos. A única diferença é o selo com a folha perene e uma coroa de chifres cravados no centro.

Um gotejamento lento de mau presságio percorre meu corpo. Pouco antes de a coruja entregar este envelope, eu tinha ouvido cascos galopando pelo bosque em direção à nossa casa. Também tinha ouvido aqueles respingos de água.

Juniper olha para o meu envelope, o medo tomando suas feições antes de seus olhos se nivelarem com os meus. Nos encaramos, em silêncio. O suave farfalhar na grama nos força a chegar até onde Cove está no final da escada da varanda. Como seria de esperar, ela também está embalando um envelope todo seu, o papel tremendo tanto quanto seus dedos.

Ela se junta a nós na varanda, sua pele tão pálida quanto uma folha de papel, aterrorizada. Sem uma palavra, ela levanta o pergaminho até a luz, um selo azul como a água fechando a carta. Na poça cerada, duas caudas de serpente do mar se entrelaçam.

As mesmas expressões confusas sobrecarregam minhas irmãs. Mas não

falamos, não podemos falar. O vento pode nos ouvir, as raízes podem nos ouvir, ou o fluxo de água mais próximo pode nos ouvir.

Voltamos para dentro e caminhamos até o sótão. Juniper examina meu visual, um vestido azul-marinho longo, com uma fenda que expõe minha cinta-liga na coxa. O material se move com o vento e se afunila em um corpete. Eu me sinto poderosa usando-o, como se fosse uma rainha renegada que está pronta para atravessar um tufão.

Mas, quando o nariz da minha irmã se enrugou, joguei as mãos para o ar.

— O quê?

— Não é prático.

— Mas consigo respirar.

Juniper suspira, então examina sua cômoda com um olhar crítico. Ela pega o que usou em Feéria, guarda os óculos de leitura e roupas extras pensando no clima, então veste suas roupas do avesso, receosa que o povo mágico esteja tramando nos encantar.

Cove opta por um vestido branco gelo – também ao avesso –, que flui dela como líquido, com mangas bufantes presas aos pulsos.

Solto um grunhido e imito minhas irmãs, virando o vestido do avesso e usando como elas. Já guardei um cantil, bagas de espinheiro desidratadas e um monte de sal. E a pena azul está no bolso inferior da bolsa, escondida dentro do tecido. Mesmo que não seja útil, não vou embora sem ela.

Minha irmã estudiosa reúne itens essenciais semelhantes, agoniza sobre qual livro levar caso precise de apoio e adiciona um monte de coisas às nossas bolsas que estou inquieta demais para prestar atenção, em sua maior parte bugigangas baratas e objetos para atrair o povo mágico.

Como eu, Juniper e Cove enfiamos os pés em botas na altura do tornozelo cor marrom-lama e amarramos capas combinando com cordões nos pescoços.

Pegamos nossas bolsas e armas, damos uma última olhada no sótão e descemos nas pontas dos pés.

A pior parte é nosso pai. Ele está dormindo, seus sonhos tão intensos e profundos que precisaríamos de um martelo para acordá-lo. Abrimos a porta e o vemos dormir, o cabelo com fios brancos aparecendo debaixo do cobertor. Os olhos de Juniper brilham. Cove cobre a boca com uma mão, sufocando um choro que me faz querer chorar também. Não sei por quanto tempo ficamos lá antes de fecharmos a porta.

Lá embaixo, Juniper assume o comando. Ela arranca uma folha da mesa da sala, mergulha uma pena no tinteiro e escreve uma carta enquanto olhamos sobre seu ombro. Quando ela termina, Cove e eu nos revezamos para dizer adeus.

Sentimos muito. Vamos sentir sua falta. Amamos você.

Nossa saída é um borrão. Nós nos espalhamos e vamos para nossos lugares favoritos: Cove se ajoelha na lagoa, Juniper escolhe o caminho entre as árvores e eu subo nos galhos. Acaricio penas e bicos e assobio com meus amiguinhos, um nó se formando na garganta.

Depois disso, cavalgamos para longe. Monto em Whinny. Juniper e Cove ficam com o cavalo albino, ambos os animais galopando pela pista, caminhando pela estrada sinuosa para os campos abertos. Minhas irmãs não disseram o que suas cartas instruíram, mas a minha me mandou seguir o vento.

Neste momento, uma amostra de ar sopra em uma única direção. Mas não preciso da bendita dica. Sei aonde ir.

Juniper tem a postura de um lápis, seus dedos esticados enquanto segura as rédeas. Ela é toda vigor e coragem, as costas como um tronco de madeira, capaz de suportar os elementos.

Cove olha por cima do ombro para a cabana, que deve estar encolhendo.

Relembro das saias e túnicas oscilando no varal. A caixa de correio da nossa família, a alavanca de madeira virada para baixo, sua boca vazia e escancarado. E a maçaneta de ferro afixada na porta da frente.

Eu me concentro nas minhas irmãs. Se prestar atenção em qualquer outra coisa, vou perder a coragem.

O céu é um tapete sombrio de fuligem. Gostas de orvalho cobrem os sabugueiros. O mundo cheira a terra úmida e esterco de mula, provavelmente do coche do vendedor ambulante – um visitante mensal que passa vendendo maravilhas de todos os cantos das Fábulas Sombrias.

Meus quadris giram acima do cavalo, meu chicote uma armadilha balançando com nossos movimentos. Conto cada metro que chegamos mais perto daquele lugar místico, com sua lívida rede de árvores. Muito rápido, a Tríade se aproxima. Troncos de espinheiro-branco, carvalho e freixo são as sentinelas na fronteira. Para além, a montanha sobe, com a floresta em sua base e o balbucio abafado de água ecoando de dentro da fronteira.

O chão parece se inclinar e a cela fica rígida debaixo mim. Parando na Tríade, desmontamos. Depois de beijar os focinhos dos cavalos e sussurrar para os animais, nós os mandamos de volta para casa em segurança. Suas caudas golpeiam o ar, as crinas voam na noite e seus choramingos acariciam meus ouvidos antes que também desapareçam.

Os olhos de Juniper se arregalam, sua voz fraquejando mais do que meu chicote quando ela quebra o silêncio:

— Podemos fugir — ela fala bruscamente. — Nós... já vivemos nas ruas antes. Podemos... podemos voltar e deixar Reverie Hollow, encontrar um novo lugar para morar, nos escondermos. Podemos...

Ela se vira para nós e pisca. Em qualquer outra ocasião, admiraria sua linha de pensamento rebelde. Mas Cove e eu continuamos a observar Juniper, esperando que seu bom senso alcance sua língua.

Se fugirmos, eles nos encontrarão. Ou vão atacar nosso pai.

Juniper acena com a cabeça devagar, mais para si mesma do que para qualquer outra pessoa, então estende as mãos. Entrelaçamos nossos dedos e apertamos, depois soltamos e brandimos nossas armas.

Ao passarmos pela Tríade, busco escutar instrumentos e grasnidos sinistros. Nossas botas esmagam folhas mortas. Nas proximidades, o córrego borbulha – aquele brilhante que quase me cegou ontem.

Por dentro, está tudo igual. Os ramos retorcidos. O cheiro de ameixas envenenadas. O marrom-caramelo, o verde-teixo e o azul-pavão. A Colônia dos Vaga-lumes, onde as esferas derretidas flutuam, ansiando por nos dar mordidas de amor.

Minhas palmas suam contra o chicote, Juniper aponta a besta e Cove agarra a lança. Caminhamos para o beco sem saída, onde me escondi antes. No instante em que alcançamos o recinto rochoso, hesitamos – e agora? –, a paisagem oscila. O cercado se lança como uma segunda pele, uma lacuna aparecendo na fachada, abrindo a boca para nós.

Claro! A Tríade e um pouco mais são acessíveis, mas o resto deste território só aparecerá se quiser ser visto ou se os intrusos penetrarem o beco sem saída atacando com ferro. Durante a Armadilha, os aldeões derreteram ferro e pingaram o fluido em suas tochas, rompendo a barreira encantada.

É uma fronteira dentro de uma fronteira, desdobrando-se em uma extensão deste reino, o centro de Feéria se materializando. As cores são mais vivas aqui, mais densas do que bolas de tinta, mas tão cintilantes como garrafas de vidro tingidas ao sol. Os marrons são quiméricos, os verdes tão saturados quanto as asas dos papagaios e os azuis girando em torno de tons que rivalizam com as escamas das sereias – ou assim eu imagino.

O meu coração quase para com o que vejo. Três caminhos levam a três paisagens.

A primeira, uma inclinação montanhosa com degraus de pedra cercados por tochas esquentantes em postes.

A segunda, uma arcada florestal de carvalhos, onde uma caixa torácica de galhos equilibra velas cintilantes, mostrando um caminho repleto de cogumelos venenosos.

A terceira, um riacho ladeado por lampiões brilhantes, com rochas planas envolvendo o centro aquático. A corrente em zigue-zague corre para um túnel e desliza por uma encosta invisível.

No início de cada caminho, três bilhetes pairam ao nível dos olhos. Lemos os nomes nos respectivos bilhetes, as letras embelezadas em tinta cintilante.

Lark.

Juniper.

Cove.

Não, simplesmente não.

Eu me lembro de Cove me ensinando uma das preces da aldeia contra os feéricos. A que as pessoas recitam quando têm medo de perder alguém para aquelas criaturas, ou quando já perderam alguém para aquele mundo, ou quando estão desesperadas para recuperar esse alguém.

Se todos os três se aplicam, eu me pergunto se uma pessoa tem que repetir o cântico três vezes. Quando essa pessoa é ameaçada de uma forma que não esperava, de repente essas preces parecem muito mais necessárias. De repente, uma invocação parece uma ideia boa para cacete.

Isto é um pesadelo, e preciso acordar, mas não consigo. Sei o que esses bilhetes significam. Era para ser um jogo, um lugar e três irmãs. Mas não é.

Não estamos jogando o mesmo jogo. Nem sequer vamos na mesma direção.

Eles vão nos separar.

Um sibilo feminino rasga o silêncio. Juniper e eu nos voltamos para Cove, que está hiperventilando. O peito dela sobe e desce com força, os olhos arregalados, e ela balança a cabeça de um lado para o outro.

— E-eu não entendo. — Ela entra em pânico, sua língua presa ficando mais pronunciada. — Não fizemos nada de errado. Não fizemos nada de errado!

Eu a agarro em um abraço e Juniper passa os braços em volta de nós duas. Encasulada entre nós, Cove guincha repetidamente:

— Eu não entendo. Não fizemos nada de errado. Não fizemos nada de errado!

— Shh — murmuro, alisando o cabelo dela e tentando não gritar também. — Shh, se acalma.

Chorar é como música para os ouvidos deles. Não fará nenhum bem a ela.

Juniper sussurra outra coisa para Cove, que cai num soluço. Minhas irmãs e eu nos soltamos. Cove limpa o rosto e levanta o queixo trêmulo, a visão fazendo meu coração se retorcer como se fosse um pano.

Nós nos aproximamos dos bilhetes e os pegamos do ar. O som do papel rasgando atravessa a natureza, mais alto do que o canto dos pássaros, os galhos frágeis ou riachos sibilantes. Juniper examina seu bilhete, as pupilas saltando pelas frases, enquanto Cove articula sem som o conteúdo de seu bilhete.

Meus olhos queimam o rastro das malditas palavras gravadas no meu bilhete. É uma porra de um convite.

Pela sua invasão, sejam nosso sacrifício – para se render, servir e satisfazer. Sob as estrelas traiçoeiras, três irmãs devem jogar três jogos.

Rebelde Lark, sua tarefa é muito simples. Não olhe para baixo. Cuidado onde pisa. Tenha medo do vento. Siga o vento. Perca o rumo. Ache o

caminho.

Bem-vinda à Montanha Solitária.

Uma lista de regras segue esses escritos enigmáticas.

Primeira regra: cada irmã entrará em uma das paisagens solitárias.

Segunda regra: minhas irmãs e eu não podemos revelar os nossos jogos uma à outra.

Terceira regra: todas ganham – ou nenhuma ganha.

— Que as Fábulas os amaldiçoem — digo, furiosa.

Minhas irmãs levantam a cabeça e trocamos olhares horrorizados. Não posso dizer pela sobrancelha enrugada da Juniper o que está reservado para ela. Nem posso dizer nada a partir da pele corada de Cove.

Algo perigoso? Algo brutal? Algo obsceno?

Posso lidar com o último, mas tenho um pressentimento de que Cerulean não age dessa maneira. Ele é um trapaceiro elegante demais para investir num festival de perversões.

Se eu vou pela montanha, acho que Juniper vai pela floresta e Cove pelo túnel de água. Ouço as respirações rápidas das minhas irmãs. A maior parte delas. Podemos ler nos rostos umas das outras a maioria das coisas. Desta vez, não podemos.

— Tudo bem — Juniper diz, dobrando o bilhete. — Tudo bem. Então... então, hum, se lembrem de não os provocar. E... — Atordoada, ela conta nos dedos. — E não mostrem medo, mas também não sejam dóceis. E não aceitem acordos a menos que sua garganta esteja prestes a ser cortada. E, se fizerem um acordo, não deem nada de precioso. Deem algo inútil. Uma das

bugigangas que trouxemos.

— OK — digo, embora saiba de tudo isso.

— E cuidado com as manipulações. E interpretem todas as declarações de frente para trás e de trás para frente.

— OK.

— E Cove, não seja teatral e nunca minta para eles, você é péssima nos dois. E Lark, seja educada, e cuidado com a boca atrevida, e controle seu temperamento, e não se incomode em flertar porque isso não vai influenciá-los, e não faça nada que eu não faria, e... apenas não seja você.

Consigo sorrir tristemente.

— OK.

— E...

Dou um passo à frente e agarro as bochechas dela.

— OK, Juniper.

Ela cede.

— Está bem.

Cove nos puxa para ela, e nos derretemos mais uma vez em um abraço. Sinto o cheiro prático de eucalipto exalando da camisa de Juniper e a aura reconfortante de jasmim entrelaçada no coque intrincadamente frouxo de Cove.

Minha doce irmã inclina a cabeça azul-esverdeada e pronuncia para Juniper:

— Não deixe que ele veja sua tatuagem.

Merda. Não tinha pensado nisso. O governante da floresta não pode saber sobre a marca de caçador de Juniper, não quando os feéricos valorizam a fauna.

Juniper congela e depois acena com a cabeça. Aposto que já pensou nisso.

A selva está viva e respira ao nosso redor, embora não interrompa nosso abraço. Não que fôssemos deixar, porque é o último que talvez partilhemos.

Nossas unhas cravam umas nas outras, e murmuramos palavras particulares, e nos lembramos. Depois nos soltamos, nos espalhamos por três caminhos e damos um passo à frente.

7

Assim que dou o passo, minhas irmãs desaparecem. As rotas florestal e aquática evaporam, prendendo Juniper e Cove em suas próprias histórias. O mundo se estreita em uma colina inclinada, as escadas de pedra subindo pelos suportes de rocha.

Sou apenas eu e a Montanha Solitária.

Eu. Sem elas.

Meus joelhos se dobram e batem no chão. Enterro o rosto nas mãos, o corpo tremendo, mas não choro. Estou irritada demais para chorar.

Depois de um tempo, eu me levanto, amasso o bilhete no meu punho e enfio na mochila ao lado do primeiro bilhete entregue pelo corujão-orelhudo. Ao colocar a bolsa no ombro, encaro a cordilheira que se aproxima. As árvores escondem o pico, pedaços de pedra e faixas do luar reluzindo por entre os galhos. O cheiro familiar de ameixas maduras e veneno se esgueira pelas minhas narinas, mas os vaga-lumes desocuparam o local, a atmosfera livre de sua luz escaldante e ardente.

Em ambos os lados da escada, tochas guiam o caminho. As chamas crepitam, anéis de fogo batendo na atmosfera.

Subo no primeiro degrau, depois o próximo. É uma caminhada lenta, meus olhos examinando a menor perturbação nas trepadeiras. Um vislumbre de penas. Pés com garras presos a um galho.

Deve ser a fauna feérica. Em um universo amigável, esta fuga seria um sonho que se tornou realidade, e eu me perderia na exploração. Em vez disso,

não confio em um único chilrear ou assobio nos ramos. Até onde sei, as Fábulas estão erradas acerca de tudo o que eu deveria esperar e vou encontrar aves exóticas que não deveriam existir neste cinturão do continente. Além do mais, esses pássaros podem ser carnívoros ou pragas. Posso encontrar pombos carnívoros, periquitos raivosos ou flamingos enormes.

Subo os degraus, prestando atenção em sombras e silhuetas. Logo, novas formas emergem na minha visão periférica, silhuetas que parecem humanas, mas com partes do corpo anormais, como asas ou braços cheios de plumagem. Elas deslizam pela copa das árvores ou se agacham em cima dos galhos.

Viro em direção a eles. Rindo baixinho, eles deslizam para fora da minha visão.

Quantos estão me vigiando? Quantos estão esperando para atacar?

Será que um deles mergulhará como um martim-pescador? Será que um deles agarrará como uma águia-pesqueira?

Tenho certeza de que meus olhos estão arregalados e selvagens. Baseado nas risadas agitadas, isso agrada meu público.

Fecho as mãos em punhos, cessando os tremores. À medida que a elevação aumenta, o oxigênio fica mais rarefeito, porém mais limpo. As estrelas brilham pelo firmamento, alternando entre branco e azul-esverdeado. Meus batimentos martelam e minhas coxas queimam.

As escadas se estendem, e se estendem, e se estendem à frente. Não faço ideia se estou progredindo.

O terreno fica mais ventoso, meu cabelo batendo no rosto. Faço uma pausa, apoiando os dedos nos quadris, os pulmões um conjunto de bombas enferrujadas. Revirando a mochila, procuro o cantil. Ao fazer isso, o bilhete que eu tinha esmagado – o que me cumprimentou lá embaixo – cai da bolsa no ar, remodelando-se em um par de asas batendo.

Não tenho tempo para fechar o queixo que caiu. O papel voa à frente.

Corro atrás dele, o oxigênio serrando meu peito. O bilhete voador se lança de um precipício, e corro atrás do papel, parando no último degrau e oscilando na beirada. Não vejo o bilhete em lugar nenhum, muito menos um caminho para continuar seguindo.

Uma meia-lua escava a montanha. Tudo o que encontro é um sinal apontando para o beco sem saída, o que não faz sentido.

O marcador diz: *O Parlamento de Corujas*.

Os passos se multiplicam e se escondem atrás de mim. Risadas perversas rastejam pelas minhas costas como se fossem aranhas.

Uma pessoa inteligente ficaria calada. Uma pessoa inteligente seria Juniper ou Cove.

Giro e solto meu chicote.

— Eu tenho uma corda.

— E você tem uma boca — uma voz com sotaque comenta.

Volto a girar e me abaixo para uma posição de luta, meu chicote balançando-se para o lado. A meia-lua se foi. Em seu lugar, o espaço se alargou para uma rotunda de pedra, seu piso liso pavimentando a área, com a representação de uma única montanha embutida em seu centro e uma lança de arremesso cortando o pico. Várias tramazeiras delimitam o perímetro da área, protegendo a rotunda que não estava lá antes.

E o trono que também não estava lá. Na extremidade oposta, um assento enorme esculpido em rocha está em cima de um palanque. A cadeira tem bordas esculpidas em forma de asas, que se curvam para dentro.

A maldição da minha existência se espalha pelo trono, as pernas compridas penduradas na borda direita. Com um cotovelo descansando no outro apoio de braço, Cerulean está com a bochecha na mão e inclina a cabeça. Dois anéis de

azul prismático brilham para mim, a cor pulando do rosto dele.

É óbvio que ele gosta de roupas escuras e ondulantes que se penduram casualmente de seu corpo. O conjunto de hoje não é muito diferente do que usou ontem. A única distinção é a capa; esta é castanho-avermelhada em vez de preta, o colarinho virado para cima emoldurando os ossos delicados de seu rosto.

E mais uma coisa. Pequenas joias de bronze em formato de asas encobrem as adagas que são suas orelhas.

A copa das árvores se abre para as estrelas. Os troncos de tramazeira se inclinam como se o vento os tivesse desequilibrado.

Um anel de corujas rodeia a rotunda, as pontas das penas de ébano e cor de linho brilhante. Cada ave protege uma árvore, os medalhões de seus olhos laqueados em um tom de azul-esverdeado ou citrino.

O corujão-orelhudo está pousado no encosto do trono.

Tudo bem. Então, esta cúpula deve ser o Parlamento das Corujas.

O dedo de alguém afasta uma mecha do meu cabelo para o lado. Balançando na direção da mão, afasto os dedos invasores – depois tropeço para trás com a visão.

Essa feérica é feita de todas as coisas finas e leves. Ela tem um ninho cor de topázio empilhado em volta da cabeça e os olhos mais espalhafatosos que já vi, as íris esmaltadas no mesmo tom de pedra preciosa. Mais ou menos como um guaxinim, uma listra castanha grossa corta seu rosto, de uma têmpora à outra.

Um vestido transparente envolve seu corpo compacto em tiras sinuosas de pano. A pele pálida como papel combina com as asas sedosas de mariposa que saem das costas, um conjunto de pontos cor de topázio marcando cada ponta.

A fêmea é pequena. Parece jovem, mas quem pode saber, com esses imortais?

O choque me rouba a fala. Ela é tão linda e tão estranha quanto Cerulean.

O resto deles emergem na rotunda. Meu público se aproxima, os movimentos fluídos e travessos. Eles possuem um híbrido de características animais, humanas e feéricas, uma perversão extravagante do que eu imaginava, alguns absolutamente medonhos, outros surpreendentes belos.

Monstros altos e graciosos ostentam braços emplumados de pardais. Os anões atarracados exibem os torsos blindados dos besouros. Diabretes no ar agitam-se com asas de borboleta, as membranas transparentes tão animadas quanto vitrais, as pontas caindo em faixas.

Os feéricos se assemelham a animais do céu e da montanha.

Asas de morcego, de um preto da cor de alcaçuz e esqueléticas. Asas de pássaro, as penas iridescentes em camadas ao longo de mantos que medem um metro e oitenta cada.

Os chifres em espiral ou com pontas de antílopes. Os chifres torcidos de carneiros.

Uma figura tem focinho de lince e pupilas felinas na vertical. Um tem orelhas de coelho.

Outro exhibe uma cauda de plumas de codorna. Outro tem o pescoço esguio de um maldito cisne.

Eles têm a pele pigmentada, do verde das samambaias ou do azul-acinzentado das manhãs chuvosas. Ostentam marcas coloridas, intrincadas e em espiral nos rostos. Usam diademas e tornozeleiras com penas. Brandem garras e cascos. Têm orelhas pontudas.

Cerulean está sentado desleixadamente no trono com uma indiferença casual. Apoiando um dedo no lábio inferior, observa enquanto sua comitiva

zomba de mim.

— Humana tola — a mariposa zomba, um pente de porcelana com os dentes afundados no cabelo de ninho dela. — Menina boba.

Ela circula, zombando de coisas que não consigo ouvir porque estou muito ocupada olhando para os outros feéricos. A maioria fica perto de árvores, onde se reclinam contra os troncos, para observarem melhor a cena.

Quando a mariposa faz uma piada sobre eu ser estúpida demais para falar, o resto gargalha. Ela examina as costuras expostas do meu vestido – evidência de que o estou usando do avesso – e fala com uma inclinação arrogante na voz:

— Parece que alguém fez o dever de casa. Por acaso, também trouxe bagas de espinheiro-branco? E uma porção de sal?

Levanto o queixo e a desafio:

— E se eu trouxe?

Em resposta, a mariposa olha para o lado. Sigo seu olhar e vejo uma mulher humana vestida em trapos com cabelos loiros emaranhados e uma expressão enlouquecida em seu rosto oval. Cegamente, ela tropeça em direção ao precipício e se joga da borda.

Mas ela não grita. Eu grito.

Meus pés se lançam em direção a ela, depois cambaleiam na borda do penhasco. Olhando para o abismo, não vejo sinais de um corpo caindo e diminuindo. Nem uma única mancha de braços e membros.

Gargalhadas atingem o céu. Giro em direção aos feéricos, meu coração batendo acelerado. Cerulean joga a cabeça para trás e ri com eles, os lábios se repuxando para expor caninos afiados.

O meu terror se transforma em fúria. O que vi... não era real.

— Uma antiga convidada — a mariposa se gaba. — Ela teve um fim trágico. Você a conhecia?

Eu não a conhecia, mas isso não importa. Eu me movo rápido, caminhando de volta para a rotunda, onde a imbecil sorri. Meu chicote agarra a perna dela e derruba a vadia de bunda no chão, as asas tremendo. Mais risadas estrondosas dos endiabrados – mas não do governante.

A boca azul de Cerulean se enrugando de desgosto.

— Quietos!

A alegria morre rapidamente, mas a pequena feérica se levanta descalça com um sibilo vingativo. Cerulean a interrompe, dizendo algo na língua fluida e melódica deles.

Nunca ouvi nada que parecesse a língua feérica antes. É como se alguém tivesse salpicado cristais nos lábios deles.

Minha cabeça oscila entre os dois. A mariposa aponta para mim, a voz salpicada de raiva. Cerulean mantém a postura preguiçosa, contempla as palavras dela, depois olha para mim e balança a mão, dispensando todos.

— Deixem-nos.

— Fiquem — falo para eles. — Não tenho medo de vocês.

— Ela está mentindo. — A mariposa se vira em direção ao governante, espinhos crescendo em seu tom. — *Jún lýkur*.

Seja lá o que ela disse, Cerulean considera, o dedo indicador deslizando de um lado para o outro do queixo.

— *Éck efast mvjöck um fade* — ele responde sem tirar os olhos de mim.

A mariposa se revolta. Ela está prestes a bater o pé, mas Cerulean não se importa, a impaciência frisando suas feições.

— Bem? — ele insiste, voltando para a língua mortal. — Devo me repetir?

O grupo parte. Um deles usa uma faixa na testa com um pingente entre as sobrancelhas – os ossos delicados de um polegar humano.

Os restos da ceia sobem como um foguete até meu esôfago, os pedaços ameaçando explodir na boca. A única distração que me impede de vomitar o conteúdo do meu estômago é aquela fêmea arrogante que está furiosa por eu tê-la derrubado e depois tentado enfraquecer seu líder depois de estar aqui por três segundos. Enquanto vai embora, ela me lança um olhar de advertência antes de sair da rotunda, com as asas de mariposa eriçadas.

As corujas permanecem, encarando-me de cima enquanto meditam. Como um conselheiro, o corujão-orelhudo desce até o ombro de Cerulean, parecendo comunicar algo inaudível ao seu governante, que obedientemente inclina a cabeça para ouvir.

Durante todo o tempo, Cerulean olha para mim. Sem esperar que ele concorde com a cabeça, o parlamento se retira, voando para os galhos e se dissolvendo no horizonte.

O silêncio domina. Um vento silencioso tece através das tramazeiras. Além delas, tenho uma visão turva da cordilheira, seus detalhes obscurecidos.

Cerulean balança as pernas para fora do braço do trono e se vira, sentando-se direito. Aquela única mecha de cabelo trançada despenca do resto das camadas, a ponta de penas pendurada no vale de seu decote profundo.

Que ele se foda. Que ele e sua espécie que se acham muito melhores, desejáveis e dignos porque têm magia se fodam.

O feérico olha indiferente para meu vestido e minha mochila de suprimentos, sua boca azul traindo o mais discreto dos tiques.

— Você não deve acreditar em tudo o que lê, mascote.

Ainda bem que Juniper não está aqui. Mas, onde quer que esteja, minha irmã terá uma surpresa desagradável quando descobrir que sal, bagas de espinheiro-branco e roupas do avesso não farão nada para protegê-la do encanto. Aquela ilusão com a mulher mortal saltando para a morte prova isso.

Cerulean tem razão, pelo menos quando se trata do que o meu povo

aprendeu. O Livro das Fábulas foi escrito por um grupo de antigos escribas que viajaram pelo continente, pesquisando encontros mortais com seres encantados. Em vez de narrar os detalhes de maneira direta, os escribas os transformaram em Fábulas, uma dramatização da verdade. Elas revelam muito sobre os feéricos, mas, claro, alguns detalhes estão errados. Por exemplo, houve um tempo em que os humanos pensavam que os feéricos envelheciam e morriam lentamente.

Errado. Eles são imortais, porra!

Cerulean estala a língua.

— Você está atrasada!

Sem pressa, enrolo o chicote e o prendo na fivela do quadril.

— Isso depende de para qual relógio de cuco você está olhando.

Ele une as mãos, formando um campanário.

— Lark, não é? Que nome lindo.

— Ceruleanne, não é? — pergunto, deliberadamente pronunciando mal o apelido que ele me forneceu. — Muitas heroínas têm nomes bonitos. Prefiro um bem animado. Fica difícil de entender.

— Uma cotovia — ele observa. — O pássaro raro que canta enquanto voa, em vez de ficar parado e ocioso como o resto das aves. Então, uma humana com uma assinatura digna do céu e cabelos brancos como uma nuvem, uma coisa perdida e inatingível. É isso que você é? Alguém que foi abandonada?

— Não fazia ideia de que os Solitários interpretavam os humanos tanto assim. Vocês não prestam muita atenção na gente sem ser para as travessuras e os assassinatos.

— Ah, mas assim você me lisonjeia. Minha habilidade em observação é puramente rudimentar. Se pensa o contrário, está estabelecendo um nível baixo para o intelecto. Qual das duas, mascote?

— Havia uma escolha nessa declaração?

— Você está a fim de fazer uma escolha?

— Estou a fim de arrancar sua língua.

— Tanta selvageria. — Os lábios dele se transformam num sorriso. — Nesse caso, você estaria retirando meu bem mais precioso.

Minha nossa, eu sei mesmo escolher os piores.

— Você não precisa de uma língua para se comunicar. Ouvi dizer que papel e caneta servem muito bem — rosno. — E não me chame de mascote, ou vou chamá-lo de presa.

Se quero que me matem? Talvez. Minha família teve quase uma década para me forçar a ter boas maneiras, e olha como terminou.

Em um piscar de olhos, Cerulean desaparece. Então uma corrente de ar – ou uma respiração? – sobe pela fenda apertada atrás do lóbulo da minha orelha. Uma voz de repente ronrona ao meu lado:

— Quando disse que minha língua é valiosa, o que te fez pensar que eu estava me referindo à fala? — No mesmo segundo, Cerulean se materializou tão perto que eu podia atingi-lo. — Línguas são boas para tantas coisas, tantos lugares, com pequenas partes espalhadas, acetinadas e encharcadas.

Giro em direção a ele. Tinha me esquecido de como ele é alto, seu físico esbelto, mas tonificado sob aquela camisa que não cobre muito a pele. Não sou uma tampinha, mas a altura dele força a minha cabeça a se erguer.

Com sua proximidade, minhas narinas detectam um cheiro de almíscar e tempestades. Pela segunda vez na nossa breve história, os aromas ressuscitam uma memória que não consigo identificar.

Cerulean franze a testa, perplexo com algo, embora a reação dele não possa ter o mesmo motivo que a minha. Nunca nos vimos antes.

Meu chicote o distrai, uma única sobrancelha erguendo-se em direção a

seu cabelo despenteado enquanto ele examina a arma.

— Vai ter que fazer melhor que isso.

Eu ameaço:

— Quando tudo isso acabar, é isso que vou dizer a você.

— E eu admiro uma mortal que se orgulha de rir por último.

Ele desliza um dedo pelo chicote. Um arrepio percorre meu corpo e arranco o cordão do seu toque.

— Pra onde mandou minhas irmãs? Para onde as convocou?

— Não fui eu — responde, sem compromisso. — Foram meus irmãos.

Espera. Os governantes da Floresta Solitária e do Rio Solitário são seus...

— Irmãos?

— Não de sangue. São meus irmãos pela história e lealdade.

— E isso existe aqui? Lealdade?

A indiferença desaparece de seu rosto como uma pedra afundando.

— Qualquer diversão que meus irmãos exigirem das suas irmãs está fora do meu comando. Eu não governo a floresta ou o rio. Eu governo, cavalgo e vagueio pelo céu.

Observo o corpo dele.

— Não vejo nenhuma asa em você.

— Nunca disse que tinha asas, mascote.

— Lark — falo bruscamente. — Meu nome é Lark, seu...

— Cuidado — ele sussurra, suas palavras saindo num tom baixo. — Tenha muito cuidado.

Aquele olhar diz que estou pisando em ovos. E por que demorei tanto tempo assim para reparar na arma dele? Um dardo com uma lâmina de hélice dupla atravessa um arnês no quadril... mas não um dardo, nem uma lança.

É uma lança de arremesso, embelezada para perfurar os inimigos. Na

verdade, é a mesma que atravessa o símbolo da montanha gravado no chão. Só que a arma dele é mais curta, do comprimento de uma espada, só que aposto que nem sempre é o caso.

A lança de arremesso balança junto com os quadris enquanto ele caminha ao meu redor.

— Você gostaria de saber a verdadeira beleza do medo? Como pode ser terrivelmente impressionante?

Meus olhos saltam da arma para ele.

— Na verdade, quero saber como você pode usar palavras brilhantes como *beleza e medo* no mesmo fôlego.

Ele anda na minha frente, o vento seguindo seus movimentos.

— Hum. Admito que esconde seu desespero muito bem. Por causa dessa coragem toda, vai ser ainda mais gratificante quebrá-la.

— É preciso muito para me quebrar.

Uma risada arrogante salta da língua de Cerulean.

— Você é humana — ele fala, como se isso explicasse tudo.

— Pode apostar — respondo. — Tenho ossos frágeis, sem mencionar péssimos modos à mesa. Não tenho talentos mágicos e morrerei um dia. A sua espécie acha que são superiores e poderosos. Pensam que são a melhor espécie porque vivem para sempre, porque têm força e poder que não conquistaram. Bem, o que chamam de poderoso, eu chamo de preguiçoso.

“Parece que vocês pegaram o caminho mais fácil com o encanto, os feitiços e a imortalidade. Talvez porque não consigam lidar com menos, como nós. Os seres humanos têm uma expectativa de vida mais curta, com menos reservas ao nosso alcance, e trabalhamos muito por tudo que temos, sabendo que pode ser roubado de um segundo para o outro: nossa saúde, nossas casas, nossas habilidades, nossa fé, nossos sonhos, nossos parentes.

Vivemos entre demônios como você, mas permanecemos de pé, ainda estamos vivos e estamos vivendo ao máximo. Claro, vocês podem ser mais chamativos. Mas são mais corajosos?”

Cerulean se contrai de surpresa. Depois me encara, carrancudo.

— Imagino que, pela sua avaliação, os feéricos não sofrem perdas. Imagino que, pela mesma avaliação, os humanos são inocentes, íntegros e raramente não dão o devido valor à sua existência.

— Mais inocentes que você. — Fico na frente dele e sibilo: — Avalie seu privilégio, feérico.

— Avalie suas liberdades, humana — ele murmura. — Posso seduzi-la a cumprir minhas ordens com prazer. Posso forçá-la a desfrutar do jogo enquanto ele a mata. É só pedir. A ilusão que você testemunhou antes é apenas um pequeno susto, pois há outras sensações fascinantes que derivam do encantamento. Você nunca conheceu um prazer como o encanto. É como ser fodido devagar, gentil e sensualmente, por trás.

— Em outras palavras, você vai me obrigar como tentou fazer com aquela flauta? Porque isso não funcionou das duas últimas vezes — provoco.

Sombras afundam nas fendas do rosto dele. Pelo visto, acertei outro ponto fraco.

Quanto ele ainda tem?

Meu corpo formiga. O desejo de descobrir é cru e primitivo. É uma competição que estou salivando para vencer – porque, se ele queria um alvo dócil, escolheu a mortal errada.

Ainda assim, duvido que Cerulean use o encanto para me fazer cumprir meu castigo. Isso o reduziria ao bicho-preguiça que o acusei de ser.

— Muito fácil — prevejo.

— Muito comum — ele concorda.

Nós olhamos fixamente um para o outro. O feérico me observa, a explosão de seu olhar me fazendo dar um passo para trás. Sou atrevida, mas não sou idiota.

Quando me afasto, a satisfação cruel paira no seu rosto. Ele caminha lentamente para trás e abre os braços em um gesto de boas-vindas.

— Que seja. Você se declara a espécie mais corajosa. Vamos testar isso com um acordo, que tal?

— Me teste, feérico bonito.

— Ah, mas eu pretendo. Desde que chegue ao topo.

— Ao topo de quê?

A boca de Cerulean voa para cima, formando um sorriso maldoso. Sem falar nada, ele inclina a cabeça para o lado, olhando para o topo do trono. A névoa se dissolve, sua cortina se espalhando para exibir o tamanho da montanha e seus segredos. Halos de névoa coroam os picos. Caminhos de hera rastejam pelos penhascos. Árvores esguias perfuram o ar de várias elevações, juntamente com tramazeiras espalhadas em áreas mais densas, vários dos troncos balançando na brisa como se fossem tombar a qualquer momento.

Tem mais. Corredeiras, rampas e inclinações se materializam dentro e fora da neblina, cortando ou ligando as passagens.

A vista parece...

Fábulas eternas. A montanha é a porra de um labirinto.

8

Esta pode ser a primeira vez que Cerulean me deixa sem palavras. Depois de um momento de hesitação, dou passos desleixados pela rotunda e deslizo entre dois troncos. Faço uma pausa a vários metros da borda e fico boquiaberta com o cenário.

O Livro das Fábulas diz que Feéria é um reino de camadas e distorções para o olho mortal, se não totalmente invisível. Os Solitários do céu vivem em um quebra-cabeças montanhoso de encostas irregulares e tramazeiras balançadas pelo vento, os picos do penhasco cortados com pontes, degraus e quedas vertiginosas.

Muitas quedas sob as estrelas.

Uma revoada de falcões navega acima, pó de ouro vazando de suas asas. Os pássaros místicos se desviam para o lado, organizando-se em uma formação espiral. Absorta, corro para mais perto da beira do penhasco, depois suspiro enquanto os elementos se debatem. Uma rajada de ar feroz me empurra para a frente. Meus calcanhares frenéticos se enterram no chão, mas uma segunda ventania intercepta e me tira do perigo.

— Cuidado — uma voz repreende, vinda de trás. — Muito cuidado, ou você vai cair.

Viro-me para Cerulean. Ele se reclina contra uma tramazeira carregada de bagas, o ombro apoiado na casca e os braços cruzados. Uma brisa acaricia suas roupas, perturbando a camisa de linho solta, as calças largas e o longo casaco castanho-avermelhado. As lapelas se dividem, exibindo a lança de

arremesso no quadril.

Ele me olha com uma expressão indiferente, uma orelha pontuda espiando do cabelo que bate em seu rosto. Se não o conhecesse, diria que me impediu de cair de cara.

Agradecer aos feéricos é um tabu, então endireito o corpo.

— Qual é o seu preço por isso?

Um sorriso condescendente repuxa seu rosto.

— Seja razoável. Ainda não começamos. Por isso, não posso deixá-la cair para a morte tão cedo. Isso seria indelicado, e você ainda não está tão desesperada a ponto de trocar favores. Você gosta da vista? — Ele me estuda e comenta: — Há pouco, você parecia fascinada.

— Se fascinada vem junto com uma pitada de revoltada, claro, estava mesmo.

Está bem, estou mentindo. Porque, ao contrário deles, eu posso.

Na verdade, o cenário me rouba o fôlego – a corrente do ar, a elevação, aqueles pássaros. Quanto ao resto, vou pegar o *fascinada* que ele falou e aumentar para completamente *petrificada*.

Eu me viro para a montanha. Em algum lugar lá em cima, os trapaceiros infestam a terra, os predadores com asas circulam e as pontes que se cruzam levam a quem sabe onde – ou até onde, lá embaixo. Percebo espaços nas árvores, a mata brilhando com tochas.

No topo de um cume, uma torre cilíndrica de pedra lisa sobe de um coruchéu. Partido de um cume diferente, outro edifício circular, mas mais largo, aparece.

Cerulean disse algo sobre eu chegar ao topo. Então essa é a oferta dele.

Foi isso que aconteceu com os mortais que foram atraídos para cá? Esses monstros forçaram ou obrigaram os humanos a andar aos trancos e barrancos

por essa área enquanto eram importunados, enganados e atormentados? Que mundo hediondo é este, onde os vilões residem nas entranhas de uma verdadeira foda mental?

O encanto da mariposa me disse muito. Nenhum dos humanos que passaram por esta montanha antes sobreviveu. É por isso que nunca voltaram para casa.

Sou o brinquedo mais novo.

— Adorável, não é? — A voz de Cerulean penteia as raízes do meu cabelo.

Outra vez, ele encurtou a distância em um segundo. Eu me contorço para longe dele e fixo meu olhar na cordilheira.

— Deve ser horrível para vocês levarem os recados.

Levemente divertido, ele sussurra:

— Não é tão alto quanto parece.

— Mentira.

— Pense outra vez. Tenho certeza de que você está ciente de que feéricos não podem mentir.

— Não importa. Eu não tocaria na sua versão da verdade com a ponta do meu chicote. Não é tão alto quanto parece para quem?

Infelizmente, ele não se engasga com o riso.

— Entendo. Você gostaria que eu distorcesse minhas palavras com mais delicadeza.

É melhor não responder.

— Acho que a distância depende de quanto tempo eu tenho.

— É uma pergunta?

— Só se eu conseguir a resposta certa.

— Mas que rebelde. Vou lhe dar treze horas, treze dias ou treze semanas. Nada menos e nada mais do que isso. Qual você prefere?

— Você é de verdade ou apenas um pesadelo?

Ele se aproxima, a respiração quente encostando na minha bochecha.

— Por favor, me toque e descubra.

— Se importa se eu usar o chicote? Os homens gostam disso.

— E do que você gosta, mascote?

A pergunta monta uma cauda viva de vento que se esgueira sob minha saia e rodeia minhas coxas. Isso aconteceu na carroça, mais algumas outras vezes ao longo dos últimos anos, enquanto eu estava deitada na cama. Presumi que fosse um dos infames feéricos tentando me levar à ruína, usando magia para fazer contato, comandando o vento a seu favor. Naquela época, lutei contra a intrusão e venci.

Talvez o vento tenha sido ele. Eu perguntaria, mas ele provavelmente já fez isso com tantos humanos que não se lembraria.

Cerulean vai pagar por isso. De um jeito ou de outro, vou fazê-lo pagar.

Com base nas Fábulas, as horas passam aqui da mesma forma que em casa. Quando digo isso, Cerulean confirma o fato, e me assegura que o tempo só diminui se você estiver em um anel feérico de cogumelos. Mas, de acordo com ele, eles não crescem nesta montanha.

Penso na oferta dele enquanto meus olhos absorvem a paisagem. Treze horas, dias ou semanas. Nada menos e nada mais do que isso...

As escolhas são parênteses. Não menos que treze horas. Não mais que treze semanas.

— Treze dias — respondo.

— Que pena — Cerulean reclama por cima do meu ombro. — Eu te queria por mais tempo.

— Diga as regras.

— As regras são: não há nenhuma.

— Boa tentativa — retruco. — Não há regras além de quê?

Outro sorriso molda a resposta dele.

— Primeira, chegue ao topo da montanha, por conta própria, é claro. Segunda, tem treze dias, como escolheu. Terceira, você ganha ou morre tentando. E, por morrer, quero dizer pela região ou pelas minhas mãos. Isso não deveria rimar, mas a vida é assim.

— Pelas suas mãos? Como? — Como o sarcasmo é inevitável, acrescento: — Não seja tímido.

Nenhuma resposta. No entanto, sinto o olhar dele, as possibilidades deixadas à minha imaginação.

— Se isso é um acordo, qual é a alternativa? — exijo saber. — E se eu não jogar esse jogo?

— Então você morre agora e não depois.

— E Juniper e Cove?

— Você leu meu bilhete — Cerulean retruca.

Todas ganham – ou nenhuma ganha. O que significa que nós três morremos agora, executadas longe uma da outra. A fúria serpenteia até as pontas dos meus dedos, que acariciam o chicote. Viro em direção a ele, nossas sombras colidindo.

— E se eu ganhar?

— Então você ganha — ele diz, simplesmente. — Se suas irmãs jogarem tão bem quanto você, todas ficam livres.

E este miserável chama isso de acordo justo. Até agora, esses feéricos estão sendo exatamente o que eu esperava.

Meu cérebro esmiuça a declaração dele, procurando por pegadinhas. Admito que Juniper é melhor nisso. Por outro lado, conheci caras que usaram as palavras para me seduzir. Já que tenho experiência decidindo os termos de

como vou ser fodida, isso não é diferente.

O vento aumenta, batendo na fenda da minha saia. Pela primeira vez, Cerulean reparou que estou usando uma cinta-liga na coxa. A minha está um pouco amassada, mas ele gosta mesmo assim.

— Quer isso para a sua coleção? — negocio. — Posso estar disposta a trocá-la.

Ele levanta a cabeça, a ironia marcando o rosto.

— Não aprendeu até agora? Você não deve negociar com um feérico.

Muito engraçado.

— Já que estou em um caminho sem volta, vou arriscar. Além disso, minha família reclama que eu mergulho primeiro e aprendo depois; foi assim que quebrei o braço quando tinha 14 anos. Acontece que o pó mágico comprado de um vendedor ambulante não te faz voar.

— Por favor, então. Aumente as apostas.

— Proponho outra mudança nas regras.

— Que você não pode ganhar? — ele oferece.

— Que engraçadinho — falo com desdém. — Vou reformular a frase. Dou meu acessório preferido se receber uma regra livre. Uma vantagem que posso tirar do bolso quando precisar.

Enquanto me encara, Cerulean passa o polegar ao longo da borda da cinta-liga – e é uma injeção de adrenalina direto na virilha. Meus quadris se contraem, na defensiva. O problema é: sei que ele é bonito. A maioria usaria o termo atraente.

Mas tenho a minha dignidade. Fora ter dormido com aquele caçador mercenário, não me curvo nem sou afetada por canalhas.

A alma desprezível de Cerulean supera a aparência. Quanto mais desprezível é a ação, mais horrível fica seu rosto. Portanto, a minha reação tem

menos a ver com atração e mais a ver com... o quê?

— Parece que subestimei você — ele entoa. — Quanto à bugiganga cintilante que abraça sua coxa, prefiro ter outra coisa.

— Então faça uma oferta.

— Uma regra livre por um preço livre. Se você tiver a escolha de decidir mais tarde, eu também posso ter.

Nesse caso, podemos cancelar um ao outro, dependendo de como jogarmos. Não gosto disso, mas vou lidar com esse problema quando chegar a hora. Não faço ideia do que me espera, por isso vou precisar de toda a vantagem possível.

Concordo com um aceno de cabeça. Cerulean inclina a própria cabeça, estimulado por essa reviravolta. Fiel à sua cultura maliciosa, a perspectiva de acrescentar outro item ao acordo o deixa corado.

Eu o odeio. Odeio tanto que quero isso escrito na minha lápide. Meu desprezo é absoluto, ao ponto de ser doloroso, consumindo-me de dentro para fora.

No entanto, de forma inesperada e sem explicação, a dor se torna triste. Uma melancolia indesejada pinica minha garganta e apaga o calor. Pela minha vida, não consigo explicar.

O dedo de Cerulean pousa sob meu queixo e nivela meu olhar com o dele.

— Que expressão é essa que você usa? — ele pergunta. — Eu não entendo.

Pela primeira vez, ele está falando sério. Até diria que está sendo genuíno, com o olhar percorrendo meu rosto todo, perguntas não ditas se empilhando como tijolos. Seja qual for a sua reação, fica na linha entre fascinado e perturbado.

Queria perguntar várias coisas, também. Por que parece que já estivemos assim tão perto um do outro antes? A noite do lado de fora da carroça não

conta. Estou pensando em bem antes, em um momento anterior, o que não faz sentido.

Sei porque o toque dele me repele. Mas por que me entristece?

Nossas respirações se chocam, um congestionamento de emoções de olhos arregalados. É como se eu fosse uma criança de novo, sendo apresentada a certos sentimentos pela primeira vez. O mistério da tristeza, a deliciosa sensação do medo e a perplexidade do desejo.

Acima de tudo? Perda e saudade.

É assim que é olhar para Cerulean.

Suas sobrancelhas se enrugam, intriga e um pouco de angústia brilhando dentro das suas íris. Por fim, ele faz uma careta desdenhosa e se arrasta para trás.

Recuo, um novo rancor bombeando em meu sangue. Como me atrevo a compartilhar um momento de boa-fé com esse feérico, quando tudo nele é distorcido e errado, e qualquer conexão com ele também é distorcida e errada? Sua espécie aterrorizou os humanos durante eras, e seus irmãos forçaram as minhas irmãs a cair nas garras deles. Cerulean espera que eu sobreviva a uma paisagem de magia violenta ou morra tentando alcançar o topo, tudo isso enquanto o entretenho.

Tudo porque cruzei a fronteira. Tudo porque quebrei uma regra arbitrária.

Bem, advinha? Estou prestes a quebrar muito mais do que regras. Daqui a treze dias, vou abrir a cabeça dele como um baú do tesouro e roubar tudo o que está lá dentro.

Por outro lado, por que esperar?

— Vocês, criaturas, não são muito criativas por conta própria, se precisam de uma mortal qualquer para se divertir — digo. — Continue desperdiçando sua energia assim e será possível pensar que temos um efeito duradouro nos

feéricos. Alguém pode chamar de poder sobre vocês.

Os olhos de Cerulean brilham. Ele se aproxima tanto que a boca dele roça no meu queixo, as palavras raspando minha pele. É quase sensual quando avisa:

— Tenha. Muito. Cuidado. Porra.

A rotunda evapora, dando lugar a um bosque de nuvens. A meia-lua reaparece, ofuscando o topo do trono – ou, melhor, O Parlamento das Corujas.

Eu me assusto com a transformação. Se nada é o que parece, como é que vou passar por este lugar inteira, com a minha sanidade intacta?

As estrelas pulverizam o hemisfério com branco e azul-esverdeado. Uma brisa passa, agitando uma parede de neblina cintilante que paira diante do penhasco. Vejo uma abertura camuflada, uma fenda subindo pelo centro. A película branca se divide com um assobio, um véu me envolvendo.

A placa voltou, exceto que agora empunha dois marcadores em vez de um, ambos apontando para o penhasco. Abaixo de *O Parlamento das Corujas*, o segundo diz *A Montanha Solitária*.

A sombra de Cerulean está atrás de mim, estendendo-se pela rede de galhos da tramazeira.

— O relógio de cuco que você mencionou está correndo — ele aconselha.

Não tenho medo de altura. Se sei alguma coisa – além de como cortejar um canalha e chicotear um inimigo –, é como escalar.

Consigo fazer isso. Eu consigo.

Não, não consigo. Não há como chegar ao topo de uma montanha feérica, por centenas de razões que não precisam ser listadas.

Reúno as imagens dos óculos de Juniper e o sorriso tímido de Cove. Então, atravesso a neblina. A entrada vibra ao meu redor, levando-me a um

pátio. No centro, outra placa erguida em um pedaço de grama oscilante demarca vários sinais em direções diferentes. Além disso, não vejo nada.

— Já que estou me sentindo generoso, vou lhe dar uma dica — Cerulean diz da entrada. — Apenas uma direção é confiável. Ah, e não desperdice a sua vantagem.

— O quê? — deixo escapar, virando-me a tempo de ver seu sorriso arrogante, logo antes que ele mexa o pulso. O véu da névoa se fecha com outro sibilar, inundando-me de escuridão.

9

Se eu fosse uma personagem de um livro, uma irmã em particular – não preciso dizer qual – estaria agorinha gritando para as páginas. Como pude esquecer o poder feérico da omissão?

Devia ter me lembrado. Jogos precisam de adversários.

... não desperdice a sua vantagem.

Pensei que jogaria sozinha. Esperava ter uma oportunidade justa.

Que erro enorme. Cerulean não fez tal promessa.

Parece que tenho um concorrente. Ou acho que o termo correto é sabotador. Cerulean não precisa achar o caminho na própria terra, por isso, sempre que o feérico estiver com vontade, pode usar magia e aparecer. Mas como vai saber meu progresso ou onde me encontrar?

Balanço a cabeça. Pensando demais, andando pouco.

Juniper diria que é estupidez viajar sozinha à noite. O problema é que acampar não é uma opção, especialmente no início. Em uma região desconhecida dominada por feéricos noturnos, preciso ficar atenta sempre que eles estiverem acordados.

Se tenho uma vantagem, é melhor aproveitá-la antes que a perca. Quanto mais longe eu chegar, mais vantagens vou ter até aquele idiota me alcançar.

Examino a placa e os marcadores.

Os Degraus Imprevisíveis

O Ninho Sombrio

A Vigia dos Rouxinóis

O Horizonte que Nunca Mente

O Aviário Noturno

Olho em volta, mas não tenho como me orientar. As estrelas não ajudam, falhando em servir de bússola. Já que nunca vi celestiais azul-esverdeados antes, muito menos as constelações dessa região, não consigo entender a disposição.

Estreito os olhos para as escolhas. Cerulean mencionou que apenas uma direção é confiável. Isso não significa que é o caminho certo para o pico. Enquanto o resto pode não levar aonde dizem que levam, uma delas ainda pode ter como destino onde eu preciso ir.

Escondido atrás da escuridão, o ambiente mais próximo recusa a se mostrar.

Recusa a se mostrar...

Curiosa, dou um passo em uma direção aleatória, no sentido do Ninho Sombrio. A escuridão clareia e se abre como uma boca cacarejando, exibindo uma inclinação rodeada de árvores e sacos tecidos pendurados nos galhos – um enxame de colmeias. Deslizar para trás faz com que a visão desapareça.

Ah-há. Os ambientes só são visíveis quando faço uma escolha. Testo essa teoria algumas vezes, a escuridão se espalhando em diversos cenários: uma ponte de rede que emite vapor; uma frota de amoreiras intercaladas; e uma escada apoiada em uma parede rochosa, os degraus escorregando em um cobertor opaco de névoa.

Tenha medo do vento. Siga o vento.

Aquele bilhete. Aquele que se transformou em um objeto voador e me levou ao trono.

Pressiono os dedos na têmpora e penso, penso, penso. O que mais ele

dizia?

Não olhe para baixo. Cuidado onde pisa. Tenha medo do vento. Siga o vento. Perca o rumo. Ache o caminho.

Então, para mim, o vento será uma ferramenta ou uma armadilha. Desenrolo o chicote e dou um impulso para frente. O ar agarra a cauda da arma e a desvia em direção aos Degraus Imprevisíveis.

Tudo bem, então. Preciso de sorte ou estou ferrada.

O nada desaparece. Uma pista penetra em um canal de pedra que atravessa a montanha como um atalho, tochas iluminando as paredes. O teto entalhado do pavilhão sugere uma escada diretamente acima – ou uma série de escadas. Passo por elas e depois subo uma encosta íngreme, emergindo da cavidade e parando para recuperar o fôlego. À frente está um caminho errático de degraus planos desconectados por grandes lacunas e um abismo sem fim abaixo.

De ambos os lados, os vapores se misturam com as sorveiras inclinadas na rota. Sebes se aglomeram ao redor dos troncos e exalam uma podridão com cheiro muito doce de frutos em decomposição. As amoras caem dos galhos, as esferas se aglomerando em cachos e inchadas com suco. Elas me lembram de groselhas, se das groselhas escorresse muco.

Olho para o lado e flexiono as coxas para não me mijar. Não consigo ver até onde vai e não preciso, porque a profundidade sobe pelas minhas panturrilhas.

Fecho os olhos e me lembro do aviário na parte de trás da cabana da minha família. Eu me lembro da pressa de escalar aquelas árvores, do meu desejo de escalar até atingir as copas das árvores. Cada vez que eu atingia um novo cume, a vitória me ensinava a amar alturas, eliminando os anos que passei desobstruindo chaminés. Trabalhei muito por essa paixão e não vou deixar este lugar roubá-la de mim.

— Não olhe para baixo — recapitulo do bilhete. — Cuidado onde pisa.

Acho que não se chamam Os Degraus Imprevisíveis sem motivo. Estas pedras não são de confiança, mas não tenho escolha. Como os degraus dispersos não têm ordem, há várias opções para começar. Terei que usar tentativa e erro.

Coloco o pé na primeira pedra – e grito.

A placa mergulha. O degrau cai rapidamente, mergulhando no abismo. Meu braço dispara para frente, minha mão agarrando a pedra mais próxima, desviando da queda e quase deslocando o ombro. Grito, pontos negros de dor explodindo por trás das minhas pálpebras.

Por algum milagre, minhas articulações e ossos ficam no lugar. Oscilo ali, minhas pernas se agitando, meu corpo gritando. Os pilares seguram os degraus, as hastes descendo, descendo, descendo para o vazio.

Minhas palmas suam, deslizando pela pedra e estão prestes a não conseguir mais me segurar. Pego o chicote, querendo acertar um galho acima, mas as folhas bloqueiam a mira, e minha visão luta contra a escuridão. É preciso várias tentativas para agarrar um galho grosso, o chicote se laçando em torno da casca.

Colocando os pés na coluna, escalo com a corda. Não é uma distância longa, mas com os membros em chamas, é longe o suficiente. Caio de barriga no degrau e respiro ruidosamente na superfície gelada, as pernas reduzidas a geleia. Minhas palmas queimam, manchas vermelhas riscando a pele, mas pelo menos não estou sangrando.

A risada áspera cambaleia pela noite, sua fonte escondida nas árvores. Eles estão me observando, provavelmente esperando que eu faça um acordo em troca de ajuda.

Ignoro os espectadores e reexamino a queda. Se este caminho for consistente, os passos errados terão as mesmas consequências.

Uma brisa cutuca minha saia, e me empurra para a frente. A brisa me lembra que um golpe mais forte – a explosão de um vendaval – pode me derrubar de joelhos a qualquer momento durante essa caminhada. Ou pode me empurrar de um precipício, com ou sem a influência de Cerulean.

Cerro os dentes. Se ele pode manipular o vento, eu vou aprender a resisti-lo.

Eu me levanto, solto o chicote do galho e estremeço com as escoriações nos pulsos. Vai doer pra caralho cada vez que eu empunhar a arma.

A névoa gira em torno dos troncos e preenche o abismo. Usando a corda para roubar um maço de bagas de sálvia do arbusto mais próximo de mim, jogo as iguarias uma por uma em cada placa de pedra, observando os degraus falsos desmoronarem sob o peso mínimo, até que apenas os certos permaneçam no lugar.

Os meus membros tremem. Mexo os ombros doloridos, suspiro profundamente e continuo. A distância entre os degraus me força a pular, os pilares sacudindo na aterrissagem, meu coração disparado na garganta. Não devia olhar para baixo, mas é exatamente o que faço, porque adoro altura, e não vou desistir disso. Não deixarei que ninguém me condicione a temê-la.

Eu me apego a visões que me impulsionam. Juniper e Cove sorrindo para mim pela janela do sótão, com as mãos infantis beijando o vidro. Juniper e Cove engolidas por uma floresta ameaçadora e águas insondáveis. Juniper e Cove perdidas em Feéria, perdidas para mim para sempre.

Papa Thorne nos contando uma Fábula. O santuário da nossa casa.

Um garoto feérico com uma máscara de penas, olhando-me por um bom tempo antes de fugir para a selva. Ele, meu único segredo, até mesmo da minha família. Ele, a minha única exceção.

Eu, sentada numa forja vazia. Eu, esperando seu regresso, meus lábios secos e rachados.

Meu calcanhar escorrega. Eu cambaleio, mas meus reflexos entram em ação, impedindo-me de perder o equilíbrio.

Risadas ásperas sobem da vegetação. Eu as ignoro e salto para a próxima pedra, e a próxima e, finalmente, meus pés tropeçam em um plano de grama. Seguro em um tronco em busca de equilíbrio e olho por cima do ombro, para Os Degraus Imprevisíveis.

Conseguí atravessar. Mas apenas me sinto abatida e esgotada. Gotículas de transpiração marcam meu pescoço e entre os dedos.

Para minha surpresa, o ar acaricia meus pulsos irritados. Eu me apoio na tramazeira até ser capaz de ficar de pé outra vez. Estou arranhada, mas ainda inteira, todas as partes do corpo a salvo.

Examino a mochila para ver se algo caiu, verificando de novo se a pena azul está segura no compartimento escondido. Depois dou umas batidinhas no meu corpo. Meus dedos são pegos de surpresa no instante em que pousam na fivela do quadril, onde deveria estar o chicote.

O terror percorre meu corpo. Dou a volta e vejo a arma esparramada no último degrau que usei. Meu salto deve ter desfeito o nó. Eu me xingo por não tê-lo prendido melhor.

Uma coisa é me agarrar às memórias para ter força. Outra é deixá-las me distrair. Puta merda, o chicote podia ter caído pela borda.

No entanto, uma onda de alívio afasta o pânico. Tenho esse chicote desde criança, embora fosse muito grande para mim naquela época. A lembrança dos meus pequenos membros constantemente tropeçando na corda enquanto eu lutava contra goblins imaginários faz uma risada cansada e possivelmente maníaca sair da minha boca.

Para recuperar a arma, preciso voltar. Com um suspiro, seguro a mochila e pulo na pedra correta.

E é quando despenco.

Já caí muitas vezes antes – caí em um monte de problemas, caí de amores e caí na real, caí das chaminés e caí das árvores. Sejam as emoções ou o corpo, a queda é a pior parte, um choque esmagador de ossos e de destruir a alma. Tenho cicatrizes no joelho e visões recorrentes para provar.

Nenhum deles se compara a esta queda. O chão afunda sob meus pés, o abismo me engolindo por inteiro enquanto grito, o som gutural distintamente feminino e cavernoso. Meu estômago revira, e vira de novo, e vira mais uma vez. O ar sobe, transformando meu vestido em uma vela de barco.

Não sinto a mochila. Nem o chicote.

Minhas mãos se agitam, procurando o comprimento da arma. Meu cérebro se mexe para processar o vazio, as rachaduras na escuridão. Não é um poço ou um túnel, mas também não é sem fronteiras. Coisas esqueléticas emergem, asas cor de alcaçuz espalhadas em finas faixas de preto, presas a dezenas de olhos redondos com pupilas pontilhadas.

Morcegos. Estou caindo em um canal de morcegos.

Suas asas se espalham em várias direções, de modo que bato nelas enquanto caio. Alguns metros abaixo, vejo a descida do chicote. Com um grunhido, eu forço a cabeça para baixo, virando para que eu mergulhe de cabeça, meu cabelo voando atrás de mim. Estendo os braços e finjo mergulhar, desesperada para acreditar que isso não vai acabar fatalmente, que ainda não fracassei.

Mas estou em Feéria. Nada é o que parece, o que parece, o que parece.

A inversão me fez cair mais rápido pelo tubo. Meus dedos se movem,

tocando o chicote e, em seguida, agarrando-o. Uma poça de luar inunda a minha visão, aumentando rapidamente.

— Merda, merda, MERDA! — grito, berrando enquanto os morcegos batem na minha bunda.

Não há nada que eu possa fazer, exceto uma coisa idiota.

Esses morcegos querem me testar? Conseguiram o que queriam.

Paro de chicoteá-los e abro os braços, o chicote entrelaçado no punho. Relaxando os músculos e me rendendo à queda, espero que não seja uma jogada idiota. As criaturas parecem perceber o que estou fazendo e suas asas entram em ação, formando uma tenda para amortecer minha descida.

Um grito final sai da minha garganta quando bato numa bacia de galhos. Os ramos estalam e chacoalham, espetando os lugares onde ainda não estou arranhada. Fico esparramada, olhando para o tubo superior, que se fecha como uma pálpebra.

Em seu lugar, uma rede de galhos me cerca e forma barras. Os desdobramentos se estendem para baixo, envolvendo-me. Solto um grunhido, todos os músculos gritando. Tenho medo de me mexer e descobrir que algo se quebrou sem recuperação possível.

Mexo os dedos das mãos e dos pés, depois me sento com cuidado. O mundo gira. Além disso, devo ter mordido o lábio inferior no impacto. Ele lateja, mas pelo menos não sinto o gosto metálico de sangue.

E, graças as Fábulas, o chicote está ao meu lado. A mochila descansa aos meus pés, não tão cheia quanto antes, um par de bugigangas e suprimentos caíram. O susto aperta minha garganta. Procuro pela bolsa e encontro a pena azul enfiada no compartimento.

O alívio é por pouco tempo. O cantil virou na mochila, o líquido transparente derramando nos galhos.

— Não!

Pego o recipiente vazio e coloco na boca, uma mera gota atingindo minha língua.

Xingando, atiro o cantil nas barras, e ele ricocheteia na grade. Os galhos e ramos retorcidos são tão negros quanto a alma de Cerulean. Estou presa numa caixa, os galhos tão entrelaçados que eu precisaria de uma serra para passar por eles.

Do lado de fora do cubículo, várias árvores se erguem do chão e colmeias explodindo nos ramos. Além disso, uma faixa de cercas vivas brilhantes se estende pela névoa.

Penso nos Degraus Imprevisíveis. A pedra final tinha sido uma escolha certa, mas mudou depois disso, desabando quando tentei refazer o caminho e recuperar o chicote. A rota havia marcado o caminho certo, mas apenas temporariamente.

Se este ambiente mudar assim que eu fizer a minha escolha, não poderei mudar de ideia. Qualquer que seja a direção que eu tome, essa é a que terei que seguir... desde que escape deste cubículo de galhos.

Uma cela? Uma jaula?

As barras trançadas não permitem muito espaço para eu me mexer. Localizando uma cavidade na grade, deslizo os braços e apalpo o exterior grosso. Meus dedos traçam um nó com um buraco no meio. Pode ser uma fechadura que requer uma chave.

Recolho as bugigangas espalhadas, empilho as coisas na mochila e pego o chicote. Embora eu tenha sofrido uma queda enorme, não parece que estou mais perto do chão.

A luz branca e azul-esverdeada das estrelas ilumina meu colo. Levo esse tempo todo para registrar a elevação, o penhasco iminente incrustado com hera, os picos de pedra da montanha cobertos com árvores e tramazeiras altas

e esguias. Nas proximidades, vários dos troncos inclinados coaxam audivelmente e balançam para frente, ondulando como se empurrados pelo vento. Vejo aquela torre cilíndrica se erguendo de um bosque e aquele edifício circular bizarro erguido em outro pico. Os ramos entrelaçados emolduram o último edifício, a folhagem explodindo da coroa.

Quando uma brisa faz cócegas na minha nuca, sinto que estou flutuando. Abaixo o olhar, depois o levo com cuidado para o lado – para além do lado, para o vale abaixo. O medo se agarra no meu íntimo. Olho para a borda estreita onde minha gaiola está apoiada precariamente. O menor movimento fará com que a coisa toda tombe.

Meus dedos envolvem as barras enquanto olho. Respire, digo a mim mesma. Respire fundo.

— Ora, ora, ora — uma voz alegre cantarola. — Isso não demorou muito.

Eu me viro. A fêmea está sentada em cima de uma das sebes e sorri com prazer, com as asas sedosas em exposição. Como não faz tanto tempo, ela está usando o mesmo vestido de casulo, com a bainha arranhando as folhas.

Os feéricos podem viver uma eternidade, mas amadurecem devagar, então a pequenina pode ter trinta vezes a minha idade. No entanto, se fosse humana, diria que tem uns 10 anos. A possibilidade me atinge com a culpa por chicoteá-la no Parlamento das Corujas.

De qualquer forma, adivinhe como estou feliz em vê-la.

— Merda — resmungo.

— Isso não é maneira de se dirigir a um superior — a mariposa resmunga, fazendo-se de importante. — Os humanos têm um vocabulário tão fraco, uma deficiência tão lamentável quanto seus rituais de acasalamento, que raramente duram, apesar da vida frágil.

— Lamento que se sinta assim. Por que não vai se foder? Isso vai poupá-la de ter que nos julgar.

Um dia, se eu souber o que é bom para mim, vou me amordaçar.

A feérica pretensiosa enrijece. Com um giro de pulso, a caixa se inclina em direção à borda e me faz bater na estrutura.

Pelas Fábulas! Eu me estico e seguro as barras para salvar minha vida. Minha mochila perde suprimentos adicionais, as bagas do espinheiro-branco, a bolsa de sal e os pedaços de pão caindo no abismo.

O compartimento se endireita com um tremor decidido.

— Isso foi pela chicotada — a baixinha afirma. — E pela ousadia.

A transpiração escorre pelas minhas axilas. Meu coração está disparado enquanto gaguejo:

— Acho que vo-você não se importa de ter a morte de um humano em sua consciência.

— Consciência — ela resmunga. — Consciências são para elfos. Agora, tenho uma pergunta que deve ser respondida. Coopere, e não vou empurrá-la pela borda.

— Você está disposta a arriscar? Posso levar a minha resposta comigo.

— Talvez, embora tenha funcionado da última vez.

Da última vez. Exatamente quantos humanos foram forçados a entrar nesta merda?

Também tenho perguntas. Além disso, distrações para jogar fora. Por último, uma fuga para conspirar antes que ela cumpra a promessa.

— Onde estou?

— Eu que faço as perguntas, não você! — No entanto, a feérica responde: — Você está no Ninho Sombrio. É onde encarceramos os prisioneiros e os deixamos apodrecer, juntamente com os humanos que não conseguem alcançar o topo do labirinto, mas também não perecem no processo, arruinando assim o nosso entretenimento.

— Que grosseria — comento.

— Bem, se você não quisesse apodrecer aqui, deveria ter informado O Caldeirão dos Morcegos no caminho. Eles a teriam impulsionado para cima.

Eu tinha visto o Ninho Sombrio inscrito na placa do pátio. Quanto ao Caldeirão dos Morcegos, é um fator surpresa.

Então, estou numa gaiola em forma de ninho fechado. E ela apenas estava aqui quando eu caí? De jeito algum. Talvez ela fosse parte do bando que assistia das árvores nos Degraus Imprevisíveis. A pergunta que está fazendo um buraco na cabeça dela deve ser importante o suficiente para me seguir.

— Uma troca — digo, lembrando de um certo trava-língua dito por Cerulean durante nosso primeiro encontro. — Uma resposta por outra resposta. E... — Com cuidado para não agitar a cela, verifico a mochila em busca das oferendas remanescentes que sobreviveram à queda, depois retiro uma bola de fitas. — Isso também, mas nenhum dos seus truques de salão. Gosto desta gaiola onde está.

Seus olhos de topázio brilham. Ela salta do poleiro e arranca a bola de entre as barras.

— O que você quer saber? — pergunto, preparando-me.

— Uma coisa simples — ela diz, tecendo a fita numa faixa à volta da cintura. — Os relatórios dizem que você resistiu à sedução de Cerulean. Foi mesmo?

Pisco.

— Quer dizer a flauta? É verdade.

— Mas isso é impossível! Se eu fui capaz de usar o encanto em você, ele com certeza conseguiria. Você está mentindo de novo.

Não tenho como refutar isso. Tudo o que sei é que a flauta dele deveria ter me afetado duas vezes, mas não o fez.

Foi uma ideia estúpida, contar isto à feérica. Ela me encara com uma carranca, como se alguém revelasse que sua heroína, a fada dos dentes, não existe.

— Eu deveria derrubá-la por essa calúnia. Deveria espalhá-la por todo o chão do vale.

— Posso fazer a minha pergunta primeiro?

Ela bufa.

— Se você precisa.

O que quero saber mais do que tudo? Seja lá o que escolher, ela contornará a verdade, incapaz de mentir. Preciso começar com algo que nenhuma Fábula menciona.

— Por que esta montanha? Por que transformá-la em um labirinto? — pergunto, exagerando meu tom para parecer impressionada. Com alguma sorte, isso estimulará o ego da feérica, e fará com que compartilhe mais do normalmente faria.

A feérica incha o peito e abre a boca.

— Mas qual a melhor paisagem para os trapaceiros viverem? — uma nova voz pergunta.

A fêmea fecha a boca, os olhos se arregalando. Sigo o olhar dela.

Das cercas vivas nas sombras, Cerulean emerge como um espectro da meia-noite. Com passos preguiçosos, ele caminha, os calcanhares das botas estalando no chão e a lança de arremesso proeminente no quadril.

Sem tirar os olhos de mim, ele fala com a fêmea arrogante:

— Bicando meus espólios, Moth? O que eu te disse sobre desviar o nosso alvo? Isso interrompe a diversão.

Moth. Acho que os pais dela não se sentiam muito criativos, já que o nome significa mariposa.

A feérica faz uma reverência.

— Senhor. Estávamos...

Cerulean para e a encara com uma expressão de censura.

— Cerulean — Moth corrige com um suspiro, como se ele estivesse sendo obstinado sobre o uso do título. — Eu estava apenas...

— Desviando-se do seu trabalho? Sim, estava mesmo.

— Nunca evito meus deveres — a fêmea resmunga, o orgulho cravado no rosto pequeno. — Você me conhece bem o suficiente para saber.

A boca azul-escura dele relaxa e se inclina para o lado.

— Espero que sim.

Eles trocam palavras na língua feérica. Quando falam na língua mortal, Moth tem o mesmo sotaque cristalino que Cerulean. Acho que todos feéricos têm esse sotaque.

Ele se vira para mim, com o rosto afiado.

— Saia, Moth. Depois conversamos.

Em vez de severidade ou autoridade, detecto um traço de camaradagem no comando, uma suavidade nas palavras – uma comunhão baseada na proximidade ou em um tipo de vínculo. É o mesmo tom que minhas irmãs e eu usamos uma com a outra.

Moth olha entre nós, depois desaparece pelo caminho sombrio.

A luz das estrelas realça a ponta de hélice da lança de arremesso de Cerulean. Resisto ao desejo de rastejar para trás, submergindo nas profundezas da gaiola, ou caixa, ou ninho, ou seja lá que porra é essa.

— A montanha está aqui desde que existimos — ele explica ao caminhar na minha direção, seu tom melódico transmitido pelo ar. — Foi forjada pelos antigos e preservada pelos que vieram depois deles. É um penhasco de imaginação, engano, alegria e medo. Esta cordilheira é sua própria

festividade, a sua própria máscara, por assim dizer.

Ele caminha pelo recinto, com os pés leves e indiferente ao pouco espaço que a beira do penhasco oferece, como se já tivesse feito isso mil vezes. Talvez tenha feito, com outras vítimas.

Não me mexo, a não ser para observar sua trajetória.

— Esta montanha não é apenas uma ameaça para o corpo. Ah, não — ele diz, as palavras uma verdadeira provocação do vento. — É um sacrifício, uma ameaça para a mente, para o coração, para a própria alma.

— Um sacrifício? — repito. — E o que isso significa?

— Não faltam tentações. Comida, bebida, música, sedução. Feéricos como eu esperam para violar regras que não existem e atacar vocês, se formos ou não provocados. — Os olhos dele escurecem, encarando os meus por um segundo. — Embora você provoque, bastante.

Pulo quando ele passa a ponta da lança de arremesso pelas barras, e a grade chacoalha.

— As ilusões prosperam aqui. Fazer a curva correta? Não tão rápido, pois esses caminhos podem estar envoltos de encanto para parecerem corretos. Uma rota na qual confiou pode te trair. Esta terra é uma faca de dois gumes. Mesmo que ganhe, não vai ganhar. Vai perder tudo. Pode se rebaixar. — Ele gira na minha frente, os dedos se encaixando nas barras. — O tempo todo lamentando, derretendo e gemendo pelo privilégio.

Faço uma cena para cruzar os braços.

— Já parou de acariciar seu pau?

Uma risada maligna salta da boca dele.

— Vamos fazer outro acordo, mascote. Diga pra mim o que é mais assustador? Medo, desejo ou arrependimento? Ser magoado, fodido ou envergonhado? Me dê a resposta certa e vou te libertar.

A gaiola range quando imito a pose dele, agarrando os galhos trançados. Meu nariz bate no dele, e o lembro:

— Meu nome é Lark.

Olhamos um para o outro. Os nossos dedos estão flexionados em volta da estrutura.

Cerulean fica parado, com sua atenção involuntariamente presa em mim. O sentimento é mútuo, um percalço no qual o espreito através da nuvem do meu cabelo.

É quando acontece de novo, atingindo-me no meio do peito: a perda. Essa melancolia bizarra retorna, uma chave cravando os dentes no raio enferrujado do meu peito e lutando para desbloquear algo que está preso lá dentro há muito tempo.

Uma vez no meu passado, na minha própria Fábula, fiz essa mesma coisa com um garoto feérico. Uma gaiola nos separava, exceto que aquela barreira havia sido forjada em ferro – e era ele trancado lá dentro.

Essa deve ser a razão para esses sentimentos equivocados. É a memória, a lembrança de outra pessoa, o único feérico desta terra esquecida que se tornou minha fraqueza.

Cerulean pestaneja, afetado por uma perturbação semelhante. É como se uma tela caísse, colocando sua beleza angular em evidência. A estrutura das maçãs do rosto dele relaxam de surpresa, expondo seu próprio segredo: saudade.

Eu, perda. Ele, saudade.

O anseio por algo há muito foi negado. Isso é o luto. A tristeza de ambos.

A confusão afasta a arrogância de suas feições, os anos vazando do rosto até que ele pareça mais jovem. Sozinho e sem amigos. Solitário.

Nós nos afastamos um do outro. A consciência reaparece, afastando

aquele visual e nos devolvendo para onde começamos. Animosidade. Suspeita. Eles lavam a incerteza do semblante dele e, na maior parte, fico feliz. Odiá-lo é mais fácil do que sentir empatia por ele.

Além disso, ele não tem direito às minhas memórias. Ele e aquele garoto feérico não são a mesma pessoa. Nunca vi as íris ou o cabelo do menino, mas ele não tinha lábios azuis, e tinham outras diferenças. E, de qualquer forma, eu o reconheceria... se ele ainda estivesse vivo.

A boca de Cerulean se torce em um sorriso sinistro.

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Me dê um tempo — sussurro de volta, atirando meu hálito quente na boca dele.

— Isso é algo que você não tem. Que pena.

— Me libertar significa que você vai me deixar sair da jaula. Não significa que vai me deixar ir embora.

— Ah, mas mantê-la presa anularia o propósito deste jogo.

Exatamente. No entanto, ele está a fim. Ele quer muito saber a minha resposta.

O que é mais assustador? Medo, desejo ou arrependimento? Ser magoado, fodido ou envergonhado?

Nunca ninguém me perguntou algo assim, e não gosto da primeira resposta que me vem à mente. Pior, tenho uma terrível premonição de que ele pode extrair essas emoções mais brutalmente do que a montanha jamais conseguirá.

Na verdade, ele está no meio do caminho. Preciso me libertar. Caso contrário, ele ressuscitará memórias das quais não quero falar, sentimentos que me recuso a entregar.

Aquela imagem aparece outra vez, de mim e de um garoto feérico

separados por barras, nossas posições invertidas. Eu tinha rompido uma fechadura naquela noite para entrar na forja do vidreiro, onde a gaiola do menino havia sido armazenada. Eu tinha usado uma pena para arrombar a fechadura.

Minha palma toca a mochila que esconde a pena azul do meu passado. Aquela que o garoto feérico usava quando o conheci, como parte de uma máscara que escondia seu rosto. Depois de perdê-lo, era a única coisa que me restava do nosso tempo juntos.

Tudo bem. Esse cadeado deve ser imune a uma pluma mortal. Mas pode resistir a uma pena do seu próprio mundo?

— Por que a lança de arremesso? — pergunto. — Pensei que os feéricos carregavam espadas e adagas.

Cerulean ergue uma sobrancelha.

— Você está enrolando.

— Com certeza — digo, por que não? — Ainda não sei como responder à sua pergunta.

— É justo. Por que usar um chicote?

— Uma resposta por outra resposta — recito ao passar os dedos na mochila e procurar a pluma.

A boca dele treme.

— Hum. Você está me citando. Isso significa que causei uma impressão?

— Você é um feérico com lábios azuis que combina com o cabelo. Além disso, me mantém cativa aos seus caprichos, o tempo todo me chamando de sua mascote.

— Ah, mas você dificilmente se comporta como uma prisioneira adequada. Tenho vontade de ficar de mau humor por causa disso, mas ficaria desapontado se você se rendesse com facilidade.

— Tanto faz. Você me repugna, então, sim, causou uma impressão.

— Lanças de arremesso voam — ele responde.

Isso é algo que eu entendo. De verdade.

Mas queria não entender. Não quero ter nada em comum com essa praga. No entanto, se fôssemos amigos, eu falaria sem parar sobre armas que voam, da mesma forma que faria centenas perguntas sobre as aves que existem aqui.

De qualquer forma, não é o ângulo mais seguro, mas não tenho nenhuma chance de ele se afastar mais, muito menos virar as costas para mim. É muito astuto para isso.

Encaro-o com firmeza, desejando que ele não olhe para baixo. Ao mesmo tempo, deslizo a pena para fora e a coloco entre as barras, imitando o truque de mão de Cove.

— Os chicotes também voam — desabafo, porque meio que é verdade e mantém a conversa. — Minha arma pode voar e golpear o ar tão bem como qualquer outra arma.

— Verdade? — Cerulean murmura, aquelas íris cintilantes transbordando com tentações e maldições.

Pisco os cílios enquanto empurro a pena na fechadura que descobri antes.

— Mas, se quiser que eu demonstre, tem que dizer “por favorzinho”.

— Você é mais atrevida do que havia de se esperar.

— Parece um elogio.

— Quem te dera.

— Nesse caso... — A fechadura range e estremece e, nesse ponto, os olhos de Cerulean se arregalam — ... é o meu dia de sorte.

A adrenalina é minha heroína. Aproveitando a surpresa momentânea dele, volto e bato a sola da bota na barra. A porta bate no peito de Cerulean, fazendo com que recue. Ele é muito forte e ágil para tropeçar, então, antes

que possa detectar a pena, eu a arranco do trinco e a enfio no bolso oculto da minha mochila. Então pulo e estalo o chicote nas pernas dele, derrubando-o.

— A propósito, eu mesma posso me libertar, muito obrigada — ofego, depois pulo sobre seu corpo derrubado. — Então, cai fora.

Correndo para o caminho da cerca viva, eu mudo de direção perto da curva. O arbusto se multiplica em um labirinto de escadas ascendentes, cada uma alinhada com arbustos altos e se enrolando ao redor da encosta da montanha.

Tenha medo do vento. Siga o vento.

Sempre os dois. Nunca uma garantia. Maldito seja!

Confiando na mesma tática do pátio, solto o chicote e observo a brisa arrastá-lo até escolher uma direção – as escadas que levam para longe do penhasco. Só posso esperar que essa escolha tenha o efeito oposto e me guie para o pico.

As paredes de folhagem se aglomeram ao redor da escada. Subo pela inclinação, meu coração batendo em um ritmo frenético, minhas coxas queimando. Deslizo em torno de uma segunda curva, descubro outra grade de curvas e mantenho o caminho longe de onde quero ir. Outra curva. Outra intersecção de encostas. Perco a noção de onde estou, os arbustos se aproximando, as samambaias arranhando minha saia e arrebatando meu cabelo. As escadas ficam mais íngremes, mais estreitas.

O oxigênio fica rarefeito e perfura meus pulmões. Tudo parece igual, todos esses azuis, verdes e brancos do anoitecer. Estou correndo no escuro, fugindo sem saber para onde ir, aonde vou chegar.

Mas funciona. O pico parece um pouco maior, um pouco mais próximo.

Acelero o ritmo, a ansiedade me agarrando pela garganta. Meu inimigo foi pego de surpresa, mas não é um idiota, e tem o vento do lado dele. A qualquer momento, espero sentir o chicote de um vendaval enlaçando meus tornozelos e me arrastando de volta para ele.

Em vez disso, ouço pés batendo no chão – o som do próprio Cerulean me perseguindo.

Tenho certeza de que arruinei o dia dele. Mas, uma mortal faz o que for preciso.

Imagino Cerulean fervilhando de raiva ao me perseguir, por que como me atrevo a ser um problema, como me atrevo a enganá-lo, e como me atrevo a fazer tudo isso sem outro acordo vivaz?

Então eu o imagino suspirando, como se eu simplesmente não pudesse cooperar. Imagino que ele não seja do tipo que fica remoendo as coisas, porque a diversão faz mais bem para a pele.

Então eu o imagino dando um sorriso maldoso, sua boca escura se curvando nas encostas do rosto. Imagino-o sem pressa, porque é mais rápido que eu. E, no entanto, imagino-o me alcançando muito rápido, rápido demais.

As cercas vivas brilhantes lotam as escadas. Subo os degraus rapidamente, minhas pernas estão tremendo de exaustão. Tudo arde. Meus pulmões, minhas coxas, minha bunda.

O labirinto de escadas se recusa a dar uma trégua, a trajetória ficando mais íngreme. Mais uma vez, corro em direção a outra bifurcação, uma divisão astuta dividindo o caminho em direções opostas, sem indicações do que está depois das curvas. Uso o chicote, verifico a ventania e pego a subida da direita.

O odor acre do suor infesta minhas narinas. Os sentidos aguçados dele podem captar meu cheiro? Será que ele me ouve ofegar?

Minhas mãos queimam daquela jornada pelos Degraus Imprevisíveis,

minha pele arde por ter caído no Caldeirão dos Morcegos e meus ossos doem pelo acidente no Ninho Sombrio. Está tudo acumulando e me atrasando.

Meu ritmo fica lento, lento, lento. Arrastando-me para o patamar, agarro um corrimão de pedra que se projeta das cercas vivas e me apoio contra ele, a respiração ofegante. A alça da bolsa atravessada no meu torso corta o meu suprimento de ar. Não consigo me mexer, mas preciso me mexer.

Preciso me mexer porque o ouço voando na minha direção. Por que correr atrás de mim quando pode aparecer onde quiser? Diabos, eu sei o porquê. Ele gosta da perseguição, quer prolongar o momento.

Devia ter cobrado o acordo que fiz com Cerulean. Aquela regra livre que me permite distorcer as coisas a meu favor. Podia tê-la usado para fazê-lo abrir a jaula.

Mas teria sido cedo demais, usar aquela carta. Sempre que vir uma saída, vou usá-la sem desperdiçar meu único trunfo.

Uma brisa sobe os degraus e agarra minha saia. Fujo do seu aperto. A fundação nivela quando chego ao fim do labirinto de escadas, fazendo ressuscitar uma reserva de energia. Corro por um caminho iluminado por tochas.

As chamadas se afinam em uma tela de névoa. Pulo naquela direção – depois grito, deslizando até parar. A rota termina com uma queda íngreme no vale da floresta. Balanço os braços como um cata-vento e consigo não cair.

Mechas de cabelo batem no meu rosto enquanto fico boquiaberta com a floresta silvestre. Em algum lugar lá em baixo, Juniper está sofrendo nas mãos de um demônio.

Fragmentos de estrelas brancas e azul-esverdeadas pulsam. Meu olhar se eleva da floresta para minha esquerda, o calor se esvaindo do meu rosto. A rampa mais estreita que já vi aparece. Ela se estende sobre o vale e se ramifica em uma rede incrustada de minerais – uma rede distorcida e em

ziguezague. No final, ela se transforma em uma única prancha do outro lado, levando a um aglomerado de árvores.

A rampa não tem corrimãos nem apoios. Nada me impede de cair.

Não posso ir rápido. Não posso ir devagar.

Respirando fundo, testo a primeira tábua. É robusta, suporta meu peso como se eu fosse uma folha de papel. Dou outro passo, depois outro. Este é o lugar mais alto que já atravessei, a elevação fazendo minhas panturrilhas tremerem e eu sentir um frio na barriga. Continuo, evocando a memória de uma chaminé me sufocando, fuligem no rosto, as cinzas enfiadas na minha garganta, os tijolos ralando meus joelhos.

Eu me lembro da desesperança. Eu me lembro do desespero.

Eu me lembro da salvação.

Dou um passo, inspiro; dou um passo, expiro. Correndo o risco de me autodestruir, ousa espiar para baixo, mas, enquanto olho para a queda, uma súbita sensação de calma aquece meu sangue. Sou uma criança que finge ser um pássaro, e estou voando, e não vou cair.

Uma emoção inebriante ataca o medo. Avalio o rangido das rampas minerais, estalo o chicote e sigo a corrente de ar. O progresso é agonizante. Levo várias voltas erradas, vários deslizos e várias pausas para atingir o ponto, a meio caminho. Avanço com cuidado, depois me movo mais rápido, depois corro.

Um som de assobio preenche o ar. Um projétil fino corta o céu.

Mergulha, pousa e empala a prancha a centímetros dos meus pés. Eu me equilibro, olhando para a lança de arremesso, a lâmina de hélice travando o caminho para a frente.

Viro, mas não encontro ninguém lá.

— Rebelde — uma voz observa, incitando-me de volta para onde

Cerulean está. — Uma rebelde, de fato.

Ele já desalojou a lança de arremesso. A arma está mais longa do que quando fixada no quadril – muito mais longa. Seguindo meu caminho, ele gira a arma entre os dedos, girando-a devagar e executando um padrão vertiginoso destinado a me fazer perder o equilíbrio.

— O que posso dizer? — falo entre dentes ao me afastar. — Dou o meu melhor.

— Ah, espero que sim. Tantos confrontos, tão pouco tempo.

— Por que você está fazendo isso?! — grito. — Por quê?!

— Por que não? Você desobedeceu às nossas regras.

— Não tive escolha.

— Tsc, tsc — Cerulean repreende, passando a arma de uma mão para a outra. — Os seus anciãos não lhe ensinaram? Sempre há uma escolha.

— Fácil para você dizer. Você nunca ficou preso!

Basta disso! A malícia rabisca as feições dele, e ele dá um salto. Com um grito, arranco o chicote e o estalo para cima. Preso em ambas as mãos, ele puxa e bloqueia a descida da lança de arremesso. Com nossas armas colidindo acima da cabeça, o impacto força nossos peitos a ficarem juntos, com os narizes se encostando.

— Não — ele enuncia no meu rosto — me fale sobre estar preso.

— Não — retruco — me diga o que fazer.

No entanto, eu me lembro. Sim, ele já esteve preso antes, quando os humanos atacaram a fauna feérica, quando ele tentou resgatá-los, e meu povo o pegou junto com seus irmãos. Ele foi capturado e escapou, e está mais do que um pouco irritado. É por isso que está fazendo isso.

Mas isso não lhe dá o direito. Depois do que os feéricos fizeram aos mortais, nunca vai dar.

Meus braços tremem, trabalhando contra a força dele. Por outro lado, eu não deveria ser capaz de lutar. Ele é poderoso demais. A lança de arremesso dele está afiada, e está ganhando vantagem, avançando contra meu chicote.

A raiva frisa o rosto dele. Um músculo salta no maxilar e as pupilas ficam duras, querendo saber por que eu ainda não caí? Por que ainda não desisti?

O conflito se transforma em uma competição de equilíbrio e destreza. Ele avança, girando a lança de arremesso entre os dedos. Salto de extensão para extensão, estalando o chicote para bloqueá-lo e lutando para manter o equilíbrio.

A única razão pela qual ainda não mergulhei para a morte é porque cresci com pés flexíveis. Passei boa parte da minha infância escalando chaminés, os dedos dos pés posicionados na menor fenda de um tijolo, a única coisa que me impedia de cair para o fundo de cada chaminé.

É fácil demais para Cerulean. O idiota cruza cada rampa como se estivesse em terreno totalmente sólido, como se o próprio céu fosse pegá-lo, caso caísse.

A arma dele corta e gira. A minha bate e dá chicotadas.

Saltando para uma prancha adjacente, aterrizo e o empurro. O chicote gira, açoitando o próximo golpe da lança de arremesso. Mais uma vez, isso nos esmaga juntos. Nossos peitos batem forte, um contra o outro, as armas raspando entre nós, a pressão forçando meus calcanhares a deslizarem na prancha.

Eu me agarro ao único fato que ele não pode negar.

— Saí de forma justa. Você tem que me deixar passar.

A ira de Cerulean diminui, seus traços contorcendo-se com a percepção antes de escurecerem com prazer. Ele afasta a lança de arremesso e a coloca na prancha como um cetro.

Eu tropeço, pega desprevenida. Merda! O que ele tem em mente agora?

— Você tem razão. — Faíscas crepitam, a arma se encolhendo para um tamanho compacto, e ele a fixa ao quadril. Indo para trás, seus dedos alegres mexem uma pena no ar, que ele equilibra sem fazer contato físico. Seus dedos se flexionam em uma sequência vertiginosa, a pena se virando e girando. — É verdade, tenho que deixar você passar. — Então ele joga a pena no céu. — Mas elas não precisam.

Com cuidado, viro e observo a pluma. Ela é apanhada na rajada de vento e é lançada para o zumbido de criaturas que aparecem do nada. Antenas fibrosas e membros pontiagudos eclodem de seus corpos de insetos, zunindo. Suas asas oscilam de azul para dourado a cada batida rápida, formando uma chuva de meteoros de cores flutuantes.

Vespas. Vespas enormes.

Recuo e fico paralisada, no caso de esbarrar no meu inimigo. Mas, quando me viro, já sei. Ele não está ali.

Mil asas furtivas batem no céu da noite, uma reverberação gigante que agita um ciclone. A legião se divide e sincroniza. O hemisfério pode muito bem ser líquido à medida que se inclinam e saltam em um padrão complexo.

Rodopio e corro pela rampa, depois pulo de lado para a outra, e mais outra. Perco o sentido de direção. A lógica é uma causa perdida, e não tenho um segundo sequer para testar o vento com o chicote.

Os predadores giram, os ferrões atacando. Eles esperam que eu continue a correr, então me abaixo e deito de barriga no chão. Meus braços e pernas caem pela plataforma, as vespas passando direto. A capa e o cabelo batem no meu rosto enquanto vislumbro as copas das árvores iluminadas, a floresta a vários metros debaixo de mim.

Tremo violentamente, observando a distância restante até o outro lado. Como se amarrado a um gancho, o enxame de insetos gira e se lança em minha direção. Meus olhos traçam os movimentos, localizam a última

prancha e voltam mentalmente para onde estou pendurada.

Uma ideia aparece na minha cabeça. Elas podem me pegar se quiserem, mas não podem me manter presa. Levantando-me, solto o chicote e aguardo a aproximação delas. Estalo o cordão na vertical, prendendo-o em torno de um dos membros da criatura. Ela parece ofendida, mas me pegou, tanto quanto sabe.

Meus pés deixam o chão. Seguro firme, chutando o ar enquanto o enxame gira em direção ao bosque. A floresta abaixo passa voando e desaparece enquanto passo por uma crosta de arbustos.

O chicote afrouxa. Estou suspensa a menos de dois metros do chão.

Envolvendo o punho em volta da alça, dou à arma um puxão hábil. A corda se solta do membro da vespa. Caio, atingindo a grama, a corda batendo nas minhas costas.

O zumbido das asas recua na paisagem. Ou elas não perceberam que pulei do barco ou estão prestes a começar a procurar. Pego o chicote, levanto do chão e verifico o perímetro de árvores esguias. Do outro lado, essa área parecia mais densa e emitia um brilho.

Mas agora examino apenas um punhado de árvores, um penhasco vertical e outra placa, que aponta para cima. Pedacos se projetam da escarpa – pequenos degraus que lembram os tijolos dos meus dias de chaminé.

Nada mais. Sem outro caminho.

Enfio o meu calcanhar na relva.

— Que as fábulas te amaldiçoem!

Uma leve risada interrompe a minha birra. Quando isso acabar, vou estripá-lo. Onde quer que esteja, espero que esteja pronto para o privilégio.

Prendo o chicote, aperto a alça do peito da mochila e me preparo para sofrer. O penhasco é reto e plano como uma tábua. As lajes se prolongam

para longe e formam um caminho inclinado, exceto que mal há espaço para meu dedão, muito menos para todo o pé.

Vou ter que cavar os dedos em qualquer entalhe que encontrar, como costumava fazer com a alvenaria dentro das chaminés. O terror me faz cócegas na nuca. Confinada ou não, eu não faço esse tipo de escalada desde que meus joelhos eram menores e mais sangrentos.

O rosto escuro do meu pai flutua pela minha mente, seguido por Juniper e Cove. Penso nas botas na altura do tornozelo desgastadas – os sapatos da minha família, porque usamos os mesmos, porque andamos neste mundo juntos, porque somos um bando que não se separa.

Minhas irmãs dependem tanto de mim como eu dependo delas. Estamos nisso juntas. Tudo ou nada.

Lágrimas furiosas fazem meus olhos arder. Enxugando-as com a parte de trás do braço, colo o corpo na parede, coloco os dedos na primeira ranhura e escalo o penhasco. De ambos os lados, a hera desce pela estrutura.

Grito quando meu pé escorrega. Agarrando-me ao penhasco, descanso a testa na pedra. De todas as coisas, penso em um garoto feérico me espiando de uma jaula.

Nunca o vi de novo. Nunca o verei outra vez.

Ele está morto. Por minha causa.

Um soluço seco sai da minha boca, mas o engulo. Agarrar-me a visões dele é mais seguro do que evocar memórias de chaminés. Os escombros pressionam meus dedos quando localizo as fendas. O penhasco irregular lacera a pele através da fenda na saia e as dobras do meu vestido, que agora está em farrapos, o material azul-marinho despedaçado e rasgado.

Devia ter previsto que isso seria um problema. Devia ter escutado Juniper, antecipando esses arranhões e escolhido uma armadura mais resistente.

Quem sabe quanto tempo passou? Mas com o rosto daquele garoto fixo na minha cabeça, vai mais rápido. Rastejo até o ápice, caio num monte e por cima de um trecho de grama orvalhada. Fico boquiaberta com a copa de tramazeiras inclinadas, seus frutos brilhando no escuro. Ainda estou aqui, viva e respirando em terra firme.

Finalmente, as lágrimas escorrem pelo meu rosto, minha voz reduzida a um gemido:

— Sinto sua falta.

As palavras são filtradas pelos ramos. Por um momento, tudo fica em silêncio. Até o vento fica parado, como se estivesse preso numa rede.

Nunca disse isso. Mas é verdade.

Sinto falta dele. Sinto falta daquele garoto mascarado, a exceção à minha regra, o feérico que transformou meu ódio em algo precioso. Algo perdido.

Sinto falta dele. Sinto falta das minhas irmãs. Sinto falta do meu pai.

Sinto falta do santuário. Sinto falta do aviário.

Ruídos da selva retornam, os galhos balançando e um pássaro distante grasnando. Eu me sento e fico boquiaberta com o cenário.

— Ah.

A floresta atravessa a montanha. Amoreiras pingam com folhas cor de jade. Flores brancas brilham no escuro, as pétalas perfumando o ar com uma névoa de verbena que as lâminas de grama visivelmente se esforçam para capturar, as folhas verdejantes se esticando. O vento assobia quando bate nos galhos.

O que vi do outro lado daquela teia deve ter sido uma perspectiva deformada. Era mesmo uma área arborizada, apenas mais alta do que parecia.

Meus ombros relaxam em alívio, depois voltam a se tensionar quando vespas perfuram o ambiente, zumbindo, procurando. Corro do cume para a

floresta. Uma trilha torta atravessa as tramazeiras, os troncos congelados no lugar, ao contrário de alguns dos outros que vi antes. O caminho é desigual e repleto de galhos que se partem debaixo das minhas solas. Paro, girando para um lado e para outro, irracional, delirante.

O mundo fica confuso, borrado. Começo a correr de novo por causa do zumbido de vespas que se aproxima. Colinas incham do chão, e a rota se inclina para baixo. Isso leva a um beco sem saída, onde no final tem outra colina e um chalé redondo.

A residência de pedra lisa está empoleirada no topo da colina, suas paredes curvas se erguendo do chão e cobertas por um pequeno coruchêu de hera, a ponta mirando o céu. O caminho de pedras leva a uma soleira arqueada – mas sem uma porta de verdade. Em vez disso, uma cortina balança do batente. Uma tocha acima da arcada brilha e as janelas combinando – mais cortinas em vez de vidros ou persianas – fervilham com emblemas de luz dourada.

Alguém está em casa.

Antes que possa duvidar de mim mesma, corro em direção ao caminho. Minha mente fica confusa, saltando de uma escolha para a outra. Mais uma vez, a visão fica turva, a paisagem girando fora de proporção, rodopiando como um disco.

Cambaleio até parar. Isso não é inteligente. Quem vive neste chalé não é humano, e esse não-humano não vai ser acolhedor. Não de graça.

Presumindo que não me matem assim que me virem. Pensando melhor, preciso continuar correndo, mas a fadiga desanima meus membros. Estou desesperada para desmaiar bem aqui e dormir para sempre. A tentação rasteja ao longo das minhas panturrilhas e ombros, ambos uivando de dor.

Mais giros. O que diabos está errado comigo?

Meu pulso arde. Olho para baixo, para onde o vermelho manchado fura a

pele. A picada de um ferrão. Um dos insetos deve ter me atingido, e não consigo... não consigo... pensar.

A luz sangra nas pedras. As cortinas se mexem e uma silhueta com asas preenche a soleira arqueada. A floresta se vira.

E eu desmaio.

12

E eu afasto de um sonho, algo a ver com asas – um mosaico de asas batendo sobre uma montanha fumegante de névoa. Eu me tiro do nada. Os ruídos se sobrepõem em um espaço fechado, uma placa de madeira se deslocando abaixo de mim, um conjunto de passos se aproximando e um par de asas reverberando.

— Acorde — uma voz feminina mal-humorada diz, bruscamente. — Você está viva? Porque, cinco minutos atrás, você estava.

Meus olhos se abrem e veem um par de topázios, uma alegria ameaçadora se cristalizando dentro daquelas íris. As asas de Moth se abrem. Apesar do tamanho pequeno dela, reconheço que aquelas asas de seda poderiam me esmagar.

No alto, um teto cônico apoiado por uma explosão estelar de vigas de madeira cresce, uma seção amarrada em uma teia de aranha. A pedra lisa de cor clara forma as paredes arredondadas de um chalé. A habitação carece de uma entrada sólida ou placas de vidro nas janelas, mas as cortinas isolam o local de sons ou elementos.

A fuligem se mistura com a essência de clematis, que invade um lado da casa. Estou descansando na sala de estar, esparramada em uma cama que está entre duas cadeiras estofadas com tachas de cor de ferrugem desbotada. Os assentos estão em frente a uma lareira de pedra apagada, uma tocha se projetando acima da cornija da lareira, um círculo de luz fraca se contraindo do invólucro e encerando as paredes.

A cama parece configurada para uso temporário. Olho fixamente a tempo de ver Moth correndo de quatro pelo colchão.

— Bem-vinda de volta, pequena mortal. — Ela mostra uma fruta que eu nunca vi antes, tão vermelha e bulbosa como uma maçã, mas com a casca espinhosa de um figo-da-índia. Ela embala a esfera na palma da mão, virando-a de um lado para o outro. — Com fome?

O que ela quer dizer é: *Burra?*

Esbofeteio a fruta da mão dela. Ela dispara pela sala, bate na parede mais próxima e escorre pela pedra enquanto esguicha uma gosma que mais parece lodo. Tentadora por fora, nojenta por dentro.

Moth sibila. Por instinto, pego o chicote que, ainda bem, está preso no meu quadril. Eu me levanto – e imediatamente me arrependo. Meu crânio lateja, uma mistura heterogênea de manchas estourando por trás das minhas pálpebras.

A náusea cessa no mesmo instante, mas agarro a estrutura da cama para me equilibrar. Tudo dói pra caralho. Minha pele está irritada com uma dúzia de feridas, manchas vermelhas secas nos braços e nas pernas, e o vestido e a capa se desintegraram em trapos manchados de sujeira.

Meu estômago uiva. Por um segundo desnutrido, me pergunto se era seguro comer aquela fruta espinhosa mutante. Se fosse, eu não estaria morrendo de fome agora, e Moth não estaria prestes a dizer...

— Sua vagabunda mortal — ela gorjeia. — Vou colher as pétalas das suas unhas, uma por uma, transformá-las em amuletos e pendurá-las no meu pescoço.

Mantenho a mão no chicote.

— Continue falando, sua babaca. Continue falando e, um dia, isso não é tudo que estará enrolado no seu pescoço.

— Não sou babaca!

Independentemente disso, minha dor parece apaziguar Moth, porque ela recua e se agacha no chão. Além da cama, duvido que ela esteja interessada em me fornecer com outros confortos, muito menos ataduras ou um gole de água.

Moth faz outra ameaça:

— Se valoriza a língua, não me chame por nomes além do que eu lhe dei. Entendeu?

— Você me ajudou — deixo escapar.

Isso faz com que ela faça uma careta, distorcendo a listra de pele castanha parecida com um guaxinim que marca seu rosto pálido.

— Não por prazer. Você devia ter comido minha oferenda. O pomo teria clareado sua mente e lhe dado resistência.

— Para que eu pudesse resistir de forma mais digna?

— Exatamente. — Suas asas se abrem, vistosas, com um estalo. — Dessa forma, você realmente sentirá os ferimentos que vou infligir a você. Sempre amei a visão dos humanos chorando.

Por que tenho a sensação de que ela ladra e não morde? No entanto, vou mais longe na cama, não porque eu estou interessada em mostrar medo, mas porque não gosto de me fundir com a sombra dela.

É um alívio ver minha mochila no chão ao lado da cama. Pego e vasculho o conteúdo. As minhas últimas oferendas desapareceram, culpa de Moth. Ela se decorou com as bugigangas que Juniper enfiou na bolsa: uma pulseira de juta enrolada em um pulso; um saquinho de cordão com pedras enrolado no outro; um colar de cordas de castanheiro; e flores prensadas que Moth colocou nos braços.

Minhas irmãs e eu costumávamos decorar pergaminhos com flores secas semelhantes, usando uma combinação pegajosa de farinha e água. As flores

escorrem pelos cotovelos de Moth. A faixa de fita que ela aceitou de mim no Ninho Sombrio cai em torno de sua cintura, o nó começando a afrouxar.

Correção. Um objeto permanece seguro na minha mochila: a pena azul, armazenada no tecido. Esse é um item do qual não vou desistir sem uma boa briga. A sensação dela nos meus dedos me salva de atacar Moth e quebrar meu pescoço.

Faria confusão pelas bugigangas que ela se encarregou de roubar, mas isso só vai irritá-la. Além disso, ela não exigiu pagamento por me abrigar.

Mesmo assim, preciso de informação.

— Uma resposta por outra resposta. E não vou medir as palavras, desde que você não as distorça.

Moth acaricia os novos tesouros.

— Você acha que é assim tão simples, não é?

— A menos que o simples seja muito difícil para você.

Os estalos aumentam. Já que de jeito nenhum farei isso acamada, eu me levanto e me acomodo em uma cadeira diante da lareira. Moth rasteja para perto e cruza os braços sobre a mesa de centro. Eu adorava me sentar assim no café da manhã, no almoço e no jantar.

Um corredor arqueado liga a sala de estar a uma cozinha repleta de ervas desidratadas penduradas e a uma mesa de jantar circular com bancos curvos. Apesar do incidente da fruta, uma parte faminta de mim não se importaria de trocar algumas unhas por comida e água... talvez um pouco de pomada também. Mas não posso confiar em nada do que ela fornece até termos uma conversinha. Ou até não ter escolha para saciar minha sede e encher a barriga.

Mudo de ideia e me aconchoo ao lado de Moth. A pequena hesita, mostrando incisivos que muito provável terem cortado alguns mindinhos ao longo da vida. Como o governante deles, ela tem dentes feitos de marfim,

muito limpos e afiados. Dentes privilegiados que só a imortalidade pode alcançar, que nenhuma pessoa comum em Reverie Hollow jamais exibiu.

E as unhas de Moth? Não há sinais de que a sujeira nunca tenha acumulado por baixo delas.

Juniper uma vez leu em voz alta como o povo mágico gosta de se lamber como os felinos. É o que parece, com certeza.

A feérica bufa.

— Pergunte, mas não espere que eu seja acessível.

— Onde estou? — pergunto.

— Eu devia saber. Os mortais e sua constante necessidade de se orientar. Você está na Vigia dos Rouxinóis, e esta é a cabana da minha família. Você está roncando por um dia inteiro.

Perdi um dia inteiro dormindo? Merda! Não admira que Moth não tenha me despertado até agora, porque um atraso me coloca em desvantagem.

E foi aqui que ela cresceu? Fico pensando se tem irmãos, já que descendentes são raros na espécie dela. A procriação não é fácil para eles, apesar da tradição de companheiros predestinado em que, tradicionalmente, uma força do destino os une. Isso ou... na mesma hora, estou de volta à carroça com minhas irmãs, tentando recitar *Uma Coruja Encontra uma Cotovia*. Essa Fábula fala da segunda maneira dos feéricos de encontrar um companheiro, por meio de algum tipo de beijo especial.

Deixa pra lá. Isso não é importante agora.

O chalé é grande o suficiente para uma família. Uma escada parece subir para um andar superior, onde devem ficar os quartos, e cestas se aglomeram perto da lareira. Os recipientes de palha contêm rolos de tecidos delicados – rendas, gaze, organza, algodão fino e uma pilha de têxteis que não conheço os nomes, por serem muito extravagantes ou de outro mundo. Os últimos rolos

são translúcidos e vibrantes, como aparas de um arco-íris ou amostras de uma tempestade.

Babados, bordados e outros enfeites embelezam as tonalidades vívidas de azul, verde, marrom, amarelo e branco. Alguns dos babados me lembram de granizo, enquanto outros se assemelham a fios arrancados das nuvens.

Uma das cestas de vime contém cortinas. Outra, carretéis de fios semelhantes a pedras preciosas e máscaras animais elaboradas, incluindo uma de um corvo.

— Meus pais eram alfaiates experientes — Moth se vangloria. — Eles forneceram aos Solitários as melhores roupas e tecidos, entrelaçados com magia, pelo preço certo. Chiffon iluminado pelo sol que sustenta suas curvas por toda a vida. Um cachecol mergulhado nos tons do crepúsculo, que o torna imune a qualquer coisa que você coma, seja venenosa, podre ou crua. É bastante útil quando você está visitando as Cortes Unseelie. Ou talvez um saco de gotas de chuva que produza o item que desejar sempre que enfiar a mão nele.

E é provável não vai soltar da sua mão uma vez que estiver lá dentro. Não que eu diga isso em voz alta.

— Vê alguma coisa que gosta para uma troca? — Moth murmura. — Há muitos belos exemplares que podem agradá-la, em troca dos seus segredos mais sombrios.

— Sou tão aberta quanto um par de pernas — digo. — Não tenho segredos.

— Que grande mentira.

— Então me chame de fácil de agradar. Não preciso de muito, o que é uma coisa boa, pois você já roubou tudo o que eu tinha para oferecer.

Ela se senta, petulante.

— Respondi à sua pergunta. É a minha vez de continuar de onde paramos.

Consegui usar o encanto em você perante uma congregação, mas você resistiu à música do nosso governante. Não faz o menor sentido. Nenhum mortal jamais resistiu à flauta de Cerulean, mas eis que uma mera mortal coberta de machucados e contusões teve sucesso. Além disso, você ainda está inteirinha.

— Isso dói mais em mim do que em você, mas vai precisar mais do que um feérico bonitão com um complexo de inferioridade para me derrubar.

— Veja como fala! — Moth me examina minuciosamente. — Por outro lado, será um milagre se você durar até depois da Lua Média. — O quer que isso signifique, a ideia a anima, a revelação tranquilizando seus traços. — Mesmo que dure, as festas fornecirão uma desvantagem significativa. Você estará cada vez mais investida em chegar ao topo da montanha até lá, tudo indica que estará esgotada e desesperada, o que significa que sua queda causará maior sofrimento e será adorável de testemunhar. Pronto, eu me sinto muito melhor.

Abro a boca para rebater vossa senhoria com a resposta inteligente que ela merece, e depois penso melhor:

— O que é a Lua Média?

— *Não é da sua conta.* — Mesmo assim, ela estufa o peito. — É uma festa anual, quando o centro da lua se torna um círculo negro. Marca o nascimento da nossa fauna, como aconteceu há milênios. Cada paisagem Solitária tem a própria maneira de celebrar. Aqui na montanha, nós nos reunimos para o Baile de Máscaras da Lua Média. É uma noite de muitos prazeres esplêndidos, em um lugar onde apenas os feéricos são bem-vindos.

Sei sobre Samhain, um dos festivais celebrados pela corte feérica. Mas Lua Média? Essa é nova.

Por mim, tudo bem se não me deixarem chegar perto das festividades. Gosto de uma festa, ainda mais se houver um buffet de tortas e um harém de

rapazes robustos do qual posso escolher um, mas uma farra cheia de monstros? Invadir o baile de máscaras parece uma ótima maneira de perder o fígado.

Finjo lamentar:

— Aww, caramba. Por que me disse que haveria travessuras? Acho que tenho sorte de não ser convidada, já que não tenho nada para vestir.

Moth desconfia do meu blefe.

— Mesmo que tivesse, não ficaria no corpo por muito tempo.

Escondo o que essa declaração faz com minha vontade de vomitar.

— Há uma segunda vez para tudo, ou uma terceira.

— Repito, apenas os feéricos são bem-vindos. E, como eu previ, caso você ainda não tenha morrido até a Lua Média, as festas vão atrasá-la, preservando assim meu humor jovial.

— E o que isso significa? — exijo saber. — Me atrasar, como?

— Basta. Nenhum humano jamais resistiu à flauta de Cerulean. Por que você?

— Então é isso que acontece com os humanos que acabam aqui — resmungo, com repulsa. — Cerulean atrai os mortais com uma pequena cantiga alegre, os arranca de suas famílias e os faz escalar sua poderosa montanha. Percebi a essência há algum tempo. O que eu quero saber é por que este jogo em particular? É por esporte, vingança ou ambos?

— Você se atreve a falar sobre ser arrancada da família? — Moth sibila.

— Vocês não hesitaram em arrancar... — Ela para, enrugando a boca como uma ameixa seca.

No Ninho Sombrio, Cerulean descreveu a composição do labirinto, mas não a obsessão dos feéricos em forçar os humanos a navegar pelo terreno. Baseado no olhar furioso de Moth, não vou conseguir dela nenhuma migalha

sobre o labirinto, nada que me ajude a entender o que está por vir.

Sem mencionar que reconheço o tom desolado dela. E uma coisa está faltando neste chalé: uma família de carne e osso. O que aconteceu com os pais dela?

— Voltando à minha pergunta — Moth diz depois de recompor seu eu rabugento. — Não gosto que me distraiam.

Estou muito debilitada para enfrentar o problema.

— Odeio dizer isso, mas não faço ideia de como sou imune ao encanto do seu governante. Nem sei como ainda estou viva. Simplesmente estou.

— Você tem uma visão simplificada da sua situação.

— Não há nada de errado com a simplicidade.

Sim, também estou perplexa que a serenata da flauta de Cerulean não tenha me enfeitiçado, mas não vou analisar a razão com essa idiota.

No entanto, vou contar uma história a ela. Sou boa nisso, então remonto cada episódio em que ouvi o instrumento, aumentando e dramatizando os detalhes. O conto não produz respostas ou teorias equivocadas sobre Cerulean, mas diverte Moth, puxando o saco dela até o ponto em que suas asas se retraem.

Engraçado como os feéricos são superficiais, mesmo numa missão pela verdade. Aposto que... o mesmo poderia ser dito do meu povo.

— Muito bem. Já está curada? — Moth reclama com impaciência. — Por que está demorando tanto?

— Sou humana? — sugiro.

Ela resmunga.

— Chá de verbena vai acelerar as coisas. Gostei de ver você perder tempo, mas isso já não está divertido. Quanto mais rápido se recuperar, mais rápido posso expulsá-la, mais rápido você seguirá seu caminho, e quanto mais perto

você estiver de fracassar nesta expedição, melhor será para meu povo.

— Quem disse? — interrogo. — Como seu povo ficará melhor?

— Apenas em termos de diversão — ela desvia.

Há outra razão, mas a feérica arrogante está guardando o segredo só para si. Se Moth sabe qualquer coisa sobre minha escalada nesta montanha, é possível que todos os Solitários saibam. Até eu bolar um plano para descobrir, vou manter a boca fechada.

Moth se levanta, a variedade de bugigangas tilintando. Ela trota até a entrada de cortina e me encara.

— Vou ter que sair para procurar o chá. Toque em qualquer coisa, leve qualquer coisa, e eu saberei. Se isso acontecer, vou arrancar seus intestinos, centímetro por centímetro.

— Você tem a minha palavra, eu prefiro arriscar contra Cerulean — comento, o que não é verdade, mas vai domar Moth.

Ela sorri.

— Ah, não se preocupe. Depois dos truques que usou até agora...

— Como você sabe que truques eu usei? Está dizendo que não estava aqui por acaso?

— Posso visitar o chalé da minha família sempre que quiser! Não tem nada a ver com você! — ela reclama. — Podemos estar em uma selva Solitária, mas nós feéricos observamos, conversamos e as notícias voam. Como eu dizia, você já fez o suficiente para provocar a ira de Cerulean, entre escapar do Ninho Sombrio e enganar o enxame de vespas. Neste momento, você deu ao nosso governante um convite. Ele não precisa de um segundo. Da próxima vez que ele agarrar você...

Cambaleio no chão.

— Vou sair daqui antes que ele sinta meu cheiro.

Ela me olha com um sorriso sem humor.

— Garota tola.

Então ela sai do chalé, deixando uma rajada de luz azul-esverdeada entrar.

Eu fico lá, processando o que Moth quis dizer. Garota tola. Claro.

O que me faz pensar que ele já não saiba que estou aqui?

* * *

Sinos de vento tocam à distância, a provocação da música batendo nos meus ouvidos. Se alguma vez houve um barulho que soasse como preliminares, eram aqueles pêndulos, com a música escondendo sempre algo fora do alcance.

Meus olhos foram fechados, e não sei como, nem por quem. Luto com meus pensamentos. Eu estivera em um chalé, conversando com uma feérica pequena chamada Moth. Depois que ela saiu, o quarto se inclinou, derrubando-me com ele.

Eu não tinha chegado à cama. Alguém me pôs lá.

Estou no colchão, deitada de costas, com um cobertor por cima de mim. Outro barulho ofusca os sinos de vento. Está muito mais perto, toras estalando e crepitando, o calor repleto. Alguém acendeu a lareira.

Não foi Moth. Ela não ficaria quieta. Não colocaria fogo na lareira para o meu benefício.

E ela não cheira a almíscar e tempestades.

Aquele cheiro desviante flutua ao meu lado, tão intoxicante quanto uma maçã envenenada – madura e fatal. O colchão se inclina e um cobertor farfalha, deslizando pela cama.

Estou completamente acordada agora. E não estou sozinha.

É preciso uma quantidade indescritível de força de vontade para não ceder. O suor escorre pela parte de trás das minhas coxas. Autodefesa e uma

adrenalina nociva cintilam pelos meus braços, instando os dedos a se dobrar. O canalha se move devagar... muito devagar, os movimentos são fluidos e intencionais. Os feéricos podem se mexer muito mais rápido do que isso, a menos que estejam com vontade de brincar.

Eu me obrigo a respirar com calma e fingir que estou dormindo. Eu me preparo para atacar primeiro, esfaquear depois e fazer perguntas por último.

Só que não estou preparada para o fenômeno que vem a seguir. Um peso masculino se inclina para mais perto, pairando sobre mim. Sinto um braço passando pelo meu corpo. É quando dedos finos deslizam pelo meu quadril, roçando a curva do osso.

Faço tudo o que posso fazer para não pular, por repulsa ou algum outro reflexo proibido. Certas Fábulas relembram os modos obscenos do povo mágico, descrevendo suas festas pervertidas, as devassidões e as orgias. Estaria reagindo de forma muito diferente se pensasse que esta criatura estava tentando abrir minhas coxas e se jogar em cima de mim. Já tive prática arrebetando as bolas de um cara não convidado antes de ele ter a oportunidade. Mas não é isso que essa criatura está fazendo. Não são meus seios, nem a fenda entre as pernas, que ele tenta alcançar.

Não. Está buscando a única coisa gananciosa pela qual prezo mais que um orgasmo, e uma certa pena azul.

Minhas pálpebras se abrem. Curvo a parte inferior do corpo, prendo minhas coxas na cintura de Cerulean e o viro mais rápido do que uma panqueca. Então caio em cima do filho da puta.

Meus membros caem ao lado de seus quadris estreitos, meu chicote esticado em sua laringe, agarro as pontas com as mãos. A coisa toda acontece antes de eu terminar de expirar. Nossas barrigas se movem, batendo uma na outra. Músculos leves se flexionam sob mim, vestidos com calças cinza-tempestade e uma camisa de linho combinando, com outro V profundo no decote.

O cabelo bagunçado de Cerulean se enrola nas pontas, as camadas azul-obsidiana se separando ao redor do rosto. Encontro aquele olhar e pisco, exaltada comigo mesma. Ele olha para mim, impressionado e respirando muito superficialmente para um feérico normal. Atrás desses lábios, vislumbro dentes esculpidos.

A posição abre ainda mais seu decote, revelando um tronco de marfim e um mamilo escuro. Ele é elegante, esbelto. No entanto, seu corpo se contrai de um jeito lindo e poderoso, sem um osso frágil à vista.

Meus olhos têm uma mente própria, traçando aquele mamilo exposto, um círculo cor de rosa impertinente que se contrai sob o meu olhar.

— Não é educado encarar — Cerulean murmura e, se soa ríspido, não é de propósito.

Enterro o chicote mais fundo no feérico, forçando a garganta a se contorcer.

— Cuidado. — Eu me aproximo do rosto dele e repito suas palavras. — Tenha muito cuidado. Também não é educado tocar o que não é seu.

— É mesmo? Eu não fazia ideia — Cerulean ironiza. — Mas e se eu

dissesse que ia devolver o chicote?

— Eu diria que você só fala besteira. Mas você já sabe disso.

— E onde você aprendeu esse truque de cama brincalhão, delicioso e ousado? Não faz ideia de como estou curioso.

— Tenho experiência em colocar canalhas no devido lugar, incluindo aqueles que receberam um *sim* de mim. E tenho ainda mais experiência em ficar por cima.

— Isto é verdade?

Eu grito. O chalé vira, o teto gira e caio de costas. Num piscar de olhos, Cerulean muda nossa posição. Ele pousa graciosamente entre minhas coxas, que se espalham ao redor de sua cintura. Ele usa o chicote para prender minhas mãos acima da minha cabeça enquanto resmungo uma série de *vá se foder*. Cerulean inclina a cabeça.

— O que você disse? Não ouvi bem. Foder quem? Muah? — Ele estala a língua quando meu joelho bate na sua virilha. — Calma. O que meu falo já fez pra você?

— Nada, e nunca vai fazer.

— Pode ter certeza — ele garante, com repulsa apertando o tom. — Eu não fodo humanos. Apenas brinco com eles. — Ele revira os olhos para as minhas batidas. — Continue assim e vai estragar minha obra. Esses curativos não vão se recolocar sozinhos.

Perplexa, eu me transformo em um saco de farinha, os músculos afrouxando. Que curativos?

Dou uma olhadela e registro dois fatos. Primeiro, só estou usando a calçola curta e esvoaçante e a faixa fina. Segundo, tiras de pano protegem os cortes e aquela picada de vespa, que deve ter injetado algum tipo de veneno no meu sangue, e foi por isso que desmaiei.

Um cobertor cobre a cama, embora não houvesse um antes, e meu vestido azul-marinho e a capa então no encosto de uma cadeira. As roupas foram limpas de sujeira, e os cortes, remendados.

Na cozinha, um buffet fumegante pesa na mesa de jantar, os pratos mergulhando a casa em aromas de caça, fermento e frutas. Um resmungo caótico salta da minha barriga.

Ele não fez isso. Não fez. Não faz sentido.

Viro meu olhar para Cerulean, uma dúzia de perguntas se aglomerando na minha língua. Com a cabeça inclinada num ângulo exagerado, ele estuda as minhas feições como se nunca tivesse visto um humano antes, como se procurasse falhas. Aquele olhar azul é tão direto que parece que ele não tem nada a esconder, apesar da sua faceta esquiva.

Registro o peso do seu corpo sobre o meu, as inclinações dos seus quadris aninhadas no espaço entre minhas coxas, minhas pernas envoltas em sua cintura e meus seios arqueados para o torso dele. Seria fácil para os meus mamilos enrugarem no material minúsculo. Seria natural que tocassem o peito dele e roçassem naquele mamilo, ainda saltando da camisa de linho.

Tudo sobre este momento é horrível. Tudo o que estou pensando é imperdoável e vem do nada... ou talvez esteja vindo de algum lugar, um lugar deserto que não suporto, desenterrando as sensações de perda e saudade outra vez.

Nossos corpos se pressionam com força, o oxigênio entrando e saindo. Porque mal estou coberta, o linho da sua roupa toca minha pele nua, o material fino e a textura finamente tecida. Engulo em seco e as sobrancelhas dele se entrelaçam em consternação. Ele absorve minha expressão, refletindo-a de volta para mim enquanto olhamos um para o outro, procurando, procurando. Pelo quê?

Quem se importa? Eu não mudei, e não estou prestes a mudar de ideia,

nem ele. É mais produtivo causar repulsa um ao outro.

Cerulean enrugou o nariz como um esnobe compulsivo, como se me culpasse por rebaixá-lo aos papéis de governanta e enfermeira.

— Feridas não são atraentes, nem roupas esfarrapadas. Não posso dizer que vocês mortais se destacam na estética, e nunca elogiarei sua constituição frágil, mas — ele levanta um dedo — não terei minha última aquisição deplorável depois de dois dias. Gosto que meus brinquedos estejam brilhantes antes de quebrá-los de novo.

Que surpresa. Não é muito diferente do que Moth disse.

Eu respondo:

— Deve ser um fetiche feérico. Eu devia saber que foi por isso que sujou suas mãos.

— Me poupe do mérito — ele zomba. — É ofensivo para nós dois. O que esperava, mascote? Que meus sentimentos mudassem?

— Não. Isso exigiria ter sentimentos.

— Nunca afirmei usar minhas próprias mãos. Uma mísera faísca de magia esfregou seus ferimentos e desinfetou aqueles restos miseráveis que você considera roupas. Perseguir bonecas de pano não me interessa. Chame de manutenção antes de eu mandar você para seu caminho alegre, bagunçado e rebelde. Além disso, é educado.

— Educado? Está falando sério?

Ele se inclina, a respiração batendo nos meus lábios.

— Talvez, possivelmente, é improvável.

Odeio que minha boca estremeça com o contato. Odeio querer acreditar nele. E odeio ainda mais que não acredite.

As chamas estalam e crepitam na lareira. O calor acaricia minhas panturrilhas nuas.

Além do fogo, está escuro aqui, a arandela apagou antes de eu acordar. Um brilho noturno escorre pelas cortinas e nada pelo cobertor emaranhado ao nosso redor.

Pelas Fábulas. Estou mal-vestida e toda aberta debaixo de um feérico, seu coração batendo contra o meu.

Fico feliz que a espécie dele não goste de gratidão, já que a última coisa que quero fazer é agradecê-lo. Para começar, é por causa dele que me pareço com uma almofada de alfinetes. Ainda assim, eles gostam de acordos, e gostam de ser recompensados.

— O que você quer?

— Uma simples inspeção do seu chicote será suficiente.

— Só uma olhada, um caramba.

— Não preciso lembrá-la sobre feéricos e mentiras. Gostamos muito de bugigangas. O que acha que eu estava fazendo enquanto fingia dormir?

Eu devia corar, mas não me importo que ele sabia que eu estava fingindo.

— Você poderia ter pego o chicote com um piscar de olhos. Não precisava ser sorrateiro.

— Ah, mas eu adoro ser sorrateiro. Ademais, queria ver o que você faria. Por último, se não me engano, usar meu poder teria me marcado como preguiçoso. Estou lhe citando corretamente?

— Desde quando um feérico se importa com o que uma *reles* humana pensa?

— Você esqueceu *medíocre* e *ordinária*.

— Roubar meu chicote não seria exatamente justo.

— Como eu disse, eu só queria olhar mais de perto.

Bem, ele não pode chegar mais perto do que isso. Sua cintura vai de encontro à minha pélvis, meu corpo abraçando o dele. A tensão nos fixa no

lugar, tornozelos e cotovelos e costelas colados.

Cerulean examina o chicote esticado entre meus pulsos, o cordão me prendendo no colchão. Satisfeito, ele se mexe. Pegando ambas as minhas mãos com uma das suas, seus dedos livres arrastam o chicote para baixo, a ponta da manopla raspando na minha bochecha, descendo pelo meu pescoço até as minhas clavículas e deslizando pelo vale entre meus seios, perto de onde meu coração dispara.

De lá, o cabo circunda meu umbigo. Engulo em seco, lutando contra o desejo de me contorcer para longe ou me aproximar mais. Costumo dominar esse tipo de coisa. Por outro lado, normalmente não odeio meus amantes.

No entanto, algum lugar fraco no fundo do meu íntimo vibra, como se isso fosse natural, como se fosse algo predestinado. Cerulean absorve minha reação, seu olhar atento e caçando uma resposta específica, tão comprometido com o ato que é intimidante. Mas não consigo desviar o olhar, e não tenho a certeza se quero, e o detesto ainda mais por isso.

O que quer que ele vê faz com que os dedos sufoquem a arma.

— Que acessório, este chicote — elogia, o sotaque derretido preenchendo o ambiente. — Quando nos conhecemos, subestimei o seu apelo. Me diga, mortal. Alguma vez já amarrou um homem com ela? Você já manteve um homem prisioneiro enquanto o fodeu até o estupor?

Claro que sim.

— Já pode sair de cima de mim?

Um sorriso lento coroa seu rosto, nem repugnado, nem atraído. Ele quer que eu ceda.

Bem, que seja. Situações extremas exigem medidas fáceis. Enquanto o calor se espalha na ravina entre nossas clavículas, viro o jogo.

Mexer meus quadris faz com que ele afunde mais na abertura das minhas

pernas.

— E agora? — ronrono, testando a autenticidade do seu olhar.

Já terminou? Ou devo acabar com você?

No instante em que meu clítoris roça o comprido cume de seu pau, um brilho surpreso e voraz atravessa suas pupilas. Excitação? Autodepreciação? Os dois parecem iguais nele, e, caramba, não estou muito atrás. O meu corpo ganha vida. As sensações colidem na fenda das minhas coxas e pulsam mais fundo, mais fundo, mais fundo entre minhas dobras, mas dou boas-vindas à turbulência. Quero que essas emoções se desfoquem, que se anulem mutuamente. Quero que sejam indistinguíveis uma da outra, impossíveis de sentir separadas. Se não, terão muito poder.

Pelo jeito, o sentimento é mútuo. Muito rápido, o feérico se lembra que acha a minha espécie horrível. Ele pisca, aqueles olhos empestados de desprezo, o que me convém. Preciso que ele dê o fora antes que minha boceta se acostume com o peso dele.

Cerulean me solta e escorrega para fora da cama. O ar entra, meus pulmões se expandindo. Ele não agarra o chicote por precaução, provavelmente porque sua lança de arremesso está recostada na parede da lareira, situada dentro do alcance.

Moth tinha razão. O governante do céu sabia onde me encontrar.

Talvez ele aceitasse uma briga justa. No entanto, meus ossos estão moles e tenho a sensação de que isso é um cessar-fogo. Caso contrário, ele não teria se preocupado com o fogo, a comida, minhas feridas ou roupas.

Cerulean entra na cozinha e retorna com um cálice de água. O toque de líquido reacende a minha sede, a minha língua seca como pergaminho. Eu o vejo relaxado, de lado, sobre uma das cadeiras diante do fogo, seus membros jogados sobre o braço, da mesma forma que se sentou no trono. No dia a dia, ele consegue fazer com que cada pose letárgica pareça polida e cada gesto

descuidado pareça elegante.

O feérico bebe, os músculos do pescoço se contraindo. Lambendo os lábios, inclina a cabeça em direção à cozinha.

— Nada está envenenado ou é tóxico, exceto a lata de bagas de quimera. Mas foi uma adição impulsiva, é uma fruta nativa de Feéria. Pode ser doce, mas vai transformar o útero de uma mortal em cinzas se forem devoradas. Nesse caso, coma em quantidade limitada e mastigue devagar. — A voz dele transborda insinuações. — Muito devagar.

— O que é isso? — Hesito. — O que estamos fazendo?

— Literal, figurativa ou magicamente?

— O que estamos fazendo temporariamente?

— Ah. Considere isso uma negociação antes que eu a mande para fora, para fora, para fora e de volta para o mundo labiríntico grande e ruim.

É. Ele e Moth são farinha do mesmo saco.

— Alimentos. Curativos. As regras dizem que eu tenho que ganhar por conta própria.

— Lá vai você, sendo humana e traduzindo os pontos de modo literal. Ganhar por conta própria não significa que favores são proibidos.

Vai entender, ainda mais se for do interesse do feérico ajudar.

Os olhos dele me seguem enquanto enrolo o cobertor no corpo e entro na cozinha. Um banquete cobre a mesa de jantar. Perdiz assada com peras cozidas no vapor, pão com crosta de sementes, uma fatia de queijo, um bolo de tâmaras recheado de nozes e coberto com creme, aquela vasilha de bagas de quimera que ele mencionou – parecem framboesas, mas são verdes –, um jarro de leite, uma jarra de água e um bule de café.

Sou orgulhosa, mas não tão orgulhosa a ponto de não aceitar uma refeição quando estou desidratada e faminta. Qualquer um que o faça é simplesmente

idiota.

O problema é que cada pedaço pode estar azarado. Pensei o mesmo de Moth com a fruta espinhosa que parecia um pomo. Se Cerulean não pode usar o encanto em mim com música, isso se estende à comida? Posso morder uma fatia de queijo sem saber que é um fígado mofado cheio de larvas.

Da sala de estar, o olhar persistente de Cerulean me desafia a descobrir.

Uma cristaleira exhibe xícaras de barro, jarras e bules. Escolho uma xícara, encho com água e tomo um gole com cuidado. Quando meu coração continua a bater, e as partes do meu corpo ficam no mesmo lugar, e não tenho visões distorcidas, tomo outro gole. Então, como ele ainda está me observando, viro a xícara e bebo todo o conteúdo, gemendo por dentro. O líquido desliza pela minha língua, lavando a secura.

É melhor deixar Cerulean pensar que o interesse dele não tem efeito em mim. Enchendo outra xícara, volto para a sala de estar e me sento na cadeira em frente a ele, certificando-me de ficar a vários centímetros das chamas. A lareira se estala e crepita brasas. Estremecendo, penso em cinzas se acumulando na lareira e a fumaça sufocando a garganta da chaminé.

Não sou fã de cinzas. Ou chaminés. Ou de qualquer coisa fechada.

Na maioria das vezes, disfarço esse reflexo, mesmo para as minhas irmãs. Mas aqui não passa despercebido. Cerulean ergue uma sobrancelha com as minhas ações, mas não vou me explicar.

E, em vez de perguntar, ele se vira em direção às chamas. Seus tornozelos se cruzam, e o cálice balança precariamente de seus dedos enquanto a luz amarelada ilumina os brincos em forma de asa nas pontas de suas orelhas.

O cobertor exala um cheiro de tomilho e sabão. Eu me aconchoo no tecido e bebo grandes goles de água.

— Isso me entedia — Cerulean diz, girando o cálice. A rotação faz com que o conteúdo escureça de translúcido para roxo-escuro. Eu pisco, inalando vinho

de abrunheiro.

Abaixo o meu próprio copo para o meu colo e assobio.

— Onde você estava quando tentei batizar a sangria de sabugueiro no jubileu anual de Reverie Hollow?

Cerulean me lança um olhar irônico e de soslaio.

— Sua bebida favorita, imagino?

— Não chega nem perto: café.

— Esse era meu segundo palpite.

— Tenho certeza. Por falar em bebidas quentes, onde está Moth? Ela prometeu me afogar no chá de verbena.

— Pela mesma razão que ajudei você, sem dúvida.

— Algo assim — respondo.

— Os deveres da fauna exigiram sua atenção — ele diz, como se eu devesse entender. — Eu a dispensei do fardo de lidar com você, desde que eu promettesse que você não...

— Tocaria ou levaria nada? Recebi o aviso dela.

— O que mais conseguiu dela? — Cerulean olha para mim. — Uma vantagem no jogo?

Moth identificou a minha localização. Ela me deu uma pista sobre a Lua Média. Disse que os feéricos estão relatando meu progresso uns aos outros, se não observando o jogo por si mesmos. Nada extremo, mas é mais do que eu sabia ontem.

Inclino a cabeça em direção à parte exposta do torso dele.

— Ela me disse que você não gosta de usar gola alta.

— Como é mentir? Estou bastante curioso — ele pergunta.

— Como é imitar as nossas mentiras? — retruco.

Cerulean me olha feio.

— Imitar você é a última das ambições de um feérico. Você subornou Moth com guloseimas mortais? Tentando desenterrar os segredos da montanha e, assim, distorcer as probabilidades a seu favor? Ela tem uma fraqueza por bugigangas.

— Isso é um crime?

— A condenação eterna vem à mente, ou um mergulho refrescante no pântano de pedra. Isso a disciplinará.

— Já ouviu falar de uma boa e velha repreensão?

— E você nos chama de preguiçosos.

— Deixa eu falar devagar, seu idiota — falo bruscamente. — Se você não tivesse enviado um enxame maluco de vespas atrás de mim, eu teria buscado abrigo em outro lugar.

— Sim. Eu fiz isso, não fiz?

Que tola, eu estava à procura de um pingo de decência. De qualquer forma, percebo o tom leve dele. Ele tem algum tipo de camaradagem com Moth e não vai colocar um dedo nela.

— O que você disse a Moth no Parlamento das Corujas? — pergunto. — Vocês estavam discutindo sobre mim na língua de vocês.

— Se chama feérico — Cerulean explica. — Moth falou novamente, reclamando que você estava mentindo sobre não ter medo de feéricos. Para ser sincero, eu disse a ela que duvidava muito. — Ele bebe o resto do cálice, depois o joga no fogo, o utensílio se estilhaçando em pedaços e depois desaparecendo. — Já que está aqui, pode ouvir.

Eu me animo.

— Farei mais do que isso. Vou responder.

— Moth insinuou que você era sarcástica, mas tolerável. Ela estava envolvida em uma quantidade obscena de bugigangas quando a dispensei.

Então, pergunto outra vez: foi uma tática para extrair detalhes de Moth?

— Talvez eu estivesse sendo educada.

— Com uma feérica briguenta que preferiria vê-la descascada até o osso.

— Eu não ataco a menos que seja ameaçada. Não vou me rebaixar ao seu nível. Há uma coisa chamada humanidade. Não que vocês, monstros, saibam o que isso significa.

Cerulean se endireita num pulo. Os calcanhares batem no chão enquanto ele se inclina para frente, cruzando os braços nos joelhos.

— Então, me explique — vocifera. — Onde estava essa humanidade há nove anos? Hum?

Fico tensa. Acho que chegou a hora.

— Não posso falar pelos meus anciãos. Eu era uma criança quando A Armadilha aconteceu.

— E eu esperava mais de você do que isso.

— Você é um hipócrita maldito! Eu não devo nada a você! Vocês azaram os mortais contra a vontade deles, usam o encanto os transformando em escravos, e os usam como fantoches para se divertirem. Castigam essas pessoas por se esquecerem de deixar presentes nas varandas, coisas que eles não podem se dar ao luxo de dispensar. Traumatizam e mutilam o meu povo. Fazem com que vejam ogros e goblins quando se olham no espelho. Talham mensagens na pele deles. Usam o vento, as árvores e a água para aterrorizá-los. Limpam o chão com as almas deles e estragam os seus meios de subsistência.

Eu devia parar, respirar, mas não consigo. Tudo voa para fora da minha boca, saltando para o espaço apertado entre nós.

— Você tem a coragem de nos chamar de inúteis quando são vocês que usam magia em gente que não tem meios para se defender? E pelo quê? Suas

Cortes desperdiçam os poderes lutando por tronos, não porque querem fazer do mundo de vocês um lugar melhor, não porque se importam em ser líderes, mas para poderem acariciar um cetro como se fosse um pau, passar por cima dos que não gostam e mijar no resto. Enquanto isso, vocês, Solitários, perdem tempo nos castigando em vez de lidarem com vocês mesmos, e missão cumprida.

“Diga uma vez quando a sua magia fez algum bem! Já usaram para inspirar, ensinar, aprender ou construir? O que mais vocês, criaturas, fazem *todo dia* além de nos atacar?”

“Vou dizer o que eu acho. A magia não os torna mais fortes ou mais durões. Os torna gananciosos e vocês se acham no direito de agir dessa maneira. É isso que os torna fracos. É isso que os torna covardes. Espera misericórdia de nós, quando não mostrou nenhuma? Se enxerga!”

O olhar de Cerulean arde no meu. Suas pupilas se estreitam, o pigmento das íris cortado com fragmentos de branco.

— Muito cuidado, pequena Lark.

Isso significa que devo desistir enquanto estou à frente.

— Qualquer outra coisa que você queira saber, pode perguntar ao meu punho!

— Ora, por favor. Você tem um espacinho para mais uma pergunta. — Agarrando as laterais da minha cadeira, ele me enjaula e sussurra: — Uma grande quantidade da nossa fauna não está mais aqui porque se tornaram peões dos mortais e vários jovens feéricos sofreram ao lado dela, se tornando baixas de guerra. Eles mereceram?

Porra. Isso me cala.

— Você afirma ser a cultura mais corajosa e honrada. Então lhe pergunto o seguinte: suas cortes não travam as mesmas batalhas de poder mesquinhas? Não abusam uns dos outros, julgam uns aos outros, abandonam uns aos outros,

ostracizam uns aos outros? Não matam o próprio povo para ganho egoísta ou por fervorosa amargura? Não chamam alguém de inimigo apenas porque discordam de vocês? Não passam por mendigos na rua sem pensar duas vezes, fingindo que não existem? Não vendem a consciência e o caráter para quem paga mais?

Ele se aproxima mais.

— E não violam a própria fauna? Não abatem seus animais por outras razões que não nutrição e vestuário? Não tratam as criaturas da sua terra como posses? Não pregam as carcaças nas paredes e não as exibem como troféus? Não expandem esse tratamento entre culturas e reinos?

— Não sou uma caçadora! — grito. — Eu não...

— Para nos derrotar, mutilaram nossos habitantes sagrados. Animais feéricos destruídos ou desmembrados, asas, couros e chifres retalhados ou cortados. Com isso, sua intenção foi destruir nossa própria existência.

— Vocês estavam usando encanto e assassinando meu povo! Eles estavam assustados e desesperados! Estavam protegendo suas famílias!

— E quanto às nossas famílias? — Cerulean retruca, cercando-me até nossos narizes baterem. — Por mais raros que sejam, temos nossos próprios filhos. Em vez de se limitarem aos nossos anciãos, vocês enjaularam crianças feéricas também. Qualquer um, em qualquer idade, que tentasse salvar aqueles animais. Vocês os arrancaram dos pais, dos irmãos e da fauna feérica. Vocês os jogaram atrás de barras de ferro e os provocaram enquanto eles gritavam por causa dos ferimentos. Você pode nos acusar disso? Pode nos acusar de machucar jovens mortais?

Meus ouvidos zumbem. Eu era jovem naquela época, mas sabia disso. Não se pode viver numa aldeia cheia de idiotas e não saber das partes mais duras da sua história. Além de matar feéricos em combate, A Armadilha tinha sido a única outra maneira de destruí-los.

Mas Cerulean tem razão. Os Solitários nunca fazem mal aos nossos jovens. Relatos circulam sobre criança trocadas na Corte feérica, mas não em Reverie Hollow.

No entanto, prendemos crianças feéricas assim como a fauna. Sei disso, porque foi uma coisa que vi durante A Armadilha. É um incidente com o qual tenho experiência em primeira mão.

Cerulean sibila, a têmpora em sua cabeça latejando.

— Aqui está você, acreditando em retaliação da mesma magnitude. Vocês são os mais honrados, então? Tudo no seu mundo é justo e gentil? Isso a torna mais corajosa? — A língua dele estala a última palavra. Então ele levanta os ombros. — Está bem, isso é mais do que uma pergunta, mas eu sou um feérico. E nós somos muito, muito gananciosos.

O fogo queima meus dedos dos pés. Não previ esse discurso e não sei o que pensar. Os feéricos jogaram sujo, e os humanos se rebelaram pelas suas vidas jogando sujo também. Onde isso termina?

Ele observa meus traços, seu olhar oscilando num precipício. No último momento, ele se empurra para trás, prestes a ficar de pé.

Minha ira cresce. Isso não pode acabar agora, apenas porque ele decidiu que deve.

— Cerulean... — Prendo o pé em volta da perna da cadeira dele e dou um puxão. A mobília bate nas costas de seus joelhos e o faz cair na almofada, e puxo o assento para mais perto de mim — ... ainda não terminamos aqui.

Ele franze a testa, mas intrigado.

— Sua rebelde.

— É verdade. Temos os nossos lados sombrios, como vocês. Mas, ao contrário de vocês, os aldeões acreditavam que não tinham outra escolha, nenhuma outra maneira de lutar pela existência. Vocês tinham a magia do seu

lado. Tudo o que eles tinham era ferro e raiva. A ideia de enjaular crianças e animais me faz querer vomitar e, acredite em mim, sou a última pessoa que teria machucado qualquer um deles. Se eu fosse mais velha, teria tentado encontrar outra maneira. Na verdade, meu pai protestou contra o ataque, mas foi minoria, porque nem todos são misericordiosos em uma cruzada, em uma rebelião ou em uma guerra. Não me diga que não sabe disso.

O olhar furioso de Cerulean poderia muito bem, estar pregado em seu rosto.

— Você já terminou?

— Não, seu desgraçado arrogante. Ainda tenho a minha regra livre, e a estou usando agora.

— É mesmo? Sou todo ouvidos pontiagudos.

— Nunca me chame de espoliadora.

Cerulean fica surpreso.

— O quê?

— Não me compare com o resto deles. Entendeu?

— É esse o seu pedido? Você pode manipular ou modificar qualquer regra a seu favor. No entanto, pede que eu não a rotule mal.

— Os esquemas são abundantes quando se trata de regras, especialmente no que diz respeito a você. Quero algo mais raro: a sua palavra. E, se me perguntar, manter a minha integridade é suficiente. Assim como meu nome. É Lark.

O feérico olha para mim, perplexo. Nunca ninguém nesta terra amaldiçoada negociou pela própria honra antes?

Depois de um momento de pausa, seu corpo se relaxa na cadeira.

— Feito.

— Combinado — concordo. — Estou pronta para comer agora.

Quase. Ele quase sorri.

Quase. Aquele sorriso quase me atinge entre os seios.

Cerulean me olha da cabeça aos pés, devagar, de um jeito que deixaria um morcego corado. Sem desviar o olhar, ele acena com o braço em direção à cozinha.

— Fique à vontade. Restaure as forças e me dê algo com que trabalhar.

Ele se levanta, pega a lança de arremesso da parede da lareira e cruza o chalé. Puxando a cortina para trás, ele sai para um brilho azul-esverdeado do luar. Um feixe salpicado resvala nas bordas dos ombros antes que ele desapareça, misturando-se com os sinos tilintando que soam ao ar livre.

Depois que ele vai embora, não penso no que está depois daquele limiar. Só estou pensando naquele feérico parado brevemente sob uma luz radiante. Tudo no que estou pensando é quão longe a lua paira deste lugar. Tudo no que penso é o tanto que a luz viajou para tocá-lo.

Então começo a pensar, talvez nada seja tão distante como parece. Se os raios da lua podem tocar o ombro de um feérico, e se o chamado de um pássaro pode viajar uma grande distância, e se uma garota pode galopar de um mundo para o outro, talvez essa mesma garota possa chegar ao topo de uma montanha.

Já que dormi bastante até agora, comida é a próxima ordem do dia. Que eu não tenha morrido de fome é um milagre.

Na cozinha, o banquete intocado de Cerulean aglomera a mesa. A perdiz assada e as peras, o pão com sementes, o pedaço de queijo, o bolo de tâmaras, a vasilha de bagas de quimera e a variedade de bebidas.

Nada disso compensa tudo o que ele fez. Os feéricos são feitos de cinquenta por cento de magia, cinquenta por cento motivos ocultos.

Isso não impede meu estômago de roncar. Fico ao lado da mesa e belisco o queijo... depois mastigo... depois devoro. Evito as bagas, mas coloco o resto do banquete na minha boca, tão faminta que não dou mais a mínima. Limpo a maior parte da mesa, bebendo o leite direto da jarra e acrescentando goles de café, depois arroto de um jeito que irritaria Juniper e horrorizaria Cove.

Completamente cheia, vou para a sala de estar, onde o fogo crepita. Uma das cortinas dança com a brisa e um apito atravessa o chalé vindo do lado de fora, o que me lembra dos animais no santuário em casa. Meu coração se contrai quando mais assobios se esgueiram pela habitação. Eu me aproximo da janela arqueada, puxo as cortinas para o lado e espreito através delas. Na floresta, as sombras atravessam o chão, correndo tão rápido que não podem ser identificadas.

Quando eu era criança, eu me lembro de enrolar o corpo na cadeira do sótão e olhar para essa montanha encoberta – sonhando acordada com os perigos do mundo feérico, assustada e seduzida pelas lendas. Até desabar em

frente a este chalé, mal tive tempo para respirar, muito menos para olhar mais de perto.

Coloco o vestido, vou descalça até a soleira e abro a cortina.

— Fábulas eternas — solto, ofegante.

Para além do caminho de pedras, a noite submerge a rede da floresta em tons de azul-esverdeado escuro. Árvores retorcidas se amontoam, vegetais dessemelhantes a vagens brotam de videiras que se enrolam na vegetação rasteira e flores espumosas se acumulam, suas pétalas em forma de trompete incrustadas com orvalho.

Dos galhos, sinos de vento dourados balançam como lampiões, regando a natureza com uma luz suave. Sua melodia tilintante praticamente brilha, uma espécie de música alegre derramando deles.

Mas são as formas que mudam que me fazem andar. Troto pelo caminho de pedras e depois paro, porque podem ser criaturas mortais e salivantes. Por outro lado, são pequenas e com franjas e, depois de passar nove anos em comunhão com animais em casa, confio nos meus instintos.

Desço o caminho na ponta dos pés e me escondo atrás de um tronco. As fontes daqueles assobios aparecem. Rouxinóis!

Claro! Moth chamara este lugar de A Vigia dos Rouxinóis.

No meu mundo, eles são marrons da cor de nozes-pecãs, o tom é simples e terroso. Neste território, a cor é mais rica, tão luminescente quanto uma pedra preciosa, e se banha na brilhante plumagem turquesa. A combinação cria espirais de pigmento, os bicos finos das aves pintados no mesmo tom turquesa.

E o canto dos pássaros! As vibrações se harmonizam com os sinos, reconhecíveis, mas espectrais.

Eles voam no nível do solo, serenando a copa das árvores cor de jade em

busca de companheiros. Hipnotizada, eu me afasto da árvore, com medo de estragar o momento. Eles me avistam e se lançam do verde, suas asas se abrindo e pegando o ar. Em uníssono, o passaredo gira em torno da minha cintura e depois voa para longe, atraindo-me a segui-lo.

Vou atrás deles. Agarrando a saia, corro atrás da Vigia. Os sinos de vento iluminadores escorrem das folhas, derramando uma música levemente alegre no bosque. Desvio de troncos e persigo os pássaros. Eles voam através das trepadeiras e resvalam nos sinos, uma risadinha metálica saltando dos pêndulos. Voltando pelo caminho por onde veio, o passaredo me leva ao local em que começamos.

Um sorriso divide meu rosto. Mas, num piscar de olhos, eles se separam, fragmentando-se pelo chão e voltando aos seus ninhos. Um dos filhotes continua no local. Voa até minha orelha, o bico cutucando meu cabelo, brincalhão. Eu me arrisco e passo o dedo pelas asas daquela fofura, que farfalha de alegria.

Há uma Fábula sobre estas criaturas. Assim:

— *Era uma vez um Rouxinol que ansiava por um companheiro* — uma voz masculina recita.

O filhote passa por mim. Eu me viro e sigo sua trajetória em direção a uma silhueta masculina descansando contra um tronco, a forma preta acetinada dele intangível, a noite pintando suas feições angulares de azul-petróleo.

Cerulean avança, a lança de arremesso presa ao quadril. Seus brincos se desviam para fora com um floreio, e o V profundo de sua camisa expõe músculos flexionados tão sólidos quanto um escudo.

Putá merda! Misturam o que no leite daqui?

Quando feéricos são feiosos, é material de pesadelos. Mas quando são bonitos...

Deixa pra lá. Pensei que ele tinha ido embora. Ele esteve aqui esperando?

Não tem tarefas de monarca da montanha a fazer? A propósito, onde está sua fiel coruja?

O filhote de rouxinol flutua ao redor do seu cabelo despenteado cor da meia-noite. Os olhos do feérico afundam na subida e descida dos meus seios – tinha sido uma perseguição vigorosa –, então sobem para o meu rosto. Mantendo o olhar no meu, ele estende um dedo para o animal pousar, depois sussurra algo que não consigo ouvir. O pássaro escuta e dispara para os galhos.

Depois de uma pausa, Cerulean debate com nossos espectadores alados.

— O que vocês acham, meus preciosos? — ele pergunta enquanto se concentra em mim. — Ela sabe o resto?

Coloco as mãos nos quadris e me aproximo dele.

— *O Rouxinol místico cantou, mas não recebeu resposta.*

Cerulean se inclina para trás, mas não de uma forma submissa. De uma maneira sedutora, atraindo-me para o topo de uma colina aninhada entre as árvores.

— *Então o pássaro mudou, usando magia para crescer, sabendo que seu chamado seria ouvido a uma distância maior em Feéria.*

Ando atrás dele.

— *Durante dias, o pássaro permaneceu mais alto que as árvores e cantou sua melodia. Ainda assim, não recebeu resposta. Para os feéricos, encontrar um companheiro é o destino. Mas para a fauna feérica, muitos devem procurar em todos os lugares.*

Cerulean sobe a colina e inverte a palma da mão, uma pena se materializando no ar. Com algumas rotações hábeis do pulso, a pena dá piruetas.

— *Assim, o Rouxinol não notou outro pássaro esperando silenciosamente na vegetação rasteira.* — A pluma desaparece quando ele mexe os dedos

como um ilusionista. Então ele murmura, conspiratório: — *Pois o Rouxinol havia mudado muito para inspecionar seus arredores. Ele não percebeu que seu companheiro tinha realmente seguido a música e estava lá o tempo todo.*

Seus lábios escuros se curvam.

— *Então o companheiro desistiu e encontrou uma coruja para foder, já que elas enxergam muito melhor no escuro.*

— Ei — falo. — Improvisar é trapaça.

— Isso é irrelevante. Você está apenas decepcionada por eu ter deixado de fora a cena da consumação.

Minha boca se franze, segurando uma risada. Apesar de tudo, ele olha para os lados, a alegria relutante soprando de suas narinas.

É um pequeno deslize, uma pitada de humor inesperada. Mesmo assim, voltamos a ficar sérios rapidamente, ociosos sob um sino de vento, sua música tendo diminuído no momento em que nos aproximamos.

Não sei como classificar nosso recital. Pior, não sei por que isso me faz sentir anos mais jovem, da mesma forma que essas criaturas fizeram enquanto as perseguia.

Mas sei de uma coisa horrível. Se este feérico e eu fôssemos crianças, gostaríamos um do outro, porque não saberíamos a verdade, porque, em vez de pensar em ódio e hierarquias, estaríamos muito ocupados aprendendo como nossa imaginação funciona.

Então me lembro de que não somos crianças. Então me lembro de que ele não é meu amigo.

O momento passa e cruzo os braços para provar que não importa, de qualquer maneira.

— Não posso me livrar de você, posso?

Cerulean levanta os braços para indicar A Vigia dos Rouxinóis.

— Estava aqui, entretendo meus colegas. De vez em quando eles têm queixas, e não passo tanto tempo nesta área, o que pelo visto *era* a queixa. Depois de realizar a audiência, esperei para ver quanto tempo você demoraria antes de explorar a natureza. Você exibiu uma imagem bastante jubilosa em vez de petrificada. É uma pena.

Dou de ombros.

— Se nada é o que aparece nesta montanha, então talvez eu deva confiar na fauna, para sobreviver a este lugar. Não há como fazer isso sem arriscar cometer um ou dois erros.

— Então, me diga. O que vê quando olha à sua volta? Uma resposta por outra resposta.

— Essa é muito fácil. Sempre pensei na natureza como viva, mas ela é ampliada aqui. Estou tendo ideias aleatórias. Tipo, o vento tem pulso? Se eu abrir os braços, sentirei o batimento cardíaco?

— Ou ele vai te pegar? — ele interfere.

— Ou vai me tirar do chão? — acrescento. — O que posso dizer? Quando era criança, queria me tornar um pássaro.

— Uma cotovia que favorece animais com asas.

— Tanto quanto você gosta de governar o céu.

Cerulean explica:

— Sou apenas um símbolo para A Armadilha. Em geral, nós, feéricos da montanha, comungamos com o vento de maneiras limitadas, variadas. Como o vento reage a nós, e interage conosco, difere de alma para alma. Nós pedimos, e ele responde, mas não podemos comandá-lo mais do que podemos comandar a fauna, pois não temos esse direito. No fim, ninguém controla o céu, exceto o céu.

Sua ambivalência traz à tona O Ninho Sombrio e o olhar que deu a Moth

quando ela o chamou de Senhor. Que ele esteja em conflito sobre a sua posição, sem mencionar o seu papel na história, e seja modesto em relação ao vento, bem, isso me confunde. Mas gosto do que ele disse sobre não controlar o céu.

— Quando eu era pequena, queria voar livremente, alto e sem medo do mundo. Por que você está fazendo essa cara?

Cerulean vacila, os olhos piscando.

— Você... me lembra alguém.

— Há outra pessoa que pensa como eu?

— Você pensa muito de si, humana.

— Depende de quem ela era? Ou ele?

O feérico olha para a distância com um sorriso vago do qual acho que não está ciente.

— Ela era milagrosa e devastadora.

Por que esse comentário me dá um murro no peito? Balanço a cabeça, porque é a minha vez.

— Então isso é uma coisa boa? Já que eu te lembro dela?

Sua cabeça se volta rapidamente em minha direção, os ângulos das maçãs do rosto inclinados para cima, as sombras cavando trincheiras sob elas.

— Dificilmente — responde, irritado.

A palavra sai da gaiola que é a garganta dele. Quantas palavras tenho trancadas dentro de mim assim? Quantas outras palavras estão lutando para sair dele? Alguma dessas palavras seria igual?

Abro a boca para dizer... seja lá o que estava prestes a dizer... mas Cerulean percebe. Ele gira os dedos, invocando uma brisa que se esgueira pela natureza. A corrente atrai os rouxinóis dos seus ninhos. Eles entram em ação, migrando ao longo da grama e indo mais longe na floresta para retomar

a serenata de acasalamento.

Os assobios se desvanecem na natureza. Estamos sozinhos agora.

Do nada, Cerulean consome a distância e pega minhas mãos. Faço um som áspero de protesto, mas meus músculos ficam indolentes. Sua expressão visivelmente quer me fazer encolher, aqueles olhos impulsivos, mas determinados, a visão de uma imaginação sombria. Visões manchadas enchem minha mente – noites tardias em uma forja quando a descoberta imprudente foi tão doce. E me faz querer ver o que esse feérico vai fazer.

Ele abre nossos braços, estende nossos dedos e levanta minhas palmas abaixo das dele, para que eu sinta se a brisa tem um pulso. Nossos rostos se inclinam, os lábios a um fio de cabelo um do outro, perto o suficiente para morder e tirar sangue. Ficamos assim, segurando, segurando. Suas inspirações se tornam minhas expirações e sua sombra se torna minha silhueta.

A pele dele aquece meus dedos. Dedos finos envolvem os meus, suaves e pulsando em um ritmo genuíno. O ritmo combina com o pulsar nas minhas veias.

Cerulean inclina a cabeça, a boca roçando minha orelha.

— É isso que esperava sentir?

A pergunta é quase inaudível, cambaleando pela lateral do meu corpo. Cerulean é bom nisso, soprar calor no ar. Ele é um mestre em sussurrar.

Arrepios explodem. As vibrações ricocheteiam pela minha coluna. Quando essa voz se encaixa no ápice das minhas coxas, a minha boca se abre.

As pálpebras de Cerulean estremecem.

— Me responda — ele entoa, seu sotaque causando outra onda de choque.
— Tem um batimento cardíaco? É lento ou rápido? — A garganta dele se contrai. — É fraco como um suspiro? Inesgotável como um gemido?

Merda. Aquele murmúrio violento, um funil de som murchando.

Ele está sendo atrevido, mas a seda escura de sua voz se desdobra nas minhas pernas. Aquele gancho entre as minhas coxas se aprofunda mais, uma língua invisível atingindo o nó de nervos escondido no meu núcleo. Puta merda, eu começo a tremer.

Ele não se mexeu, mas esses sussurros chegam a todos os lugares importantes, fazendo o calor inundar as dobras da minha boceta. Cada movimento de sua garganta, cada abertura silenciosa de seus lábios, cada sílaba silenciada... Eu ouço e sinto tudo, cada ruído respiratório lambendo dentro de mim.

Normalmente, responderia com algo sarcástico. Mas sei que minha resposta vai me assombrar: estou quente como uma chapa.

E estou molhada, minhas paredes encharcadas com apenas alguns sussurros.

De repente, as narinas de Cerulean se dilatam. Já era a ideia de permanecer esquivo; sua reação é tão ilimitada quanto o céu, abrangendo todo seu rosto. Não faz diferença que o único lugar em que estejamos nos tocando seja nas nossas mãos, porque as entonações dele e as minhas inspirações fazem o resto. Seu maxilar cerra, e meus mamilos se endurecem, indo de encontro ao tecido que os esconde.

Ele se mexe, de repente ciente do que está fazendo. Mas não me solta, e eu não recuo. Não até que a brisa se dissolva, nos separando.

Não consigo decidir se me sinto abatida, insultada ou chateada comigo mesma, então me contento com os três. Isso mantém as coisas interessantes.

Eu o fuzilo com os olhos.

— Você não precisa trabalhar? Não tem Solitários com quem festejar?

A ameaça retorna, incendiando as suas íris azuis. Ele inclina a cabeça em

direção à rota da floresta de onde vim.

— Você não tem uma montanha para escalar? Ou está se sentindo confiante demais, ansiosa demais, indulgente demais? Devo dar um jeito nisso? Aumentar a aposta?

Endureço.

— Você não faria isso. É...

Cerulean dá uma risada de boca fechada, baixa e cruel.

— É o quê? Injusto?

Com uma virada preguiçosa no pulso, o caminho que sai daqui desaparece.

Meu olhar catapulta pela selva, procurando a trilha. Tudo o que vejo são os pilares de planta jade, videiras das vagens de vegetais emaranhadas no solo, flores brancas arrotando aquela névoa enganosa com aroma de verbena e a grama se esforçando para pegá-la, e os sinos de vento encharcando a noite em poças de ouro.

Volto meus olhos para o sorrisinho elegante de Cerulean.

— Sabe o que acontece com os trapaceiros no meu mundo? Eles são pendurados em uma corda.

— Não seja desmancha-prazeres — ele avisa. — Estávamos indo tão bem juntos.

— Quem é *nós*? Estou curiosa — retruco. — Deve ser divertido, ver uma mísera humana fazer todo o trabalho enquanto você fica aí parado e sacode sua varinha mágica.

— Deve ser validante assumir que o que parece fácil não requer trabalho.

— Isso é o seu ego falando, querido. Não engulo essa.

Ele se aproxima mais uma vez.

— Tomei uma decisão sobre isso — ele confia, cada palavra delicada batendo nos meus lábios. — Decidi não me importar, porque me lembrei de que você está errada. A magia é concedida apenas àqueles dignos do dom, àqueles capazes de aprender seus meandros. O que você chama de preguiçoso é... — o feérico inclina a cabeça, seu lábio inferior acariciando minha bochecha — ... qualquer coisa menos isso.

A resposta estremece com a língua dele e sopra entre os meus lábios. O que está acontecendo? Estou puta da vida, o que significa que deveria enfiar meu joelho na virilha dele por manipular a paisagem. É o que eu devia estar fazendo.

Em vez disso, estou tendo ideias que não devia ter. Quando se trata de rapazes, não sou uma presa indefesa. Não desde que eu era pequena. Não desde aquele garoto mascarado. Mas aqui estou eu, detestando tanto um feérico que sinto o gosto da sua acidez. Aqui estou eu, desejando aquele sabor, querendo saber como é um beijo de ódio.

A atenção de Cerulean recai na minha boca, da mesma forma que me fixo na dele.

— Isso não faz sentido — ponho para fora.

— Não, não faz — ele resmunga, perseguindo-me pela colina, através da grama florescente e me prensando na parede de pedra que aparece do nada. — Por que você me joga para a crueldade tanto quanto para a admiração? Por que suas palavras me insultam e também me revigoram?

— Por que não consigo sentir apenas uma coisa perto de você? — pergunto.

— Por que sinto muitas coisas perto de você? — retruca.

— Por que ouço cem palavras diferentes em uma única?

— Por que uma única palavra inspira uma centena de reações diferentes?

— Por que diabos você bloqueou o caminho?

— Por que estou tentado a revelá-lo?

Claro, ele está tentado. Mas não vai fazer isso.

Observamos um ao outro. De onde tudo isso está vindo?

Papa Thorne gosta de brincar carinhosamente que meu cabelo é branco porque caí das nuvens. Nunca a mesma forma de um dia para o outro,

mudando rápido, movendo-se rápido.

E Cerulean realmente é o céu, mexendo-se e falando como o vento. As feições dele são altas e largas. Os pensamentos são extensos.

Mas ele tem um segredo. Sei que tem, assim como eu tenho. Ele muda da claridade para a escuridão, do dia para a noite, com cada matiz e tom de azul.

Com cada matiz e tom de azul...

Pisco.

— Seu verdadeiro nome é Cerulean, não é?

Ele fica tenso, com as feições descontroladas. Se uma pessoa sabe o verdadeiro nome de um feérico, isso dá a essa pessoa o controle sobre esse feérico.

— Você o mantém escondido à vista de todos — acuso.

— Eu sou um feérico — ele diz. — Muitas coisas estão escondidas à vista de todos.

— Isso é um grande risco.

— E o que, não é?

Em um mundo perfeito, isso devia significar tudo. Eu podia lhe dizer para me libertar ou lhe ordenar que me transportasse para o topo da montanha. Mas não é um mundo perfeito, porque os termos foram explícitos, tim-tim por tim-tim. Um, se eu não chegar ao pico, seja lá o que as minhas irmãs estejam fazendo se torna inútil. Dois, tenho de chegar no topo sozinha, com os meus próprios pés.

Não sou uma fraude. Se tenho algo a provar, é que uma mortal não precisa de magia.

Cerulean não está tão furioso quanto deveria por eu ter desenterrado seu segredo; talvez saiba que estou prestes a negociar. Ele paira sobre mim com um semblante cauteloso e comenta:

— Acho que estou prestes a ficar sem palavras.

— Como você sabe?

— Você faz isso o tempo todo comigo.

— Minha nossa. Adulação.

Seus lábios azuis se retorcem com amargura.

— Não se acostume.

— Por mim tudo bem. Prefiro me adular do que depender de outra pessoa para fazer isso. Seja como for, prometo renunciar ao controle sobre você... com uma condição. Você disse que muitas coisas estão escondidas à vista de todos, então nos faça um favor e aponte a outra rota que eu não vejo.

Devagar, Cerulean balança a cabeça.

— Humana mais provocante, desconcertante e profunda. — As pupilas magnéticas dele brilham, depois disparam em direção à parede onde estou encostada. — Ora, você está derretendo nela.

Bem, faz todo o sentido. Mas não nos movemos.

Uma respiração. Duas respirações. Três respirações.

Deslizo por baixo do braço dele e corro para o chalé, onde cambaleio até parar, engolindo bocados de ar. Preciso me recompor, porque o que quer que esteja borbulhando entre nós não significa nada. O pensamento por si só é horrível e imperdoável, e não vou deixar que me domine.

Coloco os pés nas meias e nas botas. Depois, visto a capa, amarro a mochila e encho o cantil com a água da jarra. Recupero os restos que sobraram na mesa de jantar, embrulho-os em pedaços de pano e pego o chicote. Migrando para fora, vejo que Cerulean não se moveu. Ele encara a rocha com a cabeça curvada e o antebraço dobrado contra a superfície dura.

O problema é que não sei dizer se é mais perigoso aqui do que para onde vou.

Começo a passar por ele, mas as amarras da voz dele deslizam pelas minhas pernas.

— Por que não pediu mais?

Paro e olho para o perfil dele, esculpido por uma lâmina, das panturrilhas até as orelhas. Eu tinha o nome verdadeiro dele na manga, mas não abusei disso como poderia ter feito. Inconstante como Cerulean é, antecipou isso de mim, por isso não tinha dado um chique imediato e digno de feérico.

A coisa com a qual ele não contava era o meu pedido, e sua cultura se ressentia de ser humilhada. Por que não pedi mais?

— Porque não sou você — digo a ele.

Há uma longa pausa. Finalmente, Cerulean se recompõe e inclina a cabeça na minha direção, um brilho malicioso iluminando suas feições.

— Há três caminhos a partir daqui. Um, você vai desejar. Um, você vai se arrepender. Um, bem, eu não pegaria se fosse você.

Olho para o ambiente, depois me viro enquanto o vento se filtra pela natureza. Quando me volto por completo, ele já não está mais à vista. Eu me livro da decepção. Por mais louco que pareça, estou tendo uma satisfação perversa com nossas lutas verbais. Claro que aquele desgraçado fica com a última palavra.

Rodopio em direção ao penhasco, examinando o amplo perímetro até que uma pista camuflada apareça esculpida na fundação. Sigo a depressão, que desliza ao redor do penhasco. Um par de tochas ganha vida, iluminando a borda recortada da montanha. Escadas íngremes, esculpidas na pedra, sobem e mergulham em rápida sucessão, cada uma separada por um salto. Minhas unhas cravam no penhasco e as gotas de suor atravessam a linha do cabelo.

Eu consigo fazer isso, eu consigo, eu consigo. Aqui em cima, posso ser um pássaro ou uma nuvem.

Demora algumas tentativas antes que minhas pernas se movam, e então estou subindo os degraus, a elevação crescente batendo nas costas dos meus joelhos. Subo e paro, subo e paro, subo e paro, subo e paro, subo e paro. Penso nos meus dias de chaminé, quando me agarrava à minha imaginação, o único meio de escapar de espaços apertados e sufocantes.

Eu, coberta de fuligem. Eu, fingindo bater as asas.

Ignorando o abismo cheio de neblina e as guirlandas de estrelas, conjuro cada crosta ensanguentada e partícula de cinza a que sobrevivi antes disso – e salto para o próximo conjunto de degraus, caindo na pedra sem arranhões, agarrando as alças de rocha bulbosa.

Continuo subindo, parando, subindo, parando. Quando chego ao patamar, o suor escorre pelas minhas coxas. Consegui, mas não me sinto bem.

Porque tem mais. Estou num pátio onde a rota se divide em três desfiladeiros iluminados por tochas fervilhando de névoa. Uma nova placa está no centro, seus marcadores designando locais.

A Torre da Fauna

As Cordas Mistrals

O Caminho Por Onde Veio

O caminho por onde vim? Isso significa voltar a um lugar onde já estive ou voltar ao início? É para ser uma sedução, no caso de eu ter dúvidas para onde vou. Já que quando um caminho é escolhido, não pode ser mudado, isso tem que ser uma exceção ou uma farsa.

E os outros dois? Repito em silêncio o que Cerulean disse. Um caminho, vou desejar. Um, vou me arrepender. Um, ele não tomaria se fosse eu.

Um caminho que ele não tomaria como humano, mas que tomaria como feérico? Reflito sobre isso, depois desenrolo o chicote para ver o que a brisa me diz.

Tenha medo do vento. Siga o vento.

Vou para o segundo caminho. O vapor me envolve, os tentáculos batendo nas minhas roupas, o desfiladeiro tão estreito que não consigo abrir os braços. É um túnel. As estrelas desaparecem, mas tufos brilhantes de azedinhas germinam do teto. Eu me ouço ofegar, um conjunto de plumas passando pela minha bochecha. Todos os outros ruídos se diluem em nada.

Por fim, o túnel se abre para a cordilheira, onde heras escalam segmentos de rocha e a neblina coroa os picos. Uma passarela se curva à frente, um lado instalado no precipício, o outro emoldurado por um corrimão ornamentado. A passagem se enrola através de bolsões da encosta da montanha, mas relaxo quando a trilha mantém um plano uniforme.

Várias horas se passam. Um azul suave se espalha pela abóbada do céu, pulsando com dentes-de-leão brancos e azul-esverdeados. Aquela placa havia me oferecido escolhas, mas não dizia quanto tempo cada uma levaria.

Quando paro e percebo isso, gargalhadas grosseiras ressoam de um cercado. Eu me viro, avistando três figuras descansando nas árvores, cada uma parecendo uma fênix.

Pelos vermelhos incandescentes. Pele amarela que crepita como lenha.

Perfis de pássaros de fogo. Olhos ardentes. Asas flamejantes que fumegam nas pontas das penas.

— Perdida, humana? — uma provoca.

— Quer ser encontrada? — outra seduz.

— Nós prometemos morder — uma terceira cantarola.

O calor formigante penetra na minha corrente sanguínea. Uma sensação nebulosa desliza pela minha cintura, puxando-me na direção delas. Meus cílios tremulam, meus calcanhares derrapam e diminuo o ritmo.

Talvez sejam simpáticas. Talvez eu goste delas.

Um sorriso inclina os cantos da minha boca, depois cai como uma pedra quando uma corrente de ar passa e bate nos galhos. Os feéricos fazem beicinho. A clareza belisca minha nuca, ancorando-me logo antes de me atirar para as árvores, onde os monstros esperam.

Perplexa, me verifico e procuro ver se nada aconteceu. Elas quase conseguiram usar o encanto em mim.

Sou uma linguaruda, mas não esta noite. Desço correndo a passarela, apenas olhando para trás para lançar às enganadoras um olhar sujo. Um divertimento cruel enruga seus rostos enquanto elas se reclinam preguiçosamente nos galhos. Uma delas mostra o amuleto de polegar humano, os ossos tilintando entre as sobrancelhas.

Eu me viro, ignorando os ecos:

— Que pena.

— Cuidado onde pisa.

— Você nunca o vencerá.

— Até a próxima.

— Até logo.

Não é um blefe. Mesmo que pudessem mentir, testemunhei demonstrações falsas de bravata dos valentões da aldeia. Também já estive no lado receptor dessas farsas. Aqueles pássaros de fogo estão apostando em outro encontro, provavelmente com outros da sua espécie.

Porra, também sou boa em blefar. Quando as importunações não parecem me incomodar, eles cantam uma cantiga de palavras de despedida na língua feérica.

A viagem é um delírio de escadas, rampas e ladeiras. É uma estranheza de inclinações e encostas, de sombras sedutoras e horríveis. Durante dias, subo a montanha, acampando em pequenos bosques e racionando as escassas sobras

de perdiz, pão, queijo e água que eu havia embalado. Não faço ideia do que Cerulean espalhou nas minhas feridas, mas elas cicatrizam rapidamente, permitindo-me tirar os curativos.

Não posso dormir à noite e ficar vulnerável aos feéricos. Mas também não posso descansar durante o dia, porque, idealmente, é o momento mais tranquilo para viajar.

No final, prefiro não sonhar à mercê deles. O menor dos dois males é acampar quando o sol nasce. No instante em que a moeda dourada sobe no céu, caio em um sono inquieto escondida nos arbustos, escondida das asas cortantes e dos predadores famintos.

Não é seguro ficar perto de todos os animais. Um dia em particular, o ressoante gemido de um felino durante a caça – muito maior do que um lince – me mantém acordada. Ao passar pelo território do gato selvagem mais tarde, tropeço em um crânio humano e vomito na vegetação rasteira.

O Rebanho dos Carneiros é um terreno íngreme, onde uma fila de carneiros trilha uma borda embutida nas rochas irregulares. Seus membros esguios se movem, os cascos polvilhando pó de ouro por onde passam, os chifres enrolados perfurados com aros azul-esverdeados, semelhantes a brincos.

Em um riacho com pedras, gansos perambulam entre as ondulações. A água gelada revive meus pés cansados enquanto os observo, saboreando o descanso e arrebatada pelo brilho verdejante que atravessa suas penas. O bando é amigável, as patas palmadas espirrando água ao meu redor. Sorrindo, acaricio suas cabeças cheias de penas e rio dos gracitar bruscos, que parecem ecoar e viajar por quilômetros.

Naquele momento, não dou a mínima para quem me vê, então uso a oportunidade para tomar banho e reabastecer meu cantil.

Se serve de alguma coisa, a viagem do riacho é direta – até eu chegar a um

beco sem saída. Vacilo até parar e pisco para a escada de corda balançando na frente do precipício. Em algum momento durante a caminhada, quase me esqueci da rota que escolhi.

As Cordas Mistrais.

Eu caio de joelhos e rio como uma tola, principalmente para não chorar. Minhas gargalhadas se espalham ao longo do ambiente, fundindo-se com os estalos das tramazeiras. Ao levantar a cabeça, sei que isso vai ser doloroso.

Um pequeno tornado passa por cima de mim, fazendo com que a escada de corda estremeça. Verifico duas vezes se a mochila está bem presa e começo a escalar os degraus. As fibras se dobram sob as solas dos sapatos, coaxando a cada passo.

O chão se encolhe abaixo de mim. Estou suspensa acima do mundo, incapaz de dizer a qual altura preciso subir. Meu corpo está sofrendo há dias, e agora está inflamado, ardendo de dentro para fora.

O alvoroço me atinge. Espalha meu cabelo na cara e joga a corda para o lado.

Meu coração afunda. Com um grito, escorrego e fico ali, pendurada. Então eu me mexo, meus dedos se prendendo ao redor da corda e me içando de volta. Minha testa repousa em um pedaço de hera brotando através de uma fenda no penhasco. Paro um momento, tranquilizando-me de que cheguei até aqui.

No entanto, estou furiosa. E eu estou tão, tão, tão, tão, tão cansada desta merda.

A fantasia da vingança envia uma nova onda de energia para meus membros. Subo, pisando nos degraus com força e me puxando para cima, não pensando em nada, sentindo nada além de *vou te aniquilar*.

O que será que ele está fazendo agora? Neste instante, neste reino sombrio, no seu canto perverso desta terra. Ele está sussurrando? Ele está deitado de

costas? Está ofegante? Sonhando que não vou conseguir?

Quantas horas por dia ele fecha as pálpebras em confusão? Quando as abre, até onde seu olhar se aventura? Quanto desta montanha ele pode ver de uma vez?

Já não sei se estou me mexendo. Tudo o que sei é que estou pensando nele, e depois estou pensando em outra pessoa. Eu me afundo na memória daquele menino etéreo e nas noites que passamos juntos, quando eu saía escondida para fazer companhia a ele. A dor penetra no meu peito, ressuscitando a sensação de sentir falta daquele menino quando aquelas noites terminaram, de lamentar o que aconteceu com ele e de me culpar.

A cada passo bem-sucedido, um desejo terrível se contrai em minha barriga até que eu esteja sofrendo com isso, à beira de soluçar. As visões de dois machos se entrelaçam, um de antes, um de agora – e perco o equilíbrio.

Meu pé desliza da escada. Um dos meus braços segue.

Viro uma vela de barco, o vento me arrebatando com uma pancada. Minha mão esquerda agarra o degrau, mas o ar trava em torno dos meus tornozelos e puxa. Com um rosnado gutural, eu seguro, seguro, seguro, pendurada sobre o vale da floresta.

Rajadas me esbofeteiam de um lado para o outro. Se cair, posso acabar toda quebrada aos pés de Juniper. Ou despencar em um rio de serpentes e ser levada onde quer que Cove tenha ido parar.

Através da ventania uivante, um som vibrante enche meus ouvidos. Tudo diminui quando olho para o lado, para onde um pássaro paira, pintado em um redemoinho de pedras preciosas deslumbrantes, marrom e turquesa. É o filhote da Vigia dos Rouxinóis.

Aquele com quem brinquei. Aquele a quem ele sussurrou.

Com um gorjear, ele se catapulta para as alturas, em um chumaço de nuvens que bloqueiam o penhasco. Meus dedos suam e meu aperto desliza.

Não consigo aguentar. Não consigo segurar. Não consigo voar.

Mas meu chicote consegue.

O vento dá um poderoso empurrão, e a escada de corda desaparece do meu alcance. Por um segundo, estou flutuando no ar. Então, estou lutando. Lutando contra o vento, minha mão solta a arma e a estala para cima, seguindo o caminho do rouxinol.

O chicote enlaça uma saliência. O comprimento treme, tenso. Gritando, eu paro no lugar, as duas mãos enroladas no cabo. Fico lá, meu corpo jogado horizontalmente.

Com um rugido, tento me erguer pelo cordão. Perco a força dos músculos outra vez, mal mantendo o aperto enquanto a tempestade de vento se enfurece. Imagino uma garotinha encolhida dentro de uma chaminé, olhando para o céu pelo buraco no alto, sua liberdade tão perto, tão fora de alcance. Penso naquela garota desejando ter asas. Penso naquela garota, que cresceu para salvar pássaros feridos.

Penso no aviário e nos meus amigos do santuário. Penso em voar.

Então não tenho que pensar, porque meus dedos soltam o chicote.

E é aí que começo a voar.

16

No caminho para baixo, vejo o cordão agarrado a uma viga rochosa acima da escada de corda, a ponta da arma balançando – um braço fino procurando freneticamente por mim.

Meu chicote. Perdi meu chicote.

Posso estar gritando, ou posso estar em silêncio, é difícil dizer. A atmosfera sopra nos meus ouvidos, as explosões entupindo minhas narinas e fazendo meus olhos lacrimejarem. Com os braços esticados, tento me segurar em algo, mas não adianta.

Uma sombra com asas apaga o luar, emitindo um longo grasnido que atravessa o vale. Isso me lembra de que não sou um pássaro, de que nunca voarei, porque estou muito ocupada sendo uma humana.

Estou caindo, caindo, caindo – meu peito estremece até parar. Uma brisa bate no meu corpo, enquanto o ar é arrancado dos meus pulmões.

O céu me pega.

Como um fantoche, meus membros se abrem como se agarrados a cordas invisíveis, meu nariz em uma superfície almofadada. Solto um grunhido, pousando em uma cama de plumas, as palhetas se encerrando ainda mais. O vento se suaviza, permitindo-me inspirar o oxigênio, os odores de casca

envelhecida entrando pelo meu nariz.

Uma coluna forte gira sob mim, um par de asas se espalhando de cada lado. A ave de rapina tem um tamanho impossível, semelhante a um pequeno dragão, embora eu só tenha visto essas criaturas nas ilustrações dos livros de Juniper. Uma massa ilimitada de aparas, penugem e hastes se desdobram nessas asas ondulantes, os mantos batendo no grande nada abaixo de nós.

Fico boquiaberta com a enorme coruja, meu chicote preso em segurança no bico. Conforme a ave de rapina costeia a cordilheira e eu me agarro à sua forma gigantesca, o choque me rouba a fala. Vislumbrando as penas de bronze da ave e os tufo de suas orelhas empalando as nuvens, sei que animal é este.

Membros quentes montam minha bunda virada para cima. Eu saio do meu estupor e me viro, encontrando um par de olhos azuis zombeteiros.

— Cuidado — Cerulean aconselha. — Ou vai cair.

— Como... — gaguejo. — Mas que po...

Eu me lembro dele sussurrando para aquele filhote de rouxinol. O mesmo pássaro tinha flutuado ao meu lado enquanto eu estava pendurada na corda. Então, Cerulean designou o pequenino para me espiar.

Siga o vento.

E é assim que ele sabe onde estou o tempo todo. Mesmo que tenha enviado o rouxinol para cuidar de mim, isso foi uma precaução. O vento diz a ele onde estou.

O feérico se senta em sua coruja, os elementos bagunçando seu cabelo. Os braços se flexionam, as palmas das mãos apoiadas nas coxas abertas, os membros envoltos em linho cor de grafite. Ele cavalga sem rédeas, sem se agarrar à criatura, como se fizesse isso o tempo todo. Assim, ele faz jus ao seu título.

Ele é majestoso. Ele é elegante. Ele está morto.

— Seu filho da puta! — Mergulho pela coruja até ele. Minhas mãos estão quase se fechando em torno de sua garganta quando os reflexos dele disparam, fazendo-o agarrar meus braços e me puxando para o peito dele.

— Ora, isso é maneira de cumprimentar seu herói? — ele repreende.

— Eu estava quase lá! — grito no vendaval. — Eu estava quase no fim daquela escada, e você me mandou voando para longe dos degraus! Você armou isso!

— Que vergonha. O vento tem uma mente própria. Talvez ele apenas não goste de você.

Ignoro metade dessa resposta, embora ele tenha me dito que seus poderes de persuasão elementar só se estendem até certo ponto. Desorientada, eu me afasto dele. Eu devia ter morrido, e não sei o que pensar, muito menos o que isso significa para o jogo. Por que ele está aqui?

A minha boca abre. Exasperado, ele pressiona um dedo nos meus lábios e usa o mesmo dedo da outra mão para apontar para a frente. Eu me viro e descubro uma paisagem de penhascos enredados, fitas de chamas, pontes de rede balançando e escadas envoltas com o brilho do luar. É o mesmo cenário do Parlamento das Corujas, mas, a partir desta perspectiva e altitude, torna-se surreal. O golfo se desfoca, nadando sob nós em um caleidoscópio de verdes, azuis e dourados.

Minhas pernas pendem como sinos, o ar traçando as cicatrizes das chaminés marcadas nos meus joelhos. A atmosfera corre pelo meu cabelo, aumenta a fenda na saia e bate no meu coração. Estou flutuando, suspensa tão alto que, quando passamos por uma nuvem, a névoa borrifava na minha pele.

Estou voando.

Tomo o cuidado de me mover para frente e me inclinar sobre o ombro da coruja. O voo oferece uma vista forjada a partir de livros de histórias, onde as

tochas rodeiam a paisagem, e um bando de pássaros voam em espiral em direção a esse enorme edifício circular coroado de vegetação. Fecho os olhos, saboreando a adrenalina.

É assim que é, querer gargalhar de alegria, chorar de alívio e gritar de terror. Estou emocionada, impressionada e assustada. Ninguém consegue me segurar, porque sou uma estrela cadente, e sou um ciclone, com a natureza se envolvendo ao meu redor. E este momento é um sonho, e é real, e é temporário, e vai durar para sempre.

Então abro os olhos, lembrando-me de que não estou sozinha. O queixo de Cerulean paira sobre meu ombro. O peito dele envolve minhas costas, sua respiração agitando minha nuca. Sinto os olhos dele traçando meu perfil, avaliando minha reação.

— Glorioso, não é? — ele sussurra na minha orelha. — Como ninguém pode reivindicá-la aqui em cima? Ninguém pode prejudicá-la ou privá-la? Nada de armadilhas. Sem confinamento. Apenas liberdade e fortuna intermináveis, a adrenalina do desconhecido e o conhecimento de que, se você se entregar, não vai cair.

Sim. É exatamente isso.

A bochecha dele esfrega na minha enquanto olhamos para frente.

— Como é modesto, avassalador, emocionante perceber a planície infinita que o mundo é, tocar aquele infinito sem limites ou fronteiras. Você não pode deixar de explorar a terra a partir desta perspectiva impossível e imaginar ...

Que se a terra é tão ilimitada, nós também poderíamos ser. Nossas jornadas nunca acabam, e isso é angustiante tanto quanto é um conforto. Mas não digo isso, e duvido que Cerulean espere ou queira que eu diga. Isso significaria reconhecer que nos entendemos, mesmo no menor sentido.

A ave se inclina e começa a descer. Sinto um frio na barriga quando passamos por algumas árvores, e o animal pousa sem dificuldades em um pico

gramado rodeado por árvores esguias. No topo deste penhasco, uma torre sobe para as constelações. O edifício se equilibra precariamente em um promontório suspenso coberto por uma planície compacta de verde, onde uma pessoa pode se sentar se estiver se sentindo aventureira.

Já vi essa torre várias vezes. Pousamos adjacentes ao promontório, no lado oposto da estrutura, onde a paisagem se amplia em um prado de árvores.

— Onde estamos?

— Um governante precisa de um lugar de onde governar, não é? — Cerulean sussurra nas minhas costas. — Ou você pode chamá-lo de Torre da Fauna.

Vi esse nome na última placa. Meus olhos percorrem a fortificação cilíndrica. Com base no que vi, as habitações desta montanha parecem favorecer bordas arredondadas e alturas que alcançam o hemisfério. Esta salta para cima, forjada de pedra lisa e coberta com um coruchéu envolto em cordas de hera. Fileiras de janelas arqueadas cortam os níveis superiores e fios adicionais de hera contornam as janelas arqueadas. Como no chalé de Moth, cortinas de tecido em vez de vidro preenchem as lacunas.

Os animais vagam pelo prado. Um antílope pasta no gramado mais à frente, os chifres dourados e brilhantes do bovídeo perfurando o ar. Atordoando os arbustos, beija-flores cor de esmeralda brilham como se fossem feitos da mesma pedra, suas formas vítreas, mas macias. Aninhando-se nos nódulos do penhasco e nas árvores mais altas, vários falcões brandem bicos mais longos do que os do meu mundo, e trilhos de palhetas azul-esverdeadas brotam ao longo de suas coroas. Um cardeal se contorce em voo, sua cauda polvilhando partículas douradas como pó mágico; o pássaro se desvia da campina em direção a um jardim multinível de frondes e treliças exuberantes que se enterram na parte de trás do cume.

Grunhidos, chilreios, grasnidos, balidos e farfalhados se misturam, o

barulho familiar, mas também diferente de tudo que já ouvi antes, os ruídos da fauna tilintando, roncando, profundos como buzinas ou borbulhantes. Alguns fazem o chão tremer, enquanto outros voam para o céu.

De outro mundo, mas terrestre. É isso que são esses habitantes.

Olho fixamente, observando alguns probleminhas que me lembram dos animais em casa. Um canário cambaleia pelo chão em vez de pular pelos galhos, sua asa esquerda deformada. Uma cabra da montanha caminha através de um cume escavado no penhasco, seus chifres reduzidos a tocos, como se tivessem sido queimados.

— Eles estão feridos! — exclamo, mas Cerulean agarra minha cintura antes que eu possa saltar para o chão e examiná-los.

— Vítimas da sua revolta humana — explica, com um tom ácido. — Eles se curaram, mas não sem suas cicatrizes e deficiências.

Ele desce da coruja, aceita meu chicote do bico dela e o joga para mim. Pego com uma mão e o coloco na fivela do quadril.

Desmonto e encaro os animais. Meu estômago se embrulha como sempre faz quando me deparo com criaturas que foram feridas por outras razões que não comida ou roupas. Mística ou não, A Armadilha causou dor à fauna. Quero oferecer ajuda, para compensar pelo que aconteceu. No entanto, com este ambiente abundante de lagoas e bosques, eles parecem estar bem-cuidados.

Cerulean se ajoelha. Uma pika-de-ili corre em sua direção, o pelo da criatura fosco em lugares, completamente queimado em outros. A criatura salta no pé dele enquanto a cabra vai para o seu lado. O feérico acaricia a cabecinha da pika-de-ili e depois coça atrás da orelha da cabra, sorrindo com o prazer dos animais enquanto eles o empurram de volta com carinho, dando-lhe uma atenção semelhante. Não é uma exibição condescendente – é mais como uma saudação compartilhada, uma relação entre iguais que confiam uns

nos outros.

Fico boquiaberta, observando-o acariciar cada morador que voa, trota, salta, pula e titubeia para perto. Seu sorriso se alarga, carinhoso, amoroso, feliz em vê-los, como se fossem uma família.

Não era... o que eu esperava.

Quando a fauna recua, Cerulean se levanta e se curva para a coruja em um gesto de apreciação. A gratidão é outra sensação que vem à mente. Engraçado, já que a espécie dele geralmente não se importa com esse tipo de coisa.

A ave salta para o ar, seu corpo se contorcendo de volta à sua forma original enquanto se dirige para o coruchéu de hera da torre, onde faz sua vigia. Aquela Fábula sobre o Rouxinol à procura do seu companheiro não estava exagerando. O Livro das Fábulas diz que a fauna feérica tem a capacidade de mudar de tamanho, e por isso fico maravilhada com a transformação.

Relutantemente, volto meu olhar para Cerulean, que está casualmente reclinado contra um poste de tocha.

— Aqui é um refúgio? — pergunto.

— Um porto seguro — ele corrige. — Afinal, somos residentes das Fábulas Sombrias.

Não acredito no que estou prestes a verificar.

— Então você construiu isso aqui para eles?

— Por causa dos ferimentos, eles não podem mais navegar pela montanha sozinhos. Acontece que esta torre e a sua área são mais um direito deles do que meu. A fauna mística vagueou por aqui durante séculos antes do alvorecer dos feéricos Solitários. É o mínimo que lhes devo por dividirem a montanha. — Cerulean inclina a cabeça, zombando: — Que cara é essa? Ora,

isso se assemelha à admiração.

Não acredito. Que fique claro, este feérico tem um fio de cabelo altruísta no corpo.

Eu lhe contaria sobre o Santuário Fábula do Pôr do Sol, mas isso exigiria criar uma relação com ele. Apesar da minha – sim – admiração pelo que fez aqui, não vou cantar seus louvores.

Desvio, passeando pela grama e inspecionando os animais a uma distância mais próxima, mas não tão perto a ponto de os deixar nervosos.

— É aqui que você mora.

— Moro aqui quando preciso governar o céu. — Da visão periférica, sua voz mergulha num sussurro que finge ser conspiratório. — Vivo entre a fauna quando preciso ser apenas meu próprio governante.

— Tem uma preferência?

— Não lamento meus privilégios, se é isso que está sugerindo. Prefiro estar no comando a estar em uma jaula. Há muitas vantagens corruptas a serem obtidas.

— Que alívio que aproveitou ao máximo — zombo. — Caso contrário, meu coração sangraria pelo seu sacrifício.

— Isso é verdade? Choraria por mim, também? Os mortais gostam de chorar.

Que cretino.

— Você acha que sabe tudo sobre nós, mas não sabe.

— Hum. Posso ecoar esse sentimento.

— A propósito, pensei que tivesse dito que ninguém controla o céu, exceto ele mesmo. Você é apenas um símbolo da Armadilha.

— Meu Deus — ele zomba. — Você estava ouvindo.

Isso merece uma bufada. Em vez disso, observo as criaturas trotarem e

flutuarem pelo terreno, sua presença animando o cenário com respingos de cores e sons estranhos, mas distinguíveis. Estou em um porto seguro feérico para animais, um refúgio ao mesmo tempo de partir o coração, reconfortante e hipnotizante, que restaura meu lado impulsivo.

— Quando eu era criança, olhava pela janela para esta montanha, imaginando como eram os animais — digo. — Agora aqui estou eu, recebendo a minha resposta.

— Aconselho você a não os perseguir — Cerulean responde. — Como eu disse, estes moradores se curaram fisicamente, mas permaneceram cautelosos. Imagino que sejam especialmente agressivos com os humanos.

O protecionismo no tom dele me faz parar. Eu não tinha percebido que tinha caminhado em direção ao final do jardim. Por respeito, paro e o observo.

Tenho que admitir, este feérico se preocupa com os habitantes selvagens. Gosto disso.

— Se você se considera apenas um símbolo da história, em vez de um líder ou um herói, então o que significa governar o céu? — pergunto.

— Significa honrar o firmamento — ele diz. — Significa agir como seu emissário, seu guardião, sua voz.

— Em outras palavras, governar o céu é servir ao céu.

— Por assim dizer. Eu mantenho a harmonia entre os feéricos da montanha. Ouço e resolvo suas brigas e intrigas. Eu me certifico de que respeitam esse ambiente e interajam pacificamente. Sigo para onde o vento me aponta, em direção a qualquer parte dessa paisagem que precise de cuidado e nutrição, a qualquer ponto de referência que precise de reforma, e delego os Solitários para ajudar a preservar ou proteger esses cantos. E o meu último, mas não menos importante, ato reinante? Eu sirvo à fauna da montanha e — Cerulean gesticula com a mão em direção à torre e seu jardim

de vida silvestre — forneço um lar para aqueles que precisam. O que mais você quer saber? Tenho uma infinidade de respostas, e apenas algumas delas são enigmas.

Estivera fascinada até que ele estragou tudo com a última observação. Inclino a cabeça, pensando um pouco.

— Hum. Você se esqueceu de uma coisa. Os céus lhe disseram para enganar os humanos e forçá-los a morrer tentando chegar ao topo da montanha? Ou administrar esse labirinto foi sua ideia brilhante?

Irritado, ele direciona o olhar para o meu.

— Nenhuma das respostas a deixará feliz. Mas, se você insiste, é um pouco mais complicado do que isso.

— Besteira. A palavra “*complicado*” não o isenta de ser um idiota.

— A palavra “*besteira*” não lhe dá um motivo.

— Não, mas eu gosto do som dela na minha língua.

— Nesse caso. — Ele vem em minha direção. — Que outras palavras você pode equilibrar nessa sua língua? Que outros sons você prefere?

Eu me aproximo dele, encontro-o no meio do caminho e pisco os cílios.

— Querido, você não reconheceria esses sons nem se eles fizessem cócegas nos seus lençóis.

Cerulean abaixa a cabeça e sussurra:

— Mas onde os sons fazem cócegas em você?

Sei exatamente onde, porque está acontecendo neste instante, a pergunta dele escorrendo pela minha nuca. Podia me chutar por isso. Melhor ainda, poderia espancá-lo.

Pensei o mesmo na cúpula do trono: a cada ato hediondo, menos sedutor ele se torna, seu rosto embrulhando meu estômago. O mal não é atraente, é hediondo.

O problema é que isso não mudou sua voz – ou seu efeito.

— O que eu estou fazendo aqui? — exijo saber.

— No momento, você está no meu caminho — ele comenta. — Depois de se mover, você irá para seu quarto.

— O quê?

— Não mencionei isso, mascote? Está presa aqui por um tempo. É uma pena, e é tudo culpa sua. — Ele suspira. — O vento tem uma tendência natural para se estressar em altitudes infelizes, como foi o caso nas Cordas Mistrais. Pensar que se você não tivesse sucumbido à reviravolta, estaríamos felizmente separados. E aqui eu estava esperando um pouco de silêncio. Como você se tornou inconveniente.

A agitação salta dos meus lábios.

— Você terá que ser mais específico, porque isso não faz parte do acordo. Tenho uma montanha para conquistar.

— Tanto entusiasmo. — Sem levantar a voz, Cerulean diz: — Moth.

A pequena feérica flutua do jardim, suas asas batendo no ar como se punisse os elementos sem nenhuma razão particular. A feérica arrogante está usando um vestido de seda amarelo-abelha, e embora não esteja mais sobrecarregada com bugigangas mortais, sua carranca indignada pesa um bocado.

— Você de novo.

Cerulean diz a ela:

— Ela precisa de um quarto.

O rosto zangado de Moth dispara para ele.

— Eles não foram todos queimados?

— Chega, Moth. Ela precisa de um quarto de hóspedes.

— Porra nenhuma — retruco.

— Concordo — a feérica arrogante trila. — Só porque ela está aqui não significa que precisa estar confortável.

— Não pretendo ficar confortável porque não vou ficar aqui — protesto.

— Muito bem, ela precisa de uma masmorra — Cerulean diz, baixinho. — Qualquer um dos dois vai servir.

— O que eu preciso é de um mapa que indique a saída daqui. Ou eu mesma encontrarei o caminho.

A risada maligna dele percorre o ar.

— Sem asas, adoraria ver você tentar. Embora se você cair desta vez, eu não estarei lá para pegá-la.

A coruja dele me pegou, não ele. No entanto, digo:

— Por que você me salvou?

— Por que está reclamando? — ele desvia.

A carranca de Moth se aprofunda, ravinas cravando em seu rosto enquanto sua cabeça de ninho voa entre nós.

Deixa pra lá. Sei porque me salvou. Fiz um juramento de não abusar do fato de saber seu verdadeiro nome, e ele me recompensou em excesso, poupando minha vida. Sim, a coruja fez a captura, mas Cerulean quem orquestrou a coisa toda. Não me esqueci da brecha que ele havia mencionado no chalé, como ganhar por conta própria não significa que favores estão fora dos limites, especialmente para o governante da montanha.

É um benéfico mútuo. Ainda tenho uma chance de atingir o pico de forma justa, e ele pode continuar a me atormentar sem se sentir em dívida.

Até onde sei, não há nenhuma rota visível para fora deste cume. Dou outro olhar furtivo para os animais brincando pelo verde, uma visão fascinante, mas saudável, que diminui os problemas. Ainda assim, por que Cerulean me prendeu aqui?

— Preciso de um motivo — digo a ele.
— E tenho certeza de que vai conseguir — responde.
— Me deixe adivinhar: por um preço?
— Veremos.
— Então, pelo menos, me diga por quanto tempo.

Enquanto descubro como escapar.

Uma passarela de ladrilhos atravessa o gramado, a grama se franzindo entre as lajes. Os postes de tochas contornam o caminho, o que leva à entrada arqueada da torre. Mais uma vez, a arcada tem uma cortina fina em vez de uma porta.

Cerulean gira e desfila em direção à estrutura iminente.

— Um dia inteiro.

Acho que o feérico mudou de ideia sobre Moth me levar ela mesma para o quarto. A pequena segue seu soberano, e eu caminho atrás deles.

A cortina da entrada ostenta um emblema de um cavalo com asas. Pégasos são figuras antigas, há muito extintas tanto nos reinos humano como feérico. Durante um período antiquado quando viver harmoniosamente era árduo para os seres etéreos, um confronto contra os dragões do Sul eviscerara os cavalos voadores. Enquanto no meu mundo os pégasos foram dizimados quando suas asas se tornaram valiosas, e os caçadores mercenários da época ficaram gananciosos.

Entramos na torre. O primeiro andar é grande e amplo, abrindo-se de modo espaçoso ao nosso redor. Um arranjo de cadeiras envolve uma lareira oval, com tiras de tecido azul e branco em volta dos tetos elevados, e hera escalando as paredes curvas.

Ainda sem portas. Embora as cortinas tremam com a brisa, conseguem bloquear os pios e o assobio do vento. Mesmo assim, a torre carece de

guardas e, como os Solitários não se preocupam com a política como as Cortes Seelie e Unseelie, o tipo de Cerulean evidentemente não vê a necessidade de segurança.

— Acho que você não está preocupado com invasões ou tempestades — comento.

Cerulean me ignora, mas Moth dá uma fungada superior.

— Cada estrutura nesta montanha acolhe o clima, ao mesmo tempo em que protege os interiores de interferências. É um equilíbrio. Minha mãe e meu pai confeccionaram as cortinas da nossa terra, com muitas de sobra. Elas admitem luz e ar, mas não chamas, nem predadores, nem surtos climáticos.

Nos corredores, plantas em vasos pendurados em redes pairam, as folhas caindo pelas bordas. Dois diabretes voam em nossa direção, suas asas de borboleta de vidro manchado franzidas em seus lados. Devem ser os criados. Fico boquiaberta com as pequenas criaturas e os cestos que carregam, cada uma repleta de pétalas de dama-da-noite. Eles baixam a cabeça para Cerulean, em seguida me lançam olhares mordazes após passarem por ele e por Moth.

Subindo uma escada sinuosa, o segundo nível nos joga em um mezanino redondo em que ficam os quartos. Tenho certeza de que há outros detalhes dentro da câmara para onde ele me leva, mas apenas um objeto clama minha atenção. A lareira se acende, viva, no momento em que entramos. Chamas se contorcem dentro da caixa de fogo, as cinzas espalhadas pela lareira e provavelmente dentro do poço. Em breve, o fogo se tornará uma pirâmide de manchas carbonizadas.

Isso raramente me incomoda em casa, e não me incomodou na casa de campo de Moth, então não deveria me afetar agora. Exceto que não durmo perto do fogo em casa, e não estava pensando em passar a noite no chalé da pequena, e o fogo que Cerulean acendeu naquela sala ainda não tinha

queimado ou começado a tossir pilhas de fuligem.

— Esse quarto, não — digo.

Silêncio. Eu me viro para onde Cerulean paira, sua altura dominando o corredor.

— Preciso de outro quarto — repito. E, como não há outra maneira de explicar, acrescento: — Um quarto sem lareira. Por favor.

Moth franze os olhos, analisando minhas palavras em busca de um estratagema.

O olhar penetrante de Cerulean testa minha paciência. Além do cantil e da pena escondida, não há mais nada na mochila amarrada às minhas costas. Sem sombra de dúvida, nada que ele valorizaria e nada que eu esteja disposta a dar.

Para compensar, puxo as borlas decorativas penduradas nas cordas da gola da minha capa. É preciso algumas tentativas, mas a roupa não era de qualidade para começo de conversa, então eventualmente saem. Ofereço-lhe as borlas.

— É tudo o que tenho, pega.

Cerulean ignora os enfeites baratos. Ele se inclina para Moth e murmura instruções privadas, depois termina em um tom divertido:

— *Jakadun fér.*

Depois, o feérico se vira. Mas, no meio do corredor, muda de ideia e volta. Sem palavras, aceita as borlas e as joga nas mãos de Moth, depois desliza pelo corredor sem olhar para trás, sua silhueta por desaparecendo em um canto.

Satisfeita, Moth enfia as borlas no bolso e inclina a cabeça em direção ao corredor oposto. Ela me guia ao longo do mezanino e passa por outro limiar de cortina. Este aposento é mais chique do que qualquer coisa em que já

ronquei. Em seu interior, tem uma cama de dossel envolta em pano cor de marfim, além de uma mesa tripé, uma poltrona almofadada e um guarda-roupa que se assemelha a um monumento em vez de um armário, tão alto que pode sair pelo teto um dia.

Mais daquela hera se agarra à parede do canto. Não há lareira à vista.

É difícil não agradecer, até eu olhar para o semblante atormentado ao meu lado, e me lembro a quem pertence.

— O que você...

— Sou a guardiã da fauna — Moth responde. — Cuido da fauna quando Cerulean não está aqui para fazer por si só. Embora ele seja teimoso, insistindo em lidar com as responsabilidades sozinho.

Olho para ela, pega de surpresa. Quando Cerulean apareceu no Ninho Sombrio, ficou zangado por encontrar Moth comigo. Pensei que ele estava repreendendo-a por negligenciar algum trabalho trivial ou superficial, quando acontece que ficou irritado porque ela não estava cuidando do jardim e das criaturas. Embora, em defesa de Moth, ela estivesse tentando desvendar o mistério da flauta impotente de Cerulean.

— Eu sou boa no meu trabalho, se quer saber — insiste a feérica arrogante, depois me encara com todas as fibras do seu ser. — Você não deseja saber o que ele disse antes de partir? Ele me pediu para me comportar, mas não estou com disposição para ser encantadora. Ele devia ter deixado você cair. Nada nunca o impediu.

— Ei. — Eu me despejo na cama, que balança embaixo da minha bunda. — Eu não quero estar aqui, e não sei por que não posso ir embora, então pare de me olhar assim.

— Fugir não lhe servirá de nada.

— Eu? Escapar? — pergunto, toda inocente.

— Sinta-se à vontade, mas não vai muito longe — Moth avisa. — Cerulean...

— ... vai saber — prevejo. — Bem, ele também deve saber que roubar um dia inteiro meu não é justo, nem é... qual é a palavra que vocês monstros usam? Educado?

— Humana tola. Não te disse no chalé? A Lua Média começa esta noite.

Ah, merda. Eu não tinha pensado nisso. Moth havia me falado da Lua Média, o período que marca o nascimento histórico da fauna. Só que não tinha mencionado quando o evento lunar começava.

— Enquanto a sombra crescer dentro da lua, um globo dentro de um globo, por assim dizer, viajar na montanha é proibido a todas as almas, exceto à fauna — ela explica. — Não podemos ir a lugar nenhum durante esse tempo, a não ser às festas, o que não inclui você. Como mortal, deve ficar aqui. A menos que queira correr o risco de insultar os animais, então vai em frente e me faça esse favor. Enquanto as aves de rapina estiverem ocupadas bicando você até a morte, vou dançar até minhas asas desmaiarem.

Mais uma vez, merda. O baile de máscaras. Ela também mencionara isso.

No entanto, Moth omitiu a parte de não poder se mover. Então foi isso que quis dizer no chalé, sobre a celebração me atrasar.

— Que excelente — murmuro. — Quando começa esse circo? Onde e quando? O que acontece nele?

— Não é da sua conta. De qualquer forma, a partir de agora você vai se atrasar para chegar ao topo. — Um sorriso malicioso se espalha pelo rosto da pequenina. — Vou deixar você pensar mais um pouco sobre isso.

— Você gosta? — pergunto, sem conseguir parar. — Você gosta de cuidar deles?

Moth para na saída.

— Sim. É um problema?

— Pelo amor das Fábulas — bufo. — Você vive na defensiva.

— Não estou na defensiva, sou hostil. Seu povo se certificou disso.

— Então você não era hostil antes da Armadilha?

Moth cruza os braços do tamanho de um dedal.

— Eu amo cuidar da fauna.

Um sorriso constrangido toma conta do meu rosto.

— Eu entendo.

— Como você *entende* qualquer coisa a respeito de mim?

De que adianta? Ela não acreditaria em mim se eu contasse, e acho que não vale a pena o esforço. O que eu esperava? Ela foi criada para desprezar os humanos, assim como fomos criados para lamentar o dia em que os feéricos nasceram.

Moth hesita, analisando o resíduo da nossa conversa. Ela abre a boca para se queixar de outra coisa, mas em vez disso se vira e vai embora pela cortina.

Solto a mochila para verificar que a pena e o cantil ainda estão lá. Tranquilizada, abandono a cama, vou em direção à janela e seguro o peitoril. Estou ilhada por um dia inteiro, até a Lua Média acabar. Se tivesse me agarrado melhor à corda, poderia ter evitado dormir aqui.

A alvorada se arrasta sobre a fronteira, a janela oferecendo uma vista do jardim de vários níveis, onde grunhidos selvagens e gorjeios ressoam entre as cercas. A vegetação treme aqui e ali para indicar um animal errante. Um rugido resmunga dos caminhos de treliça, e soa como... um gato muito grande.

Estico o pescoço, esperando detectar a fonte. No final, desisto, sorrindo feito uma boba com um pato-real verde-limão com patas do tamanho de remos mergulhando no riacho.

Qual é a distância deste ponto até o topo da montanha? Montada na coruja,

memorizei o máximo do terreno que pude, o tempo todo dominada pela sensação de voo. Ainda assim, não consigo identificar a localização desta área em relação ao pico.

Além da torre, vejo aquele prédio circular empoleirado em um pico adjacente. Os desdobramentos entrelaçados da estrutura sobem em uma grade vertical, dando forma ao edifício. As lacunas aparecem abertas, sem reflexos de luz ou qualquer indício de vidro. Em vez disso, a folhagem se afasta das fendas, como faz na copa.

E aquilo é uma ponte que leva a ele? Onde começa?

Voltando para a cama, desabo no colchão, a constatação me batendo no rosto. Eu deveria ter despencado naquele vale. Se não fosse pelo rouxinol e pela coruja, eu teria feito minhas irmãs perderem a batalha.

Não darei o mérito a Cerulean. Mas, de uma forma indireta – acho que é a única maneira em Feéria –, eu me ajudei ao não tirar vantagem do nome dele. Isso garantiu minha sobrevivência das Cordas Mistras.

Mas quase morri.

Minhas mãos tremem. O choque entorpecente começa a descongelar quando me enrolo e cubro meu rosto sem vigor, meu corpo estremecendo.

Enquanto minhas pálpebras se fecham, eu me lembro da sensação de voar. Embora não tivesse sido eu voando, porque não sou um pássaro, muito menos uma nuvem à deriva. Sou apenas uma garota que cairá no momento em que o pé escorregar, no momento em que se aproximar de coisas que não pode ter.

Bem, não seria a primeira vez...

No campo, à noite, corro atrás da melodia do canto dos pássaros. É uma canção de ninar assobiada, chamando-me com o dedo pelo vento e me atraindo em sua direção. A lua está inchada como uma grande poça no céu negro, e os arbustos de sabugueiro sussurram – shh, shh, shh –, seus dedos arborizados se agarrando à minha camisola. Meus dedos dos pés descalços chutam montes úmidos de terra.

Eu tinha saído escondida de novo com minhas irmãs. Por diversão, estávamos jogando um jogo selvagem de esconde-esconde, completo com nossas máscaras de animais favoritas. Mas nos separamos, o que acontece às vezes. Foi quando ouvi o rouxinol.

Tento cantar de volta, mas minha voz rouca me faz parecer um corvo que não dormiu. Não devia estar perseguindo a melodia do pássaro. Ficar sozinha, sem Juniper e Cove, é um negócio assustador para feérico, especialmente com A Armadilha tão recente. Mesmo que os aldeões tenham capturado os feéricos que tentaram salvar a fauna, alguns do povo mágico podem estar procurando por vingança. Papai nos avisou sobre isso um milhão e meio de vezes, mas é tão difícil obedecer.

Além disso, não sou um bebê de berço. Tenho 10 anos. São dois dígitos inteiros.

Por outro lado, onde quer que estejam agora, aposto que Juniper já está irritada, e Cove está chorando. Não gosto de pensar em Cove chorando, então

vou embora em um minuto. Só um minuto, e tudo vai ficar bem, vamos terminar nosso jogo.

Se não terminarmos, terei outro pesadelo com aqueles pobres animais místicos que não posso salvar. Sou muito pequena e não tenho poderes especiais, então tenho chorado até dormir na maioria das noites. Os aldeões dizem que estão fazendo isso para nos proteger, mas não entendo. Ao pensar nessas criaturas, tudo o que quero é resgatá-las, porque o quanto diferentes elas podem ser?

E o que há de tão ruim em ser diferente?

Minhas irmãs sentem o mesmo. Assim como Papa Thorne, mas ele nos diz para não falar nada disso em público.

Os arbustos de sabugueiro dão lugar a juncos verdes. Ficando de cócoras, sou uma cotovia assobiando pela grama. Quando encontro o rouxinol cantante aninhado na base de uma árvore, faço uma reverência e depois danço com sua alegre canção de ninar. Sob as estrelas, rio e pulo em círculos... até que algo acontece, porque, em uma terra como esta, as coisas sempre acontecem. Giro tão rápido, mas minha máscara não cai. Em vez disso, eu quem caio.

Caio porque estava girando muito rápido, e um vento repentino atravessa o arbusto, e o rouxinol engole seu próprio assobio. Ele para de cantar, então foge em uma enxurrada de plumas. Caio de bunda com um grunhido e olho pelos buracos da minha máscara, ficando boquiaberta com a recuada da ave.

Então ouço outro pássaro.

Um pássaro estranho. Um pássaro estranho e estridente. Um pássaro estranho e estridente que nunca ouvi antes.

O som é algo como um grasnido, e nada como um grasnido. Não sei como defini-lo além de mágico. Eu devia fugir, fugir agora, fugir e encontrar minhas irmãs.

Papai me mataria. Juniper me daria sermão. Cove me imploraria.

E eu não os ouviria, então não escuto. Depois de ajustar a máscara de cotovia, rastejo pelo campo, indo em direção à forja do vidreiro. Lama mancha minha camisola e cobre minhas unhas. Meu cabelo branco cai pelo capuz da capa, então o amarro em um nó e enfio sob o material, fora de vista e fora do caminho. Um dia desses, vou passar a tesoura na cabeça.

A forja de pedra se amontoa em um bolsão de árvores no final de um caminho de pedras, cercada por caules verdejantes que se movem com o vento. A porta de deslizar está fechada. Correndo para a entrada, estremeço com o barulho estridente vindo do interior. Minha pele fica arrepiada com um medo delicioso e idiota. O que tem ali?

Quem está ali?

Por conseguir ouvir melhor agora, percebo que não é um pássaro, porque pássaros não grunhem e nem rosnam. Os sons se misturam, esquisitos e furiosos.

A forja treme. Eu fico de cócoras, arranco uma pena da minha máscara, enfio a ponta no trinco e giro. Droga! Droga, droga, droga, não vai – sim, vai, sim! A fechadura se abre como uma boca, emitindo um chiado fino. Eu me encolho, porque provavelmente estou fazendo algo que não deve ser ouvido, não pelo vidreiro – me esqueci do nome dele – e com certeza não pela coisa que está dentro da oficina. Os aldeões têm línguas soltas e olhos tão arregalados quanto o céu. Se alguém me pegar, estarei em apuros.

Mas, também, ninguém está por perto a essa hora. E já fiz um bocado de coisa para me meter em um monte de problemas, então o que é mais um crime?

A coisa lá dentro faz muito barulho para conseguir me detectar quando abro a porta e espio o interior. Junto com baldes, ferramentas de aparência esquisita bagunçam as paredes: tubos e tubos de sopro, pinças e objetos

cortadores, e bastões compridos. Em uma prateleira, bolas de vidro com reflexos azuis e verdes se empoleiram em blocos que as mantêm firmes. Um tricô elástico de teias de aranha abrange as vigas, bem em cima de um forno apagado. A luz das estrelas e a luz da lua gotejam pelo telhado.

É iluminação suficiente para eu ver a gaiola. Atrás da máscara de cotovia, meus olhos se arregalam. Agarro a porta, observando as barras de ferro curvas, a maçaneta da porta de ferro e a tranca de ferro. Curvada no meio da oficina está uma figura. Ela se agita, lutando para se libertar. Membros batem e arranham as barras, os dedos chamuscados, filetes de fumaça crepitando. O prisioneiro não parece se importar, apenas continua batendo na gaiola, fazendo-a tremer.

A cabeça da figura oscila, virando de um lado para o outro. Os movimentos ameaçam e imploram ao mesmo tempo. É resultado de desespero. Frustração. Não consigo decidir se a exibição é lamentável ou perigosa.

Meu coração sobe até a garganta quanto mais eu olho. Vejo calças soltas e uma camisa enorme. Vejo ombros tensos. Vejo pernas ajoelhadas e dedos dobrados agarrando o ferro. Vejo uma coluna curvada e um perfil sombreado com um bico.

Vejo orelhas pontudas. Vejo um garoto que não é um garoto.

E, quando o não garoto para com seu acesso de raiva, a parte de trás de sua cabeça se levanta, consciente. E, quando a cabeça dele se vira por cima do ombro, vejo uma máscara. E, por trás dessa máscara, acho que ele me vê também.

Pequenas penas azul-escuras – com o tom do anoitecer – se espalham pela cabeça dele, cobrindo a metade superior do rosto. Imagino que tenha olhos cruéis. Nesta forja sombria, e a essa distância, e por causa da máscara, não consigo ver as íris. Mas as sinto.

Um feérico. Esta criatura é feérica.

Nunca vi alguém do povo mágico antes. Ou vou vomitar ou rir. Provavelmente, vou fazer um primeiro e o outro depois, já que não faço as coisas pela metade.

Mas não estou com vontade de gritar. Talvez seja porque o feérico parece ter minha idade: 10 anos. Ou talvez seja mais velho, muito mais velho. Os feéricos não mostram a idade devagar? Porque vivem para sempre?

Meus joelhos esmagam o chão. Minhas unhas agarram a porta da forja. Meu coração está batendo feito louco, vibrando na colmeia que é o meu peito.

O feérico deve ser um dos capturados, um dos que tentou salvar sua fauna. Mesmo não conseguindo ver seus olhos, sinto íris brilhantes que perfuram as sombras. Apesar da fantasia, o garoto feérico – que não é um garoto – me prende na rede de seu olhar. Atrás dessas penas, o peso do olhar dele se enrola em volta do meu pescoço e aperta. E, simples assim, sei que ele está fazendo isso de propósito.

Não gosto disso... Não gosto que ele esteja tentando me assustar. Não gosto disso porque está funcionando, então vou impedi-lo de fazer funcionar.

Engolindo o medo, eu me esgueiro até o limiar e o encaro. Ficamos assim em uma contagem até cem.

Um ninho obscuro de cabelo emoldura seu rosto. Preto? Azul?

É mais do que ele pode detectar sobre mim, já que meu cabelo está amarrado dentro do capuz. É melhor continuar assim.

A meia-noite reveste a oficina, as sombras densas como mel. Lá fora, grilos cantam.

Começo a divagar: esse menino feérico vem de um lugar, eu, de outro. E continuo a divagar, é um lugar de magia versus um lugar de mortalidade. E continuo a divagar, é um mundo de truques contra um mundo de honestidade.

E continuo a divagar, não importa que esteja parcialmente coberto porque este garoto feérico tem um olhar muito penetrante. Pode estar escondido, mas é pesado o suficiente para alcançar do outro lado do ambiente e fazer meus braços formigarem.

A máscara de penas muda, sugerindo uma mudança de expressão – e não uma amigável. Imagino o rosto dele se enrugando com malícia elegante. Como se para provar que estou certa, ele se afasta com uma virada de cabeça arrogante, como se eu fosse inferior a ele.

Minhas mãos se fecham em punhos. Punhos trêmulos, mas mesmo assim.

Eu não devia me importar. Não devia estar aqui. Não devia falar com ele.

— Ei! — falo bruscamente, minha voz ecoando nas vigas.

Ele se vira de novo. Uma rajada de ar varre toda a forja, acompanhando seus movimentos. O vendaval me atinge com um soco, derrubando-me na grama.

Ele não ri, mas percebo uma subida dos lábios, e é isso que mais me provoca. Levanto-me novamente, sobre os pés descalços, e espano a sujeira da camisola. Depois, porque sou uma boba, entro e marcho em linha reta até ele, não esperando ser convidada.

As plumas extravagantes contornam sua máscara, esticando-se em torno de suas pálpebras de cima e de baixo. Assemelha-se a uma coruja, o bico curvado para baixo. Escondido embaixo dele, noto as linhas de um nariz igual ao de um mortal.

O Livro das Fábulas diz que feéricos tem partes de animais, mas não vejo nada assim nele. Se ele tem asas, não estão à vista. A menos que as esteja escondendo. Se está, têm penas? Ou são brilhantes e finas como as asas de uma joaninha? Mas isso faria dele um feérico joaninha, não um feérico ave. E agora estou me confundindo.

A três passos da gaiola, meus passos diminuem. Vejo suas clavículas sob o

decote largo da camisa, seu peito subindo e descendo com a energia gasta. Quando faço uma pausa sob os raios iluminados, ele nota minha máscara. Eu tinha me esquecido dela, mas de jeito nenhum vou tirá-la, porque me sinto mais cuidadosa e mais inteligente com ela – duas palavras com as quais normalmente não me importo.

Cuidadosa é Cove. Inteligente é Juniper.

Idiota sou eu.

Ele provavelmente não poderia dizer que é uma máscara de cotovia. Quando fiz o acessório, não consegui encontrar plumas de cotovia caídas, então usei qualquer pena que encontrei. É uma colcha de retalhos de penas de pássaros.

Gosto de fingir que sou uma cotovia, já que gosto desse nome. Há.

O garoto feérico espera de quatro, suas unhas raspando levemente o chão da gaiola, como se estivesse em contemplação. A máscara de coruja dele é mais elaborada que a minha.

Andar na ponta dos pés para a frente deixa meus pés mais sujos do que já estavam, mas não me importo. A centímetros da grade, eu o observo por trás da máscara. Ele faz o mesmo. Gosto que estejamos escondidos assim, nesta forja, com essas máscaras.

De perto, alguns detalhes vêm à tona – os traços de suas pupilas. Dois pontos de luz nadam nesses poços, potentes o suficiente para que eu esteja superconsciente deles. Apesar de estarem semicobertos, de alguma forma conseguem refletir um milhão de emoções.

É assim que eu percebo que ele é jovem como eu. Mas eu não sabia que os aldeões estavam prendendo feéricos da minha idade, além dos animais e feéricos adultos. Por que fariam isso?

Ele observa minhas plumas falsas com um ar de repugnância divertida. Ou pode ser de fascinação enojada. Estou recebendo essas duas vibrações.

Uma corrente de vento gira em torno de mim, segurando-me para que eu não possa me mexer, não possa desviar o olhar. Nem ele, por qualquer razão.

Quero saber a cor das íris e do cabelo dele. Gostaria que o sol estivesse brilhando, mas também estou feliz que não está, já que este momento parece um segredo, e segredos sempre nascem à noite.

O ar sibila para fora da boca dele, muito mais lento do que a respiração de um mortal. O oxigênio desliza dele e voa para o ar. Cada vez que acontece, sinto um puxão na minha capa e na batinha de camisola.

Ele está fazendo isso? Safado!

Os pontos brancos dentro das pupilas do garoto feérico brilham. Ele está brincando comigo, jogando comigo. Bem, eu conheço jogos.

Eu me afasto dele, circulando a gaiola. Ele se movimenta como um predador.

Mudo de direção, indo para o outro lado. Ele também, deslizando pelo compartimento como uma brisa, mas tomando cuidado para não tocar o ferro. Fazemos isso algumas vezes, eu me movendo rápido, e ele também, espelhando meus movimentos.

Então ele se vira, reivindicando a vantagem, virando o jogo para me atrair. E sigo seus movimentos. E percebo que ele está tentando me fazer escorregar, cair e me destruir, enquanto estou tentando fazê-lo ficar tonto.

O tempo todo, observamos um ao outro. Então, do nada, eu rio. E talvez, apenas talvez, ele dá um sorrisinho.

* * *

Todas as noites, volto para a forja. Cada noite, tenho um pouco de medo de que ele ainda esteja lá. Cada noite, tenho um pouco de medo de que ele tenha desaparecido.

Engraçado como você pode sentir duas coisas diferentes ao mesmo tempo.

Mas é assim que é, e não gosto de pensar nisso por muito tempo.

Volto depois de escurecer de novo, e de novo, e de novo. Saio enquanto minhas irmãs sonham, beijando suas testas antes de ir. Talvez seja porque estou um pouco assustada de não as ver outra vez, que o garoto feérico vai encontrar um meio de usar o encanto em mim apesar das barras de ferro, então me forçar a abrir a gaiola, então me forçar a fazer papel de boba, ou me forçar a fazer algo vil, ou me forçar a ir embora com ele.

Então por que continuo indo? Talvez uma pequena parte de mim queira saber mais. Talvez uma pequena parte de mim não consiga evitar, porque ele usa aquela máscara de coruja. E talvez uma pequena parte de mim goste dos nossos jogos. E talvez uma pequena parte de mim queira ganhá-los.

O ferro o enfraquece para usar o encantamento. Quanto ao vento? Juniper diz que os Solitários da montanha têm um vínculo com ele. Parece que o garoto feérico pode jogar o ar por aí, mas ele não é forte o suficiente para fazer pior agora. Ele não consegue nem atravessar as barras e me sufocar. Mesmo que nada disso fosse verdade, talvez uma pequena parte de mim não acredite que ele me machucaria, mesmo se pudesse.

Mas analisar é passatempo de Juniper. E se preocupar é passatempo de Cove.

Eu? Sou a selvagem que voa para dentro do vendaval.

Então beijo o verde-teixo das tranças de Juniper e o azul-esverdeado acima da têmpora de Cove. Sinto cheiro de florestas e riachos exalando de seus cabelos – animais da terra e criaturas marinhas, como se minhas irmãs também tivessem brincadeiras particulares. Mas isso é bobagem, porque estão sempre aqui quando saio, e estão sempre aqui quando volto. Estou imaginando coisas.

Eu me sinto culpada por não ter contado a elas sobre ele, mas quero que esse segredo seja só meu. Todas as noites durante treze dias, caminho até os

campos, onde os grilos cantam e o rouxinol gorjeia. Inalo a fragrância de Fábulas – penas, couros e escamas.

Levo o chicote que Papa Thorne está me ensinando a usar. Eu me certifico de chegar quando sei que o vidreiro foi descansar, indo roncar em casa. Toda vez, tenho que usar minha pena para abrir o trinco. Uso minha máscara grosseiramente remendada e escondo meu cabelo no capuz da capa, porque, no caso de isso tudo dar errado, não quero que o garoto feérico tenha memorizado minha aparência.

A meia-noite escorre pelo telhado, espalhando-se no chão enquanto deslizo para dentro da oficina. O feérico sabe que estou lá sem eu anunciar. Muitas vezes, ele já está olhando para a porta antes que eu me mostre.

Tudo bem. Minha espécie não deve se misturar com a espécie dele, admito. Este passarinho é bonito. Arrogante, mas bonito. Se posso julgar pelas pupilas e pela metade inferior do rosto, o resto dele também é igualmente encantador.

Corro para a gaiola enquanto equilíbrio uma cesta. Por trás da máscara, o garoto feérico parece fazer uma careta de desgosto, como se eu fosse um incômodo e ele estivesse entediado. Sentir seus pensamentos parece natural, instintivo, embora eu não consiga dizer como ou por quê. Talvez ele seja hábil em se projetar, com ou sem máscara. De qualquer forma, meu peito estremece.

Mas, logo, a careta se derrete em uma inclinação dos lábios sob o bico. Asas crescem no meu coração, prazer e vergonha se misturando. Não devia estar alegre que ele está feliz em me ver, mas estou. Esse garoto feérico gosta que eu esteja aqui, mesmo que não diga.

Durante todo esse tempo, ele não disse nada.

Apoiando a cesta no chão, começo a me movimentar, retirando um frasco de leite e fatias do pão de centeio do papai. Este garoto não é um graveto, mas

também não é uma bola. Não sei se os aldeões o estão alimentando, mas ele gosta das minhas oferendas.

Agito o pão como se fosse uma bandeira.

— Vem pegar.

Depois de me dar uma leve olhada, o feérico arranca o pedaço muito rapidamente para eu ver acontecer. Ele mastiga devagar, como um nobre elegante. Ainda não consegui uma visão clara do cabelo ou das íris dele. Apesar da lua, é muito escuro na forja.

Tudo o que vejo são camadas desgrenhadas, os pontos reflexivos em suas pupilas e as orelhas pontiagudas. Ah, e aquela garganta cor de marfim quando engole o leite. Devido às barras compactas, um frasco foi a coisa mais segura que consegui encontrar que passasse. Descontraído, ele joga o frasco vazio no chão perto do meu pé, sem nem um obrigado.

— De nada — murmuro.

Ele encolhe os ombros. É quando percebo os vergões salpicando seus pulsos sob as mangas da camisa, cortes irritados borbulhando em sua pele em um vermelho-sangue horrível, como se alguém o estivesse cutucando. Minha mão está a meio caminho da gaiola quando ele se afasta, e sinto seu olhar me comer viva.

— O que aconteceu? — pergunto.

Ele se afasta, completamente irreverente.

— O que eles estão fazendo com você?

Ainda nada. Tenho tantas perguntas, mas sei que ele não terá nenhuma resposta. Mesmo que tenha, e mesmo que não possa mentir, ele vai encontrar uma maneira de distorcer suas palavras e falar em enigmas. É o que fazem, certo?

Esses vergões devem doer. Ele pode ser imortal, e pode ser um esnobe, e

pode ser um sacrilégio sentir pena dele, mas a visão deste feérico machucado faz coisas terríveis no meu peito.

Pego o pano da cesta e corro para fora, indo até o riacho mais próximo e mergulhando o material. Apressando-me de volta para a oficina, eu me movo rápido demais para ele se opor. Esmago o tecido na mão e enfio meu braço pelas barras.

Quando agarro um de seus pulsos, ele fica rígido. Aqueles olhos se franzem por trás da máscara, seus ombros tensos. Com os dedos suados, pressiono o pano molhado no primeiro vergão – e ele congela. Atordoados, ele me vê direcionar atenção à ferida, observa-me cuidar da próxima, e da próxima. Meu coração se acelera. Estou tocando a pele mais macia que já senti, e ele está me deixando fazer isso.

Eu devia ir para o outro braço, mas isso pode sobrecarregá-lo. Quando termino, recuo para encontrá-lo boquiaberto.

— De novo. De nada.

A cabeça do garoto feérico se inclina, o movimento desconfiado e irritado. Ah, verdade. Feéricos não gostam de favores ou de dever às pessoas.

Então por que estou surpresa quando um brilho perverso ilumina suas pupilas? Não receberei gratidão. Em vez disso, ele move os dedos. Uma corrente de vento entra na oficina e se enrola ao meu redor, levantando meus braços.

Arquejo, resistindo até que o feérico balance as mãos, indicando para eu me acalmar. Relaxo os braços e fecho os olhos. A brisa me atinge, abrindo meus braços para os lados e me transformando em um pássaro em pleno voo.

É outro jogo. Ele está me retribuindo com o vento, deixando-me senti-lo, realmente senti-lo.

Minha respiração sai entrecortada em uma risada. E coro um pouco mais quando a camisola levanta, minha capa com capuz acompanhando o vento.

Sou leve. Sou uma nuvem no céu.

Quando meus olhos se abrem, encontro o olhar do garoto feérico. Sob o bico da máscara, suas maçãs do rosto sobem, sua boca se levantando em um sorriso vaidoso.

O vento bate nas minhas costas. Grito, rindo quando o vento me persegue pela forja, onde bolas de vidro azul e verde brilham nas prateleiras. Eu me esquivo e me afasto da correnteza. O tempo todo, eu rio, e ele sorri.

Simples assim, faço um amigo proibido.

Simples assim, ele faz um truque fatal.

Simples assim, ele rouba meu coração.

* * *

Não quero ir embora, então fico. Depois que o vento para de me perseguir, passo a noite enquanto a luz da lua sombreia nossas máscaras de pássaro e ilumina as barras de ferro. Ele se acomoda no chão da gaiola, e eu me agacho no chão de pedras.

— Qual é o seu nome? — pergunto.

— Você é uma coruja? — pergunto.

— Consegue falar? — pergunto.

Nada, nada, nada. Não faz mal, está tudo bem. Se ele respondesse, queria saber se acreditaria nele. Falando nisso, ele deveria estar trançando as palavras como fios para me confundir. Apesar das grades de ferro me protegerem do encanto, distorções inteligentes nas frases podem fazer a mesma coisa, de acordo com o Livro das Fábulas e todos os relatos que já lemos. Ele podia brincar com essa habilidade em vez de se calar. Talvez ele realmente não possa falar.

Como é no mundo dele? Ele tem irmãos? Eles sentem falta dele?

Recostando-me nas mãos e cruzando os pés nos tornozelos, tento mais

uma pergunta:

— Por que você tá usando uma máscara?

Mais uma vez, nada.

Solto um suspiro encantador, se posso dizer isso de mim mesma.

— Acho que corujas são magos disfarçados.

O garoto feérico olha de soslaio para mim, suas orelhas perfurando o ar. Quando pergunto se foi por isso que escolheu uma máscara de coruja, seus lábios se achatam e desviam de lado. Essa não, ele se sentiu insultado. Animais são sagrados para eles, o que significa que ele não gosta de fingir que são algo que não são.

Eu aceno, tímida.

— Você tem razão. Eles já são incríveis do jeito que são.

Ele me oferece uma inclinação sarcástica de cabeça. Bem, isso explica muito, e nada. Improviso:

— Feéricos devem saber muito sobre a fauna, se você tem partes de suas características. Gostaria que os humanos soubessem tanto sobre as criaturas mortais, mas, por outro lado, poderiam saber, caso se esforçassem. Acho que as pessoas saem perdendo assim, se não tentam coisas novas. Tipo, e se você for o maior observador de pássaros do mundo, mas ainda não sabe, porque nunca tentou? Isso seria uma habilidade divertida.

Ele cruza as pernas, conseguindo se espreguiçar de modo indisciplinado, embora não possa tocar nas barras. Equilibrando o cotovelo no joelho, ele sustenta uma bochecha na palma da mão. É difícil dizer se está intrigado ou entretido.

Encorajada, eu me levanto e caminho em direção a ele. Nós jogamos outro jogo, inventando especialistas que não existem em nenhum dos nossos mundos, mas deveriam. Ele acena para algumas das profissões que listo e

desdenha de outras, com a boca se enrugando como uma toalha. No final, nós concordamos em um fazedor de bolhas, um tosador de dragões, um abençoador de armas, um planejador de bailes de máscaras e um confeiteiro para animais.

Sua risada silenciosa desaparece em perplexidade. O garoto feérico percebe que foi pego e recua, balançando a cabeça. Reconheço a pergunta não dita: *por que você está fazendo isso?*

Por que estou fazendo companhia a ele? Por que o estou alimentando? Por que cuidei de suas feridas? Por que estou sendo legal?

Olho para meus pés descalços sujos, o que me lembra de fuligem.

— Sei como é ficar presa.

É verdade. Sei como é ficar esmagada em um espaço pequeno, presa lá sem saída e ninguém que se importe. Não digo a ele que era uma limpadora de chaminés, mas digo a ele:

— Eu sei como é estar sozinha. Sei como é ser arrancada de um lugar e forçada a ficar em outro que não seja meu lar. Sei como é ter medo e perder a esperança.

Dedos aparecem diante dos meus olhos, tão de repente que vacilo. Dedos longos e finos passam pelas barras e alcançam meu maxilar. Vislumbro um par de pupilas etéreas, fáceis de se mergulhar. A forja fica desfocada. As ferramentas, o forno e as paredes de pedra desaparecem, deixando apenas ele e a mão estendida na minha direção. Fico parada, chocada quando seus dedos se dobram com indecisão e, em seguida, descansam no meu rosto. Sua palma segura meu perfil, leve e emplumada.

Ele não dissecou o que eu disse, como Juniper faria. Não tenta adoçar o que eu disse, como Cove faria. Não tenta consertar o que eu disse, como papai faria.

E não é porque este feérico não consegue, já que se comunica de outras

formas. Não, ele só toca minha bochecha como se isso fosse tudo de que eu precisasse, como se eu pudesse lidar com todo o resto sozinha. Então ele dá um sorriso rebelde. Aquele indício de caninos afiados aterrorizaria Cove, mas me agarra, levando meus medos com ele.

Uma risada sai de mim. Uma risada atordoada e boba que flutua até o teto.

Na escuridão, saboreio os traços de seu sorriso. Quero ver se ele tem cabelo macio ou áspero, e se ele tem manchas ou marcas de nascença. Quero saber as formas das sobrancelhas e a largura da testa. Mas, mesmo que ele removesse a máscara, precisaríamos de mais luz, e não posso ficar aqui até o amanhecer.

No entanto, não importa. Meu coração já decidiu.

O bom: eu gosto desse garoto feérico.

O ruim: eu gosto muito desse garoto feérico.

O feio: eu amo esse garoto feérico. Eu o amo como amo meu chicote, e isso é muito amor. O toque dele faz meu coração acelerar. Ele nunca me disse uma palavra, mas o amo muito mesmo assim.

Por quê? Não faço ideia.

Eu o amo só porque quero. Eu o amo porque ele é feito de penas, e joga como eu, e escuta, e toca meu rosto, e me deixa sentir o que eu sinto. Sem teorias, confortos ou correções. Sem piadas ou conversa de duplo sentido. Sem magia, além do vento.

Ele abre a boca. Engulo em seco e espero. Espero muito.

Sua cabeça se volta rapidamente para cima e para o lado, subindo em direção à porta da oficina. Pisco – e escuto. O cavalo de alguém relincha, os cascos atravessando o campo. Uma voz abafada vem de fora e fica mais alta. Registro o sotaque substancial do vidreiro, arrulhando para o corcel.

O pavor percorre meu corpo. Se o comerciante me encontrar aqui, estarei

em apuros. Papai vai descobrir e me proibir de voltar.

O vidreiro pode gritar se me pegar aqui, e pode descontar em meu amigo, e meu amigo pode tentar machucar o homem. Ambos podem ficar feridos e, de qualquer forma, não vou conseguir ver esse menino uma última vez antes que os aldeões o levem embora. Não terei a chance de me despedir.

Mas não quero me despedir. Não assim. Sem saber o que vai acontecer a ele, mais uma criatura que não posso salvar.

Viro em direção ao feérico e agarro as barras em meus punhos trêmulos, que de repente parecem tão pequenos. Sou tão pequena assim? Nós dois somos tão pequenos assim? Ar entra e sai dos meus pulmões, meu couro cabeludo formigando. Estou com raiva? Estou aterrorizada? Quando se trata disso, talvez sejam a mesma emoção, só que em formas diferentes.

Minha cabeça vira entre a porta e o perfil do garoto feérico. Em minutos, isso vai acabar.

Suas pupilas se arregalam quando ele vira para mim. Através de nossas máscaras, nos encaramos. Essas esferas escuras incham de ameaça, e suas unhas desesperadas arranham o chão da gaiola, prontas para destruir nossos visitantes.

Ainda assim, uma batalha interna compromete sua respiração. Aquelas esferas insondáveis se acendem com brutalidade e outra coisa enquanto me prendem ao chão.

Com uma virada de sua cabeça à direita, uma onda de vento me afasta dele, empurrando-me em direção à porta. A força disso me instiga a fugir. Ele sabe que, se eu for vista aqui, serei punida.

Cambaleio de lado, meus pés deslizando na poeira. Mas, hoje à noite, vai ser preciso mais do que um vendaval para me derrubar.

Tudo o que as Fábulas me ensinaram passa pela minha cabeça. Eles são cruéis e horríveis. São corruptos e lascivos. Usam os humanos como

brinquedos e escravos. São feéricos perversos.

Mas não ligo. Corro até a cesta, pego a pena solta da máscara que tenho usado para abrir a forja e corro para a gaiola. Minhas ações devem deixá-lo perplexo, porque ele não tenta seu truque com o vento de novo.

Com um grunhido, enfio a ponta da pluma no trinco. O dispositivo estremece e se divide com um barulho enferrujado. Eu não devia ser capaz de perceber, mas, de alguma forma, sinto confusão e choque explodindo no rosto do garoto enquanto ele olha para a fechadura – e, depois, para mim.

Eu me apresso para trás, deixando a porta aberta para ele. Antes de perder a coragem ou começar a chorar, levanto meu queixo. E sussurro:

— Vá.

Ele me observa, a metade inferior do rosto desorientada, aparentemente perplexo por trás da máscara de coruja. Sons se aproximam, pés com botas atravessando a grama. O garoto se fixa em mim, então rasteja devagar para fora da gaiola e se levanta. O tempo todo, ele observa meu rosto.

Ele é mais alto do que eu, muito mais do que eu pensava. E é esbelto, embora seus braços pareçam fortes, flexionados com tensão.

Sua sombra esbelta me envolve quando ele se aproxima. Suas orelhas pontudas marcam o ar quando ele inclina a cabeça; e tenho a impressão de que seu olhar está analisando minha máscara com um olhar furioso.

Ele está irritado. Muito irritado.

Mais uma vez, eles não gostam de favores, não gostam de dever às pessoas.

— Ah, pelo amor das Fábulas. — Arranco uma das plumas da máscara dele e seguro na sua frente. — Aqui. Isso serve como pagamento. Vá!

Seu olhar relaxa, processando o que fiz. Um único dedo se arrasta pelo meu queixo, forte e terno, ressentido e carinhoso. Fecho meus olhos, sentindo o

movimento suave de seu toque – e depois seus lábios.

O ar gira ao nosso redor. Meu coração bate loucamente enquanto sua boca toca a minha, doce e leve. Faço biquinho e o beijo de volta, lágrimas brotando nos meus olhos.

Na parte de trás da oficina, escuto o vidreiro amarrar o cavalo a um poste. Enquanto isso, o gosto da boca do feérico desaparece. O vento se agita ao redor das minhas panturrilhas, ameaçando abaixar o capuz e expor meu cabelo.

— Vá — sibilo, franzindo os olhos.

Há um momento de pausa, então uma voz flutua em meus ouvidos, o fio de um sussurro:

— Meu nome é meu. Não, eu não sou uma coruja. E, sim, consigo falar.

Ofegante, abro minhas pálpebras.

Ele foi embora.

Chorando, corro para fora. Tremendo, fecho a porta e empurro o trinco para o lugar, então vou em direção às árvores e saio pelo lado oposto da forja. Escuto o vidreiro se arrastar até a soleira, um anel de chaves de ferro chacoalhando.

Corro, seguindo o vento. Segurando a máscara no lugar, tropeço pela grama e pelos arbustos de sabugueiro.

Mais um vislumbre. Mais um.

Em um campo aberto, derrapo até parar e levanto a cabeça para o céu. O ar joga mechas brancas ao redor do meu rosto. Sem pássaro, sem asas, sem plumas. Apenas estrelas sobre uma cadeia de montanhas, lar de inúmeros monstros que odeio e um monstro que nunca mais verei.

Agarro a pena azul na minha mão livre, lágrimas furiosas molhando as penas da minha máscara. Agora entendi. É possível amar o inimigo.

Papai e minhas irmãs são minha primeira família. Mas ele foi meu primeiro amigo.

Dias depois, os aldeões recontam a misteriosa fuga. É assim que fico sabendo do que aconteceu depois, como o garoto feérico foi recapturado naquela mesma noite. Meus vizinhos murmuram que ele tentou atacar, então o executaram com uma adaga de ferro. Ele morreu assim, na grama, incapaz de voar, boquiaberto para os céus.

E é por isso que continuo chorando no meu travesseiro por semanas. Porque a culpa é minha, porque fiz isso com ele. Porque é assim que Fábulas terminam, com uma lição aprendida e um coração partido.

O chirriar de uma coruja me tira do sono. Fragmentos do meu sonho se esgueiram pela minha mente, delicados e brilhantes, antes de esvanecerem. Acordo no fim de um lamento, com meu corpo enrolado sobre os lençóis, o colchão amplo e a roupa de cama, macia. Embora eu não tenha chegado a dormir debaixo das cobertas, foi o sono mais profundo desde que saí de casa.

Fios de âmbar atravessam a câmara, vindos das arandelas. Do lado de fora das janelas, tentáculos de gaze branca saem da lua cheia. A mesa tripé ao lado das cortinas equilibra uma bandeja tampada que exala os aromas apetitosos de assados e especiarias. Uma garrafa de água arrolhada e um bule de café estão ao lado dela.

Encantamento? Ou alguém entrou de fininho enquanto eu dormia?

Sem tempo ou luxo para ser teimosa. Dignidade é uma coisa da qual não abro mão, mas orgulho não tem lugar nesta montanha. Se quiser ganhar, tenho que cuidar de mim mesma.

Vou em um pulo até a cadeira, levanto a tampa da bandeja e solto um gemido. Em comparação com o tamanho, o prato revela mais comida do que deveria ser possível, incluindo faisão e cebolinha mergulhados em cidra, uma torta quentinha carregada de maçãs e uma mistura de verdes estranhos que parecem folhagens. Cheiro o conteúdo com vontade e devoro tudo, então puxo a rolha e bebo da garrafa. Por último, engulo o café.

Enquanto lambo os dedos, entro na casa de banho. As telhas cobrem o chão e formam o telhado. O céu noturno se estende por uma janela arqueada,

a cortina dividida deixando entrar ar fresco.

Em vez de uma banheira, há uma alcova com um bocal em forma de sino brotando do teto. Curiosa, fico debaixo dele, e a água cai, a fonte quente molhando o vestido e a capa. Saio com uma risada surpresa, depois fico nua e volto para baixo da cascata.

Um banquinho contém frascos de um líquido branco e barras de sabonete cintilante que emana uma fragrância mentolada. Pego uma barra e deslizo pela pele. A água com sabão se transforma em bolhas e flutua sem estourar, as esferas brilhando como pérolas transparentes. Em seguida, coloco o líquido branco na cabeça e lavo a raiz dos cabelos, inalando uma essência floral. Se esta casa de banho não pertencesse a um vilão, eu poderia ficar aqui para sempre.

Juniper e Cove adorariam essa alcova de banho. Pensar nelas traz Papa Thorne à mente, o que traz minha casa à mente. Os aromas de eucalipto e jasmim. O barulho de louças quando é a vez de uma nós assumir o fogão. O ranger da cadeira de Papa Thorne quando ele se senta perto do fogo e recita o Livro das Fábulas. A grande variedade de animais – asas voando, caudas golpeando e barbatanas respingando – nos saudando quando cuidamos do santuário. Lampiões pintando nossas sombras pelo chão da carroça enquanto narramos o folclore.

Tudo o que eu tinha. Tudo o que perdi. Tudo do que sinto falta.

Acho que o sofrimento é assim. Um momento se vai, então surge de volta com um choque, chutando você bem nos dentes.

E se eu tiver sucesso, mas minhas irmãs não? E se elas tiverem sucesso, mas eu não?

E se eu nunca for para casa?

Não vou chorar na torre dele. Não vou chorar na torre dele. Não vou chorar na torre dele.

Enquanto a água cai nos meus ombros e banha meus quadris, eu me curvo, encolhendo-me no chão. Enfio um punho na boca e soluço. E, quando termino, filetes de água lavam as provas do que aconteceu. Até chegar em Feéria, nunca soube quantas emoções uma pessoa poderia sentir em um dia, e o pensamento é pungente e agonizante.

Uma das bolhas distorce minhas feições, meus olhos cinzentos engolindo meu rosto. Eu me abaixo, cruzo as pernas e fico sentada por um tempo. A fonte de cabeça para baixo me encharca de calor, o vapor desabrochando em pétalas. As gotas suaves me lembram da língua presa de Cove, massageando a dor até ela desaparecer.

Depois, sinto-me melhor, mais forte. Talvez seja isso que é esperança – um bom choro antes de se levantar outra vez. E é o que faço. Eu me levanto, ergo a cabeça e saboreio o resto do aguaceiro.

Quando pego uma das toalhas de linho do gancho, estou de volta ao meu velho e atrevido eu. Além disso, fico mais uma vez atordoada porque as fibras secam meu cabelo na mesma hora.

— Não acredito — comemoro.

Rejuvenescida, penso em um plano... qualquer plano que me ajude a passar por isso. Se eu preciso ficar aqui, é melhor fazer uso desse tempo. Talvez Cerulean tenha um mapa ou bússola escondido nesta torre, ou alguma outra vantagem que eu possa aproveitar.

A música atravessa a janela da casa de banho. É um barulho delicado, as notas rápidas e leves. Ouvi a música apenas duas outras vezes na minha vida.

A melodia da flauta vaga para a sala do lado de fora. Mas não consigo ver nada da janela, então largo a toalha, pego minhas roupas e corro para o quarto. Paro, franzindo a testa ao ver uma camisola espalhada no colchão, a peça comprida feita de algodão branco como uma pomba. É habilmente costurada, com alças finas no ombro e um decote redondo.

Não estava aqui quando acordei. Depois de colocar as calcinhas, visto a camisola com um suspiro. O tecido parece que foi tirado das nuvens.

É uma noite agradável, então saio sem as botas. Refazendo meus passos pela torre, persigo a música. No nível térreo, a entrada principal dá para o jardim, mas vejo outro arco na extremidade oposta, que leva ao promontório suspenso.

A música vem daquele precipício. Caminho atrás das notas, respirando o ar do anoitecer.

É onde o encontro. Cerulean está sentado na borda do mundo. Suas costas nuas se flexionam, os músculos contorcidos de seus ombros até a cintura-baixa de sua calça de seda preta. A menor aljava que já vi atravessa suas costas na diagonal, presa a um tecido que envolve seu torso. Mas é muito pequena para guardar uma arma.

Quando ele vira o rosto, vejo a flauta. Acomodada entre seus lábios, o instrumento de prata polvilha notas no ar. A composição dá textura ao vento, de modo que poderia senti-la se esticasse a mão e tocasse a brisa.

É para isso que a aljava deve ser, para guardar a flauta.

Em Reverie Hollow, temos fogueiras, festas e jubileus. Temos nossos alaúdes e violinos. Mas os únicos instrumentos de sopro que já ouvi são os de madeira – flautas e flautas de pão –, e não de prata. Acho que os humanos só experimentam esse tipo de esplendor em salões reais.

Mas, em Feéria, o instrumento faz serenatas para a natureza. A música tem asas de borboleta, batendo e percorrendo o mundo. É uma canção alegre, mas particular, que parece se encaixar à vida de um Solitário.

Seus dedos longos deslizam pelo objeto esguio, ágil e rápido. Faz muito tempo que não ouço música. Quero fechar os olhos e deixá-la me levar.

O cabelo emaranhado de Cerulean balança sobre sua nuca. O trilho esbelto de sua coluna ondula nas costas nuas, macias e tonificadas. A fauna o cerca,

reunindo-se nas margens e se aconchegando enquanto ele toca. Alguns eu reconheço de quando cheguei aqui, outros, não.

O antílope de antes mudou para forma em miniatura, suas características bovídeas podadas ao tamanho de um leitão enquanto ele se enrola no gramado com o canário cuja asa é dobrada em um ângulo disforme. Os beija-flores esmeraldas se aglomeram em cima de uma rocha, os falcões observam de seus ninhos e os cardeais ficam acima da cabeça de Cerulean, marcando o tempo com a música e jogando pó de ouro da cauda. Um puma – puta merda, um puma! – e a cabra da montanha com os chifres em tocos perseguem um ao outro brincando pela grama, animados pela performance. A pika-de-ili está agachada no gramado, mordiscando ervas daninhas.

Meu peito suaviza. Sinto falta dos meus amigos do nosso santuário. Sinto tanta falta deles que estou na metade do caminho até o outro lado antes de perceber. Estou encantada, ansiosa para fazer parte deste clã, mesmo que não seja meu.

Os animais ficam tensos. Orelhas se levantam e asas travam.

Cerulean estremece. A música para.

Merda! Ele me avisou que chegar perto demais os assustaria. Só o puma deveria ter me contido, a impressionante pose felina da criatura, suas íris verdes e olhar intenso fazendo meus pés descalços congelarem no lugar. Bem, agora sei o que causou aquele rugido que ouvi do meu quarto.

Adrenalina corre em minhas veias, minhas mãos transpirando. Observo os olhos alertas da fauna e me inclino para trás.

— Pare! — Cerulean diz sem se virar.

A voz dele não parece arrogante. Talvez irritada, mas isso é tudo. Se eu estivesse no santuário da minha família, gostaria que um visitante se importasse com o que eu digo, já que conheço melhor os moradores.

Quando fico quieta, ele continua:

— Volte, mas devagar.

Como ele sabe a rapidez ou lentidão com que eu estava indo? Presto atenção nas orientações, seguindo em frente com a marcha defasada de uma preguiça.

Ainda de costas para mim, o feérico murmura:

— Circule-os, de lado para que possam vê-la. — E, quando eu obedeço, um sorriso maligno preenche seu tom. — Fique de joelhos.

Faço uma careta, mas obedeço ao que ele diz, abaixando-me diante dos animais.

— Assobie — ele ordena. — E seja delicada.

Delicada não é uma palavra que se encaixa a mim, mas tudo bem. Faço o meu melhor, soprando um barulho experimental para o ar. Alguns da fauna hesitam, mas outros se aproximam, a tensão deles se desfazendo quando concluem que não sou uma predadora. O puma faz meu sangue correr, as articulações sinuosas do gato selvagem girando à medida que se aproxima, graciosas apesar da falta da pata traseira e do mancar acentuado.

— Ótimo! — Cerulean diz. — Agora muja.

— Que merda é essa? — berro.

Ele não responde. Mas deve estar brincando, certo?

Temos uma vaca leiteira em casa, então a imito. Enrugando meus lábios, eu mujo, soando como um bezerro com dor de estômago.

Os habitantes vacilam, inclinam a cabeça e fazem coisas que animais perplexos fariam. Meus olhos se deslocam em direção aos ombros de Cerulean, que tremem da risada, a aljava tremulando. Aquele filho da pu...

Enfio meus punhos nos quadris.

— Seu idiota.

Cerulean se vira, sorrindo na meia-luz.

— Essa última parte foi para mim.

— Aham. — Sorrio falsamente. — Vá se foder.

— Se quer minha ajuda, então não se levante.

Fico quieta. Ele me encara nos olhos, pressiona a flauta aos lábios e toca uma nova música. Esta é paciente, alcançando notas longas que se estendem pela distância.

Os animais se aproximam. Uma emoção petrificada passa por mim enquanto eles se aglomeram em volta dos meus membros, circulando e cheirando minha camisola. Os animais alados pousam na minha cabeça e nos braços, que estendo para eles. A pika-de-ili se aloja no meu pé, os fios de seus bigodes vibrando e mais longos do que o normal, estendendo-se como barras de equilíbrio.

O puma se esgueira ao redor da minha panturrilha, um círculo de marcas intrincadas – da mesma cor vibrante de seus olhos – esticando-se naturalmente por sua testa. A bela criatura rola como um gatinho e fica confortável, e rio suavemente.

A música acaba. Meu olhar passa para Cerulean, que me observa, perplexo.

O feérico avalia meu público.

— Retiro o que disse — ele diz, referindo-se ao aviso original de que eu assustaria os animais.

Em uníssono, eles se retiram, e os vejo voar para o ar ou caminhar pelo terreno. Do canto do meu olho, vejo o feérico estudar meu perfil. Ele não é de desviar o olhar, mesmo quando é pego espiando, e nem eu.

O que tenho a perder?

— Obrigada — digo.

— Agradeça a eles, não a mim — Cerulean responde, irreverente.

— Você me disse para não me aproximar deles.

Ele anda em direção ao abismo, seus membros perto da borda.

— Mudei de ideia. Depois de testemunhar sua brincadeira com os rouxinóis, achei melhor me apressar e apresentá-la. Era apenas uma questão de horas antes de você vir aqui bisbilhotar.

Ele gira a flauta com habilidade de mão em mão, da mesma forma que gira a lança de arremesso. Não quero abusar do meu tempo com os habitantes, então não insisto. Eles virão até mim se quiserem.

Quanto ao feérico empoleirado na borda do mundo, posso lidar com ele. A atitude dele ainda não ficou amigável, e nem a minha. Por alguma razão estranha, isso torna mais fácil me sentar ao lado dele.

Quando tenho certeza de que minha bunda não vai escorregar da borda, observo outra vez o instrumento, um pensamento repentino infestando minha mente. Tenho vergonha de não ter pensado nisso direto. Roubando a flauta, digo:

— Você os atraiu?

Cerulean rouba o item de volta, seu nariz enrugado com desdém – tanto por causa das minhas palavras quanto por eu agarrando suas posses.

— Caso você não saiba, a ignorância é irritante e entra em conflito com o seu sarcasmo. A fauna feérica é sagrada e superior em todos os sentidos, não pode ser atraída ou comandada. Mesmo que pudesse, nunca faria isso com ela.

— É melhor mesmo.

— Ouço uma ameaça, humana?

— Aconselho a não subestimar meu tamanho.

— E eu aconselho você a vestir uma roupa — ele observa.

— Entre e me ajude a escolhê-las — rebato, com um sorriso afetado.

A maldade rola pela língua dele:

— Tenha cuidado com o que pede a um feérico.

— Se você estava esperando por uma humana tímida, está muito enganado. Essa aqui — aponto os dois polegares para o meu peito —tem um passado com histórias nuas. Já aceitei mais desafios do que posso contar. Uma vez, perdi uma aposta e desfilei pela praça da aldeia em uma chemise enxarcada. Faça o seu melhor, mas encontrou sua adversária.

O desafio está lançado. Cerulean se vira para mim, seus olhos traçando uma lenta descida pela camisola, até onde meus peitos preenchem o material, os bicos dos meus mamilos em perigo de ficarem rígidos por causa da brisa. Ele faz um espetáculo me inspecionando, seu olhar pingando com desprezo. No entanto, essas pupilas perversas se demoram nas curvas dos meus quadris antes de se arrastar para minhas coxas expostas, onde a bainha está erguida porque não me incomodei em ajustá-la.

Minha pele se arrepia. A infestação traça um caminho pela minha nuca, pelos meus antebraços e ao longo das minhas costas.

Agora, eu não estava mentindo sobre minhas travessuras. A primeira vez que entrei galopando em Feéria, estava usando minhas calças. Não gosto de me exhibir, mas uma espiada de olhos curiosos nunca me incomodou.

Mas esse olhar de Cerulean em mim...

Este olhar direto é uma corrente de ar que se esgueira sob a superfície, escorregando sob as alças frágeis da camisola.

Entendido. Mas dois podem jogar este jogo.

Dou a mesma atenção, minhas pálpebras mergulhando, minha atenção subindo de seus pés descalços – arcos altos, uma pinta no dedo mindinho – para os músculos de seu abdômen. Os altos e baixos do tronco inflam em um ritmo sutil com o qual eu poderia me acostumar.

Meus olhos se erguem para onde um botão duro rola para cima e para baixo na garganta de Cerulean, os músculos bombeando-se tensionando ali.

Acho que ele gosta do que vê, por mais que o enoje.

Nós olhamos um para o outro, nenhum dos dois recuando. Depois nos endireitamos e recuamos em nossas próprias sombras enquanto a lua despeja um filme leitoso por nossas pernas. Uma silhueta de preto corta uma linha sobre o penhasco.

Devia ser estranho, estar sentada e não falar com Cerulean. Mas não é. No entanto, estou inquieta e com vontade de brigar. Tenho essa vontade de continuar brigando com ele, para ver com que frequência vou ganhar.

Eu o amarraria com meu chicote se ele manipulasse esses moradores selvagens, mas não deveria ter precisado perguntar. Como ele disse, os animais são sagrados para os feéricos, e este refúgio é um exemplo disso. Não que isso o perdoe por outros crimes.

Digo:

— Então, você atrai apenas humanos com essa flauta. Que nobre.

— Gosto de pensar que sim. Como eu não amo nada mais do que favores, flautas e sacanagens — Cerulean responde sem remorso, fazendo meus punhos se fecharem. — Seja como for, noites como essas são mais divertidas. — Ele inclina o queixo em direção aos animais residentes, seu tom dedicado, fiel. — Nós curtimos as melodias juntos.

— Parece um bom passatempo. Por que não fazer dos animais e da música o trabalho de sua vida?

— Farei isso um dia. Tenho bastante tempo pela frente. — Abro a boca, mas ele ainda não terminou. — Você disse que prefere criaturas com asas. Me diga sua favorita.

— Você me confundiu com alguém que quer ser sua amiga.

— Você veio aqui por conta própria. A menos que meu instrumento prevaleceu no fim das contas e meu encanto funcionou em você.

— Você estava tentando?

— Nunca precisei tentar, até recentemente.

Sorrio.

— Quanto doeu admitir isso? Com detalhes, por favor.

A boca de Cerulean se contrai.

— Eu não estava lhe chamando.

— Não fui atraída. — Recostada nas mãos, balanço as pernas sobre o vale.

— Seu parceiro coruja me acordou, só isso. Eu estava me sentindo impulsiva e intrometida. Dois dos meus dons.

— Você deixou de fora a verdade mais crucial. Você queria uma camaradagem com a fauna, apesar da minha ressalva.

— Você acreditaria em mim se eu dissesse que os animais são sagrados para mim, também?

— Observei você por muito tempo na Vigia dos Rouxinóis. Você saltitando de pés descalços com as aves.

Minhas pernas param de balançar.

— Por quanto tempo?

— Hum. — Equilibrando um cotovelo no pulso oposto, ele desliza um dedo pela ponta de uma orelha. Franze os olhos, como se tentasse se lembrar.

— Acho que pelo mesmo tempo que você me espionou hoje. Pelo menos faça minha vontade por um instante. A lua está brilhante, a fauna saiu para brincar e estou me sentindo egoísta. É uma hora curiosa, em uma noite curiosa.

O puma barulhento e cabra da montanha brincam pelo gramado. Minha atenção se volta para o feérico avaliando minha expressão. Merda, suas características graciosas rivalizam com as mais devastadoras de sua espécie, bem como com os humanos, capazes de botar ambas as espécies de joelhos.

— Se vamos fazer isso, você terá que retribuir o favor — digo.

— É justo. Esclareça — ele pede.

— Minha criatura com asas favorita? Uma cotovia. — E quando um sorriso sarcástico se espalha em seu rosto, empurro seu ombro. — Deixa de ser arrogante. Não é uma questão de vaidade.

— Eu não disse uma palavra.

— Foi o primeiro pássaro que eu já vi. Quero dizer, o primeiro que eu me lembro de realmente observar, então foi a primeira vez que percebi o quanto amo qualquer coisa que voa. — Coloco o cabelo atrás da orelha. — Eles podem fazer algo que eu não posso. Eles podem viver no céu, viajam com o vento e são destemidos quando fazem isso. Tenho ciúmes que possam ver o mundo de cima. Enquanto crescia, queria a mesma liberdade.

Paro de falar, sabendo que me empolguei. A tagarelice acabou arrancando um sorriso meu.

Cerulean observa esse sorriso enquanto pergunta:

— Liberdade de quê?

Dou de ombros, embora não haja motivo para dar de ombros.

— Eu era uma limpadora de chaminés.

A reação do feérico é imediata. Sua atenção salta aos meus olhos para ver se eu estou falando sério, então ele direciona sua carranca aos caminhos irregulares da montanha. Não sei por que, mas parece perturbado.

— Me conta mais?

Não preciso dizer nada a ele, mas vários pensamentos invadem minha mente. Parar enquanto estou à frente ou ver onde isso vai dar, descobrir onde isso vai levar. Tratar esta conversa como outra curva neste labirinto montanhoso. Falar com meu captor, mantê-lo por perto. Encontrar uma trégua, mas não ceder. Mergulhar na borda, mas não cair.

Talvez eu queira me ouvir dizer em voz alta. Ou talvez queira contar a alguém cuja opinião não importa, porque não há risco. Ou talvez a reação dele importe, um pouco.

Falo sobre ser uma criança. Não das partes sobre ter uma casa, uma família e um santuário. Falo sobre tudo o que veio antes. Moro no País Médio, mas minhas raízes estão enterradas no Sul entre os dragões.

— Sou a filha abandonada de um dono de bordel — anuncio, cruzando as pernas. — Nasci durante uma briga entre os clientes, saindo do ventre da minha mãe direto para os braços da rameira que ajudou no parto. Não sei quem é, ou era, meu pai, mas minha mãe não tinha tempo para amamentar ou me dar carinho, então me largou em um orfanato superlotado antes que eu conseguisse engatinhar, o que me levou para o País Médio e outro orfanato superlotado, do qual fugi quando tinha 8 anos.

Jogo uma pedra no vale.

— Ninguém nunca me disse que as ruas eram igualmente cruéis. Fui arrancada de um beco por um homem com o rosto de um buldogue, que me transformou em uma de suas limpadoras de chaminés.

Cerulean escuta enquanto descrevo os dois anos que passei escalando esses pulmões de tijolos escurecidos. Dois anos tossindo nas cinzas e tentando não desmaiar de exaustão. Dois anos de manchas de fuligem nos olhos. Dois anos de cotovelos em carne viva e joelhos arranhados. Dois anos de unhas sujas e ataques de gritos. Dois anos chorando até dormir.

Meu captor nos mantinha sob rédeas curtas por precaução, fazendo um rodízio dos limpadores dependendo de qual estivesse tossindo menos em qualquer dia. Se alguém se negasse a trabalhar, receberia o chicote – ou pior – e tínhamos que assistir. Apenas uma fração dos limpadores sobreviveram a esses anos.

— Eu fiquei esmagada dentro de um fumeiro uma manhã, tentando sufocar meus soluços — digo a Cerulean. — Não sei por que, mas aquela chaminé em particular não tinha um chapéu, então olhei para as nuvens pelo teto, onde um quadrado de azul brilhava acima de mim.

Minha garganta se fecha com a memória, mas sorrio.

— Foi quando eu vi o passarinho minúsculo circulando e cantando uma e outra vez, como se soubesse do que eu precisava. Pensei na liberdade, como aquela criatura fazia parecer tão fácil, e parei de chorar. Ela me deu conforto, e isso foi o suficiente para me tirar de lá.

Sempre tive medo de que meu captor me encontraria se eu tentasse escapar, mas não me importei naquele momento. Enquanto ele estava ocupado arrastando outra garota para a casa de um cliente, desci pelo fumeiro, corri para fora daquela casa e segui o pássaro enquanto ele voava sobre a cidade. Corri, corri e corri na mesma direção, até esbarrar em um velho com um rosto amigável.

A cotovia tinha pousado e ficado no ombro de Papa Thorne enquanto ele me segurava firme, a preocupação gravada em suas feições escuras. Lutei para chutá-lo na canela, mas, quando notei o pássaro, parei.

Meu rosto sujo e os joelhos arranhados disseram ao Papa Thorne o que eu era. Ele limpou o revestimento preto do meu cabelo e revelou um choque de branco por baixo das cinzas. Depois disso, ele me comprou uma torta de queijo grande e me levou a um curandeiro, e o pássaro ficou no ombro de Papa Thorne o tempo todo. Foi assim que soube que ele era seguro. E foi assim que encontrei um lar.

Minhas irmãs vieram depois, entrando de supetão separadamente em nossas vidas naquele mesmo ano, trazendo suas próprias histórias com elas. Papa Thorne não é do tipo que vê uma criança abandonada e a deixa ao seu destino. Então nos tornamos uma família.

— A cotovia ficou até eu conseguir dormir a noite toda sem tossir. Então voltou para a natureza, talvez para salvar outros — digo. — É daí que peguei meu nome. Como eu não tinha um quando meu pai me encontrou, ele sugeriu que eu me nomeasse. Então escolhi Lark, para agradecer à cotovia por me dar esperança.

A lua e as estrelas derramam luz no penhasco. Enquanto vejo o céu inspirar e expirar nuvens, a atenção de Cerulean percorre meu perfil. No instante em que encontro seus olhos, ele dobra um joelho e se senta em uma pose negligente, a outra perna dobrada perto da minha, ambas derramando fora da borda.

Esparramado assim, ele diz:

— Exceto que você não precisava de asas para se libertar. Você apenas precisava fugir.

Para sua sorte, ele disse isso sem ser condescendente.

— Você quer dizer que fugir sempre foi uma escolha minha? Porque não foi assim que me senti por dois anos.

— Tenho o hábito de acreditar em como me sinto com algo e o que isso significa... Bem, talvez dificilmente seja óbvio até o momento acabar. O que

você acha?

— Isso é um golpe?

— Não. Sou eu perguntando o que você acha.

Ah.

— Prefiro saber se é uma escolha minha escapar desta montanha.

— E eu, por exemplo, mal posso esperar para descobrir.

— Pela primeira vez, nós concordamos.

Nós rimos, o som estranho e muito alarmante, porque nós dois congelamos. De onde veio isso? Por que parecia nostálgico?

Balanço a cabeça.

— Por que eu te contei isso?

— Por que eu ouvi? — ele pergunta, igualmente desconcertado.

Apesar das perguntas, algum tipo de agitação ferve em Cerulean, sua boca azul-escura se estreitando com amargura. Ele parece realmente se importar com a minha história.

Outro momento constrangedor se instaura entre nós. Eu me mexo, inquieta, mas não pronta para voltar.

Aquela mesma silhueta de antes balança sobre a paisagem, espiralando em torno do caule de uma trepadeira. Diferente das plantas do meu mundo, as trepadeiras daqui são doze vezes maiores, amarrando os caules ou balançando sobre suportes rochosos e no ar. O amigo coruja de Cerulean voa para fora da torre e bate suas asas atrás da outra criatura. Eles se encontram no meio do caminho, circulando um ao outro em uma formação espiral contínua.

— Você tem uma, duas, três, quatro, cinco, seis perguntas à deriva em sua mente — Cerulean observa. — Estou começando a decifrar o número com base em nada em particular. Desnecessário dizer, esse número de perguntas soa como uma riqueza de acordos.

Eu me pergunto:

— Como você impede os predadores de roubar os moradores do refúgio? Como você conseguiu que eles compartilhassem esse habitat sem lutar pelo domínio ou caçar um ao outro? Eles se aceitaram na mesma hora ou levou algum tempo? Você e Moth estão cuidando deles sozinhos ou outros feéricos ajudam? E quanto aos curandeiros dos animais?

— Então eu estava enganado. Cinco perguntas.

— Quem disse que terminei? Tenho a noite toda.

— Você está se candidatando para uma posição de guardiã?

— Não preciso. Eu tenho um meu.

— Um o quê?

Deixei meu rosto inexpressivo falar por si mesmo. Suas sobrancelhas se juntam. Surpresa fica bem nele, e estou orgulhosa de ter colocado essa expressão lá.

— Você é uma guardiã? — ele pergunta.

— Você pode chamar assim, mas eu prefiro o termo Deusa da Fauna. É exótico e combina com o meu cabelo.

O feérico me observa de novo, a curiosidade animando suas feições.

— Ora, ora. Que segredo, escondendo esse pedacinho de mim. Que tipo de fauna?

Eu hesito.

— Quanto tempo você tem?

Cerulean não responde, apenas contorce a boca.

Como é muito mais divertido falar do Santuário da Fábula do Pôr do Sol, digo a ele como passo meus dias salvando criaturas, como aquela cotovia me salvou. Embora eu jamais teria sucesso sem minhas irmãs. Juniper é uma mestra em descobrir as rotas de caçadores e localizar suas armadilhas, então

assim somos capazes de roubar os animais de volta. Com sua habilidade em desfazer armadilhas e abrir gaiolas de metal, e com o talento de Cove para bater carteiras, aprendemos a trabalhar de forma quieta e rápida, principalmente sem cruzar armas e fazer inimigos.

Caso contrário, alguns dos animais fogem por conta própria. Nesses casos, vasculhamos as aldeias, vilas e fazendas vizinhas, resgatando sobreviventes ou quaisquer criaturas que tenham sido feridas. É um trabalho árduo, mas minha família adora.

Acho que nunca vi Cerulean perplexo – ou perturbado. Várias perguntas aparecem em seu rosto, então ele pergunta, e eu respondo. Histórias sobre os animais fluem, incluindo como minhas irmãs e eu aprendemos a cuidar deles, e as coisas difíceis bem como as partes preciosas. Conto a ele sobre a lagoa que Cove construiu, os pastos que Juniper mantém para veados e filhotes de cervo e o aviário improvisado que eu tenho equipado com casas, balanços e alimentadores.

Nossa conversa se anima, vagando de um detalhe para o outro, Cerulean revelando segredos da fauna feérica que não estão registrados nas Fábulas. Ele tem suas próprias memórias, algumas tristonhas, algumas hilárias, algumas dilaceradoras, algumas fascinantes. Chegamos ao ponto de trocar ideias de como cuidar da vida silvestre. Não acredito, mas perco a noção da noite.

Até que meus pensamentos mudam. Relembrar os animais que Juniper, Cove e eu deixamos para trás perfura meu estômago, do mesmo jeito que pensamentos de Papa Thorne fazem. Compartilhar isso com o feérico que despedaçou tudo abre ainda mais a ferida.

Visto uma expressão de aço e direciono a Cerulean.

— Onde estão minhas irmãs? O que Juniper está sendo forçada a fazer?

Ele pisca, saindo do nosso transe, sua expressão se transformando em

indiferença.

— Isso depende de Puck, não de mim.

— O que Cove está sendo forçada...

— E isso depende de Elixir.

Puck. Elixir.

Os outros dois governantes deste reino. Um das florestas, nas profundezas do vale florestal. Outro dos rios subterrâneos, onde os canais correm por túneis naturais.

— Você não os conhece bem o suficiente para adivinhar? — discuto.

— Poderia. Podia. Posso — Cerulean oferece.

Leio a mente dele. Esses trapaceiros e seus acordos.

— O que você quer?

— Isso depende do que você quer.

— Acabei de te *dizer*.

— Tantas perguntas para a mesma resposta.

Ameaço empurrá-lo para fora da borda da montanha. Para isso, ele joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada, apenas parcialmente irritado que nós saímos do caminho inexplorado e amigável.

Cerulean gira a flauta entre os dedos.

— Me chame de trapaceiro elegante. Chame Puck de trapaceiro travesso. Chame Elixir de trapaceiro vingativo. A questão é: qual é mais cruel? Pense com cuidado. Muito, muito cuidado.

Não saber sobre minhas irmãs é tortura. Mas, se Cerulean der o seu melhor palpite, terei que carregar a imagem mental pela montanha, e me preocupar vai ser uma distração. Se isso acontecer, minhas irmãs e eu estaremos em risco.

— Eu não quero saber, quero? — murmuro.

Cerulean está prestes a responder quando o som de barras de metal guinchando atravessam o parque. Fico tensa, mas o feérico ao meu lado deixa cair o instrumento e se volta bruscamente em direção à perturbação, seus músculos rígidos. Olhando por cima do ombro, ele encara a natureza com olhos frenéticos.

Sigo a trajetória dele. Em uma das árvores, o cardeal se mexe em um balanço de pássaro enferrujado, que deve ter esbarrado em um degrau vizinho. Se eu não tivesse visto o balanço, diria que parecia com uma porta de gaiola se fechando.

Viro para o feérico, que olha para o balanço com uma expressão abrandada, aqueles olhos arregalados. Hoje, ele está desarmado. Avalio suas pupilas aumentando e seus dedos pairando na cintura por instinto, onde ele normalmente mantém a lança de arremesso retrátil.

Está assustado.

Os olhos de Cerulean se lançam para mim. Um rubor corre até suas maçãs do rosto, mas o feérico o encobre com rapidez, a repugnância se misturando com medo e humilhação. Ele localiza a flauta na grama e a coloca na aljava das costas.

— Dificilmente eu gostaria de saber do sofrimento das pessoas que são importantes para mim. A menos que isso me ajudasse a salvá-las.

Uma noção assustadora se aloja no meu íntimo.

— E ajudou?

— Sim e não. Não e sim. Ambos e nenhum dos dois, e todos ao mesmo tempo.

— Se vier com papo furado para cima de mim de novo, vou jogar sua flauta do penhasco.

— Jogue do penhasco, e faço você pegá-la.

— Me faça pegá-la, e é minha.

Cerulean olha para mim.

— De onde das Fábulas Sombrias você veio?

— Não estamos mais falando de mim.

— Que pena. Eu gosto de falar de você muito mais do que deveria.

Merda. Ele simplesmente vai e admite isso, e meu corpo simplesmente vai e reage. Arrepios correm do meu couro cabeludo até os dedos do pé, me cobrando mais energia do que eu tinha segundos atrás.

Mesmo assim, tento esquecer suas palavras. Muitas pessoas na aldeia me chamam de atrevida, mas, com este feérico, não posso me dar ao luxo de pensar como uma.

Ao nosso redor, grilos cantam no silêncio. O gramado exala a fragrância herbal de tomilho.

Cerulean gira em direção ao vale, um grande corte que perfura a paisagem.

— Fui criado por animais: um carneiro errante, um glutão, um leão da montanha e uma ave de rapina que tinha sido rejeitada pela espécie. Minha mãe e meu pai partiram para uma das Cortes Unseelie, me deixando para trás quando eu era uma criança, então a fauna me criou entre as tramazeiras e os pedregulhos. Eles me ensinaram a me defender e viver da flora. Eles me ensinaram paciência e atenção. Treinei com minha lança de arremesso contra eles, aprimorando minha velocidade e os reflexos. E, todas as noites, eu os entretinha tocando a flauta que meus pais me deixaram, a única coisa que deixaram para mim além de uma arma. Eu descansava com os animais, lutava com eles, caçava com eles. Eles eram meus, e eu era deles. Ninguém poderia destruir isso e, mesmo tão jovem, eu sabia que mataria qualquer um que tentasse. Posso ser um governante, mas as criaturas da natureza são minha família, e vi o que você fez com eles.

Seus olhos assombrados engolem a vista.

— No dia da Armadilha, caí no sono na Vigia dos Rouxinóis. Na época, era meu lugar de descanso favorito. Com Moth morando lá, às vezes os pais dela me convidavam para jantar no chalé. Outras vezes, Moth e eu líamos um para o outro sob os sinos de vento. Mas, nesta noite em particular, tínhamos acabado de brincar de esconde-esconde na floresta, e então caí no sono entre os ninhos depois que ela voltou para casa. Nem uma hora depois, acordei com uma cacofonia de balidos, rugidos, gritos e chirriados. Sob o sol ofuscante do meio-dia, os humanos haviam passado furtivamente pela Tríade, usando fogo atado com ferro derretido para extinguir o véu que protege nossa terra.

Ele silva, seu perfil preso em memórias.

— Tantos ruídos da minha família silvestre. Os humanos os jogaram em caixas forjadas de mais ferro. Eu me lembro do cheiro de asas e pelos carbonizados penetrando nas minhas narinas. Eu me lembro dos animais gritando, com os olhos frenéticos enquanto procuravam um meio de fugir, procuravam ajuda... procuravam por mim.

Cerulean suspira, angustiado e dividido.

— Tentei libertá-los, mas as barras de ferro chamuscaram minhas mãos antes que eu pudesse arrancar as grades das dobradiças. De repente, uma mordaca entrou na minha boca. Ah, mas a Armadilha não me surpreendeu como deveria. O que me surpreendeu foi que os mortais tinham como alvo a fauna, que não lhes tinha feito nada.

Um nó fecha minha garganta.

— O que fizeram com você?

— Acordei em uma gaiola que mal tinha tamanho para eu poder ficar em pé. Meus captores mortais me alimentavam e forneceram água quando estavam com vontade, mas, na maior parte do tempo, jogavam jogos

impressionantemente criativos.

Para enfatizar, ele inclina o queixo em direção aos braços, onde crateras enrugadas aparecem em sua pele, como se alguém tivesse golpeado Cerulean repetidamente com uma vara de chaminé. Não tinha notado as cicatrizes até agora. Elas parecem... familiares.

Além disso, sei muito bem como é ser arrancada de uma vida e empurrada para outra. Sei como é ver criaturas feridas em cativeiro. Entendo o impulso para salvá-las. Sei o que significa ter uma família, humanos e animais no mesmo nível – e perdê-los.

E, embora eu não tivesse visto o peso da Armadilha, eu tinha conhecido uma exceção. Eu me pergunto se Cerulean o conhecia, era amigo dele, mas não vou perguntar. Ainda não quero dividir esse garoto, com ninguém.

Depois de tudo o que aconteceu, eu não deveria ter pena de Cerulean. Mas isso iria me juntar com os outros da minha espécie, que não sabem quando parar, mesmo depois de terem sido vitoriosos.

— Durante semanas, eu não tinha ideia do que eles tinham feito com a fauna — Cerulean continua. — Mas os sons deles sendo levados ficaram se repetindo na minha cabeça. Pensei que poderia enlouquecer de angústia, questionando o que aconteceu com eles e o que aconteceu com meus vizinhos Solitários. Imaginei o pior, e com razão. — Ele comprime os lábios escuros e sussurra: — Tormento. Massacre. Abuso. Quando consegui fugir, eu os encontrei e vi o preço da vingança de um mortal. Era tarde demais para os anciãos feéricos e as crianças, e minha família foi massacrada inteira, menos um. Havia tantos feéricos e tantas criaturas, tantos. Poderia ter caído de joelhos em meio à carnificina, se não fosse pelo último membro da minha família e os animais restantes, que precisavam de mim para salvá-los.

Meus olhos lacrimejam.

— Não somos todos assim — arrisco dizer baixinho. — Pais amam seus

filhos e filhas. Eles adoram seus companheiros animais e os consideram família. Fazendeiros adoram seus animais. Caçadores honram suas capturas — digo, pensando em Juniper e sua besta. — Você não pode ficar surpreso que nem todos os humanos teriam machucado sua fauna ou aquelas crianças feéricas que foram levadas. Quanto aos rebeldes que fizeram isso? Eles estavam loucos de tristeza e raiva. Vocês os atormentavam há anos, e eles foram criados para pensar que todos os seres mágicos eram maus.

— Então quem é o culpado? — ele pergunta bruscamente. — Quem são os monstros?

— Talvez os dois. — Balanço a cabeça. — Talvez todos os reinos tenham seus monstros e heróis.

— Do meu lado, não negamos isso. Sempre haverá feéricos que desfrutam das lágrimas e da obediência enclausurante dos humanos, a dizimação de suas vidas sem magia. — Ele me avalia com algo parecido com respeito. — No entanto, pode sempre haver um humano que mantém um santuário para a fauna mortal.

— Também manteria um para os animais feéricos, se eu pudesse. Se tivesse encontrado um deles depois da Armadilha, teria tratado a criatura com ternura.

A cabeça de Cerulean se desvia, os músculos do rosto trabalhando para permanecer indiferente.

Por mais que odeie admitir, gosto desse lado dele. Gosto muito.

— Pergunte — Cerulean diz sem olhar para trás.

Então pergunto:

— Quantos anos você tinha?

— O quê? Seus contos e rumores humanos não chegam a conclusões?

— Sabe que não. Não como as Fábulas. E acredito que você as leu.

— Inúmeras vezes, e assim me questiono. Verdades completas, verdades parciais e não verdades. O que é mais valioso para um humano?

— Pare com isso. Já te disse, eu não era um deles, Cerulean.

Ele olha para mim.

— Você é diferente de qualquer um, Lark.

O som do meu nome deslizando pela língua dele tem um efeito alarmante. Meu coração bate em um ritmo louco no meu peito e gavinhas de ar passam sob meus pés inquietos.

O corujão-orelhudo salta das nuvens, reaparecendo após sua brincadeira com a outra ave. Meu coração se aperta, vendo o olho faltante da coruja. No entanto, a ave de rapina tem força, dando voltas ao nosso redor e pousando no ombro de Cerulean. Quando o feérico sussurra algo gentil e obediente, o pássaro voa de volta ao seu trono na torre.

— Ele pede música — Cerulean diz. — Ele faz isso muitas vezes.

— Você cresceu com ele — adivinho. — Ele é um dos animais que criou você... a ave de rapina que mencionou.

— Acontece que ele foi o primeiro a aparecer, arrastando meu pequeno corpo sob sua asa. — Cerulean sorri com devoção. — Ele tem sido meu guia, meu amigo e nada menos do que um pai para mim. No entanto, não foi isso que você quis dizer, não é? Não, não acho que foi. — Seu semblante afetuoso desaparece, seus olhos se transformando em granito. — Eles quebraram as asas dele. Ele estava mancando na gaiola quando o encontrei, suas garras tinham sido cortadas e eles arrancaram um de seus olhos. Eu queria maltratar quem tinha feito isso, minha raiva tão intensa que podia sentir na minha língua, mas não havia tempo para vingança, e eu era muito jovem. Consegui libertá-lo antes que os mortais causassem mais danos.

Ele percebe minha mão cobrindo a boca com horror e diz:

— Não precisa se preocupar. Ele está curado, e é uma criatura majestosa e orgulhosa.

De alguma forma, consigo sorrir.

— Pelo visto é sua alma gêmea. Estive pensando na conexão de vocês.

— Isso não é tudo no que você estava pensando.

— Como você escapou? Você e seus irmãos? Os contos não dizem.

— Ah. O grande mistério. — Cerulean se espreguiça, seu torso se flexionando sob aquela pele marfim. Puta merda! Ele era sexy quando o encontrei a primeira vez, depois ficou feio quando o conheci e agora está voltando lentamente à minha primeira impressão.

Sou uma traidora. Pensando nas minhas irmãs, eu me afasto desses músculos tonificados.

— Então? Já que você acha que não sairei daqui viva, pode muito bem revelar seu segredo.

Com olhos arregalados e inocentes, ele afirma:

— Ora, eu escapei por magia.

— Vá se foder, feérico.

— Que língua mortal indecente.

— Pelo visto essa língua te assusta pra caralho, se está evitando a verdade. Preciso perguntar de uma maneira diferente?

Uma única sobancelha salta em direção a seu cabelo despenteado.

— Quantas maneiras você tem em mente? — Apesar disso, ele hesita. — Não tenho ideia de como Puck e Elixir escaparam. Nós definhamos em locais separados, e eles nunca me contaram. Cruzamos caminhos enquanto fugíamos com aqueles que tínhamos salvo, porque parece que tivemos a mesma ideia heroica e fomos os únicos três feéricos que conseguiram escapar, os únicos três ainda de pé. Chame de destino.

— Vou chamar de Fábula com certeza, cada um de vocês se libertando separadamente.

Posso dizer que Cerulean está prestes a responder sem responder. Por alguma razão, ele não quer que eu saiba dos detalhes. Mas um beija-flor flutua no meu joelho naquele instante, fazendo cócegas na minha coxa. Com uma risada, acaricio suas asas verde-esmeralda com o mindinho, o que encanta a criatura, porque ela treme.

Sorrindo, eu a vejo se afastar. Então pego Cerulean olhando para mim, e qualquer enigma que ele planejou dizer morre rapidamente.

— Eu não me libertei.

Minha boca luta para responder.

— O quê?

— Eu escapei, mas não me libertei.

— Mas as Fábulas não mencionam ninguém ajudando você.

— Não mencionariam, não é? — Cerulean retruca. — Ninguém mais estava lá naquela noite, além de mim e minha salvadora. — Ele olha para o céu com carinho, uma visão perturbadora que faz minhas costelas se contraírem de inveja, o que é péssimo, já que o desprezo. — Verdade seja dita, ajudei a resgatar a fauna, mas não me salvei. Tenho que dar os créditos a ela por isso.

Ela. É uma ela.

Suas palavras despertam um terrível palpite, um turbilhão de possibilidades que sufoca minha respiração. Desespero e um pressentimento emaranhado no meu íntimo. Mas não, é só na minha cabeça, uma noção inventada pelo meu coração desesperado. Tem que ser.

A noite mal começou, mas, quando o sol nascer, vai varrer esta noite para o passado. Com alguma sorte, vai levar esse palpite terrível com ela.

— A trama se complica — digo, fingindo compostura. — Espera, o que você está fazendo?

Cerulean se levanta.

— Estou fazendo minha saída triunfal. O que acha que eu estou fazendo?

— Você não terminou de me contar a história.

— A maioria chamaria de Fábula. Afinal, uma pena cresce do meu cabelo.

— Na Vigia dos Rouxinóis, você disse que eu o lembro de alguém. — Lambo meus lábios. — É a mesma? Quantos anos vocês tinham?

Cerulean faz uma pausa para estudar a janela mais alta da torre, como se as respostas estivessem escondidas lá em cima.

— Você está bastante curiosa hoje. Eu nunca soube a idade dela, nem quem ela era.

Não posso deixá-lo suspeitar de nada, então me faço de boba:

— Isso significa que você nunca viu essa feérica outra vez?

Os músculos das costas dele se flexionam. Ele olha por cima do ombro e ergue uma sobrancelha para mim.

— Eu nunca disse que ela era feérica.

Fico sentada ali, abalada com suas palavras. Os pelos ao longo dos meus braços se arrepiam, e minhas articulações travam, e não consigo me mover. Quem o ajudou a escapar foi uma mortal. Ele estava trancado em uma gaiola, em Reverie Hollow, e uma garota mortal o libertou.

Isso não é coincidência.

Sob um conjunto de nuvens brancas, Cerulean observa minha reação. Suas feições se encolhem, confusas, em seguida, se contraem em ceticismo quando um cabo invisível nos puxa, saindo do meu peito para o dele.

Minhas inspirações. Suas expirações.

Uma conexão. Uma memória.

Eu o mantive enclausurado, escondido na concha compacta do meu coração. Agora aquela concha rachou – e a rachadura está aumentando.

Mas não pode ser. É impossível.

Ele não pode ser o garoto do meu passado. Isso foi há menos de uma década, e os feéricos não envelhecem tão rápido quanto os mortais. Ser imortal significa que leva mais tempo para se desenvolver, então embora eu não saiba a idade de Cerulean, ele já está totalmente crescido e é fisicamente velho demais para ser aquele garoto.

Mais importante, aquele garoto foi atravessado com ferro pelo meu povo. Feéricos não sobrevivem a isso. Deixando a imortalidade de lado, não se levantam dos mortos se são massacrados na batalha.

Ruídos desarticulados percorrem o pico, a fauna feérica tão noturna

quanto o resto da sua espécie. O chamado de uma ave de rapina arranha o céu. Um pássaro menor canta de uma árvore. Folhas farfalham em torno dos membros desgrenhados de uma cabra da montanha errante.

Cerulean levanta o peito nu, os cumes se contorcendo.

— Não caia da borda, preciosa Lark.

Isso me tira do estupor.

— Não me empurre, malvado Cerulean.

Ele me joga um sorrisinho que não faz promessas, então se vira em direção à torre enquanto arranca sua flauta da aljava e toca sua música. Os animais o seguem, trotando e vibrando em seu rastro enquanto ele caminha pelo jardim. A música gira em torno da curva e se derrama nos arbustos.

Meus ouvidos se esforçam em direção à melodia que vem sussurrante do santuário. Notas prateadas deslizam pela corrente, que acaricia as árvores e levantam a bainha da minha camisola. Saio da minha paralisia e me deito de costas na grama. Minhas mãos cobrem a boca e meus olhos se fecham com força. Uma visão me assola: uma garota inventando um monte de profissões que deveriam existir neste mundo, mas que não existem, e um garoto ouvindo, convencendo-a de que ela tem o poder de se tornar qualquer um desses especialistas.

Mas aquele garoto tinha morrido. Ele não pode ainda estar vivo.

Meus dedos tremem tanto que os esfrego nas coxas, não conseguindo evitar os tremores. A flauta para, então começa de novo, soando do lado dele do penhasco para o meu. A melodia muda, espiralando em uma canção de ninar que suaviza o nó na minha garganta. Mas demora bastante até que eu pare de tremer, ainda mais antes de reunir forças para abrir meus olhos.

Uma rajada de vento faz cócegas nas flores e balança a grama. As estrelas polvilham a paisagem de um branco sereno e azul-petróleo fantasioso.

Ouço os traços da flauta dele, pensando se aquela canção de ninar não é apenas para a fauna. Cerulean não tinha feito uma saída triunfal. Estava fazendo um convite.

Encerrar a noite? Ou começá-la?

Eu me levanto, caminho ao longo da base da torre, atravesso o gramado e sigo o fio fino de água. No jardim, árvores esguias penetram o céu, os troncos altos e finos como lanças. As cercas vivas brotam do chão e as damas-da-noite caem das treliças.

Um riacho escorre sobre as pedras como vidro líquido. O caminho se curva em torno de uma fonte turbulenta, sua peça central um cavalo alado voando, suspenso em um caldeirão largo de névoa.

A melodia da flauta me chama com seu dedo curvado. Circulando a margem, navego por outra trilha batida na grama e paro. Meu peito se divide em dois, o sangue brotando da fenda e inundando meu corpo.

Cerulean está descansando em uma pedra coberta de musgo, um pé apoiado na superfície. Ele é uma visão direto das páginas de uma Fábula, seus dedos folclóricos dançando no pescoço do instrumento, os dedos finos pulando sucessivamente.

A fauna se espalha, seguindo seu caminho natural. Eles pastam e se alimentam, suas sombras pontilhando os caminhos e afloramentos. Cerulean toca para as criaturas, mas seus olhos estão fixos em mim. Os lábios dele envolvem o instrumento, a boca inchada e escura como tinta. A cada sucção e sopro, o longo caule solta suspiros de música.

De alguma forma, a presença dos animais inverte a torrente dentro de mim, minha corrente sanguínea se acalmando. Nesta terra, tudo é possível. Então, até saber mais, preciso ficar calma e ir devagar.

Eu me reclino contra uma pedra no lado oposto. A música diminui para um choro fraco, depois se desaparece na noite. Cerulean levanta os lábios da

flauta e ergue uma sobrancelha.

— Como eu suspeitava. Não conseguiu ficar longe?

— Não resisti ao chamado? — brinco.

Sua boca fechada se inclina em um sorriso. Ele devolve o instrumento à aljava, depois cruza os braços. Já o entendo agora – não é uma pose arrogante, mas cheia de intenção preguiçosa e intimidação ainda mais preguiçosa. Este feérico está acostumado a fazer acordos. Está acostumado a seduzir e manipular desejos. Está acostumado a conseguir o que quer.

Imito a pose e a expressão dele, exagerando até o ponto em que Cerulean mostra os dentes afiados, uma risada mágica atingindo sua garganta. Na maioria das vezes, eu queria bater nessa boca risonha, mas hoje? Ela arranca uma gargalhada de mim.

Acontece de forma constante e do nada. Começamos a andar, Cerulean me conduzindo, o assunto da fauna e da vida selvagem fazendo a ponte, um elo temporário que nos persuade a nos comportar. Quando os Solitários o indicaram como governante, ergueram esta torre, e ele soube na mesma hora o que fazer com ela, criando o jardim para os sobreviventes da Armadilha. Não foram esses que o criaram, mesmo assim se tornaram a sua nova família. Ele me conta anedotas, descrevendo os hábitos e as personalidades de cada habitante. Isso inclui a coruja de um olho só, que é exigente nos hábitos alimentares.

Comparo esses detalhes com as peculiaridades e rotinas dos animais em casa, e falamos sobre lamentar aqueles que não conseguimos salvar. Contemplamos a leveza e a escuridão de tudo isso. Refletimos sobre as hierarquias da vida selvagem, suas territorialidades, sua capacidade de se relacionar com diferentes espécies e seus impulsos violentos, como quando rejeitam os de sua própria espécie ou atacam outras criaturas. Às vezes não são provocados, só acontece por nenhuma razão além de instinto.

Cerulean coloca um dedo na boca e espalha um feixe de folhagem para revelar um ninho de adoráveis filhotes de pica-pau. A meu pedido, ele compartilha a sabedoria sobre a fauna antiga, explicando como os pégasos vagaram por este pico antes da época dos dragões.

Falo dos problemas que o País Médio vem tendo com os caçadores mercenários. Debateremos a caça em busca de lucro versus subsistência e como conciliar os dois. É difícil condenar aqueles que precisam alimentar suas famílias, pessoas dispostas a prender e roubar animais de terras privadas se isso significa colocar comida na mesa. Mas eles não são os únicos por perto. O último imbecil com quem transei é um exemplo disso, embora Juniper conheça esse tipo melhor que ninguém.

Depois, há o resto do continente. O território dos elfos tem a sua parcela de perda de habitat, algo relacionado a um comércio mortal por magia ilegal que compromete a paisagem do Norte. Nas terras dos dragões, os humanos vendem animais para entretenimento – jogos de armadilhas, lutas de animais e outros horrores em que os vagabundos fazem apostas. Não tenho muitos detalhes a respeito dessas regiões, e Cerulean admite que só viajou para fora do País Médio algumas vezes. Mesmo assim, o conhecimento pesa sobre nossos ombros, então recuamos aos contos sobre as criaturas dessas terras remotas. Lebres, lobos, leopardos da neve, ursos brancos e veados do Norte. Tigres, esfinges, panteras, onças e répteis – incluindo crocodilos – do Sul.

Vagamos de canto a canto, caminhando ao longo de passagens cobertas e degraus iluminados por tochas que levam a lugares repletos de rotas de cercas vivas vertiginosas. Vejo pontes pequenas arqueadas sobre lacunas abismais. O jardim é maior do que pareceu a distância, mais uma perspectiva externa distorcida.

Imagino que estamos fazendo isso para manter um ao outro sob controle, mas é mais do que isso. O passeio é sinuoso, a conversa, sem esforço e a

tensão, palpável. Quando a mão dele bate na minha, um raio passa dos meus dedos até meu umbigo. Pelo canto do olho, vejo os dedos de Cerulean se tensionarem.

Odeio isso. Odeio por mil razões. E odeio que uma dessas razões não tenha nada a ver com ódio.

As horas passam. O amanhecer se desdobra gradualmente, derramando uma lânguida névoa azul no jardim. Para onde foi o tempo?

Chegamos a um lugar isolado, onde um gazebo cercado por damas-da-noite está pousado na beira do penhasco. Sob um poste de tocha, Cerulean apoia um pé em cima de uma pedra cheia de musgo.

— Ora, ora, ora. Nós nos subestimamos.

Meu olhar esboça o gazebo e depois retorna para ele.

— Por que não procurou por ela?

A primeira luz do dia pinta seu rosto numa rede de sombras vegetais. Ele fica rígido, depois suspira de modo dramático, perigoso.

— E começou de novo, estávamos indo tão bem.

Estávamos, mas cansei disso. Nunca terminamos de falar do passado dele, e tenho evitado os fatos. Mas a noite está prestes a acabar, e me recuso a deixar para lá.

O feérico caminha em minha direção.

— Cuidado, Lark. Está indo por um caminho tortuoso. É uma queda substancial até o fundo, e lhe garanto que vai doer.

— Tudo que precisava dizer era: “é pessoal”.

— Verdade? Bem, então, é pessoal.

— Minha vida também era antes de você roubá-la de mim. — Quando isso não funciona, eu ataco: — Você tem medo de procurá-la?

Seus olhos azuis brilham.

— Não tive tempo de procurar. Ser um governante vem com a agenda de um governante.

— Essa é boa. Você encontrou bastante tempo para euzinha aqui.

Um vendaval violento bate nas nossas roupas. Ele me prensa no gazebo onde a folhagem ataca minha camisola. Cerulean se aproxima, colocando as mãos de cada lado do meu corpo e esmagando as folhas com os punhos. Aquela única mecha de cabelo balança livre do resto das camadas, a ponta da pena acariciando minhas clavículas. Sinto aquele comichão atrás dos joelhos, nas pontas dos seios e entre as coxas.

Ele está em todos os lugares, como o céu, o vento.

Ele desliza em direção ao meu ouvido e faz seu pior, o sussurro lambendo minha pele:

— Você é uma lamentável prioridade. — Arquejo quando ele abaixa a cabeça, os lábios escuros raspando o arco do meu pescoço e voltando até o meio. — Uma problemática — e depois para o meu queixo —, cansativa — depois para o canto da minha boca —, intrometida prioridade.

Sem querer, a minha cabeça se inclina. Meus olhos se fecham, uma onda de sensações fazendo a pele formigar. Estou mais quente que uma fogueira, quase derretendo nos braços de um feérico. Um feérico sexy e destrutivo, que sabe o que faz.

— Você tirou as palavras da minha boca — digo, meus dedos pousando por instinto em sua cintura, as pontas dos dedos escorregando por baixo das calças de seda.

Cerulean solta uma rajada de ar estremecida e ameaçadora, seus lábios astutos a menos de um centímetro dos meus.

— Eu poderia tirar muito mais da sua boca. Poderia dar voltas em todos os músculos rebeldes que se contraem dentro de você.

— E eu poderia morder a sua língua — garanto, enquanto me arqueio, meus seios resvalando seu torso.

— Ou — ele propõe, colocando a cabeça debaixo do meu queixo e deslizando pela minha mandíbula com os lábios — você poderia me foder com ódio.

Fábulas eternas. Sinto essa sugestão na fenda entre as pernas.

A maneira como ele disse isso, com uma paixão revoltada e com uma vergonha desesperada. Também resume como me sinto. Não sei o que nos une, mas é uma força implacável.

Estou envolvida com meu inimigo, que provavelmente é o garoto do meu passado, e que está se oferecendo para me foder. Não consigo deixar de imaginar nossos corpos entrelaçados se movendo em um ritmo acelerado. Minhas pernas enlaçadas em volta da cintura dele. Os quadris dele me pressionando e me abrindo.

Quero passar as unhas pela confusão escura que é o seu cabelo. Quero despenteá-lo ainda mais. Quero saber a textura da pele dele. Quero essa boca perversa.

Não posso confiar nisso. Não posso confiar em mim.

É preciso muito esforço para superar o seu toque e me concentrar no que ele confessou.

— O que isso significa? Que sou uma prioridade — murmuro. — E não distorça a verdade, ou você é um covarde.

Isso é o suficiente. Cerulean arrasta o rosto para o meu, a névoa desaparecendo de seus olhos. O delírio diminui e a sanidade retorna à medida que nos desembaraçamos, nossos pulmões absorvendo oxigênio. Estou ofegante e confusa, e tenho certeza de que minha expressão é tão acusatória quanto a dele, cada um de nós culpando o outro por este caos.

— O céu não se esconde — ele diz, ressentido. — Nem eu.

— Quer mesmo começar? Porque você pula em torno da verdade mais do que uma lebre.

— Ou, às vezes, você não percebe a verdade. Ela vem de muitas formas, se você escutar direito.

— E às vezes a verdade é mais poderosa quando você diz o que quer dizer. Chame de desafio ou de acordo. Chame de surpresa, já que gosta de surpresas. Chame da porra que quiser. Apenas me diga algo verdadeiro!

Isso não é totalmente objetivo, já que passamos a maior parte da noite tagarelando sobre muitas coisas autênticas. Ele confidenciou mais do que eu esperava. Ele me surpreendeu mais do que eu esperava. E nós revelamos mais do que eu poderia ter previsto, incluindo um desejo de fazer um ao outro gemer.

Mas isso não tem relação com a fauna ou o jardim da vida silvestre, e não tem a ver com desejos mútuos. Minha frustração vem de um lugar diferente – um lugar que foi destruído muito antes de eu entrar nesta montanha. Uma saudade não preenchida pela qual ele pode ser responsável.

Cerulean não responde. Atrás dele, as nuvens espumam dentro do cenário do amanhecer.

Então o brilho dele volta. Sem uma palavra distorcida, ele se endireita e me oferece a mão.

* * *

Eu devia saber que este feérico se aproveitaria de uma brecha durante a Lua Média. Ser um governante tem suas vantagens. Podemos não estar autorizados a vaguear sozinhos durante este intervalo, mas a fauna pode. Então, por que não implorar por uma carona?

Cerulean faz um desvio até a torre, para deixar a aljava da flauta. Ele

retorna vestindo um longo casaco, que deve ter colocado rápido, as abas se abrindo para expor seu abdômen nu por baixo. Ele olha para o coruchêu da torre, depois se curva e faz um apelo à coruja. Sentindo a mesma reverência, imito o gesto, abaixando-me humildemente.

A ave sai do prédio, se transforma em sua forma maior, pousa diante de nós e cutuca Cerulean de leve com o bico.

— *Tímien*. — Cerulean se ergue e envolve a cabeça da ave de rapina. — *Vvjúkan ojjur fankade?*

— Tí-Tímien? — repito. — É esse o nome dele?

— É um apelido da antiga língua feérica — Cerulean diz ao acariciar as penas do pássaro. — Significa eterno.

— Que lindo. — Gesticulo para o jardim da vida silvestre. — Todos têm nomes?

— Sim. — Ele me lança um olhar de soslaio. — Mas eles ainda não me disseram, os atrevidos.

Rio. De acordo com sua breve explicação, a natureza dá à fauna feérica seus nomes.

Subimos nas penas de *Tímien*. Atrás de mim, Cerulean monta a criatura, seu peito alinhado com as minhas costas. Envolvida no seu corpo, minhas coxas se moldam a suas pernas fortes.

Ele sussurra, astuto:

— Não caia.

E o conselho faz minha nuca arrepiar.

— Eu ou você?

A coruja salta do pico e navega pelos elementos. Desfruto da picada do vento nos meus membros, o ar uivando quando passa por nós, e os tons de ouro rosé e lilás do início da manhã. As escadas, pontes e rampas. As escadas

labirínticas. As casas feéricas e os edifícios de pedra e as ramificações tecidas com colunatas e pavilhões. As janelas altas e os arcos abertos. As cortinas que substituem portas e janelas.

Este é um mundo respirável.

Nós nos lançamos através de fendas na montanha e flutuamos de lado sobre o vale. Cedo demais, a coruja desce sobre uma planície de flores silvestres cobrindo outro cume. O pináculo é redondo e pequeno, não mais largo que um lago.

Depois de desmontarmos, vejo Tímien mergulhar pela borda e voltar à forma original. Seu corpo fica menor, encolhendo-se para uma fita de asas e se dissolvendo na vista.

— Só há um lugar para receber toda a verdade em nosso domínio — uma voz soa por cima do meu ombro. — Entretanto, é complicado.

Estudo sua forma ágil sombreada no chão.

— Ouvi dizer que qualquer coisa verdadeira é sempre mais complicada.

— Então pelo que você está esperando? Aqui está. — Ele se aproxima, as calças batendo na minha camisola, enquanto não pensei em me vestir antes de sairmos.

Passando o queixo por cima do meu ombro, Cerulean aponta.

— Ali.

Sigo seu dedo estendido até o sol rastejando pela cordilheira, um compasso derretendo a paisagem com calor e despejando uma paleta rosada sobre o terreno.

— O horizonte?

— O Horizonte que Nunca Mente — ele diz. — Daqui, você vê a verdadeira forma da paisagem, uma tapeçaria tecida pelos silfos, as suas Fábulas os chamam de espíritos do ar. Se você tiver uma pergunta, o Horizonte

vai lhe transmitir a verdade completa... ora, ora, não tão rápido, minha Lark.

— O quê? Eu não...

— Você estava prestes a fazer. A verdade tem um preço. O Horizonte só responderá à sua pergunta se lhe oferecer alguma coisa, e só vai responder sobre a oferta que fez. Mas tenha cuidado, não é para isso que estamos aqui. Estou apenas apresentando você a este cenário por educação.

— Parece algo que eu não deveria saber se quero conquistar esta montanha. Por que se preocupar em me dar essa dica?

— Porque é impressionante.

— Não. É porque você duvida que eu tenha algo que o Horizonte valorizaria. — E, nesse caso, ele provavelmente tem razão, mas meu coração bate mais rápido mesmo assim. — O que isso tem a ver com a garota que ajudou você a escapar?

— Nada e tudo. Se vou dizer a verdade, é melhor fazê-lo aqui com o Horizonte como testemunha. Você vai ficar olhando para mim?

— Vamos ao que interessa?

— Ah, acredite em mim, estou indo ao que interessa — ele resmunga docemente. — Primeiro: não tenho medo de procurá-la. Na verdade, sonhei com isso, mas, como lhe informei, me faltou tempo para agir. Estive ocupado mirando em outros mortais.

— Para fazê-los percorrer este labirinto por vingança.

— Por longevidade.

A silhueta de Cerulean se reflete na grama, um espectro escuro contornado pelo brilho do sol.

O pavor sobe pela parte de trás do meu crânio. Depois da Armadilha, os aldeões acreditavam que tinham estragado a missão. Mas e se não arruinaram?

— Você está dizendo... — Paro, abalada. — Está dizendo que conseguimos? Que enfraquecemos a montanha?

Cerulean se aproxima.

— Estamos reparando os danos.

Pelas Fábulas! Os feéricos correm o risco de desaparecer. Mas o que ele quer dizer, reparando os danos?

— Seu povo tirou um pedaço bem grande do meu. Manteve nossas crianças atrás de grades de ferro até que morressem sozinhas, suas lágrimas ainda úmidas. Vocês capturaram e mutilaram nossa fauna — ele diz. — Portanto, o que tiraram da montanha, estão destinados a devolver. Buscamos penitência não apenas por vingança, como você foi levada a acreditar.

O braço dele desliza pela minha barriga, prendendo-me ao seu torso.

— Depois de me tornar governante do céu, fiz um voto de vingar os feéricos mortos que não foram tão afortunados quanto meus irmãos e eu, bem como a perda de nossa fauna, a perda de minha família silvestre. Abri uma das cicatrizes causadas pelo ferro que os humanos me deram, ofereci meu sangue e pedi orientação ao Horizonte. Minha visita rendeu uma linha de vida improvável. Há uma maneira de reviver os mortos. Não o povo mágico que morreu, porque, tragicamente, eles não podem voltar. — A pressão da sua voz aumenta, depois se projeta com força. — Mas a fauna pode.

Pisco. Ela... ela pode o quê?

Cerulean continua:

— Para cada incômodo humano que erradicarmos, uma criação que foi extinta receberá uma segunda chance de vida. Esteja ciente, não chamamos de ressurreição. Chamamos de recuperação. Pois, como os animais estão ligados à natureza, os mortos retornarão pela terra, surgindo dos penhascos, das raízes, da água. Ficarão inteiros outra vez. Assim, a nossa terra vai prosperar, e vamos continuar vivendo.

“No entanto, nossa tarefa deve ser cumprida até o fim ou será perdida. E, em vez de eliminar as vítimas, devemos oferecer um desafio, um acordo, como é nosso costume eterno. Você pode chamar de jogo.”

— A montanha. — Eu entendo.

— A montanha — ele ecoa. — Ou o mortal aceita, ou eles morrem sem preâmbulo. No primeiro caso, isso cimenta o acordo e o caminho para a restauração. No último caso, acabamos com a vida do humano e devemos procurar outro sacrifício. Já que muitos nos surpreenderam ao escolher a morte imediata, levamos mais tempo do que o previsto para restaurar a fauna perdida. Eles não voltarão a menos que esse número abundante seja alcançado antes que a montanha murche. Temos até o décimo terceiro ano.

Já se passaram nove desde a Armadilha. Não há muito tempo para os padrões feéricos.

Cerulean revela que, quando soube disso, contou a Puck e a Elixir, armando-os com a essência para reviver seus próprios territórios. É por isso que eles estão com Juniper e Cove.

Estremeço na gaiola de seus braços.

— É por isso que você atrai os humanos um por um. Você está marcando a contagem de corpos.

— Às vezes, eles são enfeitiçados pela minha flauta, pelo violoncelo de Puck ou pela harpa de Elixir. Às vezes, passam pela Tríade sozinhos.

Como eu. É por isso que estou aqui, porque ele está tentando me destruir — para recuperar um dos mortos, para impedir que Feéria desapareça. Como os Solitários são neutros e não têm aliados, esta cruzada é apenas deles.

Pela sua família silvestre e pela longevidade da fauna, ele precisa que eu perca. Isso significa que os irmãos dele também precisam que as minhas irmãs fracassem.

Sinto repulsa. Merda, percebo a necessidade de viver. Isso não é o argumento decisivo. Eles podem estar fazendo isso para sobreviver, e um jogo pode ser a tradição, mas ainda é um sacrifício de vidas inocentes. E um sacrifício horroroso. Ninguém os força pela ponta de uma espada a prolongar ou ampliar o sofrimento de cada mortal.

É imperdoável. No entanto, não recuo ou tento bater nele.

Que magia obscura é essa? O que está acontecendo comigo? Com a gente?

— Você gostaria de mais verdades? — Cerulean pergunta, amargo, com entusiasmo. — Devo lhe dizer algo verdadeiro? Muitas coisas verdadeiras?

Se eu não conhecesse este feérico, isso soaria como uma promessa. Não é.

A ameaça desce pelo meu íntimo. Estou presa entre me contorcer e me afastar, e me enrolar no corpo dele. As sensações estão misturadas, tão confusas que não consigo distinguir medo, vergonha, alegria ou luxúria.

Isso é errado. Muito, muito errado.

Talvez eu não seja a única presa em um cabo de guerra, porque ele me aperta com mais força. O coração dele bate no meu corpo. Ele fala mais rápido, os sussurros esticados e à beira de quebrar.

Chegamos a um limite. Um ponto fraco foi atingido.

Quero fugir e mergulhar para fora da borda. Quero tanto me virar.

Me diga algo verdadeiro!

Foi o que exigi dele. E então ele me concedeu.

— Você era uma limpadora de chaminés — ele diz. — Abandonada por aqueles que mais deviam lhe amar, mas criada por aqueles que mais a amam. Você é inquieta, mas leal e lutará para manter o que é seu, porque perder é a única coisa que não aguenta, porque isso já aconteceu muitas vezes antes. Você foi consolada por um pássaro, depois inspirada a se salvar da servidão, mas ainda anseia por asas. Deu um lar aos animais, e eles a curaram tanto

quanto você os curou. Dividiu o corpo com homens, mas não o coração, porque está partido.

“Seus olhos são do cinza-claro de uma tempestade. Sua risada é uma corrente rápida de ar que não consigo parar de ouvir, não importa a hora. Sua voz é nebulosa, tangível, mas penetrante, se infiltrando nos meus sonhos e invadindo meu sono. Seu nome é um vício, que mergulhou na minha língua e se aninhou na minha garganta, de modo que todas as outras palavras que falo ameaçam escorregar, para pronunciar aquele nome.”

Cerulean sopra ar úmido no meu ouvido.

— Lark.

Quando eu era pequena, não queria nada mais do que estar aninhada nos braços de um certo ser sobrenatural. Mas não este. Meus olhos ardem com tristeza, ressentimento e arrependimento. E sempre, sempre, a perda.

Perda e saudade.

Os incisivos de Cerulean mordiscam o lóbulo da minha orelha.

— Você me conhece tão bem?

— Você quer que eu conheça? — arquejo, minha cabeça rolando para o ombro dele. Porque não aguento, eu simplesmente não aguento mais. Neste instante, bem aqui. Eu não me reconheço. No entanto, este momento se desenrola como se estivesse destinado a acontecer. Uma parte dormente e incondicional de mim aparece e ganha asas.

— Você é desonesto — começo. — Por fora, você faz as pessoas pensarem que é tão límpido quanto o céu, tão cavalheiro que não tem nada a esconder e nenhuma vulnerabilidade. Você faz com que os outros pensem que é acessível, que desvendar suas fraquezas não exigirá muito trabalho e, portanto, ninguém nem se preocupa em tentar muito, e esse é seu maior truque. É isso que o torna tão formidável. Não é tanto que os inimigos o subestimem, mas superestimam a si mesmos. Quando, na realidade, você tem muito a esconder. Ou melhor,

duas coisas.

Medo do cativeiro. Medo de perder aqueles que ama, de não os proteger no processo. Sei disso porque vi essas coisas nele, e porque ele as mostrou para mim, e porque meus medos não são muito diferentes.

— Você tem medo de gaiolas — digo.

Ele assente, arrebatado.

— Você tem medo de chaminés.

— Espaços confinados.

— Estar preso.

— Sem escapatória.

— Ah, mas há uma maneira de nos libertarmos. Se chama magia. Se você conhecesse os feéricos, entenderia que empunhá-la não é covardia ou preguiça.

— Se você respeitasse os humanos, saberia que a magia vem em formas mais simples — retruco. — Criar uma família. Nutrir uma amizade. Cuidar de um animal. Enfrentar seus medos. Ajudar os necessitados. Aprender o perdão ou a humildade. Pintar um quadro. Plantar sementes. Construir um lar. Ensinar alguém a ler. Amar outra pessoa. Dar esperança a alguém.

Todas as coisas de que os humanos são capazes. Todas as coisas que fazem.

Isso também é magia. E isso é força.

Cerulean contempla o que digo.

— Então me mostre a sua magia e eu lhe mostro a minha.

Passando os dedos pelos meus, ele os entrelaça. Faíscas estalam nas pontas. A pele dele é lisa, o toque, magnético. Ele alinha nossos braços e os abre bem.

— A brisa — ele sussurra, enquanto uma brisa delicada sopra entre nós. — O vendaval — murmura, convocando um impulso de ar e manobrando nossos braços ao longo da sua trajetória. — A tempestade — diz, rouco, enquanto

um fluxo de turbulência ruga e me sopra nele, a explosão batendo em nossas roupas.

É uma adrenalina deliciosa. O impacto agita meus cabelos brancos com seus azul-obsidianos, uma camada nublada batendo naquela mecha única e mais longa.

Nós nos tornamos o céu. Nós nos tornamos o amanhecer e o anoitecer.

E posso ver a textura e a forma de cada fluxo. Eu posso *vê-los*.

Ele está me mostrando o vento. Está me mostrando todos os tipos e formas possíveis. Uma amostra de opala nublada e flutuante. Uma raia prismática a passar. Em seguida, um funil fluido, metálico e borrado nas bordas, furioso contra nossas roupas.

Nossos corpos inspiram e expiram em conjunto, os ombros dele me apoiando, meus quadris abraçados pela sua cintura, minha bunda repousando contra sua pélvis. Grosseiramente, Cerulean lista uma dúzia de nomes para o vento. Alguns eu conheço, outros nunca ouvi falar.

Ele diz que a magia deve ser afiada para ser empunhada. É preciso paciência para compreendê-la, respeito para criar um vínculo com ela, disciplina para exercê-la e humildade para honrá-la. Eu não tinha pensado nisso desse jeito antes, assim como ele nunca tinha enxergado os atos naturais como mágicos.

Cada um vem com força. Cada um com sacrifício.

Este momento é familiar porque já o conheci antes. Anos atrás, outro feérico me apresentou ao vento, fazendo-me persegui-lo até eu rir alto.

As lágrimas se acumulam sob minhas pálpebras fechadas...

— Muito cuidado — Cerulean avisa.

... até eu não aguentar mais.

Eu me viro para encará-lo, meus seios se arrastando por seu peito nu. Meu

corpo está vivo, palpitando contra seus músculos. Inclinando a cabeça, desvio o olhar daqueles lábios azul-escuros para aqueles olhos.

Olhos provocantes. Olhos perversos.

Este governante feérico. Esta criatura perversa.

Minhas coxas se abrem um centímetro, e ele toma esse espaço, deslizando o suficiente para minha boceta sentir a saliência grossa do seu pau. Consigo senti-lo endurecendo na minha pele sensível, incitando uma pulsação agradável sob a camisola. Meus dedos escalam o cabelo dele, querendo tocar as pontas das orelhas.

Uso os polegares para soltar as orelhas cobertas, as joias caindo no chão. No segundo em que meus dedos escalam esses pontos finos, meu controle se esvai – e o dele também.

O feérico agarra meu rosto, as unhas dele arranhando minha pele. A cabeça dele se abaixa, os lábios pairando sobre os meus.

— Maldita humana viciante.

Então as nossas bocas se encontram.

Acontece sem aviso, como a maioria das coisas entre nós. Não espero por ele, e ele não espera por mim, porque já cansamos disso. Então, no instante em que os lábios dele se inclinam em direção aos meus, e meus lábios colam nos dele, acabou. Não aguento mais provocar, não aguento mais resistir.

E, claro, não aguento mais falar.

A boca de Cerulean se encaixa na minha. Os contornos daqueles lábios me empurram, afiados e rápidos, o beijo como uma tempestade de vento violenta que me enlouquece. Seus lábios esmagam os meus, a força arrancando um arquejo do fundo da minha garganta.

Meus braços envolvem os ombros dele, as pontas dos dedos formigando enquanto se entrelaçam em seu cabelo e agarram o couro cabeludo. Puxo as raízes, punindo-o, saboreando-o.

Um gemido abafado salta do peito dele e ondula pela minha boca. Uma mão mergulha pelas minhas costas, deixando um rastro de fogo na minha carne e depois apanhando meu traseiro. Agarrando a parte de trás da minha cabeça com a outra mão, Cerulean me levanta no penhasco que é seu peito nu, o casaco voando, aberto, ao nosso redor. Minha camisola se esfrega em sua pele corada, suavidade se misturando com músculos e ossos. Separados por uma amostra de material, meus mamilos se enrijecem contra a carne dura e aquecida.

Uma brisa impaciente agita nosso cabelo, espalhando todo aquele branco e azul. Isso provoca um arrepio delicioso, e eu respondo acariciando as orelhas

dele.

Com um zumbido áspero, Cerulean se entrega completamente. Abrindo meus lábios, a língua dele desliza para dentro e ataca a minha. Gemo no beijo, encontrando o deslizar da sua língua com movimentos desenfreados da minha.

Droga, ele tem gosto de vinho de abrunho e chuva. Nossas línguas se mexem em um ritmo delirante, chicoteando uma à outra. De novo e de novo e de novo, abrimos bem a boca e depois as juntamos com força. Meu corpo resplandece, o fogo me queimando de dentro para fora.

Estou beijando um deles. Estou beijando um feérico.

Estou o beijando.

Meus pensamentos se dissolvem. O mundo se transforma em fumaça. Eu me perco. Eu me reencontro. A boca dele é um erro, e cada um dos meus gemidos é um fracasso. E é invasivo, e é inebriante, e é injusto, e é fatal.

E é seguro. Por alguma distorção mágica calculada, é seguro.

Por causa disso, é o pior beijo que já experienciei.

O abraço errático e exposto ao vento expulsa o oxigênio dos meus pulmões. Cada flexão da língua dele é uma penetração agri-doce que traz lágrimas aos cantos dos meus olhos. Sei de onde elas vêm, mas as seguro enquanto me abro para ele.

Nós nos inclinamos na direção oposta. Sua boca arrebatada a minha, o puxão implacável de nossos lábios arrancando sons dos dois. Meu sangue ferve, elevando-se a um ponto insuportável entre minhas dobras. Estou mais molhada com esse beijo do que jamais estive enquanto aberta ao redor de um homem.

Está na hora de eu assumir o controle. Lambendo e ganhando espaço até aquele lugar desordenado e escuro dentro dele, sinto Cerulean se entregar

completamente. Um ruído de prazer salta da garganta dele, e eu engulo a vibração.

Não mostramos sinais de parar. Cada toque, cada gosto aumenta o desejo, fracassando em nos satisfazer. E é assim que perdemos a porra da cabeça.

Pego mais. Dou mais. Quero mais.

Não me lembro de para onde foram as minhas mãos. Desapareceram no ninho do cabelo dele. Sua palma inquieta sai da minha bunda e se junta à outra mão na minha cabeça, prendendo-me no lugar enquanto sua boca se agarra a mim.

O vento flutua à nossa volta. O beijo está saindo do controle.

Nós nos arremessamos para o desconhecido, nossas línguas derretendo, penetrando. Estou excitada, a ponto de explodir, entrando e saindo da boca dele. Ele desliza para dentro da minha, atingindo um lugar que nos faz tremer da cabeça aos pés.

Ao mesmo tempo, imitamos o ritmo de outro ato. O beijo começa parecer com uma transa. O confronto furioso de inimigos, junto com a ligação predestinada de amantes. Aquele movimento suave, mas enfatizado dos quadris. O impulso profundo e vibrante dos corpos. Incapaz de aguentar, meus quadris se esfregam no seu comprimento rígido.

Cerulean afasta a boca. Ele sussurra algo inarticulado, o tom acusatório. As luas escuras de suas pupilas eclipsam as íris, brilhantes e brutais. Elas mergulham até minha boca inchada, e faço o mesmo, ansiosa para lambe a carne azul-escura.

Este ponto de virada é tão horrível, tão bom. Embora ainda nem tenhamos começado. Não é nada comparado com o que estou ansiosa para fazer, nada comparado com o que ele faz a seguir e nada comparado com a minha reação.

Ele afunda os dentes no meu lábio inferior. Aqueles dentes de marfim deslizam pela borda da minha boca, um caminho escaldante que me leva à

loucura. Isso é o que este beijo é: loucura e caos, malícia e magia.

É uma memória, tão nova e tão velha. É proibida e familiar, uma enxurrada de dor e desejo, inocência e corrupção.

Quando rosno, pedindo mais, ele me nega. Então mordisco sua carne, onde o lábio superior se curva. Continuamos a fazer isso, a dar voltas um ao redor do outro. Nossas bocas à deriva, nossos dentes arranhando.

Eu devia balbuciar alguma coisa. Ele devia murmurar outra coisa.

Precisamos parar, mas não encontro forças para me importar, e ele também não. Finalmente, o governante feérico é impotente, e a prisioneira mortal é inestimável. É assim que me sinto enquanto ele me toca.

Nós nos encaixamos como um, enquanto os detalhes ao nosso redor se transformam em cinzas. Ouço o barulho de uma tempestade, uma rajada de vento agitada perturbando a montanha. Em algum lugar, um aglomerado distante de seixos se desaloja e cai de um penhasco. Em algum lugar ainda mais distante, uma ave de rapina grita em uma nota aguda.

Então não ouço nada além da respiração irregular de Cerulean, que imita a minha. Esgotamos um ao outro.

Mas quanto mais posso tirar dele? Quanto mais ele pode oferecer?

Posso muito bem acrescentar mais um erro à minha lista de crimes. Com isso em mente, meus dedos tocam as orelhas dele outra vez. E isso é o suficiente.

Cerulean estremece e reivindica minha boca para outro ataque desastroso, nossas línguas se esfolando até ficar em pedaços. Recebo seu beijo e me rendo a ele. Uma corrente de energia crepita onde nossos lábios se enroscam, levantando meus membros e me atirando para o céu. Um beijo selvagem num lugar ainda mais selvagem.

Já estive assim tão acordada? Tão alerta?

E ele?

Com cada golpe da sua língua ilícita, uma versão distorcida de mim mesma ganha vida e alça voo. Minhas mãos se erguem mais no cabelo dele, meus braços roçando ao redor de seu corpo. Em vez de voltar para minha bunda, as palmas dele descem da minha cabeça para meu cóccix.

O beijo se intensifica de carnal para consciente. Aprofunda-se e explora, nossos lábios se espalhando um ao redor do outro. Mais lento não, mas muito mais profundo.

Isso é mais assustador. Uma corrente fria de medo passa pelo meu coração.

No entanto, o sol do amanhecer combate essa resposta, derramando calor nos dedos dos meus pés e se aninhando nas minhas omoplatas. Suspiro na boca dele. Cerulean murmura, absorvendo o som, os movimentos do maxilar se acalmando. Isso só intensifica as sensações, a brisa golpeando as calças dele e a minha camisola.

Nunca me beijaram assim. Nunca experimentei nada perto dessa paixão confusa, dessa agressividade profunda. Estou me rendendo e me libertando de uma só vez. Estou beijando um inimigo que também é um amigo, como se sempre devêssemos estar aqui, como se tivéssemos colocado isso em movimento há muito tempo.

Afastando minha boca da dele, luto para respirar. Em um momento reprimido, nossos olhos se encontram, atrapalhados. Suas feições angulares estão relaxadas, seus lábios em um tom azul-escuro. Não há nenhum traço de desdém nos olhos, nenhum enigma na língua.

Pela primeira vez, fizemos com que o outro calasse a boca.

Talvez eu seja tão monstruosa quanto este feérico. Por que outra razão deixaria isto acontecer? Por que outra razão estaria pronta para mais?

Mais tarde, vou me xingar por isso. Até lá, quebro outra regra: nunca se

apaixone pelo inimigo.

Cerulean abre a boca, provavelmente para dizer algo catastrófico. Em vez disso, agarro os declives finos de suas bochechas e murmuro:

— Maldito feérico viciante.

Seus lábios divertidos se contraem quando minha boca agarra a dele.

No momento em que paramos para respirar, o sol já nasceu por completo. É um grande bocado de caramelo pendurado no céu, dourando o mundo. Pela primeira vez, é o tipo de vista que eu poderia ver em casa.

Não que eu esteja prestando muita atenção. Minhas pálpebras se abrem devagar e vejo apenas um vislumbre da vista por trás do cabelo grosso de Cerulean. Por cima do seu ombro, pisco para o feixe de luz, depois para ele.

Os braços dele envolvem minha cintura, as palmas colando na minha bunda, que ele deve ter agarrado de novo em algum momento durante o turbilhão do nosso beijo. Meus braços estão pendurados ao redor do seu pescoço, agarrados a ele como se eu fosse desmoronar sem o apoio.

Pensando bem, não como se eu fosse desmoronar. Como se fosse levitar para o céu abandonado.

Nossos corpos fazem uma jaula um do outro. Meu coração bate tão forte que ameaça quebrar os ossos. Seu próprio coração desenfreado faz o mesmo, se posso levar em consideração seu ritmo martelado. O que aconteceria se esses órgãos atravessassem as barricadas e colidissem?

Com as bocas separadas e pairando a centímetros de distância, expiramos ar úmido um no outro. As narinas de Cerulean lutam por oxigênio. Com cada uma das inspirações dele, sufoco um pouco mais.

Nós nos beijamos. Isso não é um sonho ou um pesadelo. É um pouco dos dois, sensual e perturbador.

Vejo meu rosto refletido nas suas pupilas, o meu corpo como uma

alfinetada, uma distorção de mim mesma. Em outras palavras, estou sendo dramática. E eu não sou dramática, porque deixo isso para Cove, já que ela é melhor nisso. A minha irmã pode desfalecer sem se comprometer.

Por outro lado, ela não teria beijado um feérico. Nem Juniper.

Só de pensar nelas me faz sacudir para longe do abraço de Cerulean. Mas não adianta, porque ele me prendeu dentro de braços soldados com aço.

Mexer só faz com que meus seios batam no seu peitoral. Esse toque só leva a visões de nós emaranhados e caóticos, nus e suados contra uma parede do penhasco.

Os nossos lábios estão muito próximos para ser confortável. As curvas da boca dele fazem cócegas na minha, mesmo quando a clareza retorna. Seu olhar se estreita, mudando de luxúria para ceticismo.

— Que truque é esse? — ele fala com a voz áspera. — O que você fez comigo?

Bufo sem fôlego.

— Quando vai entender? Para produzir efeitos, os mortais não precisam de magia.

— Então, que absurdo é esse?

— Não sei.

— Mas você também sente.

— Por favor. Você sabe que sim.

— Você me consome. Quero soltá-la, mas não consigo. Quero castigá-la, mas não consigo. Quero tomar sua boca outra vez, mas, maldição, não consigo. Por quê?

Poderia repetir as palavras dele. Essa bagunça seria tão fácil de limpar, se fosse limitada a uma atração perversa e alimentada pelo ódio. Mas ouço o que não é falado.

Por que o beijo pareceu natural?

Cerulean olha para mim, irradiando confusão. Se ele espera que eu tenha respostas, então nós realmente acabamos um com o outro. Estou acostumada a enfiar a língua na garganta de caras em Reverie Hollow, mas isso? Isso não posso simplesmente ignorar.

Além disso, me sinto mal pela provocação sobre sua espécie, especialmente depois do que ele disse sobre a magia exigir mais habilidade e sacrifício do que eu pensava. Faz tanto sentido que estou irritada por não ter pensado nisso enquanto crescia.

Coloco uma mecha de cabelo branco atrás da orelha. É uma coisa muito feminina de se fazer, mas depois de ter um feérico me beijando pra caralho, não tenho desculpa. Além disso, meus mamilos estão duros contra o material fino da minha camisola, raspando a planície do peito de Cerulean.

Ele percebe, seus olhos se aprofundando em um azul brilhante e abismal.

— Tenha muito cuidado.

— Senão? — provoco.

Mas ele não precisa responder. Eu tenho imaginação.

Uma brisa desliza entre nossos corpos, desfazendo o transe. Nos desvencilhamos um do outro. No entanto, sinto-o em todos os malditos lugares, aquelas mãos instrumentais gravadas na minha pele, aquela língua perversa fazendo meus lábios formigar.

O sol reflete nos ápices expostos de suas orelhas quando ele se curva para pegar os brincos. Tinha entendido tudo que ele disse sobre como esse horizonte funciona. São perguntas honestas e respostas sinceras. Deve significar que também se trata de ações.

Brinco:

— O Horizonte que Nunca Mente. Com um nome assim, talvez

devêssemos culpá-lo por este fiasco. Talvez seja isso que nos deixou com tanto tédio.

— Ou talvez nós sejamos os culpados — ele diz, colocando os brincos nas pontas das orelhas. — Nem mais, nem menos.

— Isso significa que foi um acaso? Ou uma gafe?

— Qual você prefere? Um, ambos ou nenhum dos dois?

— Chega, Cerulean. Pare de falar em enigmas comigo. Já cansei, e não aguento mais. Se estamos neste pico para sermos verdadeiros, então vamos ser verdadeiros. Não foi por isso que me trouxe aqui?

— Não quero fazer um trocadilho, mas, de verdade? Não me lembro porque trouxe você aqui. Estou perdendo o rumo o tempo todo ao seu redor, mas não consigo evitar. Você me provoca à distração. Seja noite ou dia, não consigo parar de pensar na sua boca mortal, nem consigo parar de cobiçar essa boca, nem de odiá-la por isso. Isso é verdadeiro o suficiente, mascote?

— Voltamos a *mascote*, não foi? O beijo deve ter deixado você nervoso.

— Eu? Com medo de você? — responde, com uma risada amarga.

Eu me aproximo.

— Então prove e me beije de novo.

Uma monção passa pelo rosto de Cerulean.

— Você está jogando um jogo perigoso.

— Você quem começou faz muito tempo.

— Ah, minha rebelde. Você ainda não faz ideia do que sou capaz.

— E, ao contrário de você, eu posso correr o risco.

— Pode mesmo? Me lembrarei disso.

Com um movimento do pulso, uma rajada de vento se move em direção ao Horizonte. Minutos mais tarde, Tímien reaparece, as lâminas das asas cortando o cenário. A viagem para casa é tranquila, exceto pelo assobio do

vento e o bater das penas da ave.

Cerulean e eu nos separamos sem olhar para trás. Para onde vamos agora? Lugar nenhum, isso sim. O beijo não muda nada. Não pode mudar, apesar do que aprendi sobre a história dele, apesar da probabilidade de o nosso passado estar ligado e apesar do que isso pode significar para o meu coração. Consegui o que queria enquanto traía a mim, às minhas irmãs, à minha família, à minha maldita dignidade.

Foi demais para um beijo.

* * *

Horas depois, eu me reviro nos lençóis. O episódio no Horizonte distorceu a dinâmica entre nós. Não importa o que pensemos ou digamos, algo crucial aconteceu naquele penhasco. Algo que estava crescendo há algum tempo, se as minhas suspeitas estiverem certas.

Ainda sinto o gosto dele, ainda sinto o toque da sua língua. Mais cedo, o sol nascente subiu, mas agora já começou a recuar. O dia boceja em uma tarde sonolenta, fazendo um tom dourado escorrer pelas janelas, a cor espirrando nas cortinas e na minha cama.

Em poucas horas, a luz vai diminuir. A fauna vai caminhar por este porto seguro. E, não muito longe daqui, feéricos farão coisas cruéis.

Os Solitários sairão para brincar, porque hoje é o baile de máscaras. Eles vão se vestir com roupas elegantes e usarão máscaras. Vão dançar sob a Lua Média. Vão se felicitar por serem eles mesmos.

A única coisa boa que vai acontecer? Vão celebrar os animais deste mundo.

Isso, e provavelmente vão transar.

Com um grunhido, eu me viro na coberta, as dobras se emaranhando ao redor dos meus quadris.

Quero sair desta cama. Quero sair deste quarto. Quero sair desta torre.

Quero fugir da bolha escura dos meus pensamentos. Quero saltar para o vento e deixar que me leve.

Quero beijá-lo de novo. Quero o ar girando ao nosso redor como antes, quando ele me mostrou o vento, quando realmente vi o vento pela primeira vez. Quero me sentir como naquele momento, como se compartilhássemos a mesma paixão, a mesma admiração. Quero reviver aqueles segundos antes de nossas bocas se autodestruírem. Quero essa loucura mais uma vez. Quero que tenha significado. Quero que seja insignificante.

Ele vai transar com alguém hoje?

Como ele é na cama? Que movimentos sabe? Como ele soa quando goza? Que sons ele arranca das parceiras?

Frustração, culpa e ciúme se chocam no centro do meu corpo, um anseio incandescente se alojando na fenda entre as pernas. Minha mão se move, tocando o monte de cachos. Passando os dedos pelo emaranhado de pelos, toco na umidade, escorregadia e quente. E, por um tempo, toco na minha boceta, meus dedos passando pelas dobras e acariciando a protuberância inchada.

Cuidado. Tenha muito cuidado.

Invoco uma fantasia de sua voz, suas palavras penetrando o silêncio. Pressionando com mais força, meu corpo cai para o lado, em busca do ângulo perfeito. Encaro as cortinas ondulando ao redor da janela aberta, o material transparente levantado e trêmulo.

O vento tem um começo? Tem um final?

Como se convocado, a fonte da minha curiosidade desliza pelo chão e sacode as extremidades do lençol. Congelo. O material se mexe, empurrado por uma força invisível, e sobe pelas minhas panturrilhas.

Meu coração bate feito louco. Conheço essas travessuras. De experiências passadas, conheço-as bem.

Só que, agora, estou ciente de quem é o responsável. Ele provavelmente já fez isso com inúmeros mortais, então não deve se lembrar daquelas noites no meu quarto. Mas, ao contrário dos últimos encontros, isso não é nada aleatório. E, ao contrário daqueles outros incidentes, reajo de forma diferente.

Com os nervos à flor da pele, deito-me de costas e abro os braços para os lados do colchão. Uma nevasca se aloja na minha barriga. Todo movimento é proposital, mas lento, porque isso não é uma rendição – é compartilhado. Uma oferta por outra oferta.

Extasiada e disposta, espero com as palmas para cima. Não sei como cheguei até aqui, ou aonde isso vai, mas sei que está com ele. É só com isso que me importo. Se estamos prestes a fazer outra confusão, faremos isso juntos.

O vento para em contemplação, depois vagueia adiante, circulando meus tornozelos. Meus dedos do pé se dobram, mas o resto do meu corpo fica rígido, porque me mover estragará a antecipação.

Mas já é difícil. É muito difícil não me mover.

Uma risada erótica ressoa, a brisa carregando sua resposta a mim. Sim, ele consegue fazer contato pelo vento, mas até que ponto? Até onde consegue levar isso adiante?

Ele consegue me sentir? Consegue me provar?

Deve conseguir, embora não deva ser como se ele estivesse aqui. De qualquer maneira, um zumbido ressoante se entrelaça com o vento. *Permita-me.*

Não é um apelo. É uma proposta.

Uma sedução. Uma promessa.

O vento continua sua trajetória, separando meus pés. Meus dentes afundam no lábio, silenciando um gemido. Não pode me culpar por querer manter um pouco da minha excitação escondida, para que ele não fique convencido. Não estou aqui para validá-lo.

Baseado no rastro provocador do vento, ele gosta disso. Mesmo que eu não tenha chutado o traseiro de brisa dele para fora do quarto, acho que quer ver o que é preciso para me conquistar. Aposto que quer testar isso, para ver o quanto dele posso aguentar. Acho que quer que eu dificulte as coisas para ele. Depois, acho que quer que eu sucumba.

Ah, minha rebelde. Você ainda não faz ideia do que sou capaz.

E, ao contrário de você, eu posso correr o risco.

Então é isso que ele quer, enquanto eu estou disposta e exposta como um banquete. Por mim, tudo bem.

Vamos ver o que este feérico pode fazer. Vamos ver quanto tempo duramos. Vamos ver...

Minha respiração fica entrecortada quando aquela rajada de vento toca a carne ao redor dos meus joelhos, traçando as cicatrizes deixadas por inúmeras chaminés, incontáveis buracos de escuridão. Uma emoção crua e dolorida brota na minha garganta. Ele muda de rumo, seu ritmo delicado pelas rótulas dos joelhos, o vento roçando seus lábios naquelas feridas antigas.

A aspereza na minha garganta piora. Muitos caras abriram meus joelhos com pressa. Nenhum deles prestou atenção às cicatrizes.

Hoje, a minha pele formiga ali. Minhas articulações ficam moles no colchão e os lençóis suspiram na cama. É tudo o que posso fazer para manter uma pitada de resiliência, para me segurar contra isso. Eu esperava movimentos perversos, mas não contava com isso.

Talvez nem ele, porque a brisa desliza e recua por um segundo. Eu choramingo e levanto os joelhos, procurando por ele. Então a rajada retorna e

se remodela, assumindo a textura de uma boca que lambe um caminho entre minhas coxas erguidas. Meus olhos se fecham com força, a imobilidade do meu corpo amplificando as sensações.

No entanto, quando a corrente de ar se divide entre as minhas coxas e as separam, os meus quadris se erguem. O vento serpenteia ao redor da minha cintura, restringindo-me até que eu me acalme. Agora, meu centro já está inchado e escorregadio com a umidade.

Mas a corrente de ar desvia da minha pélvis, deslizando até o umbigo e entre as pontas dos meus seios. Nas minhas clavículas, a investida se ramifica, subindo com um objetivo. Ela agarra cada um dos meus pulsos, enrola-se neles e os estende sobre a minha cabeça, prendendo-me nos travesseiros.

Meu arquejo pontua o movimento, meus olhos se abrem. Arqueio a coluna. Meus seios se levantam orgulhosamente, os mamilos endurecendo sob a camisola. Mesmo neste ângulo, os vejo empurrando a roupa.

E vejo o vento. Agora que ele me mostrou, eu o vejo.

O vapor azul-prateado é leve, pairando sobre mim. Espalhada abaixo, passo a língua nos lábios e sopro ar úmido.

— Cerulean.

Isso inicia uma reação em cadeia. O vento se agita em uma direção discreta, vindo para baixo. A camisola se enrola nos meus quadris, expondo minha boceta para ele, cada parte molhada e desejosa de mim. Aberta assim, sinto a agudeza de seu olhar – a expressão sombria e hipnotizada.

Minha umidade escorre. A protuberância que se projeta do meu corpo pulsa, desesperada por fricção. Se ele não resolver isso, vou gritar.

Um segundo depois, o vento mergulha, dando voltas entre as minhas pernas e se curvando sobre a minha fenda. Em um movimento prolongado, ele desliza ao longo da abertura e sobe até o pequeno monte sensível

destacado entre os cachos.

Com um gemido chocado, fico tensa como um nó. Meu corpo se lança do colchão e se curva para cima.

O vento se estreita – e me prova. Movimentos rápidos envolvem a abertura encharcada, alimentando-se da umidade. É quase o mesmo que uma língua, mas não exatamente. É algo mais, sem arestas ou limitações.

Portanto, vai mais fundo.

A pressão se afunila a um ponto e leva minha boceta a um frenesi. Cada açoite é agonizantemente suave, chicoteando nas minhas dobras, encharcando-me outra vez. O vento lambe meu clitóris de modo implacável, sem parar, persuadindo-me a ficar mais molhada. Todo o meu ser se reduz ao lugar onde a minha excitação inunda este vento.

Estou toda febril, úmida e suada. Quando o vento se espalha pelas paredes privadas e penetra minha passagem apertada e escorregadia, estou arruinada.

— Ah, caralho — gaguejo.

Eu me mexo na cama, minha pélvis se esfregando no ar. Minha cabeça tomba para trás e minhas mãos agarram os lençóis, e posso ouvir alguém soluçando de prazer.

Sou eu. E o barulho gutural vindo pelo ar é ele.

Imagino a cabeça dele balançando entre as minhas coxas trêmulas. Aquela língua diabólica de vento se flexiona para dentro e para fora de mim, arrancando gemidos, cada um mais alto que o outro. Então, do nada, a rajada se retira e voa em direção àquela doce crista de nervos.

Ah, minhas Fábulas. Sim.

Minha boca se abre, gemidos desarticulados saindo dos meus lábios enquanto meu ápice gira contra o vento. Ele passa por cima daquele pico, acariciando e provocando, causando danos intermináveis.

Por fim, ele se agarra ao meu clitóris e aspira em torno da carne macia. O chupão quente se move com puxões curtos e rápidos, arrancando ruídos hesitantes da minha boca. Estou gritando, pedindo mais. Preciso que acabe, e estou desesperada para que dure pela vida toda.

Não aguento isso, não aguento, não aguento.

Mas vou aguentar.

Minha boceta persegue o vento, persegue a forma do seu toque. Depois, o meu corpo se descontrola. E desmorono, uma grande convulsão de calor explodindo das minhas paredes.

Eu gozo com força na névoa dos seus lábios, meus músculos internos espasmando a um ritmo vertiginoso. Meus gemidos voam pela janela, o êxtase correndo pelo meu corpo enquanto aperto os lençóis, minhas pernas abertas ao máximo.

Desabo bem rápido. Meu corpo bate no colchão, meus membros, esparramados.

Com cuidado, o vento junta os lençóis ao meu redor. Quando meus olhos vidrados procuram um vislumbre do ar, ele se foi.

Feérico sorrateiro. Ele deve ter esperado que eu desmaiasse depois disso. Mas, debaixo da roupa de cama, tudo o que posso fazer é segurar um dos travesseiros e envolvê-lo no peito. Aperto como se fosse um corpo, como se ele tivesse ficado comigo.

Ele queria. Senti sua vontade como senti sua resistência.

Eu sei, porque é a mesma coisa que eu queria. Mas não sabemos como fazer isso um com o outro – ficar.

Também sei de outra coisa. Nenhum dos caras que provaram o meu corpo alguma vez arrancaram de mim um clímax encantador e arrebatador. E, enquanto o resultado era solitário, nunca foi de partir o coração. Não era

doloroso ou aterrorizante.

Nenhum deles me tocou com o vento. Nenhum deles havia tocado meu rosto com carinho.

Só uma criatura já fez isso.

Soltando o travesseiro, levanto-me e levo as pernas para fora da cama. Lágrimas esperançosas e petrificadas ardem nos meus olhos enquanto corro para a mochila no chão. Mesmo que eu já saiba o que isso significa, mesmo com tudo o que Cerulean me disse ontem à noite, não posso tentar me proteger. Não em relação a isso.

Para revelar a verdade, O Horizonte Que Nunca Mente precisa de uma oferenda. Troquei ou perdi as minhas bugigangas, mas tudo bem.

Ainda tenho uma última coisa.

Espero até ter certeza de que ele foi para a cama e não vai voltar. Restam três horas antes do anoitecer. Aproveitando essa lacuna de tempo, eu me visto, depois saio furtivamente da torre e para a luz do sol. Tímien está empoleirado em seu trono no topo da torre, um imperador contemplando a paisagem pela lente de um único olho cor de água-marinha. Parado como uma estátua, a ave de rapina reina sobre a montanha, imune ao vento que perturba suas penas.

Eu me curvo, minha testa indo em direção ao chão. Um momento depois, uma sombra com chifres passa por mim, e espio quando um par de patas com garras se prende em torno de um galho. A coruja me concede uma audiência, observando-me por cima de seu bico, a cavidade ocular esquerda um buraco em seu rosto, uma cicatriz de tecido. Apesar disso, tenho a sensação de que ele pode ver um universo inteiro através daquele olho sobrevivente.

Esta criatura não me deve nada, por isso mantenho a cabeça baixa e espero. Passei anos observando os pássaros e me comunicando com eles à nossa maneira. Então, quando ouço a coruja descer para um ramo mais baixo, entendo isso como um convite e levanto a cabeça.

— Espero respostas. Você pode me levar lá? — suplico. — Por favor?

Não pretendo trapacear neste jogo ou desrespeitar a história da fauna viajando durante a Lua Média. Mas uma pergunta está me consumindo, e esta é minha única chance de conseguir uma resposta. Além disso, já aproveitei essa brecha mais cedo com Cerulean.

Tímien me observa, pensando, e depois salta do galho. Ele se transforma

em uma figura gigantesca, padrões de penas elegantes e incandescentes ondulando para fora. Camadas de penas se agitam, o som estridente poderoso e hipnotizante.

Durante a Armadilha, os aldeões de Reverie Hollow lidaram com o problema de mudança de tamanho enfraquecendo as criaturas com todas aquelas armas e armadilhas de ferro. Meus olhos lacrimejam ao imaginar este magnífico espécime reduzido a barras e um cadeado, metade de sua visão roubada. Não consigo imaginar o que aconteceu com as crianças feéricas durante a revolta, muito menos com Cerulean quando ele tropeçou no horrível espetáculo e encontrou seu pai com asas mutilado.

O chão treme quando Tímien pousa, sua silhueta fazendo meu corpo parecer minúsculo. Monto em suas costas e partimos, disparando para o final da tarde.

A Montanha Solitária está tranquila, seus moradores sepultados em um sono profundo. Abaixo, um punhado de tramazeiras se balançam em ângulos íngremes, oscilando de um lado ao outro contra o vento, enquanto outras ficam paradas. Árvores esguias empalam a névoa e plantas trepadeiras bordam a paisagem rochosa, tudo conectado por um labirinto de degraus, pontes e fachadas aéreas.

Animada, abro os braços e fecho os olhos. Escuto as asas maciças do pássaro batendo no ar, porque ele está seguro e curado e livre agora. Quanto a mim, sou uma nuvem à deriva, sempre em movimento, sempre mudando de forma. Nem o céu consegue me segurar.

Exceto quando Cerulean usou o vento para me tocar ontem à noite. De todas as maneiras para amarrar meu coração, ele explorou a única coisa que sempre quis sentir me envolvendo. Mais de uma vez, ele me trouxe àquelas alturas.

Já transei com muitos caras grosseiros, desesperada para substituir o

garoto que queria e perdi. Mas, ontem à noite, não me importei em substituir ninguém. Não precisei.

Tímien mergulha. O meu estômago embrulha. Flexiono as pernas nas plumas dele, as franjas tremendo ao pousarmos. O impacto faz meus olhos se abrirem para um cenário de cumes e céu ilimitado mergulhado em tons pastel.

O Horizonte que Nunca Mente.

Desço da coruja e me aproximo do centro, sem saber o que fazer a seguir. Preciso realizar um ritual? Dizer as palavras certas?

Meus pés se arrastando desalojam pedrinhas. Volto-me para Tímien em busca de orientação. O olho de joia da criatura dispara em direção ao sol, indicando para onde devo olhar. Ainda assim, não consigo pronunciar uma sílaba, minha língua hesitando em uma tentativa fraca de moldar palavras.

Depois de fazer isso, não posso desfazer.

A esperança circula na gaiola do meu peito. O terror também. Ambos intensificam a nevasca de emoções que empurram minha voz para a superfície:

— Hum, tem alguém aí?

É como falar ao ventre de um desfiladeiro. Uma corrente de ar agarra a minha pergunta e a afasta, canalizando-a para um lugar que não consigo ver. Ao mesmo tempo, o céu dança, girando para formar um móbile brilhante de pontinhos.

As partículas estremecem e se moldam em um ser. Fracos contornos com asas se manifestam, ligados a caudas oscilantes e focinhos ovais. Com um arquejo, aproximo-me.

Pégasos. Os silfos são pégasos.

Na forma física, estão extintos. Como aparições, continuam existindo.

Suas vozes antigas se acumulam e vibram numa única força:

— Bem-vinda, Lark de Reverie Hollow. O que podemos fazer por você?

— Eu... — Lambendo os lábios, falo rapidamente, com medo de que desapareçam. — Eu procuro a verdade, se não for muito incômodo.

— E por que você procura esta verdade?

O meu coração fala por si só.

— Para me libertar.

Silêncio. Mas, quando por fim respondem, parecem intrigados:

— Na verdade, isso é uma novidade. Muito bem. Faça a sua oferta e a sua pergunta.

Não sabia que tinha a intenção de me libertar da verdade. Apenas saiu, arrancando-se de um local enterrado bem dentro de mim. Se eu souber a verdade, posso me libertar do passado – quer isso signifique libertar minha culpa ou confirmar o que tenho pensado desde ontem à noite.

Com as mãos trêmulas, alcanço o bolso do vestido azul-marinho e pesco a pena azul. A única relíquia terna do meu passado. O único tesouro que consegui salvar durante este jogo. O último bem precioso de que estou disposta a desistir.

Nove anos desde a última vez que o vi. Cinco anos desde que parei de esperar que ressuscitasse dos mortos. Três anos desde que parei de chorar.

O Horizonte só responderá à sua pergunta se lhe oferecer alguma coisa, e só vai responder sobre a oferta que fez.

Levanto a pluma.

— Ofereço-lhe esta pena se me disser uma coisa sobre ela. A pena já pertenceu a um feérico. Ele está vivo?

— Sim — o Horizonte fala em coro.

— Onde posso encontrá-lo?

— Você já o encontrou.

O vento diminui. Uma quietude se alastra, tanto que escuto meus batimentos estrondosos.

Tudo cai no chão. Vacilo, meus joelhos desabando na grama. Então meu coração segue, despedaçando-se na descida. A pena é a última, flutuando para longe dos meus dedos.

Em um atordoamento desamparado, vejo a pena balançar na brisa. O ar recolhe a pluma e a coloca de volta no hemisfério. Ela entra em espiral na paisagem, onde o Horizonte a engole inteira.

Ele está vivo. Todo este tempo, estive vivo e bem na minha frente.

Por que estou abatida? Eu já não sabia?

Mas uma coisa é descobrir um segredo por acidente ou surpresa. Outra é ter a revelação, a confirmação.

Uma coisa é descobrir a verdade. Outra é ouvi-la. E é outra coisa aceitá-la.

Lá se vai a libertação.

Balanço a cabeça.

— Como, se aquele menino morreu há nove anos?

— Você viu acontecer? — o Horizonte retruca.

Não vi. Mas, após a fuga dos feéricos, ouvi os aldeões na praça, ouvi-os sussurrar sobre aquela noite infame e aquele garoto, como ele tentou fugir. Onde aqueles idiotas erraram? Por que não investiguei mais em vez de engolir aquele boato?

— Vocês mortais acreditam com rapidez nas palavras dos outros — o Horizonte diz. — Em vez de respeitar o conhecimento ao examiná-lo mais de perto, tendo paciência e buscando entender por si sós com mais profundidade, vocês aceitam narrativas de segunda mão. Vocês escolhem isso, em vez de

procurar a verdade por conta própria. Você atribui tão pouco valor às suas próprias percepções que aceitaria a primeira palavra falada que lhe é oferecida?

Fico de pé.

— Quer falar da verdade? Vocês ficam aqui agindo como se tivessem todas as respostas por um preço, como se possuíssem todos os fatos. Não é a mesma coisa? No entanto, têm a audácia de julgar? O que lhes dá o direito?

— Somos espíritos do céu. A natureza fala através de nós e o faz há séculos. Se isso não é suficiente para convencê-la, então tenha isso em mente: há uma distinção entre a verdade que lhe dizemos e o que você decide fazer com ela. O que importa mais?

— Eu era a porra de uma criança. Não pensei em questionar a história.

— Nem quando cresceu?

— Sobretudo quando cresci.

Porque, à medida que envelhecia, cada verdade ficava mais difícil. Por que e se todas as coisas em que acreditei sobre a noite em que o perdi fossem falsas? E se a aldeia estivesse errada e tivesse confundido os fatos? E se ele tivesse sobrevivido e se tornado um monstro? E se, em vez de resgatar um amigo, liberei um demônio?

Os anos me deram essa perspectiva, mas o medo veio com ela. É por isso que tenho esperado e temido esta descoberta. Esperando que ele tivesse sobrevivido e temendo isso também.

Minha voz sai frágil, pulverizada por outra possibilidade gritante, uma que dói tanto. Fui enganada? Tenho sido tão idiota assim?

Tirar conclusões precipitadas validará o que o Horizonte disse sobre a consideração dos mortais pela verdade. Entendo o que queriam dizer sobre decidir o que fazer com ela. Decidir no que confiar e onde colocar a minha fé

– bem, isso está no meu poder.

— Ele sabe? — digo, entredentes. — Ele sabe quem eu sou?

Os pégasos batem as asas.

— O que você acha?

Faço uma pausa, porque, em retrospectiva, a suposição é uma loucura. Quando era uma menina, ajudei Cerulean a fugir, e éramos amigos. Se ele soubesse o tempo todo que sou a garota do passado dele, não estaria querendo me fazer passar por isso. Apesar do seu juramento para restaurar a fauna, não me aterrorizaria com um olhar malicioso no rosto.

Aterrorizaria? E se ele me enganou naquela época? E se ele tivesse sido um trapaceiro desde o início, rindo de mim quando eu não estava com ele na forja? E se estivesse me observando há mais tempo do que eu pensava? E se aqueles passeios sorrateiros do vento para a minha cama não tivessem sido aleatórios?

E esta manhã? E se eu não passar de uma bugiganga para ele?

E se ele nunca se importou?

Imagens da infância passam pela minha mente. A forja do vidreiro e aquela jaula. As brincadeiras que fizemos. As coisas que contei a ele. A maneira terna e verdadeira como ele tocou minha bochecha.

Tem mais. Neste labirinto, vislumbrei em Cerulean a mesma perda e saudade com que tenho lidado.

Um monstro não cura as feridas do adversário.

Um monstro não salva a vítima de cair de um penhasco.

Um monstro não fala com carinho de uma garota humana do seu passado.

Um monstro não faz um porto seguro para animais e toca flauta para eles.

Tímien espera na borda do penhasco. Atrás dele, o coruchéu da Torre da Fauna se ergue através das nuvens.

— É por isso que senti uma conexão desde o início — digo. — Ele é o menino que eu...

— Sua memória é forte. No entanto, não foi por isso que senti um vínculo. Olho para as asas translúcidas flutuando no sol poente.

— Não tenho mais nada a oferecer.

— Não precisa se incomodar. Há uma infinidade de camadas em uma única verdade.

— Quantas restam?

— Tantas quantas você quiser ouvir.

— Isso é muito fofo, mas estou falando sério.

— Você sentiu um vínculo porque estão inextricavelmente ligados.

— O quê? — pergunto, cruzando os braços no peito.

— Você o beijou, não foi? Isso consolidou esse destino.

O calor inunda meu pescoço. Beijei o feérico que tanto desejava em sonhos. Beijei-o sabendo quem poderia ser.

— O que aconteceu hoje de manhã foi...

— Não estamos nos referindo ao presente.

Congelo. Percebo que nosso beijo nesta montanha não tinha sido o primeiro. A verdade é que o primeiro aconteceu há muito tempo.

O Horizonte explica:

— Um humano não tem o poder de comprometer um feérico, com uma exceção.

— Se o humano tem o nome verdadeiro do feérico — recito. — Eu sei.

Há uma pausa desgostosa, mas digna.

— Muito bem. Há duas exceções.

Se não estivesse ansiosa, gargalharia. De qualquer forma, renunciei a essa vantagem depois de fazer um acordo com Cerulean. Não há nada mais.

— Um humano na posse do nome verdadeiro de um feérico pode controlar esse feérico — o Horizonte começa. — Mas um humano que compartilha o mais puro dos beijos com um membro do povo mágico estará inextricavelmente ligado a esse indivíduo. Você pode chamar isso de vínculo.

Um arrepio percorre minhas costas. Fico tensa, lembrando uma história do Livro das Fábulas. É uma das menos favoritas de Juniper porque estimula o romance, insistindo que se um humano beijar um feérico – um beijo genuíno e incondicional –, é, eles estarão ligados.

A informação passara pela minha mente lá na carroça com minhas irmãs, quando lutei para recitar *Uma Coruja Encontra uma Cotovia*.

Nos contos de fadas, um beijo quebra o feitiço. Pelo visto, neste mundo, um beijo começa um feitiço.

Mas éramos crianças! Não sabíamos o que estávamos fazendo. Aquele beijo fora desesperado e impulsivo. Fora um beijo de despedida, compartilhado sem nada a perder ou ganhar, nada a provar. Tinha sido... incondicional.

Merda. Ah, merda!

— Que vínculo? — pergunto. — Tipo, destinados? Tipo, companheiros? — Quando o Horizonte não responde, eu rosno: — Ele sabe disso? Ele pode não me reconhecer, mas se lembra da garota que o salvou. Cerulean sabe que está ligado a ela?

— Não sabe.

Meu alívio é curto. Como ele pode *não* saber? Como pode não perceber quem sou? Seus sentidos aguçados deveriam ter captado meu cheiro, se não a minha voz mais velha.

E os companheiros não deviam sentir uma ligação sensorial intensa? Não devíamos ter experimentado isso desde o início?

Uma epifania soa nos meus ouvidos.

— Não precisamos de nenhuma ligação. Se eu lhe disser a verdade, ele vai me libertar. Se eu o libertei uma vez, ele vai me libertar também. Destinados ou não, ele me deixará ir embora, e então minhas irmãs...

— Não, não vai. Ele fez um voto que não pode ser desdito. Você sabe o porquê, Lark.

Perco a firmeza porque eles estão certos. Como governante, ele tem o dever de restaurar a fauna perdida. A morte dos animais por si só é uma tragédia, mas também enfraqueceu esta montanha. Por extensão, isso ameaça a existência do povo mágico. Ele não pode trai-los ou condená-los.

Estarmos ligados – vinculados, destinados – não vai me ajudar a sair daqui, e não o impedirá de me perseguir. Além disso, posso ter tantos sentimentos por Cerulean quanto quiser, mas isso não significa que o perdorei por me forçar a entrar em Feéria, ter me separado das minhas irmãs e me jogado neste labirinto.

E não posso desistir do jogo. Estou lutando um terço desta batalha, enquanto minhas irmãs fazem o resto.

Quero que Cerulean saiba a minha identidade? Ele se importaria por causa de quem eu era? Ou quem sou agora?

Maldita magia. Não importa o argumento de Cerulean sobre sua complexidade, este chamado vínculo aconteceu sem o nosso consentimento. Nós o criamos inconscientemente, roubados da escolha. Com isso entre nós, com um elo que nos prende, como nossos corações podem ser verdadeiros?

O que sinto por ele? Amo o passado ou o presente?

Como ele se sente em relação a mim? E quanto é que a resposta vai doer?

Tímien me devolve à torre. Faço uma reverência e vejo o corpo dele se encolher à forma menor. Quando ele voa para o coruchéu de hera, uma calma se instala na paisagem. De volta ao quarto de hóspedes, painéis de índigo esmaltam o quarto, e me recolho para sonhos profundos e sombrios.

Quando termino de dormir, ainda é cedo demais para os feéricos. Atordoada, ando até o guarda-roupa, onde uma variedade de vestidos preenche as prateleiras. Meus olhos percorrem ricos pigmentos de azul royal e azul como o ovo do tordo-americano, e majestosos tons de alabastro e branco como o sal. Cores brilhantes do céu, tecidos de têxteis que não existem no meu mundo. As roupas ondulam sob as pontas dos meus dedos como se fossem costuradas com névoa das nuvens, o brilho das gotas de chuva e os filamentos do luar.

Todas do meu tamanho e elegantes. Nenhuma que esteja planejando usar.

A camisola serviu bem, uma exceção quando cheguei a esta torre arranhada, machucada e suja. Mas a minha regra geral? Eu quem escolho minhas roupas. Eu escolho o que cobre meu corpo, ninguém mais.

Além disso, preciso de algo mais elegante para o que tenho planejado. Onde vou arranjar isso?

Deslizo para fora da torre mais uma vez, esperando que um passeio entre a fauna forneça uma resposta – melhor ainda, mil respostas para mil perguntas. No jardim, percorro um caminho aleatório, parando sob uma treliça de damas-da-noite e sorrio para o antílope enrolado sobre uma cama de grama.

— Se você não for embora, vou tirá-la eu mesma — uma voz resmungosa.

Dou a volta e encontro Moth de cara feia em um galho de árvore. Suas pernas diminutas espreitam de uma saia cor de avelã, os dedos dos pés nus balançando. Eu deveria saber que a guardiã da fauna acordava cedo.

Aproximo-me do tronco.

— Nunca pensei que fosse dizer isso, mas estou feliz pela distração.

A careta dela fica irritadiça.

— Nesse caso, vou embora. — Mas ela não se move. — Sêrio.

— Faça como quiser. Mas ficarei muito confortável aqui com toda esta paz silvestre. E é a você que vou agradecer por isso.

Ela sibila, mas fica no lugar, observando enquanto me atrevo a subir na árvore e me sentar ao lado dela. Do canto do olho, vejo Moth me avaliando, seu olhar transbordando julgamento.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu estava me sentindo sozinha.

— Ah!. Humanos e suas mentiras. Você deve estar ficando desesperada, aterrorizada demais para continuar sua fracassada escalada pela Montanha Solitária. Pensando no que vai acontecer?

Acho que ela não tem muitas pessoas em quem descontar a petulância.

— Pensando nas minhas irmãs — admito. — Elas adorariam este lugar. Imagino o que elas fariam se estivessem aqui, neste labirinto.

Isso a deixa calada. Por um segundo. Ahh!

— Eu faço isso às vezes... com Cerulean. Ele é como um irmão para mim. Aprendemos a ler com meus pais e costumávamos brincar de esconde-esconde na Vigia dos Rouxinóis.

Cerulean me contou um pouco disso.

— Deve ser bom ter um irmão.

— Eu também não me importaria em ter uma irmã. — O fantasma de um sorriso inclina sua boca, então ela percebe o que está fazendo e faz uma careta.
— Isso não é um pedido.

Não posso evitar a risada que me escapa. Devo estar mais nervosa do que pensava, senão, por que mencionar minhas irmãs à Moth? E quem sabe por que escolhi me empoleirar ao lado dela.

Reconsidero o que Moth resmungou na torre sobre ter o direito de ser hostil, o que me lembra da casa vazia de sua família.

— Onde estão seus pais?

O olhar dela vaga em minha direção.

— Eles tentaram salvar a fauna. Vocês os capturaram.

Porra! Não preciso ouvir o resto.

Ela não é diferente, detestando humanos por serem humanos, depois os detestando por se rebelarem. Sua mãe e seu pai estavam entre os rebeldes que lutaram para resgatar os animais, depois foram pegos e... bem.

Apenas três sobreviveram à emboscada. Os pais de Moth não tiveram tanta sorte. O meu povo lhe tirou isso.

— Sinto muito. — Nesse sentido, não sou boa em dizer as coisas certas. Essa é a especialidade de Cove, por isso, escolho as minhas palavras com cuidado. — Não sei como é perder os pais dessa maneira. Mas com certeza sei como é viver sem eles.

Quando as sobrancelhas de Moth se franzem, conto:

— Eles me abandonaram.

Ela se vira, dissecando a informação. Por um tempo, ficamos em silêncio.

— Você tem mesmo um santuário? — pergunta.

Viro a cabeça bruscamente para ela.

— Onde você escutou isso?

— Ouvi você e Cerulean escondida ontem à noite, quando vocês estavam sentados na borda da torre. Ouvi até você segui-lo ao jardim. Foi isso que quis dizer? Quando disse que entendia por que adoro cuidar da fauna?

— Foi. Caçadores são uma realidade de onde eu venho, alguns não têm escolha — digo rápido quando Moth faz uma careta de indignação. — Para algumas pessoas, é isso ou passar fome. Mas outros idiotas fazem isso por lucro, e alguém precisa detê-los. Alguém precisa ajudar a natureza, então é isso que a minha família faz.

Moth rola os ombros, tentando se livrar de um torcicolo.

— Posso... respeitar essa decisão.

É por isso que é a guardiã da Torre da Fauna. Não vou bisbilhotar mais sobre os pais dela, mas também respeito o que ela faz.

Por falar em família...

— Os irmãos de Cerulean — arrisco. — Ele disse que são uma irmandade, ligados pela história em vez do sangue. Nada disso está no Livro das Fábulas.

O que mais não sabemos dos Três? Aprendi bastante sobre Cerulean, mas não sei nada dos outros dois governantes. Deixo o comentário em aberto, esperando que ela acabe com a minha ignorância com uma forte dose de esnobismo.

Moth não me decepçiona.

— Enquanto Cerulean favorece um jogo complexo, Puck favorece uma festa alegre.

— Como o baile de máscaras da Lua Média?

— Pior.

— Tudo bem, vamos esclarecer uma coisa. A obscuridade não vai funcionar comigo, então tire esse brilho do seu rosto.

— Se não estivesse funcionando, você não estaria me dizendo que não está

funcionando.

Droga! Mas há uma vaidade no tom dela do qual aprecio. Lembra-me de quando discuto com minhas irmãs, em parte por brincadeira, em parte por despeito.

Moth explica:

— Puck tem uma sede viva de hedonismo.

Eu me encolho, porque conheço a minha cota de idiotas assim. Mas Juniper não. Sua atitude severa poderia neutralizar um javali excitado, e sua experiência com caras lascivos equivale a zero. Ela afirma que transar é improdutivo e que não tem tempo para “passatempos”.

— E — Moth continua — o que posso dizer de Elixir? Ele é tão majestoso quanto venenoso. Não gosta de jogos ou festas. Ele simplesmente ataca.

Filho da puta! Cove pode empunhar uma lança como ninguém, mas é doce demais para um bruto. Deixando de lado seu amor por criaturas marinhas, ela não reconheceria esse tipo de víbora nem se agitasse uma língua bifurcada na frente dela.

E Juniper tem aquela tatuagem de caçador mercenário, um fato que faz meu estômago revirar. A marca não lhe trará nenhum bem na Floresta Solitária, se não a mantiver escondida. Se algum dos feéricos da floresta descobrir... se Puck descobrir...

Não deixe que ele veja sua tatuagem.

Essas foram as últimas palavras de Cove para Juniper.

O que minhas irmãs estão vendo agora? O que estão sendo obrigadas a fazer?

Nada disso é justo. Mas nada disso está completamente fora do nosso controle, e sei que é melhor não dar menos mérito à Juniper e Cove. Minha irmã pragmática aprendeu a empunhar sua besta com os caçadores

mercenários que a roubaram das ruas, enquanto Cove e eu somos autodidatas. Sobrevivemos enquanto abandonadas, e prosperamos como uma família. Elas são fortes e eu estaria perdida sem elas.

Eu desabafo:

— Me preocupar com as minhas irmãs não vai mantê-las seguras. Tenho que fazer a minha parte.

Moth examina meu rosto.

— Que parte?

O que lhe digo? Como é que ela vai reagir?

Não tenho alternativa.

— Preciso saber o que vou enfrentar — digo simplesmente, em seguida, deslizo pelo galho e desço da árvore. Pulo nas raízes expostas e vou em direção à trilha sinuosa coberta de luz da tocha.

— Espera. — A voz dela se contorce em torno dos meus tornozelos e puxa meus pés até que eu pare. — Você vai me pedir um favor ou não?

Viro para Moth. A expressão direta dela me coloca na ofensiva. Ela sabe o que tenho em mente para esta noite? Por que me ajudaria?

— Depende do custo — sugiro.

Depois de um segundo pensando, Moth flutua até o chão.

— Chame de um presente, dado livremente.

Sorrio sem humor.

— Não há tal coisa aqui.

— Concordo. — De perto, seus olhos cor de topázio sondam os meus e suas feições se perdem. — Mas acho que há uma razão pela qual a flauta dele não funcionou em você. E conheço Cerulean. Vejo a maneira como ele olha para você, que é a mesma maneira sentimental que você olha para ele. Além disso, nós feéricos apreciamos o inesperado, então isso vai acabar com meu

tédio.

É uma ideia muito imprudente, conspirar com ela. No entanto, depois do que ela disse, as minhas defesas desmoronam. Afinal, os pais dela eram alfaiates.

Reúno coragem.

— Posso precisar de algo para vestir.

Ela sorri e inclina a cabeça em direção à torre.

* * *

Dez minutos depois, não estou me sentindo muito orgulhosa – por recorrer à magia –, mas armada com um carretel de fios encantados.

Enquanto saio do quarto de Moth, ela me chama:

— Lark?

Faço uma pausa na saída cortinada e olho para onde ela está, nervosa, no meio de uma sala com detalhes amarelo-manteiga e móveis de vime.

Baixinho, ela avisa:

— Não tire a máscara.

Estou ansiosa para dizer algo que um aliado diria, ou pelo menos agradecê-la, mas isso a irritaria. Então eu me contento com:

— Caramba! Nem mesmo para mostrar a língua para você?

Para alguém tão espinhosa, não pensei que Moth conseguisse sorrir. E, sim, por um minuto, não pensei que conseguiria fazê-la sorrir. Mas aí está, afiado e brilhante como uma moeda lançada no ar.

A torre vai acordar em breve. Volto para meu quarto com apenas alguns minutos de sobra.

Moth me avisou que Cerulean vai ficar muito ocupado quando sair da cama. Preparar-se para a festa garante que não nos veremos.

O baile de máscaras está fora dos limites, mas a curiosidade é o diabo, e

foi isso que me levou a ele quando criança. Depois do que aprendi sobre meu vínculo com Cerulean, preciso saber mais. Preciso vê-lo sendo seu verdadeiro eu, longe de mim.

Para saber o que é verdade e o que não é, preciso fazer uma armadilha mortal. Além disso, bisbilhotando posso descobrir uma fraqueza nesses feéricos. O Horizonte me causou um choque, mas não vou baixar a guarda. Já estou muito vulnerável.

Moth me passou instruções. Vou até a cama, coloco o carretel no colchão, fecho os olhos e conjuro um visual. Penso em Cove. Ela é água – pura e carinhosa, e essencial para a minha sanidade. Para ser específica, imagino o tom do cabelo dela.

Quando espio, lá está. A confecção elegante e azul-esverdeada tem um decote franzido cortado para desnudar os ombros. O corpete aconchegante e sedoso cai em uma cintura baixa, depois se agita em uma longa saia de penas, a cascata se dividindo no meio.

O vestido se espalha em cima da cama. É uma roupa descarada e sedutora destinada a abraçar as curvas, ir até o chão e deslumbrar.

Para o próximo visual, repito os passos. Um segundo depois, uma máscara de cotovia repousa sobre a peça.

Destruí minha máscara antiga quando tinha 10 anos, mas me lembro de cada pena torta e desajeitadamente costurada, cada aplicação desleixada de penas nas bordas. Devo ter levado semanas para recolher as plumas na fronteira.

Eu não tinha usado penas de cotovias de verdade. Tinha confeccionado a máscara com o que encontrei e fingi o resto.

Esta noite, eu poderia ter conjurado uma máscara idêntica de memória, mas não seria a mesma coisa. Além disso, Cerulean reconheceria aquela máscara antiga. Não importa o que eu sinta por ele, refrescar sua memória no meio de

um baile de máscaras feérico seria o pior momento possível.

Em vez disso, esta máscara é uma imitação luxuosa. Criei minha própria versão, improvisando, já que as cores reais das penas da cotovia não combinariam com o vestido. Uma faixa branca no rosto – fiel ao pássaro – alternando em listras com a minha preferência por azul-esverdeado. Ambas as cores correm para os lados, onde a faixa superior se eleva para cima como pequenos chifres.

É metade realidade, metade imaginação. Posso lidar com isso.

As tochas iluminam o caminho. As chamas brilham nas colunas, queimando a noite em tons de marrom-avermelhado e marchando através de uma ponte pingando com madressilva. A passagem leva àquele edifício circular, sua fachada brilhando.

Tímien me leva a este lugar e depois voa pela ravina. O vento sacode as tábuas de madeira suspensas em um tapete de névoa, a plataforma se mexendo sob meus saltos altos.

Meu cabelo branco farfalha ao redor do rosto. Eu o deixei solto para esconder minhas orelhas arredondadas, uma precaução extra no caso de Moth me passar a perna, e a máscara encantada não conseguir esconder minha identidade.

Minha roupa é uma cascata de seda azul-esverdeada, as plumas espalhadas pelo quadril. A fenda no meio do vestido desnuda minhas pernas, revelando a cinta-liga. Além disso, fiz um bolso para esconder o chicote.

Enquanto ando, a bainha se arrasta pelas plataformas. Parando no meio do caminho, coloco as mãos na barriga e observo a Lua Média. O anel lunar derrama uma película fosca pela gama, a pupila escura em seu centro olhando para mim.

Minhas mãos ficam pegajosas. A máscara está pendurada por um nó em volta do meu pulso. Eu o desato, jogo a corda no abismo e visto a máscara sobre a cabeça.

Os trilhos se estreitam em direção a qualquer caos que me espera adiante.

Avanço pela ponte, passando pelo brilho quente das tochas.

Uma onda de raiva e vergonha arrepiou meus braços. É comigo que as minhas irmãs devem se preocupar. Eu, porque, ao contrário delas, tenho uma fraqueza neste reino. Embora eu nunca realmente o tenha conhecido além dos treze dias numa forja, quando eu tinha 10 anos e acreditava que tudo era possível, o impacto permaneceu. O que significa que, para atravessar este labirinto, precisarei partir meu coração.

Eu me lembro de tudo o que ele fez, ando com a cabeça erguida e chego ao extremo oposto da ponte. Uma placa aponta para os ramos.

O Aviário Noturno

Solto o ar dos pulmões. O baile de máscaras é dentro de um aviário, um que vive e respira à noite. Uma passarela de ladrilhos se afunila em direção ao edifício, picos de verde atravessando as rachaduras. As cercas vivas de cardo se misturam e cobrem a trilha, espinhos cutucando a saia do meu vestido, galhos raspando meus ombros enquanto passo.

Um toque de advertência. Um aviso.

O suor escorre pelas minhas axilas e decote, meus seios subindo e descendo sob a seda. Uma emoção não identificada ondula sobre meus ombros nus, um arrepio traiçoeiro que trai tudo em que já acreditei, amplificada pela energia que se infunde dentro daquele prédio misterioso.

Tanto som. Há um segundo, estava tudo quieto. No outro, a música avança no caminho.

Depois das tramazeiras e urtigas, instrumentos de sopro flutuam em espiral para fora do edifício e varrem os ossos desta natureza. As bordas irregulares do riso carregam o vento. O tipo de alegria implacável que ressoa entre presas e atrás de máscaras de fantasia.

As tochas carregam a luz metálica pela passagem. Minhas pernas me carregam até o fim do caminho, onde espio pelas cercas vivas, o edifício me

fazendo olhar para cima.

Aí está. O Aviário Noturno.

Uma grade de ramificações eretas forma um santuário de pássaros, mas onde paredes de vidro ou redes deveriam estar, uma vegetação densa preenche as lacunas. Ao nível do solo, um anel de folhagem comprimida circunda a estrutura. Além disso, silhuetas giram no interior.

Estão dançando. A pulsação de pés batendo ricocheteia no chão e sacode minhas solas. A comoção é tão grande que eu poderia enlaçá-la com o meu chicote e mantê-la pendurada por semanas. Diabos, por meses, até anos.

Cruzo o caminho de cascalho até o cercado. Ambos os lados levam a caminhos e nichos diferentes, como outro tipo de labirinto. À frente, um arco entra no aviário, emoldurado por um conjunto de tochas. Parece que a porta cortinada permite que os bandos entrem e saiam sempre que quiserem.

Acima da moldura, um par de abutres observam. Sacos de carne elástica caem dos seus pescoços longos e xales de penas pontilhadas formam um ninho em torno de seus ombros. Acima de seus bicos voltados para baixo, os poços de seus olhos perseguem todos os meus movimentos.

Apesar da aparência macabra das aves de rapina, não posso deixar de ficar boquiaberta, porque quem, em sã consciência, não ficaria? E porque, porra, elas são enormes. Enormes envergaduras dobram de suas asas, presas nas cavidades de seus corpos, aquelas expressões misteriosas e aristocráticas que me criticam de maneira agressiva.

No meu mundo, eles só se alimentam dos mortos. Rezo para que este seja o caso aqui.

Cautelosa, abaixo a cabeça para eles e dou um passo devagar à frente, então, dou outro passo. Depois de passar pelo arco, escondida dentro da passagem estreita, afrouxo a mão que estava agarrando o chicote com força no bolso.

Desço apressada o corredor enquanto ajusto as penas que escondem meu rosto. Essa passagem é aberta e ventilada, como tudo nesta montanha. Não há paredes, exceto os caules da vegetação e galhos sinuosos que se entrelaçam por cima da cabeça. Atravesso o túnel penetro as entranhas do aviário.

A iluminação fraca fervilha do arco de outra entrada. Fico parada perto da divisória mais próxima e espio o próximo ambiente, além das trepadeiras. Iluminada apenas pelas tochas e a luz da meia-noite, a cena é uma alucinação, estonteante com uma magia sombria. Um espinheiro-branco gigantesco – maior e mais alto do que o da Tríade – se ergue no centro, seus galhos coroando as vigas. Vários níveis de galhos entrelaçados se unem, alguns equipados com redes largas e travesseiros para relaxar.

Todos os tipos de pássaros voam por aí, gradientes de cor fluindo pelas alturas. Bandos se impulsionam pelo ar em plumas cor de cobre. Grandes aves de rapina mostram asas cor de ciano. Algumas se debatem acima, enquanto outras passeiam pelas passarelas superiores, seus membros dobráveis contornando os feéricos mascarados que desfilam lá em cima.

Os feéricos usam diademas e trajes elaborados, uma mistura suntuosa de couro, cetim e veludo. Eles jogam a cabeça para trás, rindo de piadas contadas na língua feérica, enquanto o líquido efervescente transborda de suas taças de cristal. Outros franzem os lábios e bebem uma mistura grudenta que se assemelha a nata.

Embora os vapores ondulem ao redor deles, reconheço alguns desses patifes do Parlamento das Corujas. São uma mistura perturbadora de características semelhantes a humanos, traços animais e atributos pertencentes apenas a eles.

Orelhas pontiagudas. Marcas faciais em espiral.

Pele pigmentada de um verde-samambaia ou azul-acinzentado chuvoso.

Torsos de besouros. Dentes ou chifres curvados de antílope. Chifres

curvos de carneiros.

Focinho de lince-pardo e pupilas felinas verticais. Orelhas de lebre.

Asas. De borboletas, morcegos e pássaros. Painéis largos transparentes que me lembram lírios. Pinhões esbeltos de platina que me lembram facas. Asas emplumadas, asas recortadas e asas esqueléticas.

Lindas! Horríveis!

No nível do solo, guarda-chuvas de arbustos e divãs se aninham em alcovas. Músicos deslizam pelas massas, tocando flautas, gaitas e outros instrumentos de sopro curvilíneos que nunca vi antes. Um é um chifre de madeira que se curva em forma de cornucópia, enquanto outro é um conjunto de sinos que pendem como uvas. Melodias arrebatadoras e ritmos estranhos acariciam o ar, aquecendo as fendas atrás das minhas orelhas.

Outros feéricos se abraçam. No coração deste aviário escuro, eles atravessam uma pista de dança opaca, com suas roupas radiantes. Cheiros azedos de calor corporal e o odor repugnante de pêssegos maduros vindos das tigelas de frutas nas mesas invadem minhas narinas.

As máscaras cobrem seus semblantes barulhentos e gulosos. Um bico se estende mais do que deveria. Um dos escudos não tem olhos, o que deveria tornar impossível para o usuário ver, mesmo que não pareça impedi-lo.

Diabretes vibram por aí, suas asas deslizando pelo espaço com prismas de luz. Os anões usam anéis de pedras preciosas do tamanho de nozes.

Sinto alguém me observar. Uma brisa embosca meu esconderijo, brincando com a bainha do meu vestido. Por instinto, procuro na multidão em espiral por um par de olhos conhecidos.

Mas Moth disse que os convidados não me descobriam, se eu interagisse com eles ou não. Ela disse que não iriam sentir o meu cheiro humano ou perceber outros detalhes que normalmente me entregariam. Parece estar funcionando, mesmo que eu tenha sido notada por pelo menos uma alma,

então entro no ambiente e apareço na meia-luz.

Esse é meu primeiro erro.

Um dos casais gira e bate no meu ombro. Eles continuam o movimento, mas a colisão me desequilibra – e me arremessa totalmente para dentro do salão de baile. A minha visão vagueia. Deslizo pelo chão, meu braço disparando para encontrar uma mesa de pedestal.

A música para com um zumbido. Em um movimento unificado, todos os feéricos na sala se viram. E olham para mim através de máscaras duras e cintilantes.

O movimento na periferia chama a minha atenção. Moth está linda em um vestido semelhante a papel machê, o material flutuando ao redor de seu corpo leve. O pente de porcelana preferido dela morde seu cabelo de topázio. Ela fica à margem, olhando para mim com os olhos agitados atrás de um véu de mariposa.

Com base em sua expressão, minha própria máscara deveria ser infalível. O silêncio ecoante preenche o aviário. Meus pensamentos se fragmentam, o suor se acumulando nas mãos. É o meu segundo erro, deixá-los me pegar em um momento de estupor.

Não tire a máscara.

E esse é o meu terceiro erro.

Vejo a festa muito bem, muito claramente. Minhas mãos se esforçam para ajustar a máscara, apenas para descobrir que está pendurada do meu rosto. Deve ter escorregado quando aquele casal esbarrou em mim.

Uma ação tão simples. Uma consequência tão grave.

Centenas de foliões observam eu me intrometer na sua noite sagrada. Bocas se abrem, revelando marfim esculpido. Pupilas piscam através de olhos cerrados.

Ah! Merda!

Endireito a máscara, mas é tarde demais. Eles me viram. E me reconhecem. Meus dedos deslizam para dentro do bolso da saia e se curvam ao redor do chicote – depois esperam. Do outro lado da sala, uma fantasia de penas brancas passa, mas as plumas desaparecem atrás da silhueta de alguém antes que eu possa identificar o usuário.

Isso faz meu olhar vaguar, minha mente agitada. Essas máscaras ridículas não são mais do que caricaturas e visuais deformados. As expressões congeladas e perplexas são uma reminiscência de indivíduos deslumbrados, como os aldeões que foram encantados sempre que esses monstros se infiltraram em Reverie Hollow, suas verdadeiras formas disfarçadas.

Já vi o rosto do encantamento. Usei minhas próprias táticas para atrair caras para a minha cama. E passei inúmeras noites na carroça brincando de faz-de-conta com minhas irmãs.

Então, se o povo mágico gosta de humanos enfeitiçados, é isso que vão ter. Afrouxando meus músculos faciais, eu os encaro com um falso atordoamento. Espelho a mesma devoção sincera que suas vítimas humanas, a própria imagem da adoração submissa.

As máscaras mudam para reconhecimento e prazer. Alguns dos frívolos presentes riem. Provavelmente suspeitam que seu governante fez isso, mas não importa quem lançou este feitiço em mim. A música recomeça e os corpos voltam a dançar. Seja o que mais que virem em mim, querem se aproveitar disso, até que eu esteja encantada, até não me lembrar de quem sou, onde estou ou por que estou aqui.

Que este jogo comece. Solto um grunhido quando um braço passa pela minha cintura e me arrasta para a multidão.

— Temos uma convidada — alguém chilreia com aquele sotaque feérico universal.

Três Solitários me rondam. Eu me lembro deste trio de fênix da minha aventura pela montanha. Infernos de cabelo brilham em suas cabeças amarelas, e suas asas flamejantes se retraem nas costas, deixando para trás tentáculos de fumaça. Máscaras parecidas escondem seus rostos, mas não seus olhares maldosos, as bolhas de seus olhos me chamuscando no local.

Dois machos e uma fêmea. Avançam em círculo, suas formas brilham diante dos meus olhos. Uma mão pega na minha e me faz valsar. Outro par de dedos mexe no meu cabelo.

Ninguém disse nada sobre tocar. Meu punho se fecha, mas, felizmente, estou muito tonta para deixar meus dedos voarem livremente. Agora, eu devia estar drogada com o encanto.

— Querida hóspede — o primeiro macho zomba, o amuleto de polegar humano se contorcendo na faixa da testa. — Você chegou na hora certa.

O segundo macho dá batidinhas nos meus lábios.

— Convidada impertinente, nos surpreendendo.

— Hóspede humana, ouça bem — a fêmea insulta, seu hálito cheirando a nata. — O aviário é vasto.

— As aves de rapina despertaram.

Eles se revezam, falam enquanto me conduzem pela multidão, segurando meu bíceps, guiando meus quadris em um giro.

— Temos dois andares, o inferior para entretenimento, o superior para *entretenimento*.

— Qual é o seu prazer? Não vamos julgar.

— Mas nada de dançar sem um flerte.

— Se você não quiser brincar, vamos fazer um acordo.

— Se não gosta de acordos, vá embora.

As samambaias exuberantes se desdobram e balançam ao meu redor.

Tropeço em um dos Solitários, e o trio ri alto.

— Tenha cuidado por onde anda.

— Tome cuidado com quem procura.

— Pois ele não é facilmente encontrado.

Com isso, eles me giram uma última vez e se fundem ao pântano. Vacilo no lugar, a brisa agitando minha saia de penas. Essa consciência inebriante retorna, a intuição de que alguém está me observando, seu olhar fantasma traçando meus ombros nus.

Pois ele não é facilmente encontrado.

Giro e caço entre os rostos mascarados. Minhas pernas me guiam pelo aviário, onde os pássaros giram e acasalam nas vigas.

Moth olha fixamente para todos que tentam se aproximar dela. Para ilustrar o ponto, ela brande o leque bruscamente como se fosse uma arma. Sobre as dobras frisadas, ela me dá uma rápida olhada.

Depois de um tempo, perco o rastro dela. Feéricos se beijam sensualmente, as línguas entrelaçadas. Uma fêmea de pescoço de cisne puxa o decote de outra, revelando um mamilo carmesim escapando do material. Um macho usando a máscara de um corvo – que combina com as garras que saem de seus dedos – apalpa outro macho escondido atrás de uma máscara de cegonha, que faz jus a suas longas patas. Outro macho está recostado em um divã com uma figura feminina quicando em seu colo, plumas de codorna saltando das costas dela.

A visão me enche de adrenalina. A frustração faz minhas articulações se contraírem, estimulando minhas pernas a se moverem mais rápido. Saio do ambiente repleto de figuras no cio, agitadas, meus saltos batendo no chão enegrecido.

Outra onda invisível percorre minha pele. Outra brisa passa debaixo da

minha saia.

Ele está aqui. Eu sei.

Não sei dizer se estou irritada, seduzida ou com o coração partido. Não posso dizer o que vou fazer quando o encontrar – dar um murro na cara dele ou beijá-lo. Procuro em todos os lugares, avançando pela condensação de risos, conversas e gemidos.

Onde você está? Apareça, seu idiota insolente.

Então a multidão se separa. E eu paro.

Penas brancas se aninham em torno de sua máscara, um par de olhos voláteis se acendendo por trás de uma máscara de coruja. Ali está ele, observando-me. Ele se reclina em uma parede, a própria imagem da elegância casual. No entanto, os olhos dele contam uma Fábula diferente. Eles dilaceram meu vestido, olhando além da franja e observando a cinta-liga dourada que abraça minha coxa.

À luz do fogo, meus olhos delineiam seu casaco, o colarinho alto incrustado de cristais. As lapelas se abrem para revelar uma camisa ondulada que desce aberta até a cintura, como se ele a tivesse jogado e esquecido de abotoar.

O cabelo dele gira em torno do rosto elegante. A única trança paira sobre a frente do ombro, a pena balançando.

Seus olhos brilham de alegria. Sim, ele sabia que eu estava aqui desde o momento em que entrei. E sabe que não estou sob influência do encanto.

A máscara não tinha funcionado neste feérico. Nem minha atuação.

A flora treme do nível superior nos galhos emaranhados. A música se contorce ao nosso redor e depois desaparece por completo. Há muita coisa boa e ruim acontecendo ao mesmo tempo. E não acho que precise dos mortos para se sentir assombrado. Os vivos podem fazer o trabalho muito bem

sozinhos.

Cerulean.

Eu me lembro de tudo daquelas noites na forja do vidreiro. Eu me lembro das pontas das orelhas dele espreitando pelo cabelo. Eu me lembro daquelas pupilas cheias de fúria. Eu me lembro do bico da máscara apontando para baixo com superioridade.

Eu me lembro da amizade. Eu me lembro da dor no coração.

Eu me lembro do primeiro beijo.

As sobrancelhas de Cerulean se franzem, como se eu tivesse embolado minhas emoções e as atirado nele. A perplexidade afrouxa seus lábios, então a malícia os tensiona. Ele desaparece, desviando-se do alcance enquanto outro par se enrola na minha frente.

Quando não estão dançando ou flertando, os feéricos viram taças. Eles tagarelam e xingam, enchendo a cara de nata.

Eu me espremo pela multidão, evitando as vaia e seduções. Melodia após melodia, eu persigo vislumbres de cabelo azul e um sorriso pomposo. Ele entrou na brincadeira, provocando-me como o resto destes feéricos que acham que sou um caso perdido.

Só que o nosso jogo parece íntimo, secreto. Ele quer que eu o encontre.

Ao longo do baile de máscaras, fico mais ousada, mais imprudente. Pode ser a música delirante. Podem ser as piruetas selvagens das aves fazendo um espetáculo de voo para os feéricos que se curvam e fazem reverências em troca. Ou pode ser frustração, já que nunca fui de me conter por muito tempo. Ou pode ser o ceticismo ocasional que os feéricos ainda dirigem a mim.

Tenho de me certificar de que se mantêm convencidos, o que significa que tenho de ser drástica. Balanço a saia e bagunço o cabelo, certificando-me de que o branco permaneça bonito e volumoso. Então roubo uma taça de cristal

aleatória de uma mão aleatória. Viro a bebida de uma vez, um néctar frutado finalizado com algum tipo de efervescência de flor de cerejeira, e abandono a taça sobre uma mesa.

Na mesma hora, o efeito borbulhante nada até meu cocuruto, fazendo cócegas no meu couro cabeludo e inundando minha cabeça. Minha língua tem o gosto da essência da euforia e uma pitada de sensualidade. Suspiro em voz alta, divertindo os espectadores.

Outro vislumbre de penas brancas. Uma risada silenciosa acaricia a lateral da minha orelha.

Uma feérica em um vestido de avestruz me pega nos braços, valsando comigo para dentro do rebanho de corpos. Camadas de plumagem compõem um lado do vestido, curvando-se através da barriga para o outro lado, e sobem para o ombro.

Sem vacilar o ritmo, ela me passa para um macho com penas de pardal enraizadas ao longo dos braços. Ele tem um tipo intenso de beleza, com pele bronzeada, sobrancelhas escuras e músculos tão salientes que você pensaria que ele era à prova de espadas. Ele me gira através da luz das tochas e me solta abruptamente.

E outra pessoa me pega. Giro para os braços do próximo feérico, as mãos dele segurando meus quadris e me colocando contra si. Ele fica lá como se estivesse esperando por mim o tempo todo, um sorriso inclinando a boca azul.

Uma vez amei aquele rosto. Amei com o meu coração pulsante e frenético de 10 anos de idade.

Anos depois, ele é mais alto, mais arrogante, mais importante. E já não é um garoto. Nem perto de um garoto. Esses olhos não são tão encobertos e misteriosos como me lembro. Estão bem abertos, como se estivessem extasiados com a tonalidade brilhante do meu vestido.

O que Cerulean vê em mim? Um rosto mascarado e um par de olhos

cinzentos que envelheceram e perderam o brilho, gastos até ficarem opacos por terem vistos muitas coisas ruins? Muitas coisas cruéis?

Olhamos um para o outro. Seja lá o que a minha expressão revele, apaga a alegria perversa do seu rosto. Cerulean desliza o braço em volta da minha cintura, seu olhar intenso, paralisado, determinado. E então começamos a dançar.

O cenário se desintegra, o feérico mascarado se encolhendo, os instrumentos se silenciando. Eu me aconchego nele, meus braços agarrados em seu pescoço. Seu corpo pressiona o meu, os músculos sólidos e duros contra o meu corpo, quente e excitado. Muito excitado.

Nós circulamos e jogamos um ao outro pela pista de dança. Suas pernas ficam entre as minhas e nossos quadris se movem juntos, o atrito fazendo meu sangue ferver, mergulhando da minha cabeça para a carne entre as minhas pernas. E, quando ele me inclina tão baixo, meu cabelo tocando o chão, uma onda desorientadora percorre minhas coxas, que se espalham para acomodá-lo. E, quando ele me puxa de volta para cima, nossas pélvis se esfregam e nossas roupas ficam muito sufocantes, muito repressoras. Se algo ou alguém não interromper isso agora, vou saltar no torso dele como uma lebre, passar as pernas em volta dele e enlouquecer nós dois.

Não sou a única que está sufocando. Os olhos de Cerulean brilham e destroem tudo em seu caminho, passando dos meus seios para as minhas clavículas e para os meus lábios. Ele está me apertando com tanta força, e eu o estou esmagando com tamanha intensidade, que um de nós vai se partir ao meio.

Maldito seja! Como é possível sentir dor, comoção e excitação de uma só vez?

É assim. Neste momento.

Mas então a perplexidade distorce as feições vorazes de Cerulean,

rachando nosso desejo. Ele não sabe quem realmente sou, mas eu sei quem ele é. Na verdade, sei mais do que isso, e não quero saber de tudo sozinha.

Quero dizer a ele. Quero que perceba sozinho.

Por trás das nossas máscaras, nos encaramos sem vacilar. Estou prestes a arrancar essas máscaras e gritar com ele, gritar com todos para sair e nos deixar em paz. Cerulean franze a testa. Ele sente a revolta no meu peito e me gira mais rápido, fazendo-nos dar piruetas pelo chão. Dançamos mais rápido, girando com a confusão, nos espremendo.

Tentando nos aproximar mais. Muito mais.

Senti falta disso. Quero isso. Odeio isso.

Amo isso.

Por favor, ame também. Por favor, não me deixe ir embora.

Por favor, se lembre de mim. Por favor, me esqueça.

Meus olhos tremulam. Figuras borradas começam a ficar cristalinas outra vez, e uma flauta sussurra através da névoa. Em algum lugar, vidro se estilhaça.

Os pés de Cerulean param. Seu rosto se contrai, os pensamentos enrugando suas feições e se acumulando em torno de seus olhos, que viajam através das penas da minha máscara e pousam em um ponto específico.

Uma das penas paira sobre a minha têmpora e resvala minha pele. A dança deve ter soltado a haste, que agora se desprende da máscara como um erro, como algo deslocado. Como o pedaço de uma máscara velha e grosseiramente feita.

Seus olhos brilham com uma memória, depois com horror repentino, depois com reconhecimento.

Bem aqui, consigo meu desejo. Bem aqui, consigo tudo.

Mas é errado. Não é assim que deveria ser. Invadi esta festa por uma razão

diferente, para espionar estes feéricos, para observá-lo de longe. Estraguei tudo.

Não devia acontecer assim.

Eu me arranco dos braços de Cerulean. Percebo o espanto dele segundos antes de correr para longe da pista de dança. Passando por lindas asas e máscaras medonhas, atravesso o salão de baile e voou para a passagem mais próxima.

A trilha se condensa em um caminho espesso. Uma fonte cospe água. Um dos rouxinóis gorjeia, penas polidas se agitam e um conjunto de garras se prende a um galho.

O canal desemboca em uma porta com cortinas. Corro através dela e tropeço para dentro do corredor original, exceto que entro por um limiar diferente. Risos abafados vêm do baile de máscaras. Fujo do barulho, localizo outra porta arqueada e passo apressada pela cortina.

Tal como acontece com todas essas cortinas, o material bloqueia o barulho vindo do corredor. Entro num espaço tão escuro que não consigo ver nada, nem mesmo a minha mão quando a levanto e mexo os dedos. Com base na ausência de ruído, e como minhas respirações soam ofegantes neste abismo, aposto que é um ambiente apertado.

Minhas costas pressionam a grade de galhos e arbustos ao lado da cortina. Então rodopio e planto as mãos na estrutura, minha cabeça caindo nos galhos entrelaçados.

— Porra! — sibilo, a palavra tremendo nos meus lábios.

Eu não queria deixá-lo. Queria ter ficado.

O vento acaricia minhas costas, e o cheiro de almíscar e tempestades flutua nas minhas narinas. Um incenso feito do céu.

Uma forma ágil se move pelo chão. As roupas farfalham, os saltos das

botas batem no chão e um peso enche o ambiente.

A tensão agarra a minha cintura. Conheço corpos masculinos. Este faz uma pausa atrás de mim, seu calor me inundando quando seu braço passa pelo meu peito, o tecido raspando meu corpete.

Fico tão imóvel como uma lebre, reconhecendo o som dele. Então seu dedo repousa nos meus lábios, como se eu tivesse planejado falar algo.

— Shh — Cerulean sussurra.

De jeito nenhum, eu não me calo. Nem pensar.

Solto rugidos, uivo e lamento. É o que o meu coração faz, libertando-se da prisão do meu peito.

Quanto à minha boca, ela solta um suspiro desconexo, meus nervos cortando o espaço.

Eu me lembro da diferença entre antes e agora, da lacuna entre a moral dele e a minha, do abismo entre o mundo dele e o meu. Então sigo a corrente da sua voz e giro nos seus braços. Meus seios se contraem em seu torso, o corpete justo e a camisa escancarada se juntando, e os imagino ficando tão amarrotados quanto o resto dele.

Ele é o céu, sem limites ou restrições. Ele é onisciente, sabe e vê tudo.

Com apenas uma exceção: eu.

Ele não sabia quem eu era. Até agora.

Apesar do escuro, sinto o peso de seus olhos. Pela primeira vez, ele não usa o vento para me tocar, porque o contato é instintivo, magnético em vez de elementar. Meus lábios formigam, se separando e atraindo o olhar dele.

Através das fendas na minha máscara de cotovia, meu próprio olhar procura os lábios dele. Enquanto faço isso, arquejos rasos saem de sua boca, o som áspero.

Já estivemos nessa posição antes. Da última vez, ficamos acima do mundo, expostos por aquela paisagem infinita. Hoje, estamos esmagados um contra o outro, escondidos em um cubo de escuridão.

Sem barulho. Sem visão. Sem cheiros. Sem gostos. Sem texturas.

Todas as distrações recuam. Meus sentidos se restringem a uma realidade: Cerulean.

O gosto dele na minha língua – vinho de azeitona e chuva. O abdômen dele se flexionando com a entrada do oxigênio. Sua camisa solta provocando o tecido do meu vestido.

Eu não deveria ser capaz de dizer se ele está me absorvendo da mesma maneira, mas talvez essa conexão resolva o problema, porque sei do momento em que suas orelhas pontiagudas se erguem quando minha saia se arrasta pelo chão. Sucintamente, ouço suas narinas se alargando para me inalar. Nunca me senti tão lívida, tão de coração partido, tão caótica.

Nossas respirações condensadas e movimentos combinados ressoam nos meus ouvidos, mais alto do que deveriam. Do nada, os nós dos dedos dele acariciam minha mandíbula. Eu me inclino para pontos quentes, inclinando a cabeça para o toque dele.

Lentamente, o feérico explora meu rosto, viajando da ponta do meu queixo até a ponte do meu nariz. Sua outra mão flutua pela minha bochecha direita, em seguida, traça a minha sobrancelha esquerda com o polegar. Aqueles dedos de flautista traçam um caminho rebitado ao longo do cabelo e descem até as minhas têmporas, onde a pena solta está pendurada na máscara. Ele a acaricia, recordando, redescobrimo.

Um assobio maravilhado escapa dele, e solto uma risada em meio às lágrimas, porque sim. Sou eu.

— Lark — ele ofega, deslumbrado.

Meu coração explode dentro das minhas costelas. Aceno com a cabeça e choramingo:

— Cerule...

Mas a boca dele engole a palavra. Seus lábios pegam os meus, inclinando-os juntos em um beijo quente. Minha boca se agarra à dele, encolhendo-se sob ele. Nossas línguas avançam, agarrando-se uma à outra com solavancos desesperados.

Cerulean me lambe, o ritmo da sua língua fazendo um choramingo escapar da minha garganta. Ele ressoa no espaço e incita seu próprio gemido áspero. Minhas mãos voam para o cabelo dele, a ponta da pena azul batendo no topo do meu peito.

As nossas bocas mudam de ângulo, o beijo ardente. Mas não basta.

Ele concorda. O chão desliza sob os meus pés. Cerulean me puxa do chão e me apoia com força nas barras de galho. Minhas pernas envolvem sua cintura, meus dedos agarram seus cabelos e minhas coxas se abrem a seus quadris.

Um par de lábios tortuosos se agarram à curva do meu pescoço e – minhas Fábulas – sugam a pele. Eu me encosto na parede frondosa. A minha cabeça cai para trás, minha boca se separando em um gemido silencioso, o ambiente circundante sombrio ampliando minha sensibilidade.

Cerulean me suga para dentro da caverna quente de sua boca até que eu esteja me contorcendo em seu comprimento firme. Afastando-se, ele beija meu pescoço com a boca aberta, depois arrasta a língua para baixo do meu queixo. Solto um gemido, quase me liquidificando nos braços dele.

Com um zumbido ansioso, ele se afunda na minha boca de novo, seu prazer fazendo minha pele formigar do couro cabeludo aos dedos do pé. Abandonamos as palavras. Sem hesitar, pulamos as verdades e perguntas e respostas e razões e explicações. Há muito a dizer, mas não agora – merda, não agora –, porque há muito a sentir.

A fenda entre as minhas pernas quer mais. O comprimento duro entre os ossos do quadril dele quer mais.

Neste ritmo, vou montar o *seu* pau nessa sala escondida, do lado de fora do baile de máscaras. Isso tem de acabar, mas não pode acabar, porque não vamos deixar que acabe. Sonho com isso há nove anos e preciso de um reencontro. Mesmo que só por esta noite, quero o que nunca pudemos desfrutar. Nessas breves horas, quero compartilhar uma história com ele, uma que dure mais de treze dias.

Uma história de noites tranquilas e agitadas, com brincadeiras e lutas, com risos e segredos. Um histórico de contar histórias e contar a verdade. Uma história sem humanos ou feéricos. Uma história que leva a isso.

Quero os quadris nus dele balançando entre os meus. Quero que sua boca inteligente perca o controle. Quero nossos corpos tensos. Quero que nossos gemidos se sobreponham, trabalhem juntos.

Mas não aqui. Como se tivesse me ouvido, Cerulean se afasta. Nós inspiramos o ar com força, nossos batimentos cardíacos colidindo. Procuro seu rosto no escuro e sei que ele está fazendo o mesmo.

Mascarados e na escuridão, voltamos àquela forja onde nos conhecemos.

Mascarados e na escuridão, finalmente nos vemos.

Cerulean arrasta a boca na minha.

— Venha comigo.

Seu sotaque melodioso envia uma rajada de emoção para meu íntimo. Ele estende a mão atrás de mim, afasta a cortina com a mão livre e se inclina para a frente para examinar o corredor vazio. A luz das tochas floresce no espaço, iluminando a franja de sua máscara. Então ele se move com intenção rápida, entrelaçando nossos dedos juntos e me conduzindo por uma série de passagens curvas e intrigantes.

Por fim, emergimos na natureza, onde a Lua Média derrama um branco-calcário sobre as tramazeiras. Olho por cima do ombro. A construção colossal se estende para o hemisfério. Sob circunstâncias diferentes, eu teria adorado

ficar lá.

Em vez disso, deixamos o Aviário da Noite para trás. A fusão de instrumentos de sopro desaparece. Com ele se movendo ligeiramente à minha frente, vislumbro seu cabelo resvalando contra a gola alta do casaco. A bainha da roupa bate nas pernas compridas, e meu vestido de penas passa apressado por sobre as pedras.

Cerulean não olha para trás, mas aperta nossas mãos com mais força. Ele caminha como se estivesse atormentado, correndo para escapar de algo – ou para alcançá-lo.

O que aconteceria se eu o fizesse virar? O quanto seu autocontrole é forte? O que seria preciso para fazê-lo perder a cabeça?

Deslizo o polegar no dele. Ele acelera o ritmo.

Bom. A miséria adora companhia. Deixe que fique excitado, então não serei a única... o que ele está fazendo?

Cerulean faz uma pausa diante da ponte e se vira para mim com um sorriso meio inocente. Expansões gêmeas de brilho azul-obsidiano explodem das suas costas. As telas se espalham, brilhantes e revestidas de penas do mesmo tom de seu cabelo.

Cambaleio no lugar, minha boca se abrindo. Asas. Cerulean tem asas, porra!

Mas vi as costas dele nuas. Não havia sinais delas, nem fendas, nem nada.

Estupefata, gaguejo:

— Mas... mas quando cheguei aqui, você disse... porra, você disse que não tinha asas.

— Ah, mas eu nunca disse isso. — A boca dele se curva. — Eu apenas falei que nunca disse que tinha asas.

Pelo amor das Fábulas!

— Seu sorrateiro...

Grito quando ele passa os braços debaixo das minhas coxas e me tira do chão. Dando um selinho nos meus lábios, ele murmura:

— Segura firme, rebelde Lark.

Nós nos lançamos no ar e atravessamos o vale. A pena solta se separa da minha máscara e se perde nas nuvens. Eu a vejo desaparecer, então prendo meus braços em volta do pescoço de Cerulean, minha cabeça se enterrando em sua jugular.

As asas dele se espalham, dominando a altitude. Estou dividida entre rir e flertar, porque ele tem um par de asas muito sensual.

Quando os músculos do abdômen dele se esfregam no meu quadril, os meus pensamentos ficam atrevidos. É tudo o que posso fazer para não arrastar a mão para baixo, agarrar o pau dele e sussurrar: *“me fode com isso”*.

Cerulean deve sentir minha agitação, porque mordisca meus dedos, insistindo silenciosamente que eu me comporte. Paramos na Torre da Fauna, onde os moradores silvestres descansam na grama em montes de peles e caudas. Ele me solta, a minha frente queimando um rastro em seu peitoral.

Ficando mais ousada, passo os dedos pelos trilhos de suas asas, traçando o contorno. As penas que parecem algodão tremem sob meus dedos. Cerulean estremece quando me inclino para o lado para ver melhor. Ranhuras encantadas camufladas no casaco permitem que as asas se dobrem e deslizem para dentro sem rasgar o material.

— Para onde elas vão? — pergunto.

— Para as curvas ao longo das minhas omoplatas. — A voz dele fica mais grave. — Elas encolhem e se infiltram na pele, como a névoa ou a água.

Mais uma vez, ele agarra minha mão. No entanto, não se mexe de onde está, porque, desta vez, o contato é gentil e inquisidor. Pede permissão, o que

faz dele o toque mais doce e sensual que já experimentei.

Em resposta, relaxo os dedos nos dele. Satisfeito, Cerulean se vira em direção ao porto seguro e me guia. Ele traça um caminho de volta ao nível isolado onde brincamos e discutimos durante nosso passeio à meia-noite. Esta alcova nos separa da fauna errante, embora um safári de gorjeios, rugidos, balidos e miados atravesse as folhas ou dispare para as constelações, os ecos mais longos e amplos do que qualquer animal de onde venho é capaz de produzir.

Cerulean solta minha mão e se retira para o gazebo à beira do penhasco. Fico parada, esperando alguns metros atrás dele.

O jardim brilha com postes de tocha. As chamas fervilham, mais suaves do que no Aviário Noturno.

Aquele baile de máscaras. Aquela dança, que não parecia real, o que tornou o momento mais destrutivo possível para ele descobrir. A ironia tem mesmo senso de humor.

Mas aqui, neste jardim? *Isso é real. É errado, e é proibido, mas é real.*

Por que o feitiço da máscara não funcionou nele? Por ser um governante? Por causa do nosso vínculo inexplicável? E, se ele não sabe disso, qual é o palpite dele?

Ele quer a garota do passado? E a mulher em seu presente?

Está feliz por me ver? Está atormentado?

— Não consigo parar de pensar em você — Cerulean diz de costas para mim. — Em quem você já foi, em quem se tornou.

Minhas perguntas evaporam. A voz dele alça voo, sussurrando através do bosque.

— Você me encantou naquela época — ele relembra. — Uma menina com voz e língua mortais. Que visão. Que vício. Num momento, eu era a presa

enjaulada do seu povo. No outro, uma humana camuflada entrou naquela forja e libertou meu coração, muito antes de destrancar o cadeado.

“Eu era jovem, apaixonado por uma garota inferior de um lugar inferior. Confundindo o atrevimento dela com um santuário e o riso com um porto seguro, joguei a cautela ao vento. Sem demora, aprendi com meu erro: ela nunca foi inferior. Na verdade, acabou por ser minha superior em todos os sentidos.

“Ao longo de treze dias, esperei ansiosamente pelas visitas dela. Tudo a seu respeito me enfeitiçou, desde a máscara remendada até as ideias fantasiosas de profissões mágicas. Eu me lembro de cada oitava das palavras dela, um bálsamo para o meu cativeiro. ‘E se você for o maior observador de pássaros do mundo, mas ainda não sabe, porque nunca tentou?’, ela perguntou, enquanto eu lutava para resistir a ela, enojado comigo mesmo por estar enfeitiçado. Tentei me convencer de que estava apenas desesperado por conforto. Envergonhado, não conseguia me perdoar pela indiscrição que ela tinha sido.”

Isso me machuca, mas eu não tinha pensado a mesma coisa dele? Mesmo depois de acreditar que estava morto?

— Eu a desprezei e admirei por me salvar — Cerulean admite. — Respeitava sua bravura e adorava sua imprudência, a ponto de ter feito qualquer coisa por ela. Se tivesse escolha, poderia ter considerado ficar naquela gaiola até saber tudo sobre ela, não importa o tempo que demorasse.

A dor diminui, substituída por uma emoção vital que envolve meu coração. Meus saltos se enterram na grama, as lâminas vegetais fazendo cócegas nos meus tornozelos. Preciso sentir o chão, senão vou atravessar o jardim e interrompê-lo.

— Como os eventos da infância podem conduzir a isso? — ele se pergunta. — Como um breve encontro pode deixar uma cicatriz, uma marca,

um anseio? Teria sido amor, naquela idade incipiente? Talvez tenha sido certa inclinação ao amor. Algo precioso, muito precioso para durar, e muito frágil para o nosso próprio bem. Mas, esta noite, ela voltou para mim — o feérico diz. — Droga, reconhecê-la atingiu muitos lugares ao mesmo tempo. Uma palpitação na minha têmpora, uma dor no meu pau, uma coceira nas mãos.

Cerulean rodopia, um conjunto de penas brancas se agitando da máscara.

— Ela é uma mulher agora. — Ele abandona o gazebo e caminha na minha direção, o vento balançando suas roupas. — Entretanto, antes de perceber quem ela era, cada interação foi um quebra-cabeça, uma praga, uma provocação.

Ele diminui a distância entre nós e me pressiona contra uma pedra coberta de musgo, a borda de franja do meu decote tremulando contra o V de pele sob sua camisa. Sua respiração sofrida se mistura com a minha.

— Eu me perguntei: por que ela olha para mim como se sentisse a minha falta? Por que me lembro de toques que nunca ocorreram com ela, palavras que nunca dissemos um ao outro? — Ele inclina a cabeça. — Ou compartilhamos tudo isso? Por que ela me faz lembrar alguém que conheci? Alguém que cobicei por um breve instante? Apenas treze dias podem ser longos para um humano, mas para um feérico...

As mãos dele roçam a parte de trás das minhas coxas e me levantam do chão, colocando-me na pedra musgosa. Minhas pernas se abrem em volta da cintura dele, com meus joelhos trêmulos. Ele entra naquele espaço, apoiando as mãos na pedra.

Enrolo meus dedos em volta da nuca dele e me aproximo mais, osso deslizando no osso. Cerulean se contorce, a cabeça curvada se esgueirando por baixo da minha mandíbula, onde ele agarra a carne sensível entre os lábios. O universo se reduz a esse ponto delicado, e me agarro a ele, com a

cabeça se inclinando para trás.

Ele dá um único beijo molhado lá, depois acompanha a linha do meu pescoço.

— Ela é uma mortal infernal, mas, sempre que estive perto dessa mulher, quis discutir com ela — ele belisca meu queixo —, confessar segredos para ela. — Ele se move para o meu lábio inferior, que traça com sua língua, persuadindo-o a descer mais. O sussurro rouco dele sopra nos meus lábios: — Eu quis beijá-la ríspidamente e fodê-la com carinho.

Ah, minhas Fábulas.

Cerulean desliza até minha orelha, passando a língua pela parte superior.

— Agora sabemos o porquê. — Ele lambe o lóbulo. — Eu não durmo desde a chegada dela e, por isso, também a culpo. — A língua dele sonda minha orelha, aquele simples ato erótico embaçando minha consciência. O meu corpo se arqueia tão para trás que meus seios correm o risco de saltar do decote. — Sua boca rebelde é a causa da minha agitação física. Suas bochechas cheias de pó são as culpadas pela minha inquietação. Ah, como um garoto feérico, tive a desculpa da minha idade.

Ele se arrasta para trás, passa os dedos pela máscara e a retira da cabeça. Deixando-a de lado, as pupilas dilatadas dele apanham as minhas, turvas.

— Não tenho essa desculpa hoje.

Então, tenho uma resposta. Quanto ao resto das minhas perguntas, a onda decadente de sua voz deixa claro: essas perguntas vão ter que esperar. Não vamos conseguir chegar a respondê-las esta noite.

Nem sequer vamos conseguir entrar na torre.

Faz muito tempo. Nove anos, tempo demais.

Se eu não o amava naquela época, estou prestes a amar. Imito os movimentos dele, arrancando minha própria máscara do rosto, e a atiro para a relva, deixando que me veja.

As tochas borrifam o jardim com um tom caramelo. O vento estremece pelas tramazeiras, suas folhas e bagas balançando, seus galhos cobrindo a Lua Média.

E eu? Estou esparramada no musgo, minhas pernas ao redor do corpo de um feérico proibido. Meus dedos do pé se flexionam, saindo dos saltos altos; os sapatos caem no chão e pousam ao lado da máscara. Sinto o gosto inebriante de espíritos incandescentes do baile de máscaras, seu resíduo revestindo minhas gengivas.

Os olhos azuis de Cerulean me assombram. Não consigo superar a metamorfose, toda aquela fome e admiração.

— É você — ele diz, olhando para mim com olhos brilhantes.

— Sou eu — respondo, minha voz falhando.

— Minha rebelde Lark. — Seu olhar sombrio repousa na minha boca, e seus marfins brilham, os caninos afiados. — Quero lhe dar prazer, como fiz com o vento. Só que, esta noite, quero fazer isso sem ajuda. Você me deixa...

Desta vez, sou eu quem o cala. A minha boca colide com a dele, separando seus lábios. Cerulean rosna e me puxa para seu corpo, a língua mergulhando em mim e me abrindo mais.

Suspiro, meus dedos se emaranhando em seu cabelo. Estou aqui, e ele está aqui, e isso é tudo o que esperei que acontecesse, e quero chorar, e quero rugir. E, no final, vou fazer os dois.

Cerulean me lambe com investidas certas. A cada movimento, sinto a força ondulante de seu maxilar. Recebo tudo e devolvo, sacudindo minha língua com a dele.

Meus dedos sobem pelas orelhas dele e atingem os picos, de onde tiro os brincos de asas. Meus polegares libertam a pele dura e apalpam as pontas. Ele geme, o efeito se alastrando pelo corpo dele – até o comprimento ereto no centro de sua pélvis.

Ele é longo e rígido. Mas não rígido o suficiente. Não para mim.

Afasto minha boca, abocanho uma das orelhas dele e chupo a ponta. Cerulean ferve, seu pau se erguendo até a parte onde minha saia de penas se divide. Muito melhor.

— Puta merda! — ronro, colocando a mão entre nós e segurando o membro duro. — Isso é pra mim?

— Não — Cerulean responde, depois se afasta para passar as mãos pelas minhas pernas nuas. Por baixo do vestido, ele agarra minha bunda com uma mão e rasga minha calcinha com a outra, o delicado rasgo cortando o ar. — *Isso é para você* — ele murmura na minha boca.

Os dedos dele dedilham os cachos úmidos, o dedo indicador subindo pela fenda. O sangue se agita na minha boceta. Minha boca se abre em um gemido silencioso enquanto ele provoca a abertura molhada, puxando minha pele excitada até o ponto em que estou encharcada e murmurando quem sabe o quê.

Ele não se apressa, roçando os contornos enquanto olha para o meu rosto corado, então delineia o pequeno monte de carne posicionado acima do meu centro. Estou trêmula e vibrando enquanto ele toca e circula ao redor do meu

clitóris, um milhão de terminações nervosas ganhando vida. Eu me rendo, dizendo disparates, e ele se rende, me dando seu toque.

Com um barulho apreciativo, ele enfia um dedo nas minhas dobras. Meus músculos tremulam ao redor dele, seu dedo escorregadio deslizando fazendo um grito sair da minha boca – depois outro quando ele adiciona um segundo dedo. Eu me curvo em direção a ele, meus joelhos subindo mais alto em sua cintura, minhas nádegas se movendo na rocha coberta de musgo.

Cerulean atinge um local que belisca, atormenta. Então ele se afasta... e desliza para dentro de novo... e de novo... e de novo. A cada impulso, fico mais molhada, revestindo os dedos dele com minha excitação. Gemidos desamparados saltam para o ambiente, exigindo mais, por favor, mais.

— Assim mesmo — Cerulean encoraja. — Me dê esse som primoroso.

Eu não soo primorosa. Pareço que estou caindo.

Ele me beija e aumenta a velocidade, segurando minha bunda com a mão livre e me balançando para frente e para trás, avançando com minha boceta nos dedos alojados em meu interior. Imito seu ritmo, agarro seus ombros e monto na mão dele. Eu me atiro em sua boca enquanto meus quadris golpeiam seus dedos encharcando até as juntas.

Nossas testas se encontram. Meu corpo se contrai, quase lá, quase lá. Minhas paredes internas ficam tensas em torno de seus dedos, se encontrando no centro...

— Sim, minha Lark — ele instiga. — Goze devagar.

... até que um bombardeio arrebatador me lança para o céu. Não estou caindo, estou voando. Grito, desfazendo-me em seus braços enquanto ele abafa meus ruídos.

Afundo de volta na terra e murcho em cima dele, ofegante em seu ombro. Ele alisa meu cabelo e beija meus lábios, a respiração entrecortada. Estamos em ruínas, as nossas roupas em desordem.

Embora ainda nem tenhamos começado.

Ainda com espasmos, me aproximo, me esfregando em sua ereção.

Em resposta, Cerulean crava os dedos na minha bunda e anuncia:

— Não vou parar.

— Ótimo. — Eu me aproximo, passando a língua na boca dele, e murmuro: — Então me fode.

As suas íris se transformam em um vívido tom de azul. Ele se afasta do meu vestido e desliza os dedos brilhantes para dentro da boca enquanto estuda minha reação. O ato dele provar meu clímax faz um novo raio de desejo percorrer meu corpo.

Meu corpete é o próximo. Um por um, ele abre os fechos, soltando-os para revelar um vale de pele arrepiada. Eu me endireito, permitindo que meus seios preencham o espaço, depois espero que ele faça o resto.

Cerulean liberta o corpete, meus seios se derramando à luz do fogo, para sua linha de visão. Os meus mamilos se enrijecem, formando botões cor-de-rosa escuros. Eles se igualam, à espera dele, à espera da sua boca.

Suas pupilas eclipsam as íris enquanto me observa. Ele xinga na língua feérica, a sequência de palavras se inclinando para cima nos finais de cada uma. Abraçando a parte inferior das minhas costas, ele me faz reclinar, minha cabeça em direção às copas das árvores, trêmulas.

E então uma boca quente envolve meu mamilo. Dou outro grito, soltando-o para a copa enquanto Cerulean me chupa. Repetidamente, ele sente o gosto do disco de pele, lambendo e beijando. Então ele mostra misericórdia, os dentes roçando o outro bico enquanto balbucio o nome dele, o nome dele, o nome dele.

— *Minn ó Lark* — Cerulean ofega nos meus seios. Ele se afasta e levanta a cabeça, soltando os bicos úmidos.

As minhas respirações são superficiais.

— Tire minha roupa.

Seus lábios se curvam em um sorriso.

— Um favor por outro favor.

Óbvio. O vestido treme ao deixar meu corpo, sussurrando pelas minhas curvas e declives. Eu o deixo passar o material pelos meus quadris e tornozelos, a saia com franjas se agitando, me fazendo cócegas ao longo do caminho. O tecido cai no chão, e então estou nua, esparramada diante dele à luz das chamas.

A cinta-liga brilha, o único objeto que estou usando. Meus seios pendem, pesados e carentes, o suor se acumula atrás dos joelhos e meus pés esfregam a rocha. Eu me apoio nos cotovelos e afasto as coxas, expondo a fenda onde ele me tocou.

O olhar dele se enraíza profundamente. Nenhum dos meus amantes nunca me olhou dessa maneira.

Como se eu fosse rara. Como se fosse insubstituível.

Não preciso que ele me diga isso. Sei o quanto valho, mas todo meu corpo se aquece.

O vento chicoteia as roupas dele. Roupas demais.

A camisa expõe uma abundância de pele. Eu me ajeito, achato as palmas no peito dele e escalo os gomos do abdomen. Mapeio o peito sólido antes de descansar no coração dele, o órgão martelando sob as minhas mãos, o ritmo acelerando.

De lá, minhas mãos passam por cima dos seus ombros, levando o casaco com elas. A peça flutua até a relva. Com os dedos ansiosos, agarro a bainha da camisa dele e a arrasto pela cabeça. Cerulean se move comigo, seus braços sinuosos se erguendo, exibindo as cicatrizes causadas pelo ferro que sobem

pelos antebraços.

Ele tira as botas, jogando-as de lado. Reajo rapidamente, porque essas calças de cintura baixa precisam sair dele, minhas mãos estão tremendo enquanto eu as empurro para baixo. Outra vez, ele me ajuda, terminando de tirar as calças.

Tenho sorte por não engolir a língua. Ele é lindo. Seus músculos se contraem sobre o penhasco tonificado de seu corpo, e é fácil de me prender ao redor. Além de um rastro de pelos escuros no seu centro, Cerulean é feito de mármore.

Quadris inclinados emolduram seu pau. Ereto e largo, com a ponta corada, um brilho de desejo vaza da fenda.

Não consigo decidir o que anseio primeiro. Colocar a boca em torno dessa grossura, passar a língua na ponta molhada ou senti-lo por inteiro bombeando dentro de mim. Não consigo decidir de jeito nenhum, por isso não escolho nenhum dos dois.

Em vez disso, aproximo-me da ponta da pedra. Os nossos centros roçam, nós dois gemendo com o contato. Desvio e colo meus lábios à garganta dele. Os dedos de Cerulean capturam meus quadris, as unhas arranhando enquanto banho sua pele com a minha língua. Meus beijos viajam do pescoço para as clavículas, depois para os mamilos, torcendo-os entre meus dentes. Provo o torso dele, onde a pena se pendura do cabelo.

E depois beijo cada cratera do ferro que lhe marca os braços. Acima de mim, Cerulean expele uma respiração irregular.

Quando chego ao seu umbigo, ele me puxa para cima e me empurra contra ele.

— Não tão rápido, mascote — ele avisa, o apelido falado com um tom cativante. — Você não tem permissão para me provar até que eu a faça gritar para o céu. Caso contrário, isso acabará rápido.

— Quem morreu e te nomeou governante? — provoco.

Cerulean sorri, mas o sorriso se desfaz em pouco tempo.

— Abra as pernas para que eu possa ver para onde estou indo.

Só isso me põe em uma situação difícil, a excitação subindo pelas minhas pernas. Ele não pergunta porque não sabe para onde ir. Está perguntando porque quer saborear o visual, uma visão mais ampla do que eu tinha dado a ele momentos atrás. Mas, se este feérico acha que pode me dar ordens, é melhor que descubra a verdade depressa.

Balanço a cabeça.

— Seja educado.

De pé entre as minhas pernas, Cerulean apoia as palmas nos meus joelhos cicatrizados, tocando-os com os polegares. Então ele inclina a cabeça para aquelas marcas.

— Por favor — ele implora para a pele mutilada. — Por favor, permita-me.

Não é a súplica. Não, é o gentil toque dos dedos dele, os beijos leves nas minhas cicatrizes da chaminé. Um nó cresce na minha garganta e os meus joelhos se soltam.

Abro minhas coxas para ele, para mim, para isso. Desnudo tudo.

Enquanto isso, curto a forma de Cerulean. Sua figura musculosa. A veia azul fina que vagueia pela parte interna do antebraço. Aquele pulso que bate contra seu pescoço. O movimento da garganta dele. Aprecio os declives expostos, os ossos íngremes do quadril e as cicatrizes que marcam seus braços.

Saboreio aquela parte ereta dele repleta de cor, a base se contraindo.

Eu me contorço, aninhando a cabeça mais fundo, envolvendo a grossura na abertura das minhas coxas. Minha mão desce até a base do seu pau, meus dedos se conectando ao redor da base.

— Me abre com isso.

— Humana gananciosa. — Cerulean agarra meus lábios, a língua dele devorando a minha.

Ao mesmo tempo, ele agarra minha bunda com uma mão, segurando-me no lugar. Com a outra, ele prende minha perna na sua cintura.

Meus dedos errantes descobrem outra parte sexy nele. A bunda dele é tonificada, os músculos cedendo debaixo de mim.

Nossos lábios se abrem e fecham como se este fosse um momento urgente. Nos beijamos profundamente, trocando suspiros e arrepios.

E a ponta dele avança.

Nossas vozes se emaranham em um único e abafado meio gemido. Os sons saem de nós, colidindo porque nossos rostos estão inclinados muito perto um do outro. Meus olhos se prendem nos dele, recusando-se a perder isso.

A cabeça inchada do pau de Cerulean para na minha entrada. Seus olhos brilham, ameaçadores e adoráveis.

Mais uma vez, ele balança os quadris, esfregando-se na minha humidade. Outro gemido se descola da minha língua. Ele beija meu queixo, pontuando o contato com um movimento da cintura, enviando ainda mais seu pau para dentro. Minha boceta flameja ao seu redor, depois sela a cabeça em seu interior.

Mantemos os olhos fixos um nos outros, mas é difícil que permaneçam abertos. Cerulean se move com uma graça predatória, lenta e constante. Com círculos controlados da cintura, o pau dele me provoca um pouco mais, cada rotação agonizante. A fricção prolongada me deixa tão louca que minhas mãos se colam à sua bunda para estimulá-lo a ir mais fundo, mas isso só incita um sorriso feérico perverso. Ele me nega, respondendo com um golpe do longo comprimento, a ponta arredondada me abrindo ainda mais.

— Ah, Fábulas — choramingo. — Cerulean.

— Você gosta disso? — ele pergunta. — Também gosto. Gosto muito.

Mas continua. E continua. E continua.

Até eu rachar por dentro. Até que eu chore de necessidade. Até eu ser incoerente.

E não só eu. O grunhido melancólico de Cerulean é como um fio esticado. Nos agarramos um ao outro, uma camada fina de suor se acumulando nas nossas peles. A umidade inunda meu corpo, encharcando nós dois. Ele geme de entusiasmo, lançando o pau naquele lugar – aquele lugar lindo e brutal.

— Agora — ele garante.

Por fim, seu pau desliza, e desliza, e desliza. E, com outro balançado do quadril, ele está todo dentro de mim, meus músculos sugando-o até a base.

Nossos gritos inundam o jardim. Seu pau me enche até o limite, nossos corpos saltando para cima com o impacto, depois afundando de volta na rocha. Nunca senti nada tão dolorosamente bom. Nunca me senti assim com ninguém, completa e incompleta ao mesmo tempo.

Cerulean murmura um palavrão. Seu rosto se pressiona no meu, e levamos um segundo – um segundo apenas – antes de começar a nos mover. Com investidas suaves, os quadris dele balançam para frente e para trás. Ele acaricia dentro e fora de mim, nunca deixando meu corpo por completo, permitindo que meu interior sinta cada centímetro dele.

Nós gememos na boca um do outro. As chamas circundantes crepitam e estalam. Minhas coxas acompanham seus movimentos, as nossas cinturas colidindo.

É demais. É muito pouco.

Minhas unhas viajam da sua bunda para arranhar a parte inferior das costas banhadas de suor. Por reflexo, Cerulean vai mais fundo, mais forte.

Solto gemidos, minha cabeça balançando de um lado para o outro.

Ele aproveita a oportunidade para virar a cabeça e chupar a pele entre as minhas clavículas. Por vontade própria, os meus joelhos se levantam mais, meus quadris indo de encontro a cada impulso da sua cintura.

O vento se agita ao nosso redor, porque aqui estamos, neste jardim, nesta selva, brincando com o limite. Em uma pressa repentina, Cerulean me incita para trás. Eu relaxo, me ponho sobre a rocha musgosa e enrolo meus tornozelos em volta da cintura dele.

Cerulean segura meus pulsos acima da minha cabeça, paira sobre mim, e ataca com golpes rápidos e superficiais. Dou um grito, e ele imita esse grito com o próprio, seu pau me chicoteando por dentro. O impulso aumenta, como também a oitava dos nossos gemidos.

Sua cintura se inclina para a frente com abandono, e minhas costas se arrastam pela superfície. Aperto a bunda dele, enterrando-o mais, mais, mais. Me mexer sob ele muda o ângulo de sua entrada, para que eu vá para cima enquanto ele vai para baixo.

Minhas pernas se espalham. Nossas pélvis batem juntas, minha boceta batendo no seu pau, encharcando-o até a base.

— Porra! — ele fala com a voz áspera, os músculos tensos. — Lark.

— Não — ofego, agarrando o rosto dele. — Ainda não!

Ele fecha os olhos, lutando contra o clímax enquanto arremessa os quadris em mim. Ele solta os meus pulsos e coloca as mãos na pedra, me prendendo. Minha cabeça se arqueia, e minhas costas se arqueiam, recebendo cada investida da cintura dele.

As pálpebras de Cerulean se abrem, o olhar dele pousa em mim. Sua boca aberta paira sobre a minha, à beira de um beijo. No entanto, ele não consegue, e eu não consigo.

Mas temos que fazer isso. Precisamos nos soltar, ou nos quebraremos.

Agarro os quadris dele, a pele pingando de suor. Ele segura a parte de trás da minha cabeça e cobre meus soluços com a boca. Nossos lábios imitam o ritmo das investidas do seu pau. Mas não quero que acabe assim, não golpeando essa rocha. Quero a gente indo para as nuvens, para as estrelas.

Eu me contorço até Cerulean entender. Ele passa o braço em volta das minhas costas e me levanta até eu me sentar, onde ele permanece dentro das minhas coxas abertas. Nos envolvemos um ao redor do outro e nos erguemos para cima, o pau dele ondulando na minha umidade. Minhas paredes se apertam, o centro do meu corpo o prendendo, o prendendo, o prendendo. O comprimento dele se contrai, batendo em mim, me fodendo, a ponta atingindo um limiar.

Perseguimos aquele pico, perseguimos. Subimos mais alto, mais alto.

Os nossos corpos se contraem. O atrito se acumula nas minhas dobras molhadas, o sangue fluindo para onde ele fica tenso dentro de mim. Fazemos uma pausa, depois saltamos da borda. Minha boceta se contorce ao redor do pau dele, o calor explodindo de onde estamos unidos.

Jogamos nossas cabeças para trás. Eu grito meu orgasmo enquanto Cerulean goza com um bramido. Os sons frenéticos se misturam em um só, o vento os varrendo para longe.

O voo termina. Caímos um no outro em um ninho de braços e pernas suados. Nossas respirações lentas se fundem com a canção de um canário, vinda de algum lugar nos galhos, o canto do pássaro distinto do que estou acostumada a ouvir. É mais rico e brilhante do que uma dúzia de sinos, as notas sobrepostas umas às outras, acalmando-me de dentro para fora.

Um manto de ar se funde com as árvores. O doce aroma almiscarado de transpiração flutua para as minhas narinas.

Cerulean enterra a cabeça na curva do meu pescoço, e levo os dedos ao seu couro cabeludo úmido. Isso aconteceu. Acabei de transar com o feérico que viveu no meu coração por tanto tempo, e não tenho nenhum arrependimento.

Sua melodia rouca viaja pelo meu ombro:

— Você está bem?

— Não — murmuro, a palavra falhando na minha língua.

Não estou bem, porque isso não foi certo. Por que tinha de acabar? Não quero que acabe, nunca mais. Ele tinha me desgastado por completo.

Cerulean ri, seu corpo nu tremendo de alegria. A textura do riso dele roça minha pele, o som semelhante a algo liberado de uma rolha, algo que ficou mais encabeçado, mais saboroso e forte com a idade. Algo inestimável.

Ele inclina a cabeça, olhando para mim com uma confiança que rasteja para dentro do meu íntimo. Um tom cativante de azul satura suas íris, e o faz parecer mais jovem. Gosto muito mais dessa aparência nele, como alguém

com sangue de verdade correndo pelas veias.

Sempre assumi que os feéricos não têm coração, não da maneira que os humanos têm. Não autênticos, com a capacidade de se importar com seres que não eles próprios. Mas aqui está ele, destruindo essa suposição.

Cerulean se endireita. Os seus braços se entrelaçaram na minha cintura, minhas pernas ainda o envolvendo.

— Tenho pensado em você todos os dias desde aquela forja — sussurra.
— Você plantou uma semente, mas foi só depois que eu a deixei que me apaixonei. Você fez meu coração bater a um novo ritmo.

É tudo o que quero ouvir, bom demais para ser verdade.

— Éramos crianças — digo, traçando sua região lombar.

Ele dá um selinho nos meus lábios.

— Acredito que há infinitas maneiras de amar. Ele vem em muitas formas e em muitas linhas do tempo, algumas curtas, algumas longas, de uma infinidade de laços e encontros diversos. Acho que o que senti por você foi apenas uma das maneiras. — Ele inclina a cabeça, as tochas iluminando a carranca. — Como você se sentiu?

— Do mesmo jeito. — A minha resposta é imediata, e elimina a dúvida do rosto dele. — Por que não me procurou de novo? Ou era você, entrando no meu quarto ao longo dos anos e acariciando meus lençóis?

O seu espanto é genuíno, mas seu sorriso também.

— Está dizendo que o vento visitou você? Na verdade, era mesmo eu, mas não fazia ideia de que era você. Não faça essa cara feia, deixe-me explicar. Através do vento, antagonizei inúmeros mortais, invadindo lares e perturbando a paz. Fique tranquila, era apenas para petrificar os mortais com ilusões e encanto. No entanto, nunca foi para forçar meu corpo neles.

Aceno com a cabeça, embora Cerulean não precisasse dizer isso. Feéricos

podem se envolver em seduções, mas as Fábulas dizem que sua espécie raramente é sexualmente tentada por mortais. Mesmo que fossem, sei que ele nunca faria isso a alguém, seja ou não humano.

— Chame de coincidência, mas parece que você era um dos meus alvos — Cerulean diz. — Não consigo ver com quem o vento faz contato. Pelo contrário, sinto o progresso dele e dirijo sua trajetória para a aura dessas pessoas. Já fiz isso tantas vezes que não consegui reconhecê-la quando nos reunimos. De qualquer forma, se soubesse que era você, a garota mortal da minha infância, não teria me intrometido. Ou talvez tivesse, apenas para cobri-la. Ainda bem que não sabia, ou podia ter ficado obcecado e abandonado meus deveres. Você tem esse poder sobre mim. — Suas feições se transformam em um sorriso impertinente. — No entanto, minha visita ao seu quarto de hóspedes ontem à noite é outra Fábula. Eu sabia tudo o que estava fazendo. Estou certo em supor que você gostou das minhas travessuras?

— Você sabe a resposta para isso — digo. — Você sabia como eu reagiria. Caso contrário, não teria tentado.

Embora eu não tenha certeza de como me sentir em relação a ser sua exceção, além de culpa e raiva dele por assumir que está tudo lindo e perfeito em atormentar os humanos. No entanto, ele também sempre foi a minha exceção.

E esta noite... bem, talvez hoje seja a nossa exceção. Há tanto a dizer e, se começarmos, não vamos parar. Mas somos gananciosos, e somos traidores do nosso povo, porque esta noite é muito especial para ser estragada. Estamos tão felizes, e talvez não tenhamos outra oportunidade. Sinto que Cerulean pensa a mesma coisa.

De um dos níveis do jardim, uma ave produz seu chamado de acasalamento. A canção traz outro pensamento à minha mente.

— Você trouxe outros feéricos aqui? Outros homens ou mulheres?

Ele finge um beicinho.

— Eu poderia perguntar a mesma coisa.

— Vá em frente. Tenho algumas histórias para contar.

— Humana rebelde. Prefiro não ouvir histórias de suas façanhas, a menos que você prefira que eu a foda de novo, voraz e com inveja?

— Isso é uma pegadinha?

Ele ri, o som de um sino de vento se agitando na noite.

— Aqueci uma infinidade de camas e uma infinidade de corpos, mas nunca trouxe outro feérico aqui. — O nariz dele roça o meu. — Isso é nosso.

Meus ombros relaxam. Esta torre e o seu jardim de vida silvestre são nossos.

Mas eles não são nossos. Não para sempre.

Cerulean segura meu queixo e vasculha a minha expressão.

— Tanta agitação nesse rosto precioso. O que posso fazer para removê-la? Hum?

Como uma oferta, ele esfrega os quadris nas minhas coxas. Suspiro, lembrando-me de que ele ainda está dentro de mim, minha boceta molhada ainda apertando seu pau. E ainda...

Arquejo.

— Você está duro.

O sorriso dele se intensifica.

— Sou um feérico.

Ele pode durar tanto tempo assim? Ora, isso é injusto. Parece que os mortais foram prejudicados nisso, mas não vou reclamar. No entanto, estou muito dolorida para uma segunda vez.

— Sou uma humana — eu o lembro.

Uma risada íntima ressoa do seu torso. Cerulean arrasta os dedos até a

minha barriga, que ronca sob sua mão.

— Essa humana está com fome.

— O que é culpa sua, a propósito. Você me manteve ocupada, e meu apetite não espera por ninguém.

— Então não se mexa.

Ele mantém os olhos nos meus ao deslizar o pau para fora. É um momento sugestivo, cada um se concentrando no movimento, como se justificasse a mesma atenção de quando ele me penetrou pela primeira vez. O início e o fim da nossa primeira vez juntos.

Na mesma hora, sinto o vazio dele. Irritada, me remexo em cima do musgo, em busca de um lugar confortável. Cerulean recua, apreciando a vista antes de se virar, oferecendo uma visão desobstruída da sua bunda empinada. Abaixo do meu umbigo, todas as partes boas se contraem. Que as Fábulas tenham misericórdia, esse é um traseiro mágico. As bochechas se contraem quando ele percorre um caminho e desaparece nos arbustos.

Eu podia assobiar. Acabei de ver um feérico inteiramente nu passeando pelo campo.

Recostando-me nas mãos, inclino a cabeça e fecho os olhos. O jardim reverbera ao meu redor, folhas batendo, a grama tremendo. Da vegetação rasteira, o canário residente pia sua canção e o antílope grunhe. Sem nenhuma roupa, sinto uma relação mais poderosa com este cenário. Selvagem, silvestre – um supercrescimento nativo de membros e braços, o brilho da Lua Média escorrendo pela copa das árvores e se derramando sobre a minha pele.

Eu não deveria ser capaz de ouvi-lo se aproximar, mas consigo escutar. Seus pés ágeis patinam pelo gramado e depois param por perto. Minha pele se arrepia quando sua respiração forte faz cócegas na minha orelha.

— Olha para você, minha rebelde. Indomável, desinibida, descoberta.

— Você sabe bem — eu me gabo, depois grito quando braços me pegam por baixo dos joelhos e me levantam. Cerulean se afunda no chão, depositando-me na relva. Ele descansa na rocha e me ajeita para que recline entre suas pernas, que se espalham ao redor do meu corpo. Uma vez que minhas costas se encaixam confortavelmente em seu peito, sua palma virada para cima oferece um aglomerado de porções com cascas finas e com a cor do limão, as formas curvas lembrando figos em miniatura. Com o outro braço, ele arrasta um dos bulbos pelos meus lábios.

— Confia em mim?

— Não deixe que te suba à cabeça — aviso. — O efeito do orgasmo não passou ainda.

Outra risada molda as palavras dele:

— Abra a boca.

Faço um grande espetáculo, abrindo os lábios e curvando a língua. Ele coloca o caroço frutado em cima da língua, e o pego na minha boca. Baunilha, pera e uma pitada de gengibre brotam da carne mastigável.

Engulo em seco e gemo.

— Isso tem gosto...

— Seu — ele diz no meu ouvido.

Putá. Merda! Este feérico vai ser a minha morte.

Cerulean continua a me dar as delícias carnudas. Antes de me oferecer a última, diz:

— Isso não substituirá uma refeição saudável, mas vai fazer você aguentar até mais tarde. Há um solário onde podemos jantar. Ou, se quiser, posso invadir a cozinha e trazer a comida para cá. Seria um prazer imenso, apresentar as iguarias da minha cultura.

— Trazer? Você conjurou comida na torre.

— Sim, mas eu odiaria que você me acusasse de ser preguiçoso.

— Agora que você mencionou, exceto os lanches exóticos ou macabros que vi, muito do que provei é parecido com o que tem em casa. As travessas no chalé de Moth e no meu quarto incluíam principalmente coisas que eu conhecia.

— Escolhi o que satisfaria seus desejos mortais e reprimiria seu ceticismo, mas isso não é tudo que há neste mundo. Os elfos preferem culinária amarga, dragões gostam mais de pratos picantes de e frutas tropicais e outras criaturas de Feéria fazem uma mistura de salgado, azedo e doce. É verdade que favorecemos bolos mortais, mel e laticínios. E as suas colheitas, como uvas, nectarinas, damascos. Sublimes. — Ele beija o meu ombro. — Mas nós feéricos temos a nossa própria comida. Depois de provar nossos *dumplings*, nunca mais será a mesma.

— Que ninguém diga que não como saudável.

Ele me acaricia.

— Perfeito, porque prefiro mesmo uma humana com apetite.

A felicidade dele me mata. Uma refeição com Cerulean. Uma coisa tão simples, entre mil coisas simples que não vivenciamos. Quantas podemos espremer nas próximas horas antes do nascer do sol, quando o jogo começar outra vez?

Eu me aconchego nele. Não me importaria se um animal passasse por aqui. Talvez a criatura assumisse que Cerulean e eu somos companheiros.

Companheiros. Como isso aconteceu, se os feéricos só criam vínculos com a própria espécie? O pensamento me desgasta, puxando minha boca para baixo.

Ele é meu.

Mas não, não é. Não mais do que sou dele.

No entanto, passamos a próxima hora falando, sussurrando e rindo. Ficamos deitados de lado, meus dedos traçando círculos no braço dele, os seus roçando minhas bochechas. Compartilhamos partes das nossas culturas – a música, as tradições e, sim, a comida. Falamos de pequenas coisas e coisas mais importantes, preenchendo as lacunas um para o outro.

Cerulean apoia a bochecha na palma da mão.

— O que você está ponderando?

— Que nunca respondeu à minha pergunta sobre sua idade. Quantos anos tinha? Quando nos conhecemos?

— Pouco mais de mil. O equivalente a onze anos humanos.

Mas, isso não faz sentido. Entre aquela época e agora, ele não poderia ter ganhado tantos centímetros tão rápido, não quando demoram eras para que os feéricos se desenvolvam fisicamente.

Cerulean avalia minha lógica.

— Algo aconteceu naquela noite com Puck, Elixir e eu. Deveríamos ter levado mais um milênio para ficar como somos agora, mas, quando escapamos, nossos corpos amadureceram rápido nos nove anos seguintes. Cada vez mais, pensávamos e nos sentíamos menos como jovens. Mas, quando chegamos ao nosso auge físico, o processo se desacelerou, depois parou por completo.

“Quanto ao motivo pelo qual aconteceu, mal sabemos. Talvez seja porque fomos nomeados governantes Solitários, assim a natureza desejava que parecêssemos e agíssemos como governantes. É um mistério que ainda temos que desvendar.

O fio de cabelo trançado dele cai sobre meu peito, meus seios abraçando a pena. Acaricio a pena e estudo seu pigmento.

— Você não tinha lábios escuros quando o conheci.

— Um pouco lamentável, não é? — ele zomba. — Pois, se tivesse, teria reivindicado ainda mais a sua atenção. Gosto muito do jeito como você olha para a minha boca. Mas, não, o azul veio mais tarde.

— Feérico vaidoso. Sei o que disse antes, mas chegou perto de me procurar? Apesar de tudo o que tinha nos ombros?

— Eu ansiava muito por isso. Mas tinha minhas obrigações, apenas pouca delas magnânimas.

Rancora malemolência se infiltra nas minhas palavras:

— Isso é humildade que estou ouvindo?

— Você pode dizer que está me influenciando. Fez argumentos inspiradores nesse sentido.

— Você não está perdoado.

— Não, eu não esperava que fosse tão fácil. Ainda assim, eu podia ter separado pedaços de tempo para procurá-la. O problema era que temia nosso reencontro, descobrir que você tinha mudado, ou que nós dois tínhamos mudado, ao ponto de não sentirmos mais a mesma ligação. Não é improvável, já que éramos tão jovens. Nunca tive medo de procurá-la, mas tive medo de encontrar você.

“Por isso, deixei para lá. Acreditei que nunca mais veria você e me convenci de que era melhor assim, mais seguro para você também. Depois disso, as únicas coisas que me deram consolo foram Moth, este jardim e minha família silvestre.”

— Então, eu mudei?

— Sim e não. E eu?

— Sim.

Ele ri.

— No entanto, você ainda está nos meus braços. Que desonesto da minha

parte.

— Sou masoquista por punição.

E tenho uma ligação inexplicável com ele. Não sei como começar essa conversa, e tenho ainda menos certeza se quero saber a reação dele, e se serei capaz de lidar com isso.

Além disso, ainda estou intrigada com o porquê de o encantamento da máscara não ter funcionado nele e se ele está questionando isso também. Ainda estou insistindo se ele se importaria tanto comigo se não fosse a garota do passado dele, e se eu me importaria com ele da mesma forma.

— Quando você soube? — ele aborda, e eu confesso sobre o Horizonte e a pena azul, omitindo a parte do nosso vínculo.

— E você? — pergunto, tocando a trança de cabelo presa à pena.

Cerulean passa os dedos pelas minhas madeixas brancas.

— Você sabe quando eu soube. Você viu a transformação enquanto dançávamos. Viu a minha reação à sua máscara.

É, eu vi.

— Você ficou horrorizado.

— Aquela pluma solta foi tudo o que precisou. Acendeu uma lembrança de você como uma menina, usando uma máscara de penas incompatíveis e juntas ao acaso. Ao mesmo tempo, eu fui destruído. Tinha medo de que não fosse verdade, e tinha medo de que *fosse* verdade. Depois do que fiz com você, não conseguia entender o que pensava de mim. Mas, acima de tudo, tinha medo de que os outros feéricos vissem as provas no meu rosto e colocassem um alvo nas suas costas.

— Não estava planejando contar para você lá. Não foi por isso que fui.

— Falando a verdade, suspeitei que você se infiltraria nas festividades, com a intenção de espionar, apesar de ter o porto seguro da torre só para você.

Achei a ideia sedutora. Talvez minha antecipação tenha tornado a máscara encantada ineficaz. Sim, Lark, supus a arte do encantamento. Trabalho de Moth, sem dúvida.

— Eu a peguei com um humor raro e generoso — digo.

— A maneira como os foliões trataram você... quis rasgá-los em pedaços. Quis atacar minha própria espécie — Cerulean admite. — Esse foi mais um impulso que não pude justificar para mim mesmo. Como precaução, entrei no jogo para validar a atuação para todos. Embora, confesso, gostei de ver do que você é capaz. Gostei de sentir você me caçar, e gostei de prolongar sua busca, mesmo que apenas para provocá-la e frustrá-la. Parecia muito com uma dança de acasalamento.

Aperto meus lábios, impedindo que a verdade os deixe.

— Então...

— Embora eu não soubesse que você era aquela garota, comecei a especular. A cada interação, minhas suspeitas aumentavam, mas eu não me permiti aceitar isso.

— Nem eu.

Enumeramos as dicas e suspeitas ao longo do caminho. Depois Cerulean me disse que os humanos que o capturaram queriam cortar sua língua, para se protegerem dos enigmas, mas ele não podia falar, de qualquer forma. Sempre que pensava em tentar, temia que um fole aparecesse e não queria que ninguém roubasse sua capacidade de falar. Então fingiu ser mudo. É por isso que ele não falou comigo até o fim.

Depois, Cerulean destruiu sua máscara de infância, com a intenção de enterrar seus sentimentos – me amar, sentir minha falta. É dramático, mas conto a ele que fiz a mesma coisa quando era pequena, acreditando que fora morto pelos aldeões, que a minha libertação levaria à recaptura dele.

É quando começo a chorar. É quando ele passa os braços ao meu redor. É

quando me sinto mais segura.

Cerulean leva um tempo para absorver o fato que pensei que ele estivesse morto. Leva ainda mais tempo para se recuperar das notícias.

Para me animar, ele gira o pulso. Uma pluma aparece, pairando no meio do ar. Ele usa as mãos para conduzir o vento e fazer malabarismos com a pena através do recinto, depois envia a pena pelas árvores e para o céu.

Em algum momento, rolo para cima dele, achatando meus braços cruzados no seu peito, minhas pernas dobradas para cima e enganchadas nos tornozelos.

As sobrelanceiras de Cerulean se franzem em diversão.

— Ah não. O que foi agora?

Meus ombros se contraem.

— Só estou olhando para você.

— E...? — ele prolonga.

— É só isso, eu nem sei o seu aniversário.

Ele passa os dedos na minha bunda.

— Mas você sabe outras coisas.

Verdade. Quanto ao resto, compensamos o tempo perdido.

O aniversário dele é em fevereiro, o meu é em maio.

Ele aprendeu a tocar flauta sozinho, assim como aprendi a empunhar um chicote sozinho.

Se ele pudesse ser um animal que não voa, seria uma raposa astuta. Ao contrário de mim, que prefiro ser uma jaguatirica porque são ágeis e têm um pelo espetacular.

Ele ouve quando falo da minha família, e eu escuto quando ele fala de Moth, Puck e Elixir. Estando perto dele, não parece errado, eu ser uma humana e ele ser um feérico.

Continuamos a sussurrar. Eu lhe mostro como assobiar entre dedos. E continuamos a sussurrar. Ele me conta uma Fábula Solitária para dormir sobre um papa-léguas. E continuamos a sussurrar.

— Me ensine sua língua — digo. — Me ensine a língua feérica.

Cerulean me dá um olhar astuto.

— Que palavras indecentes você tem em mente?

— Bem. Já que está oferecendo. — Finjo pensar com seriedade, depois deslizo a palma da mão pelos músculos do abdômen dele. Deslizo ainda mais, segurando meu lugar favorito no universo, envolvendo o calor e o comprimento do seu pau, que é mais quente do que o resto de seu corpo. — Como isso se chama?

Ele geme, movimentando os quadris.

— *Fanlídán*.

Aquele tom sarcástico é um sinal óbvio.

— Ah, nem vem. Não a palavra formal. Me diga algo carnal e escandaloso, ou vou soltar.

Cerulean meio ri, meio geme. Ele me vira e raspa a grossa ereção entre minhas coxas, pontuando o movimento com uma única palavra em resposta:

— *Tüppide*.

Agora sim. Pronuncio a palavra, deixando-a deslizar pela minha língua enquanto esfrego meu clitóris por seu comprimento, saboreando-o da base até a ponta. Toda a sua estrutura estremece e ele fala no meu pescoço:

— Quero conhecer cada canto do seu coração.

Juniper e Cove vão me matar. Elas têm direitos sobre o meu coração.

Daquele momento em diante, Cerulean e eu fracassamos miseravelmente em manter as mãos longe um do outro. Trocamos toques quentes e beijos sem fôlego, tateando e lambendo um ao outro. Ele sussurra palavras eróticas e

estrangeiras que traduzem tudo o que fazemos, até eu estar exaurida e adormecermos.

A certa altura, o puma se aproxima da área e se enrola ao nosso lado com um ronronar preguiçoso. Cerulean estende um braço, ele e o felino batendo um no outro em uma brincadeira sonolenta. Eu me prendo a ele e observo, espantada com a confiança entre eles.

Eventualmente, mais criaturas chegam e se juntam, reivindicando galhos e pedaços de grama. Nos encontramos em uma matilha, caindo em um sono profundo e selvagem.

Quando abro os olhos, a fauna se foi, mas Cerulean continua dormindo, com o seu braço envolvendo a minha cintura. Eu me viro no peito dele para observá-lo. Quando era pequena, eu me perguntava se os feéricos tinham sonhos parecidos com os nossos. Parte de mim ainda se pergunta isso.

Seu corpo é grande, em constante ascensão e queda. Com a boca parcialmente aberta e o cabelo levado pelo vento cobrindo as orelhas, ele parece real, com falhas e vulnerável. Humano.

A dor me atravessa. Ele nunca será humano.

Mapeio as pestanas dele com o mindinho. Então me movo para as cicatrizes onde os aldeões o espetaram com um atizador de ferro, não porque concordaram em torturar uma criança, mas porque acreditavam que ele não era uma criança. Acreditavam que ele era um monstro da magia, uma violação da natureza.

Ele fez coisas horríveis. Então eles fizeram coisas horríveis para ele.

Quem está errado? Quem está certo?

Os feéricos amam. Sentem perda e saudade. Nasceram da natureza e vivem no meio do reino animal, assim como na minha cultura.

Os feéricos também descansam. Dói olhar para ele, uma criatura tão brutal

– que não foi brutal esta noite. Eu me levanto devagar, a brisa acariciando minha pele. A camisa dele repousa no verde, então a coloco pela cabeça. O linho chega à metade das minhas coxas, o decote baixo apenas ligeiramente mais alto em mim, as curvas dos meus seios espiando do V.

Vou para o gazebo perto do penhasco. Depois do verde, uma coruja gigante atravessa uma nuvem, o tamanho poderoso da ave de rapina dominando a vista. Tudo se movimenta, segue em frente, segue adiante.

Um som alto de asas batendo atinge o ar, como velas se desfazendo. O contorno das asas se espalha de cada lado de mim, e um par de braços tonificados se apertam ao redor do meu corpo. Eu me inclino em direção a ele, seu pulso batendo no vão das minhas omoplatas.

Amo este momento. Amo este abraço.

Eu diria que o amo, mas isso seria muito fácil neste cenário, aproveitando as consequências dos nossos gemidos. Qualquer amor que valha a pena compartilhar deve ter arestas irregulares, especialmente se for proibido.

Cerulean dá um beijo no meu ombro. Suspiro porque isso é tudo o que é preciso, apenas um toque dos lábios. Eu me contorço na beira do penhasco, ansiosa por mais. Ele grunhe em resposta, a boca à deriva no meu pescoço.

Sua nudez se alinha com a camisa pendurada em mim.

— Gosto de te ver com a minha camisa — ele entoa. — Mas o que mais gosto é de tirar você dela.

Os dedos descem para o decote. Ele dá um puxão controlado e a roupa rasga no meio, o material se espalhando pela paisagem e se misturando com meu cabelo. Ele me transforma em uma nuvem – uma presença temporária, impossível de capturar e ser mantida.

Uma coisa perdida e inatingível. Foi do que ele me descreveu na cúpula do trono, no Parlamento das Corujas.

Não posso ser mantida mais do que ele. Cerulean é ilimitado, sem bordas nas quais se agarrar. Mas, por agora, temos um ao outro.

Ele levanta a bainha da camisa, expondo minha metade inferior. Eu quero isso, então me abro, apenas uma pulsação maçante nas minhas têmporas, nas minhas veias. Ele segura meus seios, dedilhando os bicos enrijecidos enquanto passa a língua no ponto sensível do meu pescoço, e solto um gemido afetado.

A boca de Cerulean se desvia para a trincheira abaixo do meu queixo, a posição fazendo minha cabeça se inclinar para trás. Ele chupa a pele, persuadindo mais barulhos a sair de mim. Estendo a mão e me agarro à nuca dele, depois movo os lábios para cima.

Nossas bocas se conectam. A minha língua se entrelaça com a dele, se separando e lambendo.

O pau dele endurece na minha bunda e uma onda de prazer percorre minha coluna. Com o contato, nossos lábios se separam. Fazemos uma careta, frustrados e agitados.

Cerulean passa um braço pela minha barriga e coloca a outra mão no meu quadril. Eu me viro e nos encontramos no meio do caminho. Ele se lança – uma haste longa e firme de calor saltando em mim. Nossos corpos se encaixam, Cerulean me penetrando até a base, e eu o envolvo.

Nos movemos tão devagar que os gemidos sobrepostos se filtram pelo jardim. Com precisão, ele avança nas minhas dobras molhadas. Eu me escuto gemer e o ouço ofegar, e parecemos menos experientes do que deveríamos.

Nós fodemos com paixão naquela rocha. Agora fazemos amor.

Ensinamos um ao outro como se faz. Aprendemos cada movimento exploratório e gosto curioso.

Minhas costas se arqueiam. Ele me agarra por trás, me fixando no lugar, me fazendo sentir cada investida de sua cintura, seu pau se projetando na

minha boceta. Os quadris dele se movem para a frente, a fricção me deixando bem molhada. Levanto minha bunda para trás, o ritmo lânguido excruciante.

Quero que isso seja difícil, como se tivéssemos que nos esforçar – como se isso nos fizesse ser perdoados pelo que estamos fazendo.

Minhas paredes se esticam e encharcam seu pau. A cabeça atinge um ponto que arranca um gemido da minha língua. A pressão aumenta, o orgasmo iminente preso apenas por fios.

Cerulean aumenta o ritmo. Minhas coxas se afrouxam e minha boca se abre, enviando grito após grito para a atmosfera. Ele libera um gemido gutural, seu corpo golpeando dentro do meu até sermos um só.

As asas dele se enrolam ao nosso redor, as membranas bem esticadas. Ele entra e sai de mim com força, usando todos os músculos, nossos quadris colidindo um com o outro. E recebo cada centímetro das investidas.

Com um gemido angustiado, Cerulean abre mais minhas coxas. Levanto uma perna e coloco o joelho no parapeito do gazebo. Isso me abre ainda mais, faz minha bunda se espalhar ainda mais e o ângulo da minha boceta mudar. Ele sibila quando seu pau desliza mais alto, mais fundo, mais longe.

Cavalgo sua cintura, minhas dobras se apertando ao seu redor. É tão bom, tão sinuoso. Vou gritar ou suspirar, entrar em combustão ou desmaiar.

Cerulean mordisca meu lóbulo.

— Assim mesmo, Lark. Bem aí.

— Meu corpo todo — choramingo. — Toque todo meu corpo.

Ele acena com a cabeça, desce a mão livre entre minhas pernas abertas e toca meu clitóris excitado. No mesmo ritmo dos nossos corpos frenéticos, ele esfrega o botão entre os dedos. Um gemido escapa dos meus lábios. Com um zumbido de aprovação, Cerulean dedilha o ponto excitado antes de aplicar a pressão mais leve possível, fazendo-o pulsar enquanto me golpeia com o pau.

Os movimentos trabalham em sintonia, manipulando meu corpo. Meus gemidos se transformam em gritos quando ele me excita dos dois jeitos. Cerulean se impulsiona dentro da minha fenda e minha boceta começa a latejar.

Ficamos tensos – e então explodimos em um milhão de pedaços, um único grito sendo jogado para o ar.

Ficamos moles – e caímos um no outro, um único suspiro flutuando para o abismo.

A testa de Cerulean pousa no meu ombro, e minha cabeça cai nele. Outra vez, encontramos o caminho um para o outro, nossos lábios cansados se tocando em um beijo. O cenário volta à vida, um aglomerado de tochas e gritos vindos do safári selvagem.

Minha boca se abre, soltando uma palavra que não consigo entender.

Cerulean fica quieto. Depois de um momento, ele solta um suspiro cambaleante.

O seu comprimento escorrega para fora do meu corpo. Ele me puxa, examina meu rosto como se nunca tivesse visto uma humana antes, examina meu queixo, depois minhas pálpebras, depois minhas orelhas. Suas sobrancelhas se enrugam com algo semelhante a confusão.

O que... eu disse?

Olho para ele, não gosto da expressão do seu rosto.

— O que houve?

Ele me dá outro beijo terno, que termina com um sorriso forçado.

— Preciso te dizer uma coisa, mas não aqui.

As asas de Cerulean voltam às suas costas antes que ele saia do gazebo e colete nossas roupas espalhadas. Hesito antes de segui-lo. Já que rasgou a própria camisa, ele vai sem ela, deixando-me vesti-lo com as calças e o

casaco. Prendo os brincos das asas de bronze em suas orelhas, e ele passa o vestido azul-esverdeado pelas minhas pernas, prendendo o corpete com uma concentração carinhosa. Por fim, ele calça as botas e eu deslizo os pés nos saltos altos.

Então, ele agarra a minha mão. Entrelaça nossos dedos e me conduz do jardim para o promontório da torre. Lá, ele caminha na minha frente e para na saliência, com as mãos cerradas nos quadris enquanto olha para a vista.

Um cachecol de vento percorre o vale, sua textura visível agora que ele me ensinou a vê-lo. Pelo menos, quando olho com mais atenção.

Um momento depois, Tímien se materializa nas nuvens. Ele pousa no gramado, seu olhar majestoso refletindo... pena?

Cerulean abaixa a testa e a pressiona contra a da coruja em uma comunicação silenciosa. Durante minha caminhada com Cerulean na noite passada, ele me disse que, apesar de a fauna compreender um pouco de sua linguagem, feéricos e animais conversam por instinto, alguns interagindo através de sinais no vento também. Eu me lembro de ter bastante ciúmes dessa habilidade.

Talvez suas intenções tivessem sido anunciadas no ar. De qualquer forma, seja lá o que ele está prestes a me dizer, a ave de rapina já foi informada.

No mesmo instante, não quero ouvir o que ele tem a dizer. Momentos atrás, no jardim, reconheci a insinuação na voz de Cerulean. Eu tinha falado com o mesmo tom de luto uma vez, quando éramos pequenos, quando eu não tinha escolha.

Cerulean solta a ave. Então ele caminha em minha direção, envolve o meu rosto e empurra a palavra para fora:

— Vá.

Vá. Essa única palavra soa familiar.

Ele fica parado ali, com vincos gravados no rosto, sob a luz da tocha. Ouvi bem o que disse? Recuo um passo, estupefata. Porque, sim, eu ouvi direito, e o que ouvi foi ternura, desafio e resignação. Reconheço a textura grosseira dessas emoções, porque me arranhou a garganta há nove anos quando lhe disse a mesma coisa.

Ele está me libertando.

O Horizonte o subestimou quando disse que ele não me deixaria ir. Eu o subestimei também, não porque achasse que não se importava comigo o suficiente para fazer isso, mas porque achava que se importava mais com esta terra.

— Você não pode estar falando sério — falo alto.

— Não, eu não deveria estar falando sério — ele responde, baixinho, depois tenta sorrir. — No entanto, raramente sou sensato quando se trata de você.

— Droga, não diga isso. Você tem parentes para salvar! Você tem uma montanha para preservar!

— E tenho uma mortal para amar.

Meu peito se contrai, esmagando em pedacinhos o que eu estava prestes a dizer. O vento gira à nossa volta. Ele perturba as folhas e agita painéis de névoa.

Amar. Agora isso sim é uma palavra.

Ainda não resolvemos o problema. Tenho levantado mais perguntas do que respostas sobre ele, sobre mim, sobre o passado em relação ao presente, sobre o destino e a magia, sobre o que é ou não verdadeiro entre nós. Apesar desse cenário digno de sonhos, apesar dessas horas preciosas, eu não sabia para onde iríamos daqui. Não tinha me importado, rendendo-me ao desconhecido em troca de uma noite fugaz.

— Nós feéricos somos seres inconstantes — Cerulean diz, seu contorno ondulando sobre lâminas de grama. — Você é a minha exceção. Sempre foi. — Ele segura as laterais do meu rosto e se aproxima. — Você é a minha fraqueza, e me incentiva a quebrar minhas próprias regras. Você é a minha força, e me concede a coragem de perseverar sem você. Mas é um paradoxo cruel, ainda assim, aqui estamos. Você vale... — ele puxa o ar, trêmulo — ... cada rachadura na minha alma. Você vale a perda e a saudade.

Perda e saudade. O que ele diz tira água dos meus olhos, lágrimas se acumulando nas bordas e ameaçando derramar. Falo na boca dele:

— De qual *eu* você está falando? De quem eu era ou quem me tornei?

Cerulean se sobressalta, analisando minha expressão. Parece incrédulo, a mágoa manchando a resposta.

— O que te faz acreditar que essas mulheres não são uma só?

— Porque eu mudei.

— Assim como eu, mas meu coração ainda bate na mesma direção.

— Que é?

— Que as Fábulas me ajudem. Acredita mesmo que me importo menos com você agora, quando a conheço melhor do que antes? A mulher que limpava chaminés, mas encontrou coragem para mudar o seu destino? A mulher que adora café e o canto do rouxinol? A mulher que dá respostas tão persuasivas, potentes e poderosas quanto com o chicote? A mulher que luta contra caçadores mercenários e resgata animais? A mulher que vestiu um

vestido azul-esverdeado exuberante e desarmou um salão de baile lotado de feéricos? A mulher que fingiu que tinham usado encanto nela e, assim, encantou todos da mesma forma? A mulher que me esfolou vivo com seu espírito inflexível? — Os polegares dele oscilam pelo meu queixo. — Essa é a mulher que respeito. Essa é a criatura sem precedentes que adoro. Não tem nada a ver com idolatrar o passado. — Ele ergue uma sobrancelha. — Nem tem nada a ver com ser seu companheiro.

Fico tensa.

— Como você soub...?

Mas a minha língua se enrola. No gazebo, gemi algo indecifrável, algo que atrapalhou o nosso amor.

Companheiros. Eu nos chamei de companheiros.

Cerulean coloca uma mecha branca atrás da minha orelha, sua expressão dividindo em duas direções: fascinado e indignado.

— No início, foi uma suspeita. Uma atração magnética e insondável me distraía enquanto estava ao seu redor, embora não fosse a sensação intrínseca de um vínculo.

— O mesmo comigo.

Ele concorda com a cabeça.

— Mas, quando você falou a palavra, acreditei até a medula. Você descobriu no Horizonte? É um dos detalhes que esqueceu de mencionar? Hum?

Abaixo a cabeça.

— Parece que o nosso beijo na forja do vidreiro fez mais do que nos fazer corar.

— Sim, isso. É incomum, mas une companheiros em vez de uma força natural. Nunca me esqueci daquele beijo.

Nem eu. Mas há uma coisa que o Horizonte não disse.

— Por que não sentimos a ligação de imediato? Por que não sentimos esse vínculo?

— Porque você não é uma feérica. Como tal, a única maneira de elevar essa conexão é se você fizer a escolha por vontade própria de se tornar uma de nós.

Eu me encolho e Cerulean sorri, triste, já sabendo minha opinião sobre isso.

— Apesar dos flashes de conexão, nossas origens criaram uma barreira, nos impedindo de ter uma união mais intensa. É por isso que nunca senti o cheiro em você ou senti o ritmo do seu coração como sentiria o meu próprio. Podemos supor que essa é a razão pela qual envelheci rápido, que estava amadurecendo para me equiparar a você, mas isso não explicaria o crescimento de Puck e Elixir. De qualquer forma, a magia nos uniu, e a desconexão era o preço. Suspeito que foi por isso que foi perfeito para nós nos tornarmos inimigos em vez de amantes.

— Também explica o porquê resisti à sua flauta — digo. — E porque consegui me virar quando brigamos naquelas rampas. Meu chicote não deveria ter sido páreo para a lança de arremesso de um feérico, mas foi.

— Porque somos iguais — ele termina. — Não é que você tenha ganho força de outro mundo ou que eu tenha perdido a minha. Simplesmente nos encontramos no meio. — Os dedos dele descem pelo meu cabelo, esfregando os fios entre os dedos. — Você não me disse porque pensou que isso influenciaria meus sentimentos, não é?

— Eu precisava saber o que era real.

Ele solta meu cabelo.

— E o que concluiu? Que o que partilhamos no jardim foi uma transa insignificante para mim? Ou o resultado de uma ligação forçada? Vá em frente e esclareça — ele fala, com rispidez. — Você não compartilhou seus

sentimentos sobre o assunto.

— Cerulean, não faça isso. Não pode me deixar ir.

— Pelo contrário, posso, sim. A nossa ligação dificilmente é solidificada, como seria se fosse uma feérica. Essa barreira permite nossa separação. Ainda assim... não é isso que você quis dizer. — Cerulean percebe, inclinando a cabeça. E, quando não respondo, ele murmura o que acho que é um xingamento na língua feérica e segura meu rosto mais uma vez. — Sua rebelde! Desde quando começou a ter sede de morte? Quanto mais você progredir, pior vai ficar. Se eu pudesse lhe dizer o que está por vir. Se você soubesse...

Me afastar dele dói, mas faço isso.

— Eu nunca soube. Essa é toda a essência desse labirinto!

— Mulher corajosa e irritante! Você não pode achar que vou ficar de lado e vê-la sofrer!

— A decisão não é sua! — Grito. O meu dedo vai como um riste na direção dele. — Não me culpe por isso, Cerulean. Não sou responsável pela sua redenção!

Ele empalidece, cambaleando para trás como se eu o tivesse esbofeteado. Uma rajada bate na única mecha azul pendurada no peito.

Merda! Isso saiu errado. Eu não pretendia acusá-lo de ser insincero com seus sentimentos... ou pretendia?

Não sei, eu não sei, porra. Este vínculo está transformando cada doce segundo que passei com ele, fazendo deles uma confusão.

Sombras se infiltram pela minha visão periférica. Os animais conquistam o outro lado do gramado, a grama marcada com raios de luz estelar. O puma se esparrama e olha em nossa direção, o antílope pisca através de olhos de mármore e os canários se abrigam sob uma árvore. A fauna sente a nossa

tensão, e podem estar atentos a ela, mas não vão escolher lados. Nem mesmo a sábia coruja que espera que uma decisão seja tomada, com as penas encolhidas.

Não acredito que estou convencendo Cerulean a não fazer isso, que estou discutindo para continuar no jogo, mas minhas razões deveriam ser óbvias, porque elas têm cabelo verde e azul-esverdeado, usam óculos e falam com a língua presa, e cresci com elas, e elas são a minha família.

Cerulean inspeciona minhas feições, e então a compreensão chega.

— Suas irmãs?

Aceno com a cabeça, minha voz perdendo força.

— As regras.

Em um instante, a humildade afrouxa seu maxilar, e seus olhos se iluminam com angústia. Talvez ele tenha pensado em lidar ele mesmo com Puck e Elixir, para tirar as minhas irmãs das suas garras, mesmo que isso signifique comprometer seu voto. Conhecendo Cerulean, ele pensou em fazer um acordo.

Mas isso é impossível. Ele está tão preocupado em proteger sua companheira que, na verdade, esqueceu-se de uma verdade crítica sobre mim e minhas irmãs. Todas ganham – ou nenhuma ganha. Nossos jogos já começaram, os acordos já foram feitos, o que significa que não podem mudar.

Isso só mostra como o desespero pode sobrepor a razão.

Balanço a cabeça.

— Você começou isso, disfarçando punições como acordos. Você me deu treze dias, e pretendo usá-los. — Um pensamento doloroso belisca minhas costelas. — Mas, e aí? Você acha que não consigo terminar?

Cerulean parece dividido entre horrorizado e insultado.

— Voltou a colocar palavras na minha boca, não é? Escute isto: não duvido da sua força, e nunca duvidarei, nem nunca vou suportar vê-la duvidar de si mesma. Não se trata disso. Sei o que está por vir. Sei que a vitória vai doer ao longo do caminho, até o ponto em que...

Ele para de falar, sem querer dizer. Vou me machucar ao ponto de não me recuperar, física ou mentalmente. É o que ele quis dizer.

Relaxo os punhos, um nó amargo inchando na minha garganta. Esta é Feéria, e as cicatrizes são feitas para durar. Por outro lado, as cicatrizes causadas pelos humanos também. Ambos sabemos isso.

Se eu ganhar, ele perderá o futuro como o resto desses habitantes da montanha.

Se fracassar, ele vai ficar de luto por mim, porque vou estar morta.

De um jeito ou de outro, ele me perde. De um jeito ou de outro, eu o perco.

Com ou sem vínculo, nossa conexão não é tão sólida porque não sou uma feérica. Isso significa que ainda podemos lutar em lados opostos.

Tímien deve saber que não vou a lugar algum com ele. A ave vai embora, passando pelo gramado e indo em direção ao coruchéu.

Cerulean se recompõe e balança a cabeça em direção à cordilheira. Seu perfil se contorce, então ele se vira e me encara nos olhos.

— Você tem razão. Não estou pensando direito. Se fosse minha família silvestre em risco, ou se fossem meus irmãos, ou se fosse Moth, ou se fosse você, eu despedaçaria esta terra. Escalaria esta montanha milhares de vezes. Felizmente, você só precisa escalar uma vez. — A boca dele se levanta de leve. — E você vai conseguir.

— Cerulean — murmuro.

— A Lua Média terminará em uma hora, e os servos chegarão até lá. O Pico Selvagem não fica muito longe daqui. Se você pegar o gramado a oeste

do porto seguro, descendo uma trilha de cercas vivas, ele o levará de volta ao ápice das Cordas Mistrais.

— Cerulean.

— De lá, faça o que tem feito. Mantenha o foco. Continue a ser verdadeira. Não ceda a ninguém, não se encolha para ninguém, não se submeta a ninguém. E se lembre de fazer outra coisa.

Siga o vento.

Mas não me mexo, não até que eu o grave na memória, porque desta vez tenho a oportunidade. Suas bochechas, foices de marfim emolduradas em camadas errantes. Aquela única trança de cabelo, da cor do anoitecer, com a ponta terminando em uma pena. As adagas das orelhas e o tom escuro da boca. Os cílios desordenados.

Eu costumava sonhar com ele, e então vivi esse sonho, mas sonhos são farsas.

Deveria dizer a Cerulean como me sinto antes de ir embora. Mas, se fizer isso, um de nós fará algo idiota, como nos fazer mudar de ideia. Meus pés me carregam para trás, os saltos altos batendo no verde. Por fim, eu me viro.

E grito quando ele me gira de volta. Cerulean passa os braços em volta da minha cintura e sua boca bate na minha. Meu grito se perde nos lábios dele enquanto nos abrimos um para o outro, nossas línguas se arrastando. Meus dedos mergulham no cabelo dele e se prendem na parte de trás do couro cabeludo, e suas mãos se estendem pela minha bunda, puxando-me para mais perto, mais perto, muito mais perto.

Eu o beijo porque isso é tudo o que nos resta, tudo o que de fato tivemos, e tudo o que alguma vez teremos. Com ou sem ligação, isso não pode levar a lugar nenhum. Não com os nossos reinos, as nossas espécies, a minha humanidade e a sua imortalidade em conflito.

Minha língua se flexiona, pedindo mais, mas ele se afasta com um suspiro.

Os olhos dele percorrem meu vestido, depois sobem para encontrar o meu olhar.

— Sinto muito. Sinto tanto, Lark.

Então ele evapora, seu corpo desaparecendo no ar. Pela segunda vez na minha vida, ele me deixa. E, pela última vez, eu o deixo ir.

* * *

Corro para a torre, meus saltos batendo nos ladrilhos. Meu nariz funga e meus olhos retêm as lágrimas, porque chorar não vai resolver este labirinto.

Minha saia de penas farfalha ao redor dos meus quadris, balançando enquanto passo por paredes de hera e cortinas transparentes. Na escada, seguro a saia nos punhos, levanto a roupa do chão e subo os degraus até o quarto de hóspedes. Enquanto estiver em movimento, não serei tentada a parar.

Contudo... no segundo em que passo pela cortina, minhas pernas cedem. Meus joelhos marcados caem no chão e eu desmorono, chorando até meus olhos se transformarem em poços secos. Não sei quanto tempo se passa, mas, quando acabo, o amanhecer se infiltra pela janela.

Uma brisa suave passa pelo ambiente e roça meus cílios molhados. Quero abraçar aquela camada de ar. Em vez disso, os movimentos me persuadem a ficar de pé.

A Lua Média está prestes a acabar. A qualquer minuto, a casa voltará do baile de máscaras. Eles vão andar por estes corredores, com ressaca de nata, vinho, música e sexo.

Uma travessa fresca está na mesa, carregada com biscoitos amanteigados e queijo, uma torta de carne, aquelas frutas semelhantes a figos, um bule de café e uma jarra de água. Com os criados fora a noite toda, isso tem que ter vindo dele. Coloco metade da refeição na boca, mas não consigo saboreá-la; a massa do biscoito se desintegra, as migalhas escamosas envelhecidas no meu paladar. O resto vai para a mochila junto com o cantil, enchido com a

água da jarra.

Não tenho tempo para ficar sentimental por ele ter me equipado com mantimentos. Meu coração já está um desastre. Preciso da comida, e só.

Tiro o vestido azul-esverdeado e o deixo na cama. Depois de colocar meu vestido, minha capa e minhas botas, pego o chicote, prendo a mochila e me arrasto para fora do quarto. Mantras se empilham na minha cabeça: eu não posso ficar, eu não posso ficar, eu não posso ficar.

Juniper. Cove. Juniper. Cove. Juniper. Cove.

Papa Thorne. O santuário. Casa.

— Espere — uma voz irritante chama.

Meus calcanhares derrapam ao lado do patamar. Moth flutua de uma passagem que leva ao terceiro andar, suas asas finas abanando. Seus olhos grogues da cor de topázio sugerem que está aqui há algum tempo, seu vestido do baile de máscaras amarrotado no corpo, o pente pendurado no cabelo de arbusto seco.

Quando ela voltou do Aviário Noturno?

O que ouviu?

Cerro os dentes, chegando a conclusões precipitadas. Moth avalia minha expressão, flutua até o chão e cruza os braços finos.

— Não me olhe assim. Tive que voltar cedo para ter um bom dia de descanso.

Meus dentes relaxam. Para trabalhar no jardim ao anoitecer, ela precisa ir para a cama antes do amanhecer. Embora em ordem inversa, minhas irmãs e eu mantivemos o mesmo cronograma, pelo mesmo motivo. Ainda assim, esta era para ser uma noite particular.

Fico irritada.

— Estava nos escutando escondida outra vez?

— Vocês estavam gritando um com o outro — ela retruca, depois inclina a cabeça para a esquerda e para a direita, verificando os corredores. — Os criados ainda não voltaram. Cheguei há menos de meia hora, mas não sabia que vocês dois estavam aqui até que os gritos me deram uma enxaqueca, mas não escutei muito, a não ser... — Suas feições se suavizam. — Ele tentou libertá-la?

Deixo minha expressão falar por si mesma, e ela suspira:

— Feérico impulsivo.

Desde o início, a falta de influência da flauta de Cerulean sobre mim fez Moth refletir, mas ela parece não saber do vínculo, e não pode mentir. Pelo menos, ela não ouviu essa parte. Caso contrário, estaria me enchendo o saco com isso.

— Ele te contou do caminho pelo oeste? — ela pergunta.

— Estou indo para lá — respondo.

— Você o ama?

Minha boca se atrapalha em responder. Eu podia mentir, mas não tenho certeza se minha resposta seria *sim* ou *não*. Por causa do nosso vínculo, não tenho certeza do que é autêntico ou o que qualquer um de nós de fato sente.

O rosto de Moth se enrugando como uma uva passa.

— A maneira como Cerulean olha para você. Nunca vi nada parecido com ele. — Ela passa por isso, um grunhido saindo da boca. — Eu avaliaria o beijo de vocês, mas me virei.

Ela admite isso com pesar, como se lamentasse não ser intrometida. Eu rio sem humor, depois paro, para não me engasgar com a alegria.

— O que eu sinto não importa.

— Talvez não para você, mas para ele, sim. Se você desse a Cerulean o seu coração, ele se dedicaria a ele. O meu amigo faria tudo ao seu alcance

para fazê-la feliz, mesmo quando está se sentindo egoísta.

Meus dedos agarram o corrimão com força. A última coisa que quero ouvir é tudo do que estou desistindo.

— É uma causa perdida, Moth.

A feérica bufa.

— Tudo bem, guarde os seus segredos.

— Obrigada pelo fio mágico.

— A gratidão é para os mortais — ela fala com desdém, mas dá um pequeno sorriso, depois endireita os ombros. — Se lembre das regras. E Lark?

— Moth? — falo de forma arrastada.

— Pelo selvagem eterno.

Um golpe direto. Esse velho lema foi criado pelos antigos durante uma era passada, quando todos os seres nas Fábulas Sombrias se toleravam. É para desejar bem a alguém porque, apesar das nossas diferenças, todos vivemos entre os selvagens.

Não posso dizer que a maioria das culturas ainda vive por esse édito. E é a última coisa que esperava que saísse da boca de Moth.

Solto o corrimão e agarro a feérica arrogante em um abraço. Ela reclama e congela como um animal enlaçado enquanto digo por cima do ombro:

— Pelo selvagem eterno.

Então eu giro e corro escada abaixo, sem dúvida perdendo minha oportunidade de desfrutar do queixo caído dela.

* * *

Corro para fora da torre em direção ao jardim da vida silvestre. Virando para o oeste, sou atirada em um caminho que atravessa treliças de damas-da-noite. Os arbustos se contorcem em torno da forma da cabra da montanha, e a

pika-de-ili mordisca uma noz. Se eu me ajoelhar, eles podem se juntar a mim, e nos tornaremos conhecidos.

Tensiono o rosto e marcho em direção à cerca viva. Uma varredura rápida revela uma pequena fenda nas folhas, difícil de detectar, a menos que você esteja procurando por ela. Afinal, há um caminho saindo deste cume.

Empurro a cavidade onde talos de samambaia perfuram a lacuna. Pouco tempo depois, a rota se afunila em uma escada de pedra subindo um desfiladeiro no penhasco. Eu me concentro à frente, à frente, à frente.

Nada mais. Ninguém mais.

Trinta minutos se passam. Baseado no voo original de Tímien das Cordas Mistras, não sei do que diabos Cerulean estava falando, porque não há como eu chegar ao topo daqui. Isso me colocaria no terreno do Leste, no lado oposto da cordilheira.

No entanto, os degraus chegam a um bosque que perscruta um vazio turbulento. Com certeza, são as Cordas Mistras. Preciso agradecer a qualquer magia que a minha rota produziu para me deixar exatamente onde parei. Isto é, se eu não contar escorregar e quase morrer antes de terminar a escalada.

No bosque, uma placa cintilante espera.

O Cerco das Garças

As Pontes da Perdição

O Pico Selvagem

Cerulean mencionou o último. Tem que ser o topo da montanha.

Mas, se conheço este labirinto, a placa indica a localização, mas não a rota que leva até lá. Solto o chicote. O vento pega a corda e a impele em direção ao território das garças.

Faltam três dias. Meu pulso está acelerado por conta da caminhada recente. Incapaz de continuar sem uma pausa, eu me escondo debaixo de uma

tramazeira e durmo.

Os dias se misturam num único cinturão de tempo. Fico atenta a predadores, cruzando caminhos com grupos de fauna, alguns domesticados, como os lince. Outros, como os abutres pendurados em ramificações frágeis, esperam que eu caia e me decomponha para o jantar. Além disso, procuro não pensar onde moram os pumas, pois o amigável lá na torre não pode ser o único membro de sua espécie.

No Cerco de Garças, um lago circular reflete as estrelas. Bolhas saem da superfície, a água cintilando em uma tonalidade vívida que lembra lápis-lazúli derretido. Os pássaros azuis-cinzentos balançam nas patas finas na margem, seus bicos incrustados com marcas espirais. Não vejo nenhum ovo que precise de proteção, mas os pássaros farfalham na minha direção, com a intenção de me afastar. Caso se sintam ameaçados, poderiam mudar de tamanho e me atacar, ou apenas atacar em bando.

Por impulso, eu me curvo. Isso parece acalmá-los, porque se afastam. Monto acampamento na extremidade oposta do lago e fico boquiaberta enquanto pescam crustáceos de aparência transparente, os bicos marcados em espiral das garças se alongando, estendendo-se para longe e cavando mais fundo para capturar o alimento.

Usando minha capa como um cobertor, eu me enrolo e ouço o barulho da água. Cerulean disse que ia piorar. Não achei nada pior até agora, o que não pode ser bom. Até os Solitários me deram espaço, como a calmaria antes da tempestade.

Enquanto me aproximo dos sonhos, uma corrente de ar escova meu cabelo.

A décima terceira noite espalha cobalto pelo céu, com constelações cristalizando no hemisfério. Escalo degraus embutidos no precipício, depois caminho de lado por uma colmeia de cordas de rede entrelaçadas balançando

sobre uma ravina. Com apenas algumas horas antes do amanhecer, a ansiedade agita meu estômago. Assim que a lua ceder ao sol, acabou.

O cenário se espalha diante de mim, um grande mural de cumes adornados com tramazeiras balançando e árvores esguias, as cercas vivas salpicadas com postes de tochas. Faço uma pausa e vejo o penhasco mais alto.

O Pico Selvagem.

Mas o que é aquela mistura de pranchas que leva ao cume? Embora muito longe para discernir a partir deste ponto de vista, a travessia é acessível daqui.

Posso conseguir fazer isso. Posso ganhar.

O problema é que uma abertura vertical leva àquelas pranchas. Estou debaixo de um buraco que mergulha sob um pedaço de pedra pendurado lá em cima. Está a três metros do chão, um poço preto que me lembra das...

Porra. Eu me afasto.

Parece com um duto de uma chaminé. Isso é o que Cerulean quis dizer com o sofrimento na reta final. Ele sabia que eu teria que enfrentar essa artéria, onde pedaços de rocha desaparecem na escuridão.

Meu peito sobe e desce. Com as mãos trêmulas, açoitando o chicote na garganta da calha. A arma se agarra a uma das protuberâncias, e eu o uso para me içar pelo duto. A escuridão assalta minha visão, as paredes se encolhendo, minhas respirações instáveis enchendo meus ouvidos.

Escombros se soltam da pedra irregular, grânulos caindo. Flocos caem nos meus olhos. A poeira belisca minhas narinas e minha tosse vibra pelo lugar fechado.

Tenho 8 anos, estou presa dentro de um duto de tijolos, fumaça e cinzas. Tenho medo e não quero cair. Enquanto isso, os dentes da grade esperam para me destroçar como um animal.

Meus dedos dos pés raspam as rochas, encontrando um lugar para se

apoiar na superfície instável. O interior rochoso arranca um pedaço do meu cotovelo e arranha meu joelho pela fenda do vestido. A fuligem entope meus pulmões. Jogo a cabeça para trás, ofegando para a pupila do céu. Estou cansada, já estou cansada, muito, muito cansada.

... você não precisava de asas para se libertar.

As palavras dele me atingem. Com um rosnado, eu subo, subo, subo.

A luz das estrelas paira sobre mim, a copa das árvores parecendo se inchar acima de mim. Eu me arrasto para fora da calha e caio em uma área de dentes-de-leão. Os guarda-chuvas da flor se espalham, pulverizando o terreno. Acompanho seu progresso e me levanto com dificuldade, meus antebraços limpando a sujeira e o suor do meu rosto.

O Pico Selvagem domina a vista à frente. Grito, o som maníaco explodindo para as nuvens.

Então o meu alívio morre. O quebra-cabeças de pranchas que eu tinha notado entra em evidência.

Pontes. Dezenas de pontes de pedra convergem para a boca larga e gritante do vale. Ao contrário da rede de rampas quando as vespas me atacaram, este quebra-cabeça consiste em vários níveis, alguns alinhados em fileiras, outros se cruzando. Várias pranchas têm a forma de L. Algumas se sobrepõem, formando pilhas paralelas reforçadas por cavaletes.

A placa tinha listado um lugar chamado As Pontes da Perdição. É um labirinto aéreo que se estende por centenas de metros sobre a Floresta Solitária. É também a única maneira de atravessar a divisão.

— Merda, devem estar de brincadeira comigo — sibilo.

— Você sempre teve uma língua tão rebelde.

Viro-me para o feérico que se aproxima a uma curta distância. Ele usa um longo casaco cor de avelã com plumas decorativas na gola, a roupa sem

amarras caindo preguiçosamente de seus ombros. Uma camisa se abre para o vento, e calças soltas batem em seus quadris, o material mergulhando em botas altas. Manchas roxas se acumulam sob os olhos dele.

— Cerulean — gaguejo. — O que...

— ...eu estou fazendo aqui? — Seu sotaque está irritado, como se tivesse passado por um ralador. — Eu disse que ia piorar.

Figuras se materializam em todo lugar. Asas e orelhas de lebre, chifres de carneiro e antílope, cascos fendidos e pupilas felinas brotam delas. A congregação se esconde nas margens, recostada em troncos de tramazeira que derramam camadas de casca.

Os feéricos se reuniram para assistir ao espetáculo. Eles se empoleiram em várias pontes e aglomeram o Pico Selvagem.

Moth está sozinha, olhando de trás do tronco de uma árvore. Um mau pressentimento enruga o rosto dela enquanto salta entre mim e Cerulean.

Você não pode achar que eu vou ficar de lado e vê-la sofrer!

A nossa discussão na Torre da Fauna volta para mim. O duplo sentido se torna claro, o aviso oculto que ele tentou me dar.

Preciso resolver esse labirinto em menos de uma hora. Mas, para isso, vou ter que passar por ele.

Amigo. Vilão. Amante.

Todas as quatro faces convergem em um sorriso malicioso que não atinge suas íris. Ele está se atormentando ou brincando comigo? Está sendo verdadeiro ou não?

A pior das hipóteses bate com o punho em cheio no meu estômago. Essa é Feéria, e ele é o mais poderoso desses monstros. Cada momento apaixonado com ele não foi nada além de um ardil?

Desapareceu o feérico que me fodeu para chegar ao meu coração, que sussurrou segredos comigo, que me viu gozar com seus impulsos. Desapareceu o feérico que tocou flauta para os animais, que admitiu ter medo de gaiolas, que disse me amar. Desapareceu o feérico de quem virei amiga. Desapareceu o feérico que eu quero.

No lugar dele? O trapaceiro que conheci na carroça da minha família.

Cerulean caminha devagar na minha direção, o casaco arranhando o chão.

— O que é isso? — ele pergunta, seu discurso alcançando o penhasco. — Eu a deixei sem palavras, enjoada, abalada? — Ele estala a língua, decepcionado. — Que vergonha, mascote. Sua língua tem sido tão encantadora até agora.

Estrangulo o cabo do chicote.

— Quer encanto? Pergunte um pouco mais de perto.

Ele continua a me rondar, mas sua boca azul se contorce, seu tom sugestivo.

— Cuidado, preciosa Lark. Posso fazer muitas coisas de perto, bem como

de longe. Eu perguntaria qual é a sua fantasia, mas já sei.

— Me faça um favor — respondo, rastreando seus movimentos. — Que tal ir para o inferno, e sair do meu caminho? Tenho uma montanha para escalar.

— Ah, mas esse é um pedido que não posso satisfazer. — Cerulean faz uma pausa, tira uma pena da brisa e mexe a palma da mão para frente e para trás, a pluma cor de ardósia balançando com seus movimentos. — A menos que queira fazer outro acordo. Seu sacrifício pela minha morte, talvez? Deixe-me ganhar, e você pode ter o comando sobre a minha vontade. Dê à montanha sua restauração, e eu atenderei a todos os seus caprichos.

— Na vida após a morte? — zombo. — Acho que não. Torcer suas palavras não vai levantar minha saia.

Cerulean sacode o pulso e a pena evapora.

— Verdade. Não precisei manipular palavras para conseguir isso.

Para enfatizar seu ponto, o vento provoca a bainha do meu vestido. Filho da puta! O calor queima as minhas bochechas.

— Muito bem — ele diz com um encolher de ombros descomprometido. — Você se lembra do nosso acordo quando chegou? Ainda tenho que usar minha regra livre. Permita-me fazer isso agora. Você pode tentar chegar ao topo, no entanto, precisará correr mais do que eu.

Coração partido, traição e fúria se alojam nas minhas costelas. Achei que ele usaria a regra livre, mas mesmo assim. Ele está cobrando a regra sobre a qual acordamos na cúpula do trono, usando-a para me derrubar. Mas não faz sentido depois do que aconteceu entre nós, depois de perceber que estamos ligados, depois de nos reconhecer após nove anos. Não quero acreditar!

— Este não é você — sussurro, baixando a voz para que só ele possa ouvir. — Sei que não é.

Cerulean se aproxima, seus olhos cintilando com uma luz instável enquanto ele sussurra de volta:

— Vamos descobrir, não vamos?

Ele balança o braço em direção às Pontes da Perdição.

Eu me obrigo a me livrar da dor. Não posso me dar ao luxo de desabar aos seus pés.

Meus olhos atravessam o emaranhado de pontes que entram e saem da névoa, a elevação como uma ameaça ao meu equilíbrio. Vou ter que passar por esse delírio, aprendendo no meio do caminho.

Uma ponte solitária se estende da borda do penhasco, marcando a entrada. A lua poente polvilha o Pico Selvagem com tons crepusculares de branco e azul.

O tempo se encolhe para um alfinete. Não há o suficiente.

Eu me lembro de ser pequena, dizendo a Cerulean *vá*.

Eu me lembro de ser mais velha, Cerulean me dizendo *vá*.

Começo a correr e atravesso a primeira ponte. As tábuas rangem debaixo das minhas botas, cuspidando poeira entre as rachaduras. Vaías atravessam o ar. Os xingamentos dos feéricos dilaceram o ambiente, tentando me desequilibrar.

Os suportes se movem com o impacto da minha corrida, os trilhos grunhindo. Várias centenas de metros de nada se estendem abaixo de mim, e as copas das árvores misturadas no vale espreitam através da piscina de fumaça. A altitude levanta correntes de ar ásperas, e um vendaval passa por mim, dividindo meu cabelo em mechas. Eu deveria ter prendido o maldito cabelo antes de começar, seria melhor para manter tudo à vista e o meu juízo sobre mim.

A extensão mergulha num redemoinho de neblina, obscurecendo o outro

lado. Não sei para onde vou ou se é o caminho certo, mas acelero meu ritmo, entro nos vapores – e dou de cara com Cerulean.

Deslizo até parar. Meu corpo oscila ao lado dele, meu crânio a centímetros de bater no dele. A névoa agita seu cabelo e as lapelas do casaco enrugado.

— Um labirinto rebelde para uma mortal rebelde — ele murmura.

Esse sussurro ondula pelo miasma, dobrando o dedo sob o meu queixo. Recuo antes que possa prejudicar a minha concentração.

Em vez de pousar na encosta do penhasco, apareço em uma ponte completamente diferente. Minha cabeça vai de um lado para o outro com pressa, processando a mudança de atmosfera. Tábuas de madeira intrincadas semelhantes marcham ao longo desta muralha, exceto por lacunas significativas cortadas entre elas, e uma trilha de cordas reforça a coisa toda.

Cada fim deve conduzir a um novo começo. O problema é que estou mais longe do pico em vez de mais perto, tendo parado em um andaime abaixo de onde comecei.

Olho para Cerulean. É óbvio eu disputaria este trecho final contra ele, que o seu último trabalho seria me confundir e me distrair. Mas ele já não fez isso o suficiente?

— Por que não me contou? — falo entredentes, minha voz traidora falhando.

Ouvir essa brecha polvilha tristeza em seus traços. Escondido do nosso público, a atuação cai como uma cortina.

— Ah, mas eu contei.

Sim, ele disse. Na torre, ele me disse sem dizer, me avisou desta última etapa. Estudo o rosto dele, a perda e a saudade cortando tudo o que é falso, cada emoção cuidadosamente colocada, cada fachada inteligente.

Cerulean sempre ficou bem com uma máscara.

Mil pedras caem dos meus ombros. Ele está tentando me ajudar, não me atrapalhar. Ele usou o acordo não para me sabotar, mas para me proteger nessas pontes.

Embora eu tenha que vencer por conta própria, quanto mais perto eu chegar do pico, mais irritado o povo dele vai ficar, e mais provável que intervenham. Cerulean está aqui para fazer um espetáculo, embora o objetivo seja ficar perto ao invés de ficar parado, no caso de eu estar em perigo.

É bem por isso que sua voz atravessou o penhasco mais cedo. Ele está atuando para os feéricos, jogando de acordo com as expectativas deles.

Na torre, ele poderia ter explicado o que ia acontecer hoje. No entanto, se explicasse, eu não teria parecido tão espantada para nossa audiência. Interpretei bem no baile de máscaras, mas a vitória não estava em jogo naquela noite.

Atuar para esses feéricos durante o clímax do jogo? Enquanto estão sóbrios e mais afiados? Arriscado, para dizer o mínimo.

Precisava me surpreender. Tinha que parecer real.

Você não pode achar que eu vou ficar de lado e vê-la sofrer!

Ele está do meu lado. Desrespeitou as regras antes, me pegando quando caí das Cordas Mistrais, me dizendo para onde ir a partir da Torre da Fauna. Mas esses incidentes não são nada comparados a enganar abertamente o seu mundo na etapa final.

Olhamos um para o outro. Não quero entrar em conflito com ele, e ele não quer me bloquear, mas o jogo tem que ser jogado ao máximo.

Quero agarrá-lo, esbofeteá-lo e chicoteá-lo; Quero beijá-lo até perdermos os sentidos; Quero a noite passada; Quero os nove anos atrás; Quero ficar com ele; Quero ir para casa; Quero o para sempre; Quero mais um minuto.

Mas não posso desperdiçar esse um minuto. E não posso arriscar meu para

sempre.

Siga o vento.

Solto o chicote do quadril e faço um movimento habilidoso. Minha arma lambe o ar, desviando-se para uma extensão atrás de Cerulean. Ele corta essa estrutura e se desdobra em outra bolsa de neblina.

Os nossos olhos se encontram, enjaulados, presos. Não sei quem se move primeiro, mas acho que sou eu, porque tem que ser eu. Meu chicote ataca. Seus reflexos entram em ação, a lança de arremesso percorrendo o ar e bloqueando o golpe. A colisão deixa nossos olhos arregalados.

Nos separamos. Minha arma encontra a dele outra vez, um ataque por outro ataque. Ele vira a lança de arremesso, girando-a entre os dedos. O chicote golpeia o ar, açoitando suas tentativas. Circulamos um ao outro, nossos pés batendo com força nas pranchas, nossas botas ecoando em um padrão complexo enquanto avançamos e desviamos.

O eixo da sua lança de arremesso gira, a hélice batendo. O comprimento do meu chicote oscila, frustrando o golpe.

Não posso machucá-lo. Por favor, não posso.

Ele gira a arma no chão. Pulo sobre ela e lanço o chicote em um laço largo e lateral que agarra o braço dele. O som molhado do golpe dói nos meus ouvidos.

No entanto, o ataque não consegue derrubar Cerulean, olhando por cima do bíceps como uma fita. Apesar do vínculo nos ter igualado, ele está se contendo outra vez. Sei disso pelas fendas em sua armadura: o pavor crescendo em suas pupilas, o ritmo mais lento e as batidas mais leves de sua arma.

Sei que ele está satisfazendo as massas, aguçando seus apetites. Feéricos rastejam ao longo das pontes, mantendo uma contagem do espetáculo.

O golpe de sua lança de arremesso devia me derrubar desta ponte. Em vez disso, meu chicote impede outro avanço, a corda ficando esticada. A tensão une nossos peitos, imitando uma pose em que já estivemos antes, quando minha cruzada pela montanha começou. Momentos antes das vespas atacarem, ficamos assim, o ódio percorrendo nossas veias.

Nossas respirações ofegantes se chocam, nossos lábios à beira da colisão. Odeio este momento. Preciso ultrapassar este momento. Por impulso, passo a língua pela borda da boca dele.

Os olhos de Cerulean se dilatam, explodindo num mosaico vibrante de azuis. Inferno, homens. São todos iguais, mágicos ou não.

Aproveitando seu espanto momentâneo, meu chicote atravessa a divisão e o atinge de lado. Ele bate nas cordas que nos cercam. Eu me livro da culpa e aproveito a vantagem.

Chego à ponte adjacente enquanto ele se endireita. Uma olhadela rápida me recompensa com uma visão particular: um sorriso secreto curva o canto da boca dele.

Continuo correndo ao longo da estrutura que se enterra em um véu de nuvens. A partir daí, é menos um jogo de perseguição, mais um jogo de desorientação. Cada suspensão carece de um final, As Pontes da Perdição um ponto interminável. Elas me transferem de uma fundação para outra, sem parar.

Eu, escalando degraus, correndo pelos postes, correndo pelas plataformas.

Ele, atrapalhando o meu progresso, agindo como um impostor.

Malditas fábulas! A névoa obstrui todos os lugares. Cada acesso leva a um lugar sem sentido, fragmentando meu sentido de direção.

Para cima é para baixo. Esquerda é direita. Para a frente é para trás.

Manter a vigília constante do meu destino não ajuda. Qualquer inclinação

que pareça destinada ao pico me afasta mais dele.

Atravesso um dos cavaletes, subindo seus pilares. Mas, no topo, encontro-me na base outra vez.

Outra divisão se delimita em forma de L. Sigo o vento e viro a esquina, que me coloca no cume de uma ponte paralela superior. Olho por cima do corrimão, para o lugar de onde vim. Cerulean se materializa abaixo, montes de névoa se acumulando em torno de seus membros. Ele se reclina no corrimão com os braços cruzados, inclina a cabeça para encontrar meu rosto de queixo caído e pisca como um idiota cruel. Mesmo que esteja fingindo, o feérico nele também está gostando dessas travessuras doentias.

A acrobacia arranca um xingamento de mim, revigorando a minha adrenalina. Eu me atiro ao limite. Os saltos das minhas botas colidem com uma nova ponte, a uma grande distância de onde Cerulean estivera. De alguma forma, caio em uma plataforma acima daquela de onde pulei, mas parece ser a altitude mais alta até agora.

Com esperança renovada, deixo o chicote e o vento me guiarem. Passar por outra projeção me transporta para uma cortina de humidade. Meus músculos gritam com o esforço, minhas coxas balançando, a transpiração inundando minhas axilas. O oxigênio raspa o tecido da minha garganta.

Cambaleio, duvidando da minha direção. Talvez eu devesse voltar atrás e...

Um grunhido cavernoso atravessa a ponte, rolando como uma bola de gude por trás de mim. Meu coração dispara até a garganta. Conheço esse som, estive pensando se havia mais deles.

Devagar, viro. O puma me persegue pela névoa branca, seus ombros graciosos e majestosos girando. As resmas das suas íris verdes se estreitam, concentrando-se em mim.

— MERDA! — grito, congelando no lugar.

O animal abre a boca para revelar um conjunto de sabres que se projetam das gengivas. Gritos e gargalhadas dignos de preencher um coliseu envolvem a ponte. Os feéricos estão observando, salivando.

Uma coisa pela qual lhes darei o devido mérito é que não mandaram este animal atrás de mim. Eles não explorariam ou manipulariam a fauna dessa maneira, o que significa que essas pontes devem se conectar ao habitat do felino. Estou invadindo o espaço da criatura. Eu sou a intrusa, impondo-me no território da beleza faminta.

Desde já, ela consegue ver o meu terror, provavelmente sente o cheiro dele exalando das minhas glândulas. Se correr ou virar as costas, isso confirmará que sou uma presa.

O que significa que vou fazer uma coisa idiota. Em vez de correr, tento parecer o maior possível, expandindo meu peito e ombros. Então dou o menor passo possível em direção a ela.

A puma se contorce, a suspeita brilhando nas pupilas. Minha boca fica seca como um pergaminho. Arrisco outro passo idiota, e a criatura recua, sibilando de incerteza.

O silêncio desce sobre a cena. A brisa para, sufocando as vaias dos feéricos. Mas não preciso vê-los ou ouvi-los, para saber que estão extasiados.

Cerulean. Onde está Cerulean?

O meu glorioso companheiro imbecil tem feito aparições a cada passo, e agora decide desaparecer?

A fundação cede sob o meu peso. Uma rachadura atravessa a quietude e quebra o transe. A pelagem caramelo do puma se eriça, um rosnado ressoando da sua garganta. Meus dedos trêmulos deslizam em direção ao chicote.

O animal pula. No ar, lâminas brotam das suas patas. Mergulho para a direita, tropeçando na ponte e me levantando outra vez. Meu chicote açoita o

chão em rápida sucessão, atingindo as tábuas para afastar a criatura. Espero que a exibição o assuste, o intimide a não atacar de novo. Nos desviamos um do outro, mas a criatura golpeia. Salto para longe, as adagas curvas de suas garras rasgando minha saia, mas sem atingir a pele.

O puma é mais forte, mais esperto, perseguindo-me até os postes, onde me encurrala. No entanto, há algo de estranho na forma como se move. Uma força continua contendo o animal fora do curso, desequilibrando suas patas. Isso frustra o felino, como se... como se o ar o impedisse de me estripar.

O ar. O vento.

Cerulean.

Enfurecido, o puma se impulsiona pelos quadris. Eu me esquivo, escalando a borda estreita enquanto lanço meu chicote. A arma – ou talvez seja o vento outra vez – afasta a pata para o lado, as garras cortando o nada.

A cauda é outra questão. Enquanto o animal derrotado se afasta do contato e recua para a névoa, seu apêndice peludo bate no corrimão, atrapalhando meu equilíbrio. Meus braços se abrem, girando para evitar a queda.

E eu vejo. O fluxo translúcido de um vendaval serpenteando pelo éter, correndo em minha direção. Ele se prende à minha barriga e me joga para trás, recolocando-me com segurança na ponte. O mundo desmorona. Desabo nas tábuas, depois cambaleio até ficar sentada e me apoio na rede.

Na parte de cima, Cerulean paira de uma ponte suspensa. Apesar da distância, noto sua expressão frenética, todos os vestígios de presunção fingida se foram.

Agora o silêncio não é de fascinação. É de descrença.

— Ele a está ajudando! — um dos feéricos grita.

Vozes se elevam. Gritos indignados. Rugidos estupefatos.

O olhar de Cerulean se dirige para a cacofonia, os ouvidos atentos à

debandada. Uma legião de asas bate no ar, batendo em um frenesi de direções. O rosto dele empalidece ao virar para mim.

Eles estão vindo. Se ele está manipulando o jogo em meu benefício, alguém precisa fazer com que pare.

De imediato, ele fala:

— *Pule.*

Fico boquiaberta. E então me levanto, passo pelo corrimão e me atiro no abismo.

O ar me pega – e depois ele me pega.

Caio, envolvida nos braços de Cerulean, suas asas se abrindo com um estalo. As telas translúcidas brilham, embalando-me enquanto ele se abaixa, aproximando-se de uma das pontes.

De pé, ele me solta em uma ponte suspensa vazia. Sem parar, Cerulean salta de volta para a névoa. Não consigo ver nada, apenas ouvir. Gritos e bramidos preenchem a paisagem, o gemido do aço e o assobio de flechas cortando a atmosfera.

— CERULEAN! — grito, girando para lá e para cá. — Moth!

Os raios de sol atravessam a névoa. Corro, passando por vigas de madeira. A ponte me guia até duas pranchas que se cruzam, onde contemplo a cordilheira freneticamente. Rastejo até o corrimão, meu pé perdendo o apoio quando uma flecha passa zunindo por mim.

Com a visão obscurecida, desisto e desço. Corro em direção à cortina transparente mais próxima, que me transporta para uma ponte de cavalete mais baixa. As armações entrecruzadas abrangem a extensão abaixo da plataforma mais alta.

— Qual é a pressa, humana? — uma voz asquerosa resmunga.

— Devagar, gentinha — uma segunda voz sonda.

— Ou você vai nos decepcionar — uma terceira voz fala com vaidade.

Um trio rasteja ao redor das estacas. Olhares fulminantes aparecem nos rostos dos pássaros de fogo, as bolhas dos olhos refletindo infernos. As fênix do baile de máscaras deslizam ao redor das armações da ponte, a pele amarela crepitando.

Eu me escondo atrás de uma coluna, monitorando a chegada deles. Não consigo evitar a dor em meu íntimo, porque esta antiga rixa parece inútil, quando antes não parecia. Tem mesmo que ser assim? Se eles nunca tivessem taxado os humanos como inferiores e nos atormentado até a morte, e se os aldeões tivessem encontrado outra maneira de se defender, e se as coisas fossem diferentes, se as duas espécies pudessem se tornar uma força única...

Corpos furtivos se lançam em minha direção, as asas em chamas. Os meus dedos se agarram ao chicote e o deixam voar. A arma atinge a bochecha do primeiro feérico, seu corpo se contorcendo em um ângulo medonho ao cair. Os feéricos restantes atacam, rodeando as armações.

O bater de asas penetra a ponte. Uma sombra obscurece a área – duas membranas de penas esticadas. Um barulho de lâminas preenche a cena. Uma lança de arremesso se arqueia, corta o ar e esfaqueia as tábuas entre mim e os feéricos.

Cerulean bate na plataforma. Ele pousa na minha frente, curvado sobre um joelho, a mão direita plantada no chão em uma postura de batalha que protege meu corpo deles. Suas asas cortam vários postes antes de entrar nas ranhuras do casaco.

Pulo para trás, vislumbrando seu perfil em meio a detritos de aparas de madeira. Fúria, histeria e culpa marcam o rosto dele. Ele quer me proteger. Isso não significa que esteja ansioso para mutilar sua espécie, especialmente depois de traí-los como seu governante e negar-lhes um futuro nesta montanha.

A mágoa da traição contorce os rostos deles.

— Por quê? — a feérica exige saber, a garganta cheia de cascalho. — Por que, Cerulean?

— Porque eu a amo — ele confessa.

Sua admissão perfura os últimos vestígios do meu coração. Ele poderia ter facilitado as coisas para si mesmo, dado uma desculpa ao revelar que temos um vínculo. A essa altura, isso não os teria pacificado, mas teria moderado o senso de traição. No entanto, não foi isso que escolheu dizer.

Os feéricos piscam. Suas expressões se arrastam do choque, para confusão, para devastação. No final, a raiva cava fendas em seus rostos.

Mas essa luta não é apenas deles. Corro para o lado de Cerulean, preparando o chicote e sentindo seus olhos virem em minha direção.

Os pássaros de fogo se movem no mesmo instante que nós. Cerulean puxa sua arma do chão e a lança em uma espiral. Os feéricos catapultam entre si, explodindo com uma velocidade que sacode os raios. Punhos e punhais se chocam com a lança de arremesso.

Enfrento um dos feéricos, atacando com a minha arma e desviando de sua faca. A ação atravessa a ponte, todos nós correndo pelas ripas. Com um giro vertiginoso da lança de arremesso, Cerulean prende seus adversários na grade, onde caem em um monte acima das pranchas. Meu chicote faz um corte nas costas do último, e depois tira as botas de debaixo dele.

Cerulean e eu ficamos de costas um para o outro. Fazemos uma pausa, ofegantes.

Uma legião de feéricos enfurecidos enxameia a estrutura da ponte inferior, inundando-nos de todos os locais. O escudo do torso de um besouro. As listras e focinho de um lince. Os chifres curvados de um carneiro. As asas de aves e insetos.

Batalhões de figuras altas, junto com anões e diabretes. Entre as espadas, flechas e punhais curvos familiares para mim, eles empunham lâminas exóticas que giram, se dividem em seções, disparam espinhos ou voam como estrelas cadentes.

Corremos em direção ao pandemônio. O fator decisivo é que nem todos estão lutando contra nós. Estão lutando um com o outro, alguns dos feéricos permanecendo leais a Cerulean, talvez esperando que ele tenha uma boa razão que valha a pena ser defendida. O resto nos embosca, a briga escalando para os dois níveis da ponte.

É uma exibição desesperada e horrível, brilhando nas bordas com faíscas de magia. Tantos rostos e almas – lindos ao ponto de infernais, assustadores ao ponto de etéreos.

Através da névoa e da luz das tochas, duelam usando seus reflexos animalescos. As frotas se chocam no ar, as asas saltando umas em torno das outras. Garras e pinças atacam. Bocas se abrem e presas afundam em carne que jorra fontes de sangue.

A impetuosidade do meu suor se choca com o odor nauseante de frutas maduras demais e a salmoura de perfurações profundas. Um spray brilhante de carmesim mancha meus dedos. A visão faz bile subir pela minha garganta, mas o sol nascente enche minhas veias de adrenalina.

Olho para onde um globo de luz desliza pela cordilheira. O amanhecer está se aproximando.

Pulo em um poste, meu chicote agarrado a um nódulo preso no teto. Voltando-me para a frente, esmago meus calcanhares em um feérico inseto com antenas. O estalar de ossos ressoa entre nós.

Solto a corda. Antes de pousar, laço outro braço e desloco seu ombro. O dono desse membro uiva, sucumbindo ao chão.

Antes que eu possa recuperar o chicote, garras rasgam meu bíceps. A dor

escura mancha minha visão quando registro um feérico com um aspecto de corvo, uma trilha espichada de plumas se direcionando ao centro de seu crânio. Ele se aproxima, mas um punho minúsculo aparece em cena. Juntas translúcidas batem no rosto do corvo, o choque jogando-o contra um dos postes.

Cambaleio e encontro dois anéis de topázio. Moth rola os ombros e corre para trás do feérico caído, a seda de suas asas aberta. Ela percebe que estou boquiaberta e bufa com desdém.

— O que você está olhando? — a feérica arrogante resmunga. — Lute!

Quem me dera ter um segundo para rir. Moth e eu corremos para a multidão, os corpos esmagados bloqueando minha visão. Desvio para a esquerda e para a direita, incapaz de dizer qual feérico combater, de qual manter minha arma longe. E onde está...

— Lark! — Cerulean ruge.

Abro a boca. Tarde demais, ele abre as asas e se lança para o céu, procurando por mim.

Moth voa para a ponte suspensa superior, desviando-se de uma curva, desaparecendo para segui-lo. Um segundo depois, ela grita o nome de Cerulean. Meu pulso bate num ritmo violento. Desesperada, subo em uma das armações, arrastando-me pela borda e para a plataforma superior.

Eu me levanto – e uma mão vermelha agarra meu pescoço. Uma das fênix aperta meu pescoço como se fosse um tubo, cortando o meu suprimento de ar. Balbucio quando o feérico enfurecido salta para a borda e estende o braço, suspendendo-me sobre a tábua. Minhas pernas tentam encontrar o chão e minhas unhas arranham seus pulsos.

A fênix usa aquela faixa nojenta na testa com o amuleto feito a partir de um osso do polegar humano. Ele vomita:

— Prole sem magia. Você o tirou de nós, mas não vai nos tomar esta

montanha. É nossa! Você não tem esse direito!

O nevoeiro começa a afundar mais profundamente no abismo, cedendo ao disco de sol que ilumina a vista. Balanço acima do vale, pensando que só quero ir para casa, só quero minhas irmãs, meu pai, meu santuário. Só quero cuidar da fauna do meu mundo, dos dois mundos. Só quero essa vida.

E só quero amá-lo também.

A fênix está determinada a me derrubar. Seus dedos se soltam do meu pescoço – e ele tomba, a ponta de uma lança de arremesso rasgando seu torso e manchando-se de vermelho.

Não tenho tempo para arquejar, muito menos para vomitar. Não tenho tempo, porque estou caindo.

Liberada da mão do feérico, meu corpo mergulha em uma nuvem de névoa, então paro no lugar, um conjunto de dedos agarrados aos meus. Ergo a cabeça em direção às pupilas frenéticas pairando sobre mim. Cerulean está de cabeça para baixo, as pernas presas em uma das cordas esticadas que prendem as tábuas sob a ponte inferior.

As lacerações dividem seu rosto em seções, como um mapa antigo.

— Lark — ele fala com a voz rouca.

— Cerulean. — Eu me debato, a elevação lambendo meus joelhos cicatrizados, o vento batendo na minha saia. Digo a mim mesma para não olhar para baixo, para não olhar para baixo, para não olhar para baixo.

Está tudo bem. Não vou cair, porque ele vai me pegar.

Mas, com o olhar petrificado dele, a dúvida percorre meu íntimo. É quando meus olhos vagam para o que resta de suas asas. Elas estão em farrapos, as plumas arrancadas até o talo e expondo a membrana rasgada.

Asas amputadas podem ser críticas para um feérico, limitando a força e reduzindo a magia. Uma palidez toma conta de sua pele, extraíndo o

pigmento de seus lábios azuis, de modo que se assemelham à tonalidade pastel do gelo. O corpo dele treme com o esforço, o maxilar se tensionando com o esforço do meu peso morto.

Ele está muito ferido. E não pode voar.

Deve ter usado os restos do seu poder para se materializar aqui a tempo. Quero agarrar minha arma, mas não à custa de escorregar de novo. Quando dou uma rápida olhada, um gemido sinistro desliza da minha língua. O chicote desapareceu, perdido em algum lugar na Floresta Solitária.

Enquanto isso, a rixa continua, os feéricos sem saber o que está acontecendo abaixo.

— Lark — Cerulean instrui com uma calma forçada que apenas uma pessoa à beira do pânico usaria. — Muito... cuidado. Ouça... com cuidado. Eu não posso... suplicar ao vento... para pegá-la.

Um gemido brota da minha boca, meu queixo tremendo. A corda luta para suportar nosso peso. Suas fibras se dividem, o rasgo ecoando no vale.

— Cerulean! Lark! — Moth grita, seu rosto horrorizado separando a névoa quando ela flutua acima de nós em seu vestido de casulo, as alças rasgadas. Com bênção mágica ou não, sua expressão visivelmente alarmada me diz que ela é muito pequena para carregar qualquer um de nós.

Cerulean disse que os feéricos têm várias conexões com o vento. Como o orientam e moldam, como se comunicam com ele e até que ponto conseguem controlá-lo depende do indivíduo. Isso deve significar que Moth também não pode guiar o vento para buscar Cerulean e a mim.

— Fábulas eternas — ela resmunga.

— Moth, procure ajuda — Cerulean diz enquanto olha para mim. — *Jalladun ánej ukluna. Fardun vvjóttet!*

Moth acena com a cabeça e voa para o firmamento.

A corda se rompe, derrubando-nos centímetro por centímetro. Meus pulmões se desgastam, cada arquejo sofrido. Inspeciono a corda presa na parte inferior da ponte. Não sei de muito nesta vida, mas sei o quanto uma corda aguenta. Vendo o que esperava ver, penso como estava perto, perda e saudade emaranhadas na minha garganta.

Tenha medo do vento. Siga o vento.

A noção transborda pela minha consciência. A corrente de ar aperta os meus tornozelos, puxando-me para baixo, para baixo, para baixo. E, se nada é o que parece neste labirinto, se para cima é para baixo, e para a esquerda é para a direita, e para a frente é para trás...

Posso ter razão. Poderia estar errada.

Não estou errada é sobre essa corda. Só pode sustentar um de nós.

Deslizo meu olhar para Cerulean e lhe dou um sorriso fraco. Seus olhos se arregalam.

— Não! — Seu sotaque falha, perfurando o céu do alvorecer. — Não, Lark! Eu prometo, eu tenho você nos meus braços! Eu te pego!

As minhas palavras tremem.

— Você sempre me teve.

E é por isso que me solto.

O rosto dele encolhe acima de mim, a boca se abrindo num berro silencioso. Acho que está gritando meu nome, mas o vento arrebatava a ruptura de sua voz e a coloca dentro de um uivo estrondoso de ar. A corrente sobe pelas minhas panturrilhas e empurra minha saia para o hemisfério, a roupa se afunilando à minha volta.

Não consigo ver o mundo, mas o sinto cortando minha pele, a velocidade me dividindo em fragmentos. A atmosfera fica mais densa, explodindo contra meu corpo, ameaçando quebrar meus ossos. Minha boca se abre, um grito saindo – mas também não consigo ouvi-lo. Tudo o que ouço é o vento agitado, um protesto estridente e barulhento.

Então, é isso. Pelo menos meu chicote estará me esperando no fundo.

A pressão me vira de costas. Minha saia treme, bloqueando minha visão. Parte de mim gostaria de poder girar para o outro lado, ver aonde estou indo, sentir a descida.

E então uma força me faz girar. Outro grito silenciado sai da minha garganta quando algo – alguém – pousa em cima de mim e inverte nossas posições, virando-me de barriga para baixo. Afasto o vestido e colido com olhos azuis selvagens.

Cerulean despenca debaixo de mim, suspenso nas costas enquanto segura meus quadris. Ele me agarra, e eu faço o mesmo, cravando minhas unhas no seu corpo. Mechas brancas chicoteiam e picam meu pescoço, e seu cabelo azul-obsidiana se espalha ao redor da cabeça.

O ar esgarça suas asas esfarrapadas. Elas convulsionam, lutando contra o impulso.

Ele saltou para amortecer minha queda. Ele pulou, pretendendo *impedir* minha queda, embora isso seja impossível.

Cerulean olha por cima do ombro para verificar o abismo. As árvores podadas crescem, os floretes de verde consumindo o pano de fundo e se voltando para nós. Ele me abraça e coloco os braços em volta do pescoço dele, enterrando meu rosto na curva. É isso, isso é tudo o que podemos fazer, porque, mesmo que o tempo tenha acabado, ainda há um momento para fazer uma escolha e segurar firme.

De repente, o ar congela. Ele se solidifica, amortecendo a queda de forma que deslizamos até o chão. Penas sobem à nossa volta, separadas das asas dele e flutuando em uma suave espiral.

Carvalhos e arbustos perenes se separam para revelar uma pequena colina de pedra coberta de grama. Flutuamos para o chão e depois caímos na vegetação rasteira. Solto um grunhido, caindo em um monte. O mundo para e o vento estrondoso fica quieto, preso em um selo invisível.

Atordoada e tonta, eu me sacudo. Pedrinhas arranham meus joelhos, e meu braço se contorce onde as garras do feérico corvo cortaram a pele, linhas irritadas atravessando o bíceps. Os cortes não são tão ruins quanto eu pensava, superficiais o suficiente para estancar o sangue. Em vez de aninhada dentro das árvores, a inclinação paira sobre A Floresta Solitária, mais acima da vegetação do que eu previra.

Cerulean está caído debaixo mim, seu corpo contorcido como uma marionete. Sua lança de arremesso não está à vista, provavelmente jogada na ponte onde ele atacou a fênix. Seu casaco e camisa esfarrapados se estendem ao redor dele, o V dividido expondo contusões roxas e crostas de vermelho em seu torso. Mas seu abdômen sobe e desce... está respirando. Pelas Fábulas, ele

está respirando!

Seguro uma respiração chorosa. Seus olhos se abrem, turvos e atordoados, porque estamos vivos.

Nós estamos vivos.

Nos jogamos um no outro. Eu choramingo no peito dele, e ele respira, aterrorizado, e nos agarramos um ao outro.

Seja lá o que nos salvou... não terminou.

A colina rompe em uma convulsão, pedaços de solo e pedra arrancados de algum lugar abaixo. Cerulean e eu nos separamos quando a inclinação irrompe de sua base. Ao redor da massa de terra, o solo entra em colapso. Fissuras ricocheteiam pela grama, sedimentos de rocha e pedaços de terra em uma avalanche.

A colina sobe, espreguiçando-e. E ela sobe, e sobe. Ela sai do chão e irrompe no céu, músculos de pedra se alargando, a árvore se expandindo como um pilar.

Enrolados um no outro, Cerulean e eu esticamos a cabeça. Passamos depressa por cada cume da Montanha Solitária, cada rampa, ponte e escada, cada tocha e placa, cada tramazeira e árvore esguia, cada habitação.

A Torre da Fauna. O Aviário Noturno.

O Horizonte que Nunca Mente. As Pontes da Perdição.

A colina passa voando por eles, seus ombros ondulando em uma planície da qual brotam terra e grama. Quando o vértice para com um tremor, o silêncio ecoa pelo cenário. Ficamos de pé, balançando no topo de um zênite que ultrapassa o Pico Selvagem. É grande o suficiente para acomodar milhares de habitantes e, no centro, uma tramazeira guarnecida com fios de poeira brilhante. O sol derrama um brilho ouro rosé e lilás sobre o precipício, envolvendo-nos em calor.

— É o t-topo — gaguejo.

— Não pode ser — Cerulean diz. — Já estive na cordilheira.

Para cima é para baixo. Esquerda é direita. Para a frente é para trás.

Nada é aquilo que parece. Acho que não esperava que meu palpite estivesse certo.

Sorrio para ele.

— Não significa que seja o ponto mais alto.

Ele pisca, compreendendo.

— O Pico Selvagem, feito de novo.

Sabendo como esta paisagem funciona, seus olhos brilham – então ele cambaleia para o lado. Corro para pegá-lo, nós dois tropeçando sob seu peso.

Os protestos se multiplicam e se aproximam. Feéricos arrasados enxameiam o pico, suas asas os carregando até o cume. Outros se materializam, entalhes sangrentos marcando seus rostos de bovino, de felino, de inseto e de ave. Eles se maravilham com este novo ápice, mas, como Cerulean, não precisam de uma explicação mastigada dos mistérios imprevisíveis da cordilheira labiríntica. Eles sabem o que aconteceu.

A maioria da multidão olha, furiosa. Alguns que escolheram defender Cerulean ficam boquiabertos, inseguros se me atacam ou não apesar dele. Uma coisa é certa, cada um deles me despreza porque cheguei ao topo da montanha. Venci.

Cerulean e eu giramos, nossas costas se alinhando em uma postura cautelosa, como extensões um do outro. Um segundo depois, vejo uma das fênix rastejando pelas linhas laterais, fora do alcance da visão de Cerulean. O pássaro de fogo se lança na minha direção – e é jogado para o lado, agredido por uma massa camarelo. O gato selvagem o derruba com um grunhido rouco. É um puma, mas não o de antes.

Este felino manca e tem um círculo de marcas na testa. É a beleza da Torre da Fauna.

Atrás dele, uma multidão de animais do jardim silvestre invade a cena, unidos por criaturas de diversas partes da cordilheira. O antílope e a cabra da montanha com chifres ceifados galopam pelo zênite escarpado junto com um carneiro, aros azul-esverdeado perfurando seus chifres e seus cascos jorrando pó dourado. Suas cabeças se abaixam, prestes a esmagar qualquer um que se meta no caminho deles. O trio se lança na minha frente e na de Cerulean, protegendo-nos de um ataque. Falcões e morcegos circulam entre beija-flores. O puma desnuda os sabres e prende o feérico pássaro de fogo na grama.

Estupefata, a multidão recua, sem vontade de se envolver com os residentes sagrados do reino. Um grito estridente perfura a manhã. Tímien mergulha das nuvens, tendo se transformado para a sua forma enorme. Junto com nossos protetores animais, ele fica na frente de Cerulean e de mim, suas asas nos bloqueando do perigo.

Moth salta das costas dele e fica parada, a ansiedade tensionando seus traços. Quando Cerulean pediu que buscasse ajuda, ela deve ter corrido para a torre e recrutado a fauna. A viagem de ida e volta demorou muito, e Cerulean pulou atrás de mim.

O corujão-orelhudo assoma, a imagem muito irritada de uma ave de rapina protegendo seu ninho, suas plumas soprando um vendaval de aviso para os feéricos. Eu me lembro de Cerulean dizer que Tímien não é menos que um pai para ele. E, assim que nossos atacantes se afastam, a coruja voa para o lado, embora esteja atenta em relação a todos os movimentos deles.

Moth também deve ter recuperado a lança de arremesso de Cerulean da ponte, porque o joga para ele, que a pega com uma mão.

— Não conseguimos voltar rápido o suficiente — ela choraminga. —

Quando voltamos, vocês não estavam lá, e eu pensei... eu não sabia se... — Sua expressão exausta se transforma em um olhar furioso. — Bem, eu não posso usar o vento tão bem quanto você, e a magia só nos leva até certo ponto, e maldito seja por soltar aquela corda. — Então, para mim: — E maldita seja por ser legal. — O trauma obstrui sua garganta, um olhar severo pressionando seu semblante. — Nós circulamos A Floresta Solitária, preocupados em encontrar seus corpos espalhados pelo vale. Em vez disso, trouxemos uma lembrança.

Por reflexo, agarro o que quer que seja que ela joga para mim. Alívio jorra de mim quando olho para o chicote.

— Ela não pode ganhar! — a fênix cospe para Cerulean debaixo das patas do puma. — Você não apenas a fodeu pelas nossas costas, mas ajudou essa vil cadela mortal! Portanto, o sucesso dela está desclassificado!

Cerulean sibila na língua feérica e caminha em direção ao feérico como se quisesse arrancar sua traqueia. Saindo do meu estupor, agarro Cerulean pela cintura e luto com ele para segurá-lo.

— Ela fez a jogada final sozinha — ele fervilha, seu tom carregado de uma raiva elegante, mas lenta devido aos ferimentos das asas.

— Traidor — um coelho feérico grita. — Essa humana não teria feito essa jogada sem a sua ajuda. Você se atreve a roubar desta montanha seu sacrifício!

— Você é voto vencido, Cerulean — uma fêmea com asas de borboleta diz.

Talvez a queda para o inferno e subsequente ascensão ao sol tenham me enlouquecido. Tanto faz, não vou me deter, porque não tenho esse tempo. Olho da multidão para os animais, a fauna mística no coração de cada Fábula que já li.

Fauna. Fábulas.

— *Sob as estrelas traiçoeiras, uma Coruja se encontrou com uma Cotovia*
— recito para mim mesma.

As palavras deslizam pelo pico, silenciando a todos. Cerulean se vira para mim e me encara, uma epifania abrangendo seus traços.

A horda observa confusa enquanto murmuro a Fábula baixinho:

— *E a Cotovia disse...*

— O que ela está fazendo? — alguém exige saber.

— Alguém a faça parar — outro diz com incerteza.

Mas ninguém se mexe. Enquanto isso, penso no meu povo capturando a fauna, e penso nesses feéricos adorando animais, carregando traços semelhantes e celebrando a Lua Média. Penso na reverência de Cerulean para Tímien e essas criaturas que reinam pelas paisagens. Penso na cúpula do trono, apelidada de Parlamento das Corujas. Penso no Livro das Fábulas, que transmite verdades dos seres mágicos através de contos sobre animais. Penso na montanha e em seus habitantes, o número do povo mágico reduzido sem a fauna.

Sinto Cerulean pensando comigo. Um arquejo de revelação escapa dele. Ele sabe o último verso, mas espera que eu entenda.

E a Cotovia disse: “Podemos voar separados, mas que nossa direção seja a mesma”.

Minha cabeça se vira para ele.

— Eu ganhei, mas nunca fui um sacrifício.

Vaias ressoam dos feéricos.

— Mentirosa — a fênix grita.

— Não, ela não é — Moth murmura e semicerra os olhos. Pelo que parece, está finalmente entendendo o porquê a flauta de Cerulean nunca funcionou comigo.

— Não é um sacrifício — uma fêmea vocífera, seu focinho de lince se enrugando. — E o que te faz achar isso?

— Porque temos um vínculo — Cerulean explica com um sorrisinho fraco.

A feérica fica boquiaberta, sem palavras. Ao lado de Tímien, o queixo de Moth cai, provavelmente porque não se atreveu a acreditar em sua intuição.

É por isso que não sou essencial. Deixando minha humanidade de lado, a ligação com Cerulean me torna neutra nesta terra, cruzando a linha entre mortais e imortais. Como resultado, minha vitória não enfraquecerá a montanha ou impedirá a restauração de outro animal.

Durante todo este tempo, eu não era uma peça importante. Não da maneira que qualquer um de nós pensava.

Isso não é tudo. Troco olhares com Cerulean, que acena de volta com um sorriso astuto de compreensão enquanto os feéricos perplexos ficam boquiabertos entre nós.

— Mesmo que eu fosse um sacrifício, você não é meu governante — digo a ele.

O orgulho anima o rosto de Cerulean. Seu peito se levanta e recua, inalando e exalando essa declaração ao máximo.

Dirijo o resto dos meus pensamentos para a multidão:

— E vocês não podem dar voto vencido a ele, já que não são seus súditos, porque ele não está no comando.

Cerulean se dirige a eles:

— Porque eu não governo o céu.

Sigo o olhar dele para a fauna.

— Eles governam.

A magnitude dessas palavras silencia todo o ruído da cordilheira, criando uma calmaria entre os Solitários. É um silêncio retumbante, que a menor corrente de ar não perturba.

Cerulean e eu trocamos olhares de fadiga e esperança. Embora também haja outra emoção magnética não dita misturando-se lá.

Sua espécie entra em pânico, lutando para processar que estamos no verdadeiro cume; que fui eu quem nos trouxe até aqui; que sou a companheira de Cerulean e, portanto, não sou um meio viável no jogo; que não sou crucial para restaurar a fauna destruída e preservar suas terras; que ele não governa a mim ou a eles de nenhuma maneira; que os animais que nos cercam são os verdadeiros monarcas, os verdadeiros mestres da Montanha Solitária.

Nada é o que parece ser em Feéria. E neste instante? Pela expressão de Cerulean, acho que esse fato nunca foi tão verdadeiro.

Uma enxurrada de reações atravessa o pico, incluindo negação, frustração, decepção, constrangimento, gratidão e vergonha. Pés se arrastam, cabeças se abaixam e rostos apresentam expressões de espanto ou dúvida.

Há isso e mais. Por fim, termina com aceitação. O ar sussurra, a melodia relaxando ombros e maxilares.

Os feéricos podem não gostar que uma humana os tenha feito chegar a esta conclusão, muito menos a este precipício, mas com certeza respeitam os animais. Apesar da adoração e dos rituais, honraram sua fauna sem perceber a

extensão de seus papéis. O povo mágico faz reverências, inclinando a cabeça para as aves e os mamíferos pairando no pico. Cerulean e eu seguimos o exemplo, ajoelhando-nos.

O puma solta a fênix com um grunhido de aviso. O antílope, a cabra da montanha e o carneiro se erguem, orgulhosos. Os pássaros e as aves de rapina flutuam no ar, suas asas envolvendo a brisa.

Tímien parece uma criatura majestosa, a corrente de ar fazendo seu manto de plumas em camadas farfalhar. A ave observa o povo ajoelhado através daquele único olho de água-marinha, seu semblante inexpressivo, não diferente de quando comanda a Torre da Fauna e o Parlamento das Corujas. No entanto, seu olhar percorre cada rosto, reconhecendo-nos diretamente, um por um.

A inspeção da coruja termina comigo e Cerulean. Ele nos contempla, depois sobe no ar e se transforma em sua forma menor. Nos circundando uma vez, o pássaro pousa no meu ombro.

Eu me assusto, um nó saltando na garganta. Ganhar sua preferência é uma bênção que alimenta o meu sangue.

A aprovação chama a atenção dos feéricos. Eles se levantam e dissecam a visão de mim com seu antigo governante, que entrelaça os dedos trêmulos nos meus.

Um sorriso fino se espalha pelo rosto de Moth.

— Essa humana se arriscou por Cerulean — ela anuncia.

Cerulean leva um tempo para falar por causa das feridas, mas explica como me soltei da ponte para poupá-lo, listando a sucessão de eventos que nos trouxe a este pico.

— Ela me perguntou uma vez quem é mais corajoso: os humanos ou os feéricos. — Ele inclina a cabeça para mim. — Acho que se tornou uma das minhas perguntas favoritas.

— Acho que isso nos torna iguais — termino, lembrando-me de como ele pulou atrás de mim.

O sorriso dele se alarga.

— E o nome dela é Lark.

Sem sombra de dúvida. Foi a melhor coisa que ouvi nos últimos três segundos.

Isso nos garante outra rodada de silêncio. As perguntas confundem a mente de todos.

Para onde iremos daqui? Como os feéricos têm uma relação instintiva com a fauna, alguns conversando por sinais ao vento, a comunicação não será um problema. Mas defenderão mais sacrifícios humanos para restaurar os perdidos? O que eles propõem em vez disso?

Quero saber essas respostas, mas é muito de uma vez para essa multidão, e as soluções certas precisam de tempo. Além disso, essa multidão é uma confusão de machucados. As feridas precisam de cuidados, os egos precisam de cura e as mentes precisam de ordem. Estão todos com fome e rabugentos.

Quanto a mim e Cerulean? Apesar do apoio dos animais, a maioria dos feéricos faz cara feia para nosso vínculo proibido, enquanto vários rostos machucados nos observam com curiosidade. Não que eu me importe nadinha com o que pensam neste momento. E não que eu vá ficar.

Os feéricos se despedem, curvando-se de novo para a fauna antes de recuar. Exaustos, eles se dissolvem ou voam para casa para cuidar dos ferimentos.

Tímien se desvia para Cerulean, cutucando-o com devoção e preocupação parental.

Moth também corre para o lado de Cerulean.

— Seu idiota! Suas asas precisam de encantamento, pomada e descanso

para crescerem de novo. Como se eu não tivesse o suficiente para fazer na torre.

— Vá — ele insiste, rebatendo os protestos dela e meus xingamentos. — Chega, vocês duas. Não morri na última hora, e Tímien está aqui. Preciso... falar com Lark por um segundo.

— Isso é tudo o que eu valho? — tento brincar, preocupada que ele esteja sendo estúpido. — Podemos conversar depois...

— Aqui. Agora.

Droga, Cerulean. Moth e eu compartilhamos olhares hesitantes e depois observamos Tímien, que espera com cautela e paciência. Ele criou Cerulean, e confio na coruja, então vai ter que ser suficiente.

— Três minutos — digo.

— Sete — Cerulean barganha.

Moth aponta para ele.

— Se você não voltar em sete minutos, vou chamar os A Vigia dos Rouxinóis. — Para mim, ela encolhe os ombros. — Você não o viu depois da Armadilha. Isso não é novidade. Ele vai sobreviver, desde que você o leve para casa em...

— Ouvi da primeira vez — Cerulean diz com um carinho arrogante. — Vá embora, intrometida.

Com uma bufada, ela se atira nas nuvens e dispara em direção à Torre da Fauna.

Sentindo que ele vai ficar seguro, os animais silvestres partem em seguida. A frota de falcões, morcegos e beija-flores vão em direção ao sol ardente. O puma desliza ao redor das pernas de Cerulean, desafiando graciosamente a pata que falta, depois se junta aos mamíferos rondando a encosta. Eu me pergunto se o felino cruzará com o outro que lutou comigo na ponte.

Assim que eles saem, Cerulean fraqueja. Tímien chirria, balançando as penas com preocupação, mas pego o filho dele, e nos sentamos na grama. O sol ilumina sua palidez doentia e cada corte que açoita minha pele. Monto em seu colo, lembrando-me de que não estamos totalmente sozinhos. Tímien fica por perto, caso tenhamos que sair antes do previsto.

Juntos sob a tramazeira que balança ao vento, nos abraçamos por um tempo. A poeira brilha dos galhos. Passo os dedos pelos filamentos esfarrapados das asas de Cerulean, meu toque fazendo seus olhos se fecharem.

Enfim, ele recupera a força para falar sem ofegar:

— Surpreso, espantado, horrorizado — ele murmura no meu pescoço, sua respiração esboçando meus batimentos. — Ah, a ironia. — Ele inclina o rosto para encontrar o meu e coloca uma mecha de cabelo branco atrás da minha orelha. — Que uma humana compreenderia sua fauna melhor do que eles. Que uma humana reconheceria a fauna como governantes, enquanto os feéricos permaneciam cegos para um fato tão óbvio. Que uma humana provaria que sua espécie possui uma compreensão melhor dos animais, nossos e deles, do que temos dado aos mortais o devido mérito.

— Bem, podemos aprender uma ou duas coisas com vocês — brinco, mesmo que seja verdade. — Nenhuma das nossas culturas demonstrou tolerância entre si, mas você mostrou que ter magia nem sempre significa que uma alma é maligna.

— Talvez a Fábula que criamos para nós mesmos seja uma faísca. Talvez a nossa história marque um começo, quer o nosso vínculo termine feliz ou não. Talvez a mudança por si só valha a pena, não importa o tempo que demore.

Parece que todos nós nos perdemos por um tempo e esquecemos o ditado, *pelo selvagem eterno*. Talvez possamos ajudar um ao outro a lembrar seu significado.

Os feéricos chamam os humanos de inferiores por não terem magia, dizendo que não temos nenhuma conexão real com a natureza, nem qualquer respeito por ela. Depois da Armadilha, essa convicção foi reforçada – ampliada, na verdade.

Os humanos chamam os feéricos de corruptos, dizendo que são abominações da natureza por causa da magia. Presumimos o mesmo sobre a fauna feérica, também. Se parássemos um maldito segundo para nos sentar à mesa um com o outro, para compartilhar uma refeição, para aprender sobre nossas culturas, e para ver como vivemos entre a natureza, perceberíamos que nossas relações com a terra são semelhantes. Não importa o que aconteça, todo ser vem do céu, das raízes e da água. Cada um de nós habita entre os animais, e todos somos criaturas da terra.

Essa é a ponte. Essa é a magia. Essa é a realidade.

Se trabalhássemos para entender isso, talvez encontrássemos um equilíbrio nos nossos mundos. Poderíamos viver em harmonia, sem ódio ou hierarquias.

E se Cerulean tiver razão? E se nossa história incitar uma mudança, por mais lenta que seja? Valeu a pena? Isso valeu a pena por essa mudança?

— Não tenho nenhuma dúvida — digo enquanto me envolvo nele.

— Eu ecoo esse sentimento — ele responde, a ponta emplumada de seu cabelo azul apoiada no meu ombro.

— Mas e quanto a reviver os animais mortos? — pergunto. — E a montanha? Qualquer chance de paz é discutível, caso contrário.

Cerulean se esconde, olha brevemente para Tímien e traduz algo à maneira da coruja.

— A fauna vai se comunicar conosco, não apenas com eles mesmos. Até agora, fracassar nesta tarefa não se tornara uma possibilidade viável. O medo amplificará a motivação da minha espécie, não a reduzirá. A sobrevivência é a principal prioridade. — Ele consulta o horizonte, depois se vira para mim.

— No entanto, depois de tudo o que você lhes expôs e das perguntas que levantou, pode ser que sejam pacificados. O que aconteceu hoje pode detê-los tempo suficiente para uma resolução ser atingida. Estarei lá para defender isso. Como um cidadão Solitário, tenho tempo.

Cerulean não me incluiu como parte da próxima negociação. Sei o porquê, e não tem nada a ver com a falta de habilidade em debates. Ele quer que eu esteja lá, mas não está esperando que eu esteja, porque sabe qual será a minha escolha.

Por mais que odeie, concordo com ele. Embora não esteja pronta para admitir em voz alta.

Comparamos teorias de como romper a divisão e alinhar nossos mundos. Não se limita à Montanha Solitária. Há uma floresta e um rio a se considerar.

Mas Cerulean rejeita meu argumento de que os irmãos dele também não são mais governantes. A questão é que as culturas da fauna da selva Solitária são distintas. Embora unidas, as relações sagradas entre feéricos, animais e as suas paisagens variam.

No fim das contas, um dos poucos paralelos inclui como fortalecer os ambientes. Isso significa que Puck e Elixir ainda estão no comando.

Quanto às minhas irmãs? Cerulean não é da floresta ou do rio, então não tem poder dentro desses limites. Quaisquer sacrifícios que ocorram lá, quaisquer jogos que envolvam e quaisquer regras que incluam estão sob o comando de seus irmãos. A única semelhança é que ambas as minhas irmãs ganham – ou nenhuma delas ganha.

Além disso, os jogos já começaram. Juniper e Cove estão no meio deles. Posso estar isenta porque tenho um vínculo com Cerulean, mas minhas irmãs não têm essa vantagem. Não que quisessem estar ligadas àqueles dois filhos da mãe.

Um pensamento desafiador se esgueira no fundo do meu estômago. E se

eu...

— Lark — Cerulean avisa.

— O quê? — resmungo. — Eu não estava...

— Tenho toda a confiança nas suas proezas. No entanto, viajar para qualquer um dos territórios intensificará o desprezo dos feéricos e comprometerá a capacidade de suas irmãs de vencer, porque estarão muito ocupadas se esforçando para protegê-la. Para dizer o mínimo, todo o cenário vai enfurecer Puck e Elixir ao ponto em que Juniper e Cove estarão em risco eminente, mais do que já estão. Isso significa que, se perderem, morrerão mais rápido e dolorosamente. Não subestime meus irmãos.

— Não subestime minhas irmãs.

— Ouviu o que acabou de dizer?

Faço uma pausa, rangendo os dentes.

— Eu... porra! Você me ajudou e eu consegui! Por que não posso ajudá-las? Não vou desistir delas, e se você se importasse comigo só um pouquinho, também não deixaria que nada acontecesse com elas.

Os olhos de Cerulean brilham com um azul vibrante e violento.

— Não se atreva a questionar meus sentimentos por você. Não se atreva a questionar o que eu faria para defender você ou suas irmãs. Meus irmãos e eu temos a mesma força e astúcia. Não há garantia de que eu ganharia a batalha, mas *lutarei* ao seu lado se assim desejar.

“Dito isso, conhecíamos as regras nesta montanha. Eu sabia quais brechas usar, mas me lembro de ressaltar que foi você quem tomou a decisão final. Você não pode prever que se juntar à sua família vai inadvertidamente impedi-las de fazer o mesmo.”

— Tudo bem, não podemos quebrar as regras sem conhecê-las primeiro. Mas você não foi capaz de garantir que eu ganharia por conta própria se me

ajudasse, mas isso não o impediu.

— Mentira. Eu sabia que você teria sucesso por conta própria porque eu conheço você.

— E eu conheço minhas irmãs.

— Mas você não está a par das condições da floresta ou do rio, nem eu tenho esse luxo. Acredite nisto: meus irmãos não compartilharão seus segredos comigo depois de ouvir sobre a sua vitória, particularmente a parte em que fiquei do seu lado, e com certeza não depois de saber que somos companheiros. Quando tentei deixá-la ir, o meu plano era coagi-los ou negociar com eles pelas suas irmãs. Deixando de lado um planejamento cuidadoso, poderia ter sido alcançável.

“Infelizmente, estava tão desesperado para salvá-la que fiquei descuidado, esquecendo-me de que todas as três deveriam vencer. Negligenciei a natureza muito etérea, muito brutal e muito natural de Feéria: tratado é tratado. As nossas regras podem ter reviravoltas, mas têm de ser cumpridas. Mesmo que pudéssemos persuadir Puck e Elixir, a natureza não negocia.”

Pela região ou pelas minhas mãos.

Cerulean tinha dito isso no início. Se os governantes das terras não derrotarem os jogadores, a própria terra pode derrotá-los. Essa é uma força imprevisível além de qualquer um de nós, ao mesmo tempo benevolente e implacável. Se Cerulean e eu ignorarmos as regras e invadirmos esses reinos, a natureza pode retaliar estrangulando minhas irmãs antes que as alcancemos.

Um chicote e uma lança de arremesso podem vencer os inimigos. Mas não podem lutar contra a natureza.

Balbucio e gaguejo, meus protestos subindo uma dúzia de oitavas, mas nenhuma das minhas ideias se sustentam. Os meus dedos se dobram. Nunca me senti tão impotente, exceto enquanto caía de uma maldita ponte.

Eventualmente, murcho. Cerulean me aproxima de si, aninhando-me em

seu peito, o que ajuda e não ajuda.

Nós resolvemos as questões vitais, exceto uma. Não falamos sobre nós. Não falamos, porque ele já sabe, assim como eu.

Uma rajada de vento acaricia as folhas da tramazeira, poeira brilhando nos ramos. Do além, os raios do sol se derramam sobre o nosso colo.

Engulo em seco, agarrando-me o pescoço dele com mais força.

— Não quero ir embora.

— Nem desejo deixá-la ir. — Ele coloca a testa na minha, suas pálpebras se fechando com força. — Mas você deve.

Aceno com a cabeça, enquanto meu coração grita. Não quero que esta montanha desapareça e o tire de mim. Não quero ficar de lado e não fazer nada para salvá-lo, à fauna e Moth. E não quero ver um domínio inteiro de vidas perecer, apesar do que muitos deles fizeram.

Mas, se eu ficar, o que será de Papa Thorne? O que acontecerá quando minhas irmãs voltarem para casa? Como Juniper e Cove vão se sentir ao descobrir que escolhi os feéricos e não eles?

Eu nunca poderia ficar sem o meu pai, nem o abandonar. Quanto às minhas irmãs, crescemos indesejadas pelos pais biológicos e juramos não abandonar uma à outra. Não vou quebrar essa promessa, não quando lutamos tanto pelo nosso futuro juntas.

E não vou abandonar nosso santuário. Seria fácil viver com a natureza aqui, mas amo a minha família aviária, e as criaturas do País Médio precisam da minha ajuda.

E alguém tem que trabalhar para a mudança entre humanos e feéricos. Do lado mortal, alguém tem que ser aquela faísca que incita a paz. Não posso fazer isso daqui.

Cerulean sabe disso. De todas as pessoas, ele entende. Ele acredita que sua

espécie vai encontrar uma maneira de sobreviver sem ferir os humanos, então tenho que acreditar nisso também. Temos os nossos papéis a desempenhar, nos nossos próprios mundos. E, dessa forma, trabalharemos como um só.

Eu me aconchego nele, minhas pernas em volta de sua cintura enquanto ele me esmaga no peito e inala meu cheiro. Parece que trocamos uma jaula por outra. Levou nove anos para nos encontrarmos, treze dias para criarmos um vínculo e uma hora para perdermos tudo de novo.

No que nos diz respeito, sermos companheiros não nos rende quaisquer regalias a não ser uma. Sendo de culturas diferentes, não temos uma conexão intrínseca, de modo que podemos nos separar. Diria que isso amortece a dor, mas estaria mentindo. Embora eu possa fazer a escolha de me tornar uma deles e solidificar o vínculo, não farei isso pelas mesmas razões.

Mas, também, por outra razão.

— Gosto de quem eu sou — digo, novas lágrimas escorrendo pelo rosto.

Cerulean toca a minha boca com a dele.

— Também gosto de quem você é.

Isso é o que mais me sufoca. Ele entende isso sem que eu precise de explicar mais, ele me valoriza como sou.

A questão é que quero manter a minha humanidade. Trabalhei muito para me conhecer, para construir minha vida. De jeito nenhum vou desistir disso.

— Minha rebelde — Cerulean murmura, sua voz estalando contra as bordas dos meus lábios. — Como você me consumiu. Sentirei falta da sua língua afiada, das suas refutações atrevidas, da sua coragem deslumbrante. Sentirei falta de andar pela selva contigo, de provar seu corpo, de ouvir sua risada. Senti sua falta por nove anos e sentirei sua falta até meu último suspiro.

Um soluço sai dos meus lábios.

— Um beijo por outro beijo.

Ele rouba as palavras de mim, engolindo-as inteiras. Sua boca se inclina sobre a minha em um aperto apaixonado e exposto ao vento. Eu me envolvo ansiosa no beijo e me jogo no peito dele, minhas coxas apertando sua cintura, meus dedos saltando pelos seus cabelos.

A língua de Cerulean busca entre os meus lábios, persuadindo nossas línguas a entrar num ritmo doce e sensual. Aprecio o cheiro de almíscar e tempestades, o gosto de vinho de abrunho e chuva. As mãos dele agarram a parte de trás da minha cabeça, aprofundando nosso beijo, a língua dele atacando a minha.

Eu me agarro às lembranças: conhecê-lo, brincar com ele, perdê-lo, me rebelar contra ele, conversar com ele, discutir com ele, beijá-lo, fodê-lo, amá-lo.

Porque eu amo. Eu o amo.

É tudo o que posso fazer, sentir o amor. Só isso vai ter de me sustentar.

Três vezes, mudamos nossas vidas com um beijo. Quando nos conhecemos, quando nos amamos e agora, quando dizemos adeus.

Nossos braços e pernas estão emaranhados. O coração dele martela contra os meus seios, e os meus lábios selam os dele. Nossas línguas se enrolam, quentes e doces e...

Cerulean afasta sua boca. Seus lábios azuis inchados se abrem, sugando oxigênio para os pulmões.

— Talvez eu tenha forças para um último ato heroico antes de retomar minhas maneiras selvagens, diabólicas e ferozes. — Ele inclina a cabeça e uma corrente visível ondula através da faixa, fluida e listrada nas bordas.

Momentos depois, uma forma alada desliza pelo céu e pousa. Eu me sobressalto, virando-me em direção ao filhote de rouxinol, que pousa ao lado

da coruja e não tem mais o tamanho de um dedal. O filhote marrom e turquesa deslumbrante cresceu para o mesmo tamanho de Tímien.

Um mau pressentimento me cerca.

— Cerulean, não.

— Ela vai levá-la para a Tríade.

— Cerulean, não. Você está...

— Vou ficar bem. Tenho uma carona majestosa para casa à minha espera.

— Ele pressiona a palma trêmula nos cortes no meu braço, um leve brilho irradiando de baixo. — Pronto! Por mais drenado, e temporariamente pouco atraente, que eu possa estar no momento, há sempre um traço de magia. Não precisa se preocupar com uma infecção, mas vá para casa e peça ao seu pai para remendar esse braço. Não faça o que eu peço, e ficarei bastante petulante.

— Não — choramingo, segurando suas bochechas. — Ainda não.

— Lark. — O tom de súplica dele me magoa até a alma. — Por favor.

Por favor. As palavras ficam na minha língua.

— Escuta — ele sibila, os dedos traçando minha mandíbula. — Vou embora primeiro, assim você pode ter a certeza de que vão cuidar de mim. Será um privilégio, pois quero que a minha última visão de você seja aqui, no topo do mundo, conquistando todo meu universo. Me dê essa honra, que ainda preciso merecer.

Maldito seja. Com um soluço, eu me inclino e dou um beijo suave nos lábios dele – o tipo de beijo que compartilhamos quando eu tinha 10 anos, exceto que este é menos puro. É ganancioso, angustiado, alegre, amargo, grato e triste.

Pode não ser inocente, mas tem muito mais das outras sensações.

Eu me afasto e falo de modo estrangulado:

— Vá.

E ele vai, levantando-se para aceitar a asa de Tímien e um lugar nas costas do pai. E então eles partem, navegando para o horizonte. Em seguida, Cerulean olha por cima do ombro, observando-me parada sozinha na montanha, o vento levando meu cabelo e me transformando em uma nuvem – uma coisa impossível de segurar.

Quando Papa Thorne abre a porta, eu fraquejo ao vê-lo. Ele me pega, e nós desabamos na varanda da frente, caindo em uma pilha de braços e pernas douradas à luz do sol forte. Nossos corpos tremem, eu desmoronando ainda mais, ele embalando o meu peso.

— Lark — ele soluça. — Ah, minha menina, minha menina. Ah, Lark.

— Pai — soluço. — Pai.

Minhas unhas cravam em suas costas, minha cabeça afunda em seu peito e minhas lágrimas encharcam sua camisa. Aproveito a fragrância do lar em sua pele, de pão, alecrim e cera de vela. Ele me balança por uma eternidade enquanto o vento passa pelos nossos cabelos.

Dentro da cabana, tudo está igual, mas diferente. A cozinha onde eu persegui Juniper ao redor da mesa de jantar. A cadeira onde Cove se sentara, observando-nos com um sorriso tímido. A sala de estar onde ele recitava o Livro das Fábulas para nós e Juniper preenchia as lacunas.

Lá atrás, o nosso falcão residente solta uma longa canção lamuriosa. A vocalização impulsiona mais lágrimas à superfície. Senti tantas saudades daqui.

Meu pai faz curativos no meu braço e me envolve no cobertor que Juniper e eu costumávamos compartilhar quando éramos pequenas. Eu me enrolo no sofá perto da lareira apagada, meus olhos tão crus quanto os dele, enquanto ele me prepara uma xícara de chá, depois se ajoelha ao meu lado. Ele parece ter mil anos, a pele escura e pálida, uma crosta contornando sua boca com um

tom púrpura florescendo por baixo das pálpebras inferiores.

Quando foi a última vez que dormiu?

Um banquete suja a mesa de jantar e os balcões. Pães de fermentação natural e de centeio, tortas de batata, ensopados de vegetais, travessas de caça, muffins de milho e conservas. Como essa é uma cidade pequena, ele disse que os aldeões ouviram falar de mim, Juniper e Cove desaparecendo. Agricultores, comerciantes e camponeses apareceram na hora, trazendo comida reconfortante e empatia. Alguns queriam fofocar, procurando validar ou reprimir seus próprios medos.

Sabendo que ele se ofereceria aos Solitários no nosso lugar, Juniper, Cove, e eu não confessamos nosso acordo com o povo mágico – não até escrever aquela carta de despedida. Mesmo assim, deixamos de fora os detalhes de o porquê tivemos que ir embora, dizendo apenas que tínhamos sido chamadas para Feéria. A essa altura, sabíamos que estaria fora de seu controle.

Mas, através de um fluxo de visitantes, ele descobriu da perseguição dos caçadores, que algumas pessoas aparentemente tinham acompanhado de longe. Eles viram que galopei em direção à selva Solitária, com minhas irmãs seguindo pouco depois. As pessoas chegaram a conclusões e nossa ausência confirmou as especulações. Desde então, as visitas se tornaram rotineiras, embora meu pai mal tenha tocado na comida.

— Sinto muito — choramingo, catarro caindo do nariz. — Sin-sinto muito, pa-pai.

— Não sinta. — Ele me cala, enxugando meu rosto com as mãos. — Não sinta, minha menina.

Ele segura minhas mãos enquanto eu lhe conto tudo – bem, quase tudo. Revelo tudo, como conheci Cerulean quando éramos crianças, como o libertei da forja do vidreiro, como pensei que Cerulean tivesse morrido porque tentei ajudá-lo. Então salto para o presente, quando os caçadores me

perseguiram até a selva.

A Tríade. O convite dos feéricos. A separação de Juniper e Cove. A montanha. Os animais místicos. O labirinto. O jogo.

A Torre da Fauna. As Pontes da Perdição.

Moth. Cerulean.

Cerulean. É aí que omito as coisas pessoais. Dói muito lembrar dessa parte, além disso, como posso admitir essa parte para meu pai depois de tudo pelo que ele passou? Como posso dizer que dei meu coração à pessoa que causou toda aquela dor? Como posso confessar amar um feérico?

Mas não quero que Cerulean seja malvisto pelos olhos do meu pai, por isso partilho como nos lembramos da infância e nos tornamos amigos outra vez. Conto do porto seguro de Cerulean para os animais e de sua missão de restaurar a fauna. Conto como Cerulean quis me libertar, mas depois se lembrou de que eu não podia desistir sem minhas irmãs. Embora não dissolva a carranca dele, planta uma semente de compaixão em sua mente, mesmo que leve algum tempo para florescer.

Papa Thorne é uma alma gentil. Ele vai perdoar.

Sem Juniper e Cove iluminando os cantos, a tristeza se alastra pela casa. Elas não voltaram, o que significa que ainda estão perdidas na natureza, ainda lutando pela sobrevivência.

Papa Thorne se acomoda no sofá, puxando-me para me aninhar nele, e choramos sem parar. Em seguida, despejamos palavras no silêncio, histórias sobre Juniper e Cove, até ficarmos roucos e conseguirmos rir sem engasgar.

Depois disso, fico ansiosa para ver meus amigos do santuário. Meu pai diz que preciso descansar, mas protesto – e logo em seguida desmaio, apesar disso.

No meio da noite, cambaleio até lá fora de camisola para abraçar Whinny

e lhe dar uma cenoura. Depois corro para o meu aviário improvisado, subo na árvore e saúdo as aves que se aproximam de mim. Quando reconhecem minha voz e se acomodam ao longo dos meus braços, começo a soluçar de novo porque estou feliz.

O tempo passa. Uma semana, acho. Não presto muita atenção.

Durmo como uma pedra, alternando entre as camas de Juniper e Cove. Nos meus pesadelos, galhos estrangulam Juniper, uma corrente de água engole Cove rapidamente em seu vórtice, e caio sem parar de uma ponte. Os feéricos cacarejam enquanto caio no vale da floresta com uma onda sangrenta.

Meu pai entra correndo no quarto sempre que salto do colchão com um suor frio, meus lábios cuspindo nomes e palavras que se dissolvem antes que eu consiga me lembrar do que disse. Ele me alimenta com torta de frutas e leite morno, depois fica comigo até eu adormecer.

Mais uma semana se passa. É a minha vez de ficar ao lado dele, vendo-o entrar nos sonhos.

Na terceira semana, dormimos, comemos e trabalhamos de acordo com nossa programação normal. Ajudo meu pai a cuidar dos animais, reencontrando-me com as aves e me confortando com a companhia delas. Acaricio as penas da estorninha e a alimento com alpiste da tigela na minha mão. Com os dedos dos pés nus balançando sobre um galho, admiro o perfil aristocrático do falcão e as pinças de seu bico, assobio com o tordo-eremita e compartilho histórias sobre as aves de rapina que vi em outra terra.

Mimo os amigos de Juniper, prometendo ao filhote de cervo favorito dela que ela voltará logo. Brinco com a serpente do lago e faço a mesma promessa em nome de Cove.

Para minha surpresa, meia dúzia de rapazes e moças da aldeia se ofereceram para ajudar meu pai enquanto eu estava fora, já que ele precisava

de mãos extras. Aos 17 e 18 anos, eles gostaram de se ocupar com os animais, então mostro como as coisas funcionam.

O que não faço é satisfazer os idiotas desta cidade. Sou apenas uma pessoa, por isso preciso ir com calma, espalhar minha história em migalhas, se quero uma oportunidade de ter paz um dia. E me conter não é difícil, já que estou conciliando meus próprios pensamentos, e não estou pronta para falar sobre tudo em detalhes.

Então, quando perguntam, sou cuidadosa. Sim, eu estava em Feéria. Sim, consegui sair de lá viva. Não, não quero falar disso ainda, além de dizer que ganhei a minha liberdade de forma justa.

Quero dizer que fiz aliados por lá, porque nem todos são como pensávamos que eram. A maioria deles é cruel, mas alguns não são.

Um deles tem uma disposição mal-humorada, mas um coração frágil.

Um deles tem um sorriso arrogante, mas uma alma infinita.

Eles têm famílias, como nós. Eles vivem entre a fauna bela e feroz, como nós.

Mas guardo isso para mais tarde. Os aldeões ainda não estarão dispostos a digerir isso. E a última coisa de que preciso é de uma multidão indignada atacando minha família.

Desde o meu regresso, nenhum humano desapareceu ou ficou sob a influência do encanto. Meus vizinhos prestam atenção a isso enquanto mantêm a guarda levantada. Não é culpa deles, já que há muitos feéricos que não estão prestes a mudar seus costumes num piscar de olhos.

Essa é a semana em que paro de ter pesadelos e começo a sonhar com uma pena azul, a melodia de uma flauta e a textura do vento. Sonho com sussurros masculinos, mãos que manipulam penas no ar e uma lança de arremesso voadora. Sonho com uma máscara de coruja. Sonho com aquela máscara caindo, revelando o rosto que há por baixo. Sonho com corpos nus

espalhados na grama, o corpo dele preenchendo o meu. Sonho com um beijo no topo do mundo.

Sonho com a perda e a saudade.

Faz parte, eu acho. Há uma dor que só uma pessoa pode causar a você. É uma dor que inventaram sem saber, criada com exclusividade para você.

No final desse primeiro mês, eu me aninho na varanda da frente, oscilando na cadeira de balanço. Ouço meu pai lavando a louça do jantar. Lá em cima, as estrelas piscam, manchando o relvado.

Whinny relincha de sua baia, o falcão grita e o tordo-eremita assobia. Eu me aconchego no centro do suéter de lã enorme de Cove, a malha encobrindo minha camisola, o cheiro de jasmim exalando da gola.

A porta da frente se abre. Meu pai caminha pelas tábuas e se reclina ao meu lado, o braço pendurado na cadeira e tocando meu ombro. Ele inspeciona o trio de lampiões no corrimão. Ainda não reuni coragem para visitar a carroça, mas acendo os lampiões todas as noites, só por precaução.

Uma tigela de cerâmica com torta de maçã aparece sob meu queixo.

— Um mimo secreto — ele diz. — Quando Juniper chegar em casa, não conte que me esqueci de ralar noz-moscada fresca.

Com um leve riso, pego a tigela e enfio o conteúdo na boca. Um momento depois, ele grunhe com carinho:

— Você está comendo muito rápido, Lark.

Giro a colher no prato, o talher fazendo barulho.

— Quem é lento não come mais.

— Você está citando *A Víbora na Cachoeira*?

— Não me lembro do título — digo com a boca cheia. — De qualquer forma, se você esperar muito tempo pelas coisas, perderá a primeira e a segunda chance.

— Aham. Ainda estamos falando da minha comida? — ele pergunta, cauteloso.

Ele não sabe, ele não sabe, ele não sabe.

Meu pai segue meu olhar para a silhueta da montanha além das árvores. Às vezes, aguardo aqui pelas minhas irmãs, ansiando que elas apareçam cambaleando. Outras vezes, espero por um corujão-orelhudo, por uma mensagem, por um bilhete escrito à mão que diga: *sinto sua falta. Preciso de você.*

Volte para mim.

O suspiro corpulento do meu pai preenche a varanda, envolvendo-nos no som.

— Vivi sozinho por tanto tempo na minha vida que me esqueci de como era amar alguém. Isto é, até vocês três aparecerem. Nunca amei ninguém da maneira como amo vocês. Vocês são minhas preciosas desajustadas, sabia disso?

Se eu falar, a represa se romperá. Coloco a tigela no chão e concordo com a cabeça enquanto olho para aquela paisagem mística.

Meu pai ri.

— Vocês foram difíceis desde o início. Juniper, tentando provar seu valor exibindo a inteligência. Cove, tentando confortar os outros, mas sem saber como aliviar as próprias feridas. Você, tentando voar para nunca ficar presa.

Minha língua flexiona, mas não consegue esculpir uma resposta atrevida.

— Você, sempre duvidando do que não está sob seu controle. Você, sempre nos mantendo por perto, com medo de nos perder como perdeu os outros. —A cabeça dele se vira para mim. — Você, sempre pensando que somos tudo de que seu coração precisa, como se tivesse que escolher. Você não sabe, minha menina? Não sabe que não vamos a lugar nenhum?

A pergunta abre meu coração e faz meus olhos arderem.

— É você que vai a algum lugar — ele diz, as palavras saindo pedaço por pedaço, tristonhas. — Lark?

— Hum? — consigo dizer, piscando para a vista embaçada.

Suas palavras tropeçam, depois saem de uma vez:

— Certifique-se de que ele te trate bem.

Minha respiração para. Viro em direção ao olhar de sabe-tudo dele, em direção ao entendimento. Então as minhas feições desmoronaram, e eu me jogo em seus braços, e choro.

Ele sabe. De alguma forma, meu pai sabe.

Quando me afasto, enxugo os olhos.

— Eu me apaixonei por ele.

Seu peito forte puxa o ar e depois o solta.

— Amar alguém é melhor do que detestar, não é?

Rio baixinho.

— Inferno, você é tão sentimental quanto Cove.

— Ela puxou a mim.

As nossas risadas tilintam na floresta. Na praça da cidade, o sino toca. Compartilho os fragmentos que não tinha contado antes sobre Cerulean, as memórias que não ousei me deixar reproduzir.

Com rancor, conto a meu pai do vínculo. A magia uniu Cerulean e eu sem nossa autorização. Essa ligação deveria ter vindo apenas de mim e dele. Deveria ter sido nossa escolha. Os nossos destinos deviam ter pertencido a nós, quer eu viesse ou não para casa.

— Minha menina, nunca sabemos para onde o nosso destino vai nos levar, muito menos quem nossos corações escolhem — Papa Thorne diz. — Mas o que fazemos depois? Isso depende de nós. É um equilíbrio, um compromisso.

Isso é o amor.

— E se esse amor partir meu coração?

— O ódio parte corações. O amor os reforça. — O polegar dele percorre a minha bochecha. — Pergunte a si mesma, como se sentiu antes do primeiro beijo? Antes de toda essa coisa — ele pigarreia — de companheiros. O beijo não foi sua escolha? Esses sentimentos não eram verdadeiros? Eles foram embora ou ficaram mais fortes?

Ele tem razão. Pelas Fábulas, ele tem razão.

Meu pai segura meu queixo.

— Eu não estava à sua espera e, de repente, lá estava você, uma menina coberta de fuligem que se tornou minha filha. Isso é magia, se quer saber minha opinião. Isso é um vínculo do destino, e não me arrependo nem um pouco. — Uma luz incondicional ilumina seu rosto, o tom laranja dos lampiões aquecendo seus traços. — Sentirei muito sua falta. Amo você até as nuvens.

Eu o agarro em outro abraço, minha voz falhando:

— Te amo, pai.

O que ele disse sobre compromisso gira na minha mente, junto com esperança. Eu disse que não deixaria Juniper ou Cove e, se não puder me juntar a elas onde estão, posso estar mais perto delas. E, mesmo que eu não tenha me ligado a Cerulean, eu o escolheria.

Eu não abandono as pessoas que amo – nem humanas, nem feéricas.

— Vou voltar — garanto. — Vou trazê-las de volta também.

Meu pai me puxa para um abraço esmagador.

— Estarei aqui. O santuário estará aqui, e a carroça, e os quartos de vocês. Estarão aqui sempre que quiserem voltar, quantas vezes quiserem, pelo tempo que quiserem. O lar estará aqui.

Meu pai e eu ficamos acordados a noite toda relembrando velhas histórias, saboreando essas últimas horas na varanda, e na cabana, e no santuário. Depois de dormir o dia todo, acordo revigorada ao anoitecer e me preparo para o que vier pela frente. O vestido de algodão flui do meu corpo, o material uma tela em branco que combina com meu cabelo. Tem um decote em V profundo, mangas que afunilam para espirais nos pulsos e uma fenda na saia. Sem franjas ou babados, mas é resistente e tem muitas pontas afiadas.

Depois de vestir a capa e as botas, memorizo o quarto do sótão e fecho a porta. Digo até logo – não adeus – aos meus amigos pássaros, um por um, promessa por promessa. E, na varanda, meu pai me esmaga em um abraço e beija minha testa, soprando carinhos na minha pele.

Inspiro o cheiro dele e absorvo a voz de barítono. Por agora, os vizinhos vão pensar que fiquei maluca e voltei para Feéria, em uma missão para resgatar minhas irmãs. Em parte, é verdade.

O que mais vão descobrir depois? Não consigo pensar tão longe.

Prendo o chicote e saio a pé, poupando Whinny da caminhada. Além do mais, quero que isso demore um pouco, para sentir a jornada, a mudança.

Para essa viagem, não preciso seguir o vento. Sei como chegar lá.

A montanha brilha sob uma poça de luar. Acelero o passo em direção à Tríade, passando pelo trio de espinheiro-branco, carvalho e freixo. O ar ondula de magia e com aquele cheiro estranho de ameixas venenosas, mas atravesso sem problemas. Se vou escolher isso, vou escolher tanto sua luz quanto sua

escuridão.

Marrons-caramelo, verdes-teixo e azuis-pavão lustram a paisagem. A Colônia dos Vaga-lumes brilha, os orbes fervilhantes iluminando a trilha sinuosa.

No beco sem saída, o véu estremece e os degraus da montanha aparecem. Neste local, abracei as minhas irmãs, depois viajamos por caminhos desconhecidos. A memória queima minha garganta, mas sigo em frente. Estou aqui agora. Estou perto delas, e é assim que vai ser até que elas ganhem.

Embora os outros dois portais se escondam à vista de todos, sinto-os se estendendo pelo chão, esculpindo a vegetação rasteira em direção à floresta e ao rio. Faço uma careta para as rotas invisíveis.

— Escolheram as irmãs erradas.

— Ah, espero que sim — um timbre masculino diz. — É mais divertido escolher algo que é ruim para mim.

Suas palavras se espalham pela natureza. Viro-me e sigo a voz, dando de cara com um par de olhos impertinentes. Anéis marrom-escuros cercam pupilas brilhantes, as íris de um tom de marrom rico e derretido. O pigmento escorre de seu rosto como o conteúdo de um cálice, potente o suficiente para embriagar uma pessoa.

Olhos libertinos. Olhos diabólicos.

E o sorriso de um encenqueiro. Reconheço o tipo, já que ganhei uma reputação semelhante em Reverie Hollow.

O feérico está sentado no topo de uma colina, esparramado entre as raízes expostas de uma árvore de carvalho que não estava lá um momento atrás. Seus braços se estendem ao longo das faixas grossas da casca, uma perna esticada, a outra dobrada. A pose astuta traz brincadeiras e sedução à mente.

O cabelo mais ruivo que já vi cai em ondas da cabeça e toca os ombros. Não consigo descrever a cor vívida e inflamatória, exceto que é mais quente que a ferrugem, mais viva que o castanho-alaranjado e mais provocante que o escarlate. É o tom erótico de carmim ou, se estiver se sentindo mórbido, a merda que escorre de uma ferida recente.

Aquele cabelo descontrolado se enrola nas pontas, sacudindo os lados das orelhas pontiagudas. Brincos de bronze pendem como cordas dos lóbulos, as correntes delgadas ornamentadas com pingentes de folhas. Você podia achar que isso chamaria a minha atenção acima de tudo, mas não.

São os chifres. Chifres de veado saem de sua cabeça, formando uma coroa farpada que tem suporte na parte de trás do crânio.

Como Cerulean, o semblante suave do feérico foi esculpido a partir do marfim, embora este elegante não tenha as inclinações excessivas. Na verdade, ele se parece com uma ninfa da floresta masculina, particularmente com aquelas sardas brancas no nariz.

Páginas do Livro das Fábulas vem à tona.

Olhos castanhos. Cabelo vermelho. Chifres de veado.

Apenas um sujeito se encaixa nessa descrição. Meus olhos saltam do colete de couro moldado ao peito, para as calças de camurça que abraçam sua cintura, para o pelo bronzeado que cobre suas panturrilhas até os cascos fendidos onde seus pés deveriam estar.

Esse filho da mãe não é uma ninfa.

Cerro os dentes.

— Puck.

O sátiro inclina a cabeça com um floreio exagerado.

— Ao seu dispor. Você deve ser a infame Lark. Por que tão longe, meu amor? — Ele dá um tapinha no chão e chama: — Junte-se a mim. Eu não

mordo.

Hã?. E dizem que os feéricos não mentem.

O tom dele é muito provocante. Enquanto Cerulean sussurra como uma brisa elegante, Puck balança a língua como se estivesse provando a carne do seu pescoço, logo antes de seus caninos tortuosos perfurarem a pele. É, problemático.

Meus dedos agarram o chicote.

— O que fez com Juniper?

O governante da floresta inclina a cabeça para o lado e bate na boca enrugada.

— Lógico. Nem perdeu tempo antes de perguntar da caçadora erudita e exibida. O que fiz com ela? Ora, essa é uma pergunta alegre.

— Onde ela está?

— *O que fez com Juniper? Onde ela está?* — ele repete, revirando os olhos. — Sabe, cheguei há menos de três minutos e já estou entediado. Não vai querer me ver entediado. Costumo supercompensar por isso.

Puck fica recostado lá, como se fosse o convidado de honra de uma orgia. Sem dúvida, ele também está acostumado com criaturas sentadas em seu colo, enrolando-se ao seu redor como enfeites.

Mas seja qual for a emoção que enrugue o meu rosto, ele parece perceber algo inesperado. Suas íris brilham de surpresa e... algo que não consigo determinar, algo irregular.

— Ora, ora, ora. Você quer mesmo saber.

O que ele fez à minha irmã? Onde ela está?

Por que cacete eu não ia querer saber?

Chego mais perto e solto o chicote.

— Que tal você parar de fazer suspense e me responder?

A emoção não identificada se desfaz no rosto dele. Em seu lugar, o olhar de Puck brilha com malícia, e ele dá de ombros.

— Infelizmente, eu não fodo e abro o bico. Desculpe, meu amor. Embora você possa me inspirar, se quiser. Você tem a marca de uma cotovia que teve as penas completamente arrancadas. Cerulean é bom nisso, não tão bom quanto eu, mas, ora, ninguém é. Diga-me, como é abrir a boceta para alguém mais poderoso que você?

Vejo tudo vermelho.

— Se tocou nela...

Puck se levanta tão rápido que meus dedos sufocam o chicote. Eu achei que aqueles cascos fendidos atrapalhariam seu caminhar, mas ele desce a colina em um ritmo sinuoso e sensual. Não consigo dizer por conta das calças, mas, se o que li é verdade, os membros de veado terminam acima de seus joelhos e continuam nas coxas de um ser humano comum.

O patife é um pouco alto, embora não tanto quanto Cerulean. No entanto, com um rosto perverso como esse, Puck não precisa de uma altura elevada para provar seu ponto de vista.

As Fábulas contêm dezenas de páginas sobre A Floresta Solitária, com ninfas, centauros, leprechauns, duendes e, acima de tudo, sátiros. Os contos avisam virgens e puristas para manterem distância dos caprichos perversos da espécie de Puck. Seus apetites são lendários, sua raça marcada como depravados sexuais que anseiam por sedução e devassidão. Esse feérico é o epítome de todas as coisas lascivas, todas as coisas que inspiram gemidos molhados e gritos agudos de prazer.

Para ser sincera, essas eram algumas das minhas Fábulas favoritas. Mas não da minha irmã.

Os vaga-lumes giram, polvilhando ouro no solo. Puck para na minha frente, cravo apimentado e pinheiro fresco exalando do couro. De perto, observo as

intrincadas faixas de branco e preto em seus cílios, lembrando um cervo.

Cerulean é impressionante. Quanto ao irmão? Puck é muito atrevido, com aquela roupa esquisita, aqueles brincos pendurados e o cabelo ardente.

Enquanto Cerulean gosta de sua roupa confortável e sem restrições, Puck gosta de couro apertado, os fechos garantindo que cada ponto de roupa seria tedioso de remover. Aposto que é intencional – e não porque o fanfarrão quer impedir alguém desnudá-lo. Se eu apostasse, diria que *strip-teases* o divertem, brincar com os limites o excita e deixar seus parceiros fervilhando o empodera, especialmente se suas conquistas são inexperientes.

Conheço o tipo. Já tive a minha cota de idiotas que gostam de brincar com a sobremesa.

— Se eu a toquei — Puck repete, seu timbre sem-vergonha acariciando o ar como um amante. — Tolice. Tocar é para amadores.

— Eu não saberia — rebato. — Por que não me conta mais?

— Ora, ora, *ora* — ele prolonga, impressionado. — Vejo que a pureza não é de família.

— Não, mas os nossos ganchos de direita são.

— Sorte a sua. A dor e o sexo são uma combinação deliciosa. O grande número de idiotas que não aproveitam isso me incomoda.

— O que está obrigando minha irmã a fazer?

Um sorriso sádico se espalha pelo rosto dele. Juniper nunca diz nada sem uma carranca esculpida em suas feições. Em comparação, este trapaceiro não sabe o significado de uma cara séria.

Seus olhos percorrem meu corpo, tirando mentalmente o vestido e admirando o que está por baixo. Se eu chicotear suas bolas, quanto Juniper vai ter que pagar por isso?

Isso é supor muito, já que vai ser preciso coragem para deixar este de

joelhos. Meu companheiro tem um físico esbelto, os músculos tonificados, enquanto este fanfarrão é feito para durar, nem volumoso nem magrinho. Ele está em forma, com um corpo flexível feito para envolver um violoncelo.

Baseado na lenda, esse é o instrumento que toca. Parece se adequar a ele – como o arco longo e a aljava presos às costas. Pela primeira vez, noto as armas predadoras se curvando em suas costas. Este sátiro pode ser um libertino galanteador, mas também é letal.

Um dedo paira sob meu queixo, levantando minha cabeça para encontrar aqueles olhos castanhos pecaminosos.

— Leve uma mensagem ao meu irmão por mim, meu amor.

— Parece que você me confundiu com uma moça de recados sob efeito do encanto.

— Na verdade, pensei que você fosse a única irmã que venceu.

Merda!. Não posso ignorar isso.

— Que porra isso quer dizer?

— As notícias viajam na natureza Solitária. Sua vitória é um tema quente.

É mesmo. Cerulean disse que isso aconteceria.

— Sou a única irmã que ganhou *até agora*. Se você ainda não sabe disso, ainda não conhece bem minha irmã.

Outro sorriso bajulador.

— Certifique-se de entregar a mensagem.

Rosno:

— Você não me deu uma.

— É verdade. Tenho certeza de que vai pensar em alguma coisa.

Pelo amor das Fábulas. Se Cerulean é mestre em distorcer palavras, Puck é um maldito feiticeiro.

— Você é mais astuto que Juniper — digo. — Mas não se engane, seja

qual for o jogo que a obrigou a jogar, você nunca será o mais inteligente.

Puck se aproxima, os brincos tilintando e a respiração mexendo no meu cabelo com uma ameaça deliciosa.

— Ora, mas quem disse que ela precisava ser inteligente?

Estou prestes a derrubá-lo no chão com uma chicotada quando o patife caminha para trás, apertando as mãos atrás das costas como se estivesse escondendo uma brincadeira.

— Agora você vê — ele canta. — Agora não vê.

Por reflexo, vou para a frente e açoito com meu chicote. A ponta não pega nada além de ar quando ele evapora na floresta com uma risada conivente.

Aperto o chicote e encaro o local vazio onde Puck desapareceu. Os vagalumes provocam as folhas de carvalho antes que a árvore se dissolva também, deixando para trás os aromas residuais de cravo e pinheiro.

Se ele fez alguma coisa com Juniper...

Se feriu minha irmã...

Não teria vindo aqui. Ele teria se vangloriado ou negociado comigo. Então, qual é o jogo dele ao aparecer e ser misterioso?

Não deixe que ele veja sua tatuagem.

O aviso de Cove para Juniper é mais uma coisa com a qual me preocupar. Por outro lado, o sátiro se referiu a Juniper como uma caçadora em vez de uma caçadora mercenária, o que significa que não sabe da marca.

Mas o que Puck sabe? Sabe que o irmão já não governa mais o céu? Se sabe, isso o preocupa?

Para o primeiro? Aposto que sim.

Para o último? Não faço ideia.

De acordo com Cerulean, a floresta tem sua própria relação com sua fauna, diferente da montanha e do rio. Não importa o que aconteça no lado selvagem de Cerulean, Puck ainda comanda A Floresta Solitária, e Elixir ainda reina sobre O Rio Solitário.

Mas que droga. Precisa ter um percalço, algo que ameace o poder de Puck em benefício de Juniper, se ela ainda não descobriu sozinha.

Juniper já ouviu falar de mim e de Cerulean? Sabe alguma coisa de Cove?

Por que Puck veio aqui? O que queria?

Eu lhe concedi?

Fecho os olhos e reviso o que sei, o que meu pai disse e o que Cerulean me lembrou. Se cheguei até aqui, minhas irmãs também conseguem. Elas são mais fortes e mais resistentes do que podem parecer para os feéricos. Já vi Juniper manejar a besta, e já vi Cove empunhar aquela lança. Elas vão ficar bem. Vão ficar. Preciso continuar a ter fé nisso. Se souber que não estão bem, haverá consequências horríveis, e serei capaz de fazer algo rebelde.

Rebelde Lark. O apelido reduz meu sangue fervilhante a uma faísca. Sim, sou eu, e é por isso que estou aqui, quer isso irrite ou não a espécie de Cerulean, quer sejamos ou não companheiros.

Eu me viro e corro escada acima, meu coração martelando. No topo, chego à alcova, que se desintegra para desvendar a entrada do labirinto.

Contorno o limiar e me desvio em direção à rotunda. No Parlamento das Corujas, paro diante do trono, meus cabelos espalhados na cabeça. O trono está vazio, mas as aves de rapina pousam nos braços e no encosto. Elas me observam com calma, seus olhos como medalhões inclinados em reconhecimento e admiração.

Eu me curvo, afundando no emblema esculpido no chão, a montanha atravessada por uma lança de arremesso – e a lança de arremesso envolta em um chicote. Ele não é mais um governante, mas a gravura continua sendo um acessório, junto com uma adição, como se tivesse se tornado parte da tradição.

Atordoada, eu me curvo ainda mais para mostrar minha gratidão.

— Estou honrada. — Então, eu me levanto. — E... se não for muito incômodo... preciso da sua ajuda. Por acaso podem me dar uma carona? Sei o caminho, mas é um pouco longe daqui.

Um chirriar sutil percorre o silêncio. Um cinturão de ar balança sobre a

paisagem, carregando o chamado da ave.

Segundos depois, Tímien aparece na cordilheira. Ele se vira, os tufo de suas orelhas cortando nuvens cobertas pela luz do anoitecer, e se desvia na minha direção. Quando poussa, a coruja majestosa me cumprimenta com uma expressão confusa. Eu me levanto e deslizo a mão por suas penas cor de bronze, a franja brilhando e elegante.

— Me leva até ele? — sussurro.

Voando pelo ar, solto o uivo mais alto e selvagem. Meus braços se abrem e lanço a cabeça para trás, e parece tão certo. Parece outro tipo de casa.

Houve um momento em que pensei que só me encaixava em um mundo. Mas nunca fui boa em seguir as regras.

As cortinas dançam nos arcos da Torre da Fauna. A luz branca e azul-esverdeada das estrelas escorre até o gramado. Quando pousamos, beijo a cabeça de Tímien, assustando a criatura, e desço de suas costas. No segundo em que minhas botas batem no solo, luto para tirá-las dos meus pés, pulando e grunhindo, ansiando pela textura da grama sob meus pés descalços.

Finalmente, corro em direção ao jardim silvestre. Os beija-flores voam pelas cercas vivas, e os canários piam de seu ninho, e os falcões mantêm a vigia nas copas das árvores, e o antílope gira ao meu redor. Paro, feliz em cumprimentá-los. Depois disso, desço os caminhos das treliças e em torno das árvores esguias e das tramazeiras – e paro de sobressalto.

Moth bloqueia a trilha, as asas de seda espalhadas como uma barricada e as mãos finas em punhos nos quadris. Pentes se entrelaçam no cabelo de arbusto seco e seus pés estão descalços como os meus. O vestido de fita

amarelo-alaranjado esvoaçando em sua estrutura pequena favorece sua pele brilhosa.

O puma escorrega das cercas vivas e desliza pelas minhas panturrilhas, seus olhos verdes brilhando. Eu me ajoelho e coço atrás das orelhas dela, mantendo-me atenta às suas patas entusiasmadas. Quando se satisfaz, o felino trota para se juntar à cabra da montanha em um jogo de perseguição.

Eu me levanto. Moth deve ter me ouvido chegar, porque mal parece surpresa, suas íris de topázio se estreitando e quase arrancando meu rosto. Ela estufa o peito e me avalia.

— Você não se despediu.

Pisco. Diabos, se não é a última coisa que eu esperaria.

Seu rosto mal-humorado se enruga, ofendido, mas suas pupilas brilham de dor. As bugigangas que ela tirou de mim estão penduradas em seu corpo delicado. A pulseira de juta enrolada no pulso, um saquinho de cordão com pedras enrolado no outro, o colar de cordas de castanheiro e as flores prensadas recém-coladas em seus braços.

Apesar de sua expressão mal-humorada, a culpa me atinge, além de uma sensação amena que se aninha no meu peito. Embora não tivesse tido uma oportunidade – eu não esperava ir embora tão rápido –, arrependo-me de não ter me despedido.

Só não pensei que ela também ficaria chateada.

É estranho sermos simpáticas uma com a outra em vez de sermos espertinhas, e Moth está com o queixo empinado até os céus, por isso lhe faço um favor e encolho os ombros.

— Acho que não sou tão boa em ir embora.

— Você é melhor em ficar, mortal?

— Muito mais, fedelha.

Ela bufa.

— Nunca tivemos um humano vivo entre nossa espécie. É uma controvérsia, pode ter certeza. Quase ninguém está falando com a gente, no momento. Eles o renegaram, incluindo aqueles que defenderam suas ações nas Pontes da Perdição.

A raiva tensiona meu maxilar. Apesar do que revelamos e provamos, apesar do que Cerulean fez durante a Armadilha, e apesar do apoio da fauna, os feéricos da montanha esnobaram seu antigo governante por ter um vínculo com uma humana.

Bem. A minha aldeia faria o mesmo comigo, se descobrissem.

— Não importa — Moth diz, como se tentasse aliviar o golpe. — Por mais que Cerulean se preocupe com aqueles que se aliaram a ele na batalha, ele não está de luto pela perda daqueles que tentaram atacar sua amada. Ademais, estamos equipados para lidar com as rejeições. Afinal, somos Solitários, e a fauna não o rejeitou. Eles agradecem o conselho dele, não importa o que os outros pensem.

— Talvez seja hora de as coisas mudarem — sugiro.

— Um dia — ela espera. — Ainda podem mudar, com o tempo.

Nesse caso, não vou ficar sentada e deixar que nos julguem, e nem ele. E daí se demorar um pouco? Provaremos que a nossa ligação é duradoura, tão forte como qualquer outra ligação, capaz de resistir. Porque, se não o fizermos, nada melhorará em nenhum dos dois mundos.

Algum dia, os mortais exigirão outro acerto de contas com eles, a menos que encontremos uma maneira de fazer a ponte, a menos que cada ser reconheça o que temos em comum e admire o que não temos. Há uma encruzilhada entre magia, humanidade e natureza. É nosso trabalho encontrar aquele lugar, lembrar-lhes que somos todas criaturas desta terra, vivendo e respirando entre a fauna.

Moth resmunga:

— Acho que não é tão horrível assim morar com você. Mas não pense que pode mandar em mim, viu? — Ela inclina a cabeça para o jardim da vida silvestre. — Não sou serva de ninguém, a não ser deles.

— Que tal tentarmos ser amigas, então?

Ela aperta os lábios, prolongando o momento. Por fim, um pequeno sorriso inclina o canto dos lábios e a língua fica inquieta.

— Entãããã...

— Não — aviso, lendo a mente intrometida dela. — Isso é assunto nosso.

— Ele está escrito em todo o seu rosto.

— Continue assim e você terá dor escrita em todo o seu.

— Você nunca me respondeu. Você o ama? — Na mesma hora, ela levanta uma palma virada para cima. — É apenas um lembrete. Não sou eu quem precisa ouvir isso. — Ela examina meus pés descalços e o vestido, depois se afasta e inclina a cabeça para a trilha. — Pode ir. Eu já cansei de ouvi-lo tocar a mesma melodia petulante várias vezes. Então faça algo a respeito disso.

Ela flutua no ar, as asas batendo.

— Vou dispensar os servos... os que se mantiveram leais, pelo menos. Eles vão se deliciar com um intervalo de descanso, e seria bom fazer uma pausa no meu chalé. — Voando rápido, os gritos dela ressoam da torre: — Todos vocês! Saiam!

Com uma risada, corro pelo caminho, atravessando a folhagem e as damas-da-noite.

* * *

O ódio parte corações. O amor os reforça.

As palavras do meu pai me envolvem, misturando-se com o tom prateado da música. Acelero o ritmo, seguindo as notas de uma flauta. A melodia

oscila pelo jardim. Subindo um lance de degraus, chego a outro nível e vou para leste, onde passo pelo arbusto e paro de supetão no lugar.

Ele está dentro do gazebo, recostado em um poste e de frente para a vista. A aljava da flauta está no peitoril enquanto ele toca uma música que flutua ao longo da brisa em uma ondulação longa e contínua. Um casaco tingido de estanho se pendura nos ombros, oscilando na corrente, e as pontas do cabelo roçam o colarinho virado para cima.

Meu coração ansioso bate no peito. Ele está tão perdido na flauta que não me ouviu. Pode ser que, além de vários outros culpados, seus sentidos foram reduzidos porque não somos esse tipo de companheiros, e talvez porque suas feridas de batalha não tenham cicatrizado completamente, seu poder drenado até que saiem. As asas são invisíveis, escondidas nas omoplatas, então não tenho certeza.

Meus joelhos vacilam. Arrasto os pés, fico inquieta e faço coisas que normalmente não faço na frente de caras, porque nenhum deles importava assim. Nenhum deles me despiu até o osso e depois confessou que os desarme. Nenhum deles me mostrou o vento, ainda assim acreditava que eu não tinha que voar para me salvar.

Nenhum deles amava animais como eu. Nenhum deles entendia essa paixão. Nenhum deles a compartilhava. Nenhum deles me empurrou para a raiva em um segundo, e para o êxtase no outro. Nenhum deles me confessou os seus demônios e ouviu os meus. Nenhum deles foi criado pela fauna selvagem. Nenhum deles me encheu de perda e saudade.

Eu te amo.

A música desaparece parando abruptamente. Sua cabeça se levanta e seu corpo endurece, uma rocha de braços e pernas se flexionando, tensos.

Devagar, sua cabeça vira. Por cima do ombro, ele me vê.

A flauta tilinta quando cai no chão. Os olhos de Cerulean brilham, suas

íris resplandecendo com descrença. Ele se vira, instável, piscando como se eu fosse uma aparição. Seus traços relaxados absorvem meu rosto, saboreiam o vestido branco e se suavizam ao ver meus pés descalços antes de encontrar meu olhar outra vez.

Distraída, eu me agarro ao poste de tocha mais próximo, para me impedir de desmoronar. É tudo o que posso fazer para não me jogar nele.

O vento se joga na bainha do casaco dele, o material batendo nas panturrilhas, e ele está com as mangas enroladas até os antebraços. Uma camisa solta cai sobre calças largas da cor do ferro. A longa mecha de cabelo azul-obsidiana se estende do resto da cabelereira dele, a ponta de penas balançando naquele peito perpetuamente exposto.

Ele sempre teve muita audácia, penso com carinho.

— Rebelde Lark — ele sussurra, o som descendo pela minha coluna.

Minha língua para dentro da boca, incapaz de produzir um comentário sarcástico, ou genuíno, ou quebrado, ou terno. Não até o segundo que Cerulean rompe com o estupor e sai do gazebo. Uma mistura de emoções – alegria repleta e determinação predatória – consome seu rosto, mas se ele me tocar agora, estou perdida.

E tenho coisas para desempacotar primeiro, e também não sei como fazer isso, como ser verdadeira com alguém, e não quero estragar tudo, e estou com medo, e então solto a primeira coisa que vai impedi-lo de chegar até mim.

— Notícias de Puck — deixo escapar.

No meio do caminho, as botas de Cerulean param na grama. As tochas banham seu semblante em âmbar.

— Meu irmão te encurralou?

— Ele apareceu além da Tríade.

Cerulean sibila, as palavras afiadas como a borda de uma lâmina.

— Ele te machucou?

— De jeito nenhum, mas ele... — Desisto. — Não faço a mínima ideia do que o Puck está tramando. Eu mal entendi metade do que aquele enigmático disse.

Continuo para preencher o silêncio, descrevendo o meu encontro com o irmão dele, incluindo tantos detalhes de quanto me lembro, até o sorriso astuto do idiota e os comentários sem sentido.

Cerulean examina o chão, pensando.

— Puck não teria aparecido se não estivesse em uma posição vulnerável. Ele veio até você, à procura de informações.

Ora, ora, ora. Você quer mesmo saber.

O comentário do sátiro ecoa em minha mente, a percepção despertando.

— Ele sabe que eu ganhei. Agora que tenho a vantagem, sem mencionar que ele me encontrou andando na selva, ele presumiu que eu estava ajudando Juniper, até que percebeu que eu não estava. Porque, se estivesse, não teria feito perguntas do paradeiro da minha irmã ou do que ele a está fazendo passar. Eu já saberia desses detalhes. Mas por que ele pensaria...?

— Porque seja lá o que ele esteja forçando sua irmã a fazer, ela está excedendo as expectativas dele — Cerulean conclui.

Parece mesmo a Juniper. Puck a chamou de exibida, o que é verdade. Uma palavra que descreve minha irmã é perfeccionista.

Ora, mas quem disse que ela precisava ser inteligente?

Eu me animo. Não vou deixar os comentários da despedida de Puck acabarem com as minhas esperanças por Juniper. Tenho de manter a fé nela, do jeito como ela mantém a fé em mim. Não sei o que o sátiro está tramando, mas minha irmã não é um alvo fácil.

Cerulean concorda com a cabeça.

— Se ele se encontrou com você, poderia haver uma vantagem extra, alguma tática remota para beneficiar suas irmãs. No entanto, Puck é astuto, Elixir é malévolo e a natureza não deve ser ignorada. Garantir uma vantagem exigirá um planejamento minucioso.

— Estou dentro — digo. — Faremos isso juntos.

A reverência ilumina seus traços, mas algo os eclipsa – um coração partido mascarado sob uma profunda camada de compreensão.

— Então você voltou para estar perto delas.

Se eu pedir, ele vai me deixar ficar aqui até minhas irmãs ganharem, até eu poder levá-las para casa. Mas não quero apenas ficar aqui nesta terra mística e brutal. Quero muito mais, porque sou assim gananciosa e louca por este feérico.

— Não só isso. — Meus pés me carregam pela grama até que eu esteja diante dele, absorvendo a turbulência de seu olhar, aberto e verdadeiro e meu.
— Voltei por você.

— Por mim — ele ecoa.

Concordo e abaixo a cabeça. Eu sinto muitas coisas, coisas demais para enjaular, então meu coração sobe pela garganta, e transborda.

— Porque eu não me importo em sermos companheiros, ou não ter um vínculo sensorial, ou todos nos desprezando, ou morrer enquanto você viverá para sempre. Nós temos o hoje, e quero o hoje, porque isso é verdadeiro. Sempre foi verdadeiro desde que o conheci naquela forja, e isso não vai mudar, e termos um vínculo não tem nada a ver com isso. E não sei o que vai acontecer com minhas irmãs, mas podemos encontrar uma maneira de ajudá-las. E juntos podemos encontrar uma forma de ajudar a selva a sobreviver sem sacrificar os mortais. E não temos que ficar separados para unir os nossos mundos, porque também vamos encontrar uma maneira de contornar isso. É muita coisa para enfrentar, então estaremos ocupados pra caralho, mas há uma passagem em algum lugar, uma conexão entre todas essas coisas. Tem que ter. Por isso, preciso estar aqui, e quero estar aqui, e quero fazer deste lugar um lar contigo, porque amo você. Eu o amo tanto. Eu amo...

Um par de mãos fortes agarram minha cintura e me puxam para frente. Os nossos corpos colidem, e a boca dele desce, afundando-se na minha. Com um gemido, eu me atiro no beijo. Minha boca se parte com a dele, abrindo-se e recebendo o chicote quente de sua língua.

O gemido de Cerulean atravessa meus lábios. Nossas bocas se inclinam e se agarram, a língua dele entrando e saindo, incinerando meus pensamentos até

que se tornem cinzas. Umidade se acumula entre minhas pernas. Meus dedos coçam para arrancar as roupas dele e sentir seus quadris estalando entre minhas coxas. Não sou a única a ficar agitada, mas Cerulean se afasta, em seguida segura os dois lados do meu rosto.

— Eu te amo — ele entoa. — Como eu te amo. Eu te amei desde que trouxe luz para aquela forja e estendeu os dedos por aquela gaiola. — Ele meneia a cabeça. — Mas não mereço isso.

— Besteira — ronrono. — Você me tem.

— Você voltou para ficar comigo.

O vestido roça a camisa dele, meus batimentos frenéticos dentro de mim. Quanto ao meu corpo, não está nem de longe saciado, mas agora que tenho um segundo para processar...

— E para fazer um acordo.

Cerulean se contorce, os lábios azuis se inclinando em um sorriso.

— Hum. Somos uma terrível influência um para o outro. Diga suas condições.

— Vivemos aqui nesta torre, neste jardim de vida silvestre. Vamos servir os animais, você vai me mostrar a sua cultura, menos as orgias, mas definitivamente incluindo a comida, e vou lhe dizer mais sobre a minha. E você tocará a flauta para mim todas as noites, e depois de fodermos até a exaustão, e quero dizer exaustão mesmo, adormeceremos e acordaremos juntos. — Minha voz vacila e meus olhos ficam turvos, e continuo: — Mas posso viajar para casa quantas vezes quiser, para visitar meu pai, para fazer o que tenho feito.

Para cuidar dos meus amigos do santuário. Para resgatá-los de caçadores mercenários. Para encontrar uma maneira de consertar essa merda, bem como esta divisão entre o meu povo e a sua espécie.

Seus polegares musicais traçam as minhas bochechas.

— Ah, minha rebelde. Você, de todas as pessoas, deveria saber que não precisa fazer um acordo por isso.

Sei que não, porque a minha escolha é um direito meu. Só queria ouvi-lo dizer isso.

— Embora, se você me permitir — Cerulean acrescenta —, gostaria de me juntar a você nessas viagens sempre que Moth puder cuidar do jardim sozinha. Quero ver seu mundo através dos seus olhos.

Encaro-o fixamente, analisando a resposta dele.

— Sem encanto em ninguém além de você.

— Feito.

— Combinado.

— Só que não precisa ser um acordo. Não precisa fazer concessões... — Cerulean se afasta, os olhos se arregalando. — Concessões — ele repete para si mesmo, depois inclina a cabeça e ri com incredulidade. — Eu sou um grande tolo.

— O quê? — pressiono. — O que é?

Ele encontra o meu olhar perplexo.

— A escolha. Sua escolha de permanecer humana não significa que vou viver mais do que você. Como companheiros, temos o poder de fazer concessões, nem vivendo para sempre nem vivendo pouco tempo.

A admiração inunda meus sentidos.

— Uma vida prolongada? Como?

— Magia.

— Pare com isso — falo bruscamente, batendo no ombro dele.

— Tudo bem. Um acordo por um acordo. — Cerulean me aproxima dele.

— *Sob as estrelas traiçoeiras, uma Coruja se encontrou com uma Cotovia.*

Olho para ele, sem saber para onde está levando isso.

— *E a Cotovia disse: “Podemos voar separados, mas que nossa direção seja a mesma”.*

Fábulas eternas. Ele está certo.

O Horizonte que Nunca Mente me disse a verdade, mas os pégasos afirmaram que interpretar e viver essa verdade estava em meu poder. A decisão é nossa, um equilíbrio entre iguais. Companheiros sem a ligação sensorial, mas com uma paixão que desafia nossas espécies. Cerulean e eu, envelhecendo juntos, porque somos assim. É isso que nos tornamos.

Somos a mortalidade e a magia. Somos amantes e companheiros.

Somos uma humana e um feérico. Estamos felizes.

— Vamos envelhecer devagar — Cerulean diz. — Bem devagar.

— Ou seja? — pergunto, penteando seu cabelo.

Ele rouba meu pulso e leva aos lábios.

— Será que você está disposta a me tolerar por alguns séculos?

Levo um momento para me recuperar disso. Finjo refletir, adorando a expressão rabugenta de Cerulean quando hesito por muito tempo. Sim, ele é um feérico mimado.

Está bem, vou ter pena dele.

— Apenas alguns? Acho que dou um jeito.

— Humana cruel — ele repreende, as mãos queimando um caminho até a minha bunda, segurando com força e me prendendo a ele. — Agora. Você mencionou alguma coisa sobre foder um ao outro até a exaustão. — Aqueles lábios escuros se inclinam. — Certamente conseguimos fazer melhor do que isso.

Putá merda.

— Você não provocaria uma garota, não é?

Com um sorriso maligno, ele me arranca do chão. Grito, rindo e passando as pernas por sua cintura quando suas asas se abrem. Elas estão de certa forma curadas, novas penas nascendo nas membranas.

É o suficiente para nos impulsionar. Cerulean nos leva sobre o jardim da vida silvestre, suas asas ao vento e nos direcionando à torre. Os braços dele estão na minha bunda, mantendo-me segura.

O ar ameno emaranha nosso cabelo. Sinto a elevação cercar minhas panturrilhas, mas não me preocupo. Enquanto estou enrolada nele, agarro seus lábios no meio do voo e sinto seus olhos se fecharem, porque ele conhece o caminho sem ver. Nossas bocas se contorcem, as línguas batem e recuam, provando os suspiros um do outro.

Ele passa por uma cortina, as botas batem no chão e eu deslizo para baixo, meus lábios se recusando a deixar os dele. Nós tropeçamos pelo ambiente não identificado. Cerulean coloca uma mão na minha bochecha e agarra meu quadril com a outra, a boca dele se enterrando na minha. Uma rajada rápida sugere que suas asas se retraíram nas costas, penetrando em suas roupas e deslizando entre os ombros.

No beijo, sinto a força do seu queixo quadrado. Os nossos pés arranham o chão, os dedos frenéticos mexendo no casaco dele. Impaciente, eu me afasto dos lábios dele e puxo a roupa pelos seus braços. Ele tira o resto, o material batendo no chão.

Dou uma olhada rápida ao redor do espaço. As paredes de pedra lisas, a lareira oval central, as janelas arqueadas e as cortinas esvoaçantes, o teto da torre coberto de escamas de hera, as plantadeiras penduradas que gotejam fios de vegetação e a estrutura de madeira da cama e os lençóis bege, com pedaços de pano em volta.

O quarto dele. Estamos no quarto dele, no nível mais alto da torre.

Pendurada na parede oposta à cama, há uma velha pluma com listras de

um caramelo queimado. É a pena de um pássaro mortal, arrancada da máscara de uma humana, de quando a usuária era uma criança.

Minha cabeça se vira depressa em direção a Cerulean. Ele sorri com malícia.

— Você não estava olhando.

Nove anos atrás, tirei uma pena dele, e o Horizonte a engoliu.

Nove anos atrás, ele tirou uma pena minha, e esta moldura a preservou. Ele poderia ter usado a pluma para perguntar ao Horizonte sobre mim, mas não o fez, porque... era tudo o que restava de nós. Não preciso perguntar. Vejo no rosto dele.

Beijo aquele rosto sem parar e o empurro em direção à cama. Nossa respiração ofegante ecoa no espaço, nesta torre vazia, onde ninguém está por perto, pois Moth mandou os ocupantes para longe. Também não vi Tímien na torre.

Somos só eu e Cerulean. Somos só nós, o que significa que podemos fazer o barulho quisermos.

Nossas testas se encontram, nossas respirações roucas se chocam. Seus dedos deslizam a capa para fora dos meus ombros, jogam-na de lado e se prendem sob as alças do meu vestido. O algodão sussurra na minha pele, acariciando meus quadris antes de ficar como uma poça aos meus pés.

— *Falleck* — ele murmura. — Linda.

Agarro o V ridiculamente profundo de sua camisa, que se abre até o umbigo, e dou um puxão acentuado. O material se rasga, o som atravessando a sala. Cerulean mostra uma fileira de caninos esculpidos e tira a camisa, expondo aquele torso sexy. Fico com água na boca ao ver seus mamilos rosa-escuros e seu abdômen musculoso.

— Bonito — respondo, depois coloco minhas mãos no seu peitoral e o

empurro.

As costas de Cerulean batem no colchão. Caminho até ele só com a calcinha enquanto ele rasteja para trás, nossos olhares sombrios estão fixos um no outro. Os travesseiros sacodem e as cortinas se oscilam. Com ele deitado debaixo de mim, tiro os brincos das orelhas, expondo as cartilagens desprotegidas.

Prendo os cotovelos dele, inclino a cabeça e lambo a borda de uma orelha pontiaguda. Suas articulações ficam tensas, os músculos se enrijecendo. Um som indecifrável sai dele, que se multiplica em uma série de gemidos graves quando enfio minha língua na fenda e no lóbulo. Então chupo o todo de sua orelha.

— Porra! — ele explode, seu sotaque mais marcado.

Beijo a cadência indefesa dos lábios dele, provando seu sabor. Mas isso não vai ser suficiente. Preciso de mais dele, mais do seu gosto.

— Não se mexa — aviso, antes de deslizar pelo peito dele. Minha boca aberta torce os mamilos, mordisca a barriga e beija o quadril. Respirações masculinas saem de seus pulmões, rasas e graves, especialmente quando meus dedos abrem o fecho de suas calças. Com base em seus punhos, ele quer ajudar, mas obedece ao meu pedido.

Faço um trabalho lento e provocador com as calças, arrastando-as por suas pernas e jogando-as de lado. Esparramado e nu, ele é a criatura mais deliciosa e perigosa que já vi. Clavículas delgadas. Cicatrizes de ferro que marcam seus braços. Manchas rosadas de excitação que cobrem sua pele. O pulso batendo no pescoço. E os tufo de pelo entre os quadris.

O comprimento firme de Cerulean sobe do centro de seu corpo, corado e emitindo calor. Fixo o olhar no seu, encantado, suas pupilas cobertas de ônix. Com um sorriso atrevido, abaixo a cabeça e deslizo a língua pelo membro ereto.

Ele clama algo na língua feérica, as palavras cristalinas fazendo cócegas na minha espinha. E, pelas Fábulas, ele tem gosto de sal e sexo, de magia e luxúria e amor. Quis cair de boca nele assim desde a nossa primeira vez no jardim, naquela rocha musgosa.

Passo a língua no pau dele desde a base até a ponta, girando-a ao redor da circunferência intumescida. O corpo de Cerulean treme, sua respiração rápida e entrecortada. Minha boca o leva ao limite, lambendo a fenda, provocando toda sua carne. Sou implacável, castigo-o por tudo, perdoo-o por tudo, pegando o que quero e retribuindo.

Meus lábios se separam e se apertam em volta da cabeça escura. Os quadris dele empurram para frente, então os pressiono para baixo, prendendo-o no lugar. Com a boca no membro ereto, sugo a ponta e depois abocanho o resto do comprimento. Com movimentos leves da minha cabeça, cada puxão arranca gemidos seus, persuadindo-os a serem deixados no ar.

Faço um trabalho de língua completo, absorvendo sua essência, assediando-o com a cadência e a profundidade da minha boca. Cerulean pode lutar para ficar quieto. Pode resistir à tentação de apertar meu crânio e intensificar as sensações, mas não se segura com a boca. Seus arquejos se solidificam em gemidos, a confusão erótica de barulho acariciando entre minhas pernas.

A umidade cresce lá, meu corpo febril querendo mais, muito mais. Quero tanto que perco o controle e agarro sua bunda, prendendo Cerulean enquanto meus lábios o puxam, chupando seu pau o mais fundo que posso. Suas pernas ficam tensas, sua respiração fica pesada e ele murmura outra coisa na língua feérica e estrangeira.

E então ele está convulsionando, gritando para o teto. E eu o consumo. E ele é meu, todo meu.

Mas não tenho tempo para me vangloriar ou saborear a doçura dele no meu paladar, porque suas mãos cobrem minha bunda. O mundo gira.

Cerulean nos vira, sua cintura nua caindo entre minhas coxas e as abrindo.

Minha calcinha e a faixa segurando meus seios desaparecem. O material minúsculo se despedaça e cai da cama, deixando-me tão nua quanto ele. Nossos corpos se alinham, o peso dele me enterrando nos lençóis, meus mamilos enrijecidos roçando o peito dele.

Suas asas saem da parte superior das costas. Um dossel de plumas nos flanqueia, estendendo-se além da cama, fechando-nos, escondendo-nos.

Minha cabeça vai com força para trás quando a boca de Cerulean se agarra ao meu pescoço, sugando sensível jugular, desabalado. Eu me contorço, minhas unhas descendo pelas costas dele e cobrindo sua bunda. Minha cinta-liga brilha, minha perna apoiada em seu quadril enquanto meus joelhos o envolvem.

Cerulean murmura coisas que não consigo ouvir, sua boca encostada nos meus seios. Ele dá voltas em um mamilo, cada movimento enviando tremores pela minha coluna. Meu corpo se arqueia, minha pele pegando fogo quando ele muda para o outro seio. Ele circula com a língua, se demora no pico e depois funde os lábios ao redor do bico, pegando o mamilo enrijecido na caverna de sua boca.

A excitação inunda minha boceta, me encharcando por completo. Solto um gemido entrecortado. Meus tornozelos envolvem sua cintura, porque não posso esperar, não consigo aguentar, não posso suportar.

Ele sabe, e gosta. É por isso que ele me faz esperar, o que é muito rude, e...

— Uhh — choramingo, quando a ponta do pau se projeta entre minhas pernas, mergulhando na umidade com um movimento curto dos quadris.

Todos os pensamentos derretem, estreitando-se para o lugar onde o pau dele circunda, abrindo minhas paredes, esticando-as. Minhas coxas se abrem mais. Começo a tremer, uma dor deliciosa atingindo o local em que ele bate,

mas nunca entra.

Solto um gemido, e outro, e outro ao ritmo dos golpes de seu corpo. Cerulean se inclina e canta no meu ouvido:

— Assim, minha preciosa Lark. Me mostre onde dói.

— Cerulean — imploro, rosno, choramingo. — Meu.

Ele geme:

— Seu. Todo seu.

Ele se suspende acima de mim, coloca uma mão de cada lado da minha cabeça – e se empurra totalmente para dentro da fenda. Seu pau se lança para dentro, na abertura das minhas pernas, preenchendo a passagem escorregadia do meu corpo.

Minha carne interior envolve o pau dele, nos encharcando. Nossos olhares se mantêm um no outro enquanto sacudimos pelos lençóis. Ele desliza meus braços para cima e entrelaça nossos dedos no topo da cama. Seus quadris entram e saem, nossos gemidos se acelerando com o movimento agitado do seu comprimento.

Inclino a cabeça para a dele, aproximando nossos olhos. Nossos queixos caem, nossas bocas roçando e soltando gritos de prazer. A intimidade empurra meus limites, porque é assim que é fazer amor rispidamente, foder com carinho.

Não é o mesmo amor de quando éramos crianças, mas não quero que seja, e ele também não. Este vínculo é desordenado e complicado. É irregular, uma colcha de retalhos de rancores, acordos, devoção e amizade. É uma mistura de risos e conforto, confissões e desejos. É uma jornada egoísta e altruísta. É vulnerável e poderoso.

Somos nós no pior e no melhor.

Mexo os quadris, e Cerulean entende. Ele cede ao meu peso enquanto nos

viro de novo, suas asas acomodando o movimento, estendendo-se pelos lençóis amarrotados. E lá está ele. Minha criatura sombria e cruel.

Eu o monto e cavalgo seus quadris. Minha cintura vai para frente e para trás, montando seu pau, chicoteando-o dentro de mim. Cada onda envia prazer através das minhas veias. Ele agarra meus quadris e aumenta o ritmo, penetrando seu calor longo e firme dentro de mim. Nossas sombras se misturam nas paredes de pedra. Continuamos assim até que estou gemendo, exasperada e irracional.

Cerulean se senta, para que fiquemos nivelados, cara a cara. Coloco as minhas mãos na sua nuca, e ele beija meu ombro, e nossas bocas caem uma na outra. Seu pau balança para fora e para dentro, os golpes marcados pelos nossos gemidos. Ele segura minha bunda e avança em mim, acariciando, apalpando, de novo, de novo, de novo.

Daquele. Jeito.

Nós nos arremessamos para o teto, atacando um ao outro. O pau dele salta nas minhas paredes encharcadas, abrindo-as.

E então, e então, e *então*.

Gemidos de uma mortal e de um feérico se transformam em um nó. Nos agarramos um ao outro, apertado, e nos deixamos voar.

Nossos corpos rebolam, contraindo onde estão unidos. Minha boceta aperta seu pau, os músculos tremendo com prazer e lançando manchas brancas na minha visão. Minhas costas arqueiam da cama e meus dedos apertam sua bunda enquanto ele penetra em mim.

O vento entra no ambiente, abrindo caminho pelas cortinas. Gozo com um berro, e ele goza com um grito. A liberação passa por nós e se derrama das nossas línguas para a noite.

Juntos, caímos na cama, desmaiando em um monte desolado. E depois rimos. Estamos rindo, suados e cansados. E longe de terminar.

O vendaval se acalma, transformando-se em uma brisa suave que agita os lençóis. Nos ajeitamos, para que ele se aninhe entre minhas coxas. Seu polegar alisa o relevo de cicatrizes que cobrem meus joelhos, e faço o mesmo com as marcas de ferro que assinalam seus braços.

A transpiração reveste nossa pele. Meu peito se infla contra o dele, sugando profundas rajadas de oxigênio. Afasto uma mecha úmida da cabeça dele e brinco com aquela única trança azul, meus dedos buscando a pena. Ele passa a boca na minha, deixando-me excitada em segundos.

Nós sussurramos por horas. Nos tocamos e nos exploramos. Aprendemos os pontos fracos, os pontos poderosos, os pontos doces e os pontos que causam gemidos de um e do outro.

Ele distorce as palavras e eu não caio. Eu flerto, e ele seduz.

Sou jovem, mas faz muito tempo que não me sinto assim. Ele é antigo, mas faz ainda mais tempo desde que sentiu isso também. Temos um monte de anos para compensar e alguns séculos para isso.

Ele embala minha mão na dele e me diz:

— Quero que você preencha este quarto com tudo que é você. Quero que esta torre seja tanto sua quanto minha, se você também quiser.

— Parece uma boa ideia — declaro.

Conversamos e nos beijamos até dormir. Então acordamos e me viro nos lençóis para encontrar Cerulean apoiado ao meu lado, os lençóis mal cobrindo as partes indecentes. Ele esfrega meu tornozelo e me observa com um sorriso lânguido. Todo elegante, todo cheio de falhas, todo ele.

Mais tarde, vou ficar nua no arco e absorver a vista. E ele vai vir por trás de mim e envolver o meu corpo no dele. Ele vai morder a curva do meu pescoço, e vou virar a cabeça para encontrar seus lábios.

Vamos passear pelo jardim da vida silvestre e vamos partilhar a nossa

primeira refeição juntos. E vamos descobrir uma nova maneira de restaurar este labirinto montanhoso, e vamos apresentá-lo à fauna, e vamos montar uma campanha para convencer os Solitários. E vamos descobrir o que minhas irmãs estão enfrentando.

E vamos voar pela vista. Talvez Tímien nos dê uma carona, para que as asas de Cerulean continuem a sarar. Talvez eu voe com ele, ou talvez aquele rouxinol me honre com outra viagem, e vamos passear um ao lado do outro.

Até lá, abro os braços, meus seios derramando de debaixo das cobertas.

— Vai deixar uma garota esperando?

Cerulean balança a cabeça.

— Tenha muito cuidado. Eles dizem que eu sou perverso.

— E dizem que eu sou rebelde. Acho que isso nos deixa quites.

Com um brilho malicioso, ele joga os lençóis para o lado. Transamos de novo, as investidas profundas de seu quadril arrancando gemidos intermináveis dos meus lábios. Nossos membros se entrelaçam no topo desta torre, nossas vozes soando como aço do cume desta montanha.

Diria que suavizamos depois disso, mas estaria mentindo.

Às vezes, ele me persegue por uma ponte, nós dois brigando, nossas vozes colidindo ao longo da cordilheira. Discutimos sobre o passado e o futuro, sobre os imortais e a humanidade, e o equilíbrio entre eles. Quando ele insulta, eu grito.

Diria que ficamos mais duros depois disso, mas isso também não é verdade.

Na maioria das vezes, debatemos, rimos e provocamos. Sei o que vai ser, baseado na inclinação do seu sorriso e na profundidade dos seus sussurros, ou no ritmo do meu coração e na ousadia do meu tom.

Nos encontramos no meio caminho. Ele entra em um ambiente com um

brilho voraz nos olhos e palavras astutas empoleiradas na língua. Quando os lábios dele arrebatam os meus, eu o beijo de volta.

Diria que é puro, mas não somos mais crianças.

Posso sentir uma pontada tortuosa no seu olhar, ou nas notas da sua flauta. Ele pode me pegar num humor rebelde, resmungando sobre magia e depois fechando as cortinas em seu rosto.

Posso acordar com o vento subindo os lençóis pelas panturrilhas. Nesse caso, viro em cima dele antes que possa ficar mais sorrateiro.

Ele pode sonhar enquanto eu vejo suas pestanas vibrarem, e ele sente isso, e estende a mão, entrelaçando nossos dedos com força.

Há noites em que nos perdemos em um tumulto apaixonado, marchando para longe do penhasco antes de dizer algo de que nos arrependemos. Mas, eventualmente, encontramos o caminho de volta um para o outro.

Outras noites? Estamos nus demais para sair da cama. Ou é rápido e desesperado, ou é lento e agonizante. É sempre a felicidade.

Estamos sensíveis num dia, delirantes no outro. Somos mudanças de humor e promessas, desejos e proximidade. Somos separados e somos um só.

Diria que sei o que esperar daqui em diante, mas não faço ideia.

Não sei o que nos espera, só que enfrentaremos juntos.

Não sei o que vai acontecer às minhas irmãs, só que espero por um sinal. Quanto ao resto? São as fábulas delas para contar.

Por isso, vou lhe dizer só mais uma coisa. Muitas vezes, humanos e feéricos se tornam inimigos. Mas, de vez em quando, tornam-se algo inesperado, algo mais.

Olhe atentamente, mas mantenha o seu juízo tão amplo quanto o horizonte. Esteja armado, mas mantenha o coração aberto.

Porque, às vezes, eles se apaixonam por você. E, às vezes, nós os amamos

também.

Epílogo

Cerulean

Ela leva o céu nos ombros. Parada na borda do promontório, ela olha para a cordilheira, o cabelo derretendo na saia esvoaçante de sua camisola. A luz da lua escorre por sua silhueta, iluminando sua pele para que pareça tão translúcida quanto o vento.

Gosto de vê-la assim – intocável como uma nuvem.

Ah, mas como sou mimado. Ainda assim, adoro o benefício de ter o privilégio de tocá-la. Só de pensar nisso desperta uma brisa inebriante, o fluxo farfalhando erratically no meu peito nu, perturbando a trança azul pendurada na minha pele. Enquanto a espio através das cortinas do nosso quarto, passo um dedo para cima e para baixo na ponta de penas, minha boca se curvando com malícia.

Tenha muito cuidado. Acalme-se.

Bufo. Para dizer o mínimo, não vou seguir meu próprio conselho.

Nasci acreditando que os humanos eram inferiores a mim, desde a falta de magia até as formas de seus corpos, sem partes das maravilhas da natureza, nem um único traço de fauna a seu favor. Na melhor das hipóteses, considerava os mortais desinteressantes.

Ela provou que eu estava errado. O cabelo dela é um emaranhado selvagem, fios de finos e transparentes balançando no rosto. Seu corpo é um pico de penhasco, esbelto, mas forte, lutando para chegar aos céus, apesar de sua incapacidade de voar. Ela é uma cotovia, o pássaro raro que canta enquanto está no ar. Ela é minha captora e meu ídolo.

— *Minn ó vjafnmadur* — sussurro. — Minha igual.

Em todos os sentidos, em todos os momentos, ela tem sido a minha ruína. E como aprecio meus erros, minha desorientação atroz. Se não fosse por isso,

teria perdido a oportunidade de descobrir esta fêmea. E, por isso, admiro meu amor quando ela não está olhando. Não tenho desculpas, pois é minha maneira favorita de saboreá-la, absorvê-la, consumi-la.

Que guloso da minha parte. Que maravilha vê-la em um momento solitário.

Não seria a primeira vez, nem será a última. Para ter certeza, sou esse tipo de sorrateiro.

Desde o nosso primeiro encontro, eu a observei mil e doze vezes. Bem, treze, contando esta noite.

Como crianças, estudei seu perfil entre as barras da minha gaiola. Como estranhos, olhei para as sombras de um penhasco enquanto ela invadia meu reino. Como inimigos, observei do meu trono enquanto ela enfrentava minha espécie, seu chicote se desenrolando para a batalha, seus olhos como anéis de mercúrio, uma tempestade se formando em seu rosto. A visão tinha sido nada menos que assombrosa, tudo perto de hipnotizante e, no final, extremamente exasperante.

Naquele momento, fiquei grato pelo meu assento, pois ela não comprometeu meu equilíbrio. No entanto, sofri, mal conseguindo ficar parado. Ansiei por saltar do trono, diminuir a distância entre nós e fazer coisas irreparáveis com sua boca.

Eu a vi brincar com rouxinóis e fazer amizade com a minha família da fauna. Eu a vi me procurar em um salão de baile lotado. Eu vi a cabeça dela tombar para trás em êxtase enquanto meu corpo a fodia, as investidas dos meus quadris abrindo suas pernas como asas, aquelas coxas atraentes tremendo em torno da minha cintura.

No momento, eu me recosto em um arco e inclino a cabeça. Ela se entrega à vista estrelada, depois coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha arredondada e fecha os olhos.

A visão da sua felicidade leva o meu sangue a uma tempestade, o meu

comprimento se endurecendo e a ponta estremecendo. Na verdade, meu pau está sempre à mercê dela. Embora eu dificilmente esteja lamentando, pois ainda tenho muitos truques prazerosos para compartilhar com ela.

Minhas omoplatas formigam, as asas coçando sob os ossos, contorcendo-se para se libertarem e se espalharem. Para não dizer nada sobre as pontas das minhas orelhas. Pelas Fábulas, esta mulher e suas tentações.

Chega disso. Agora chega.

Sinto um sorriso malicioso invadir meu rosto. Dois painéis de penas explodem das minhas costas, estalando para fora e se flexionando para seu melhor proveito. Nós, feéricos alados, temos a tendência de nos exhibir assim, particularmente com nossos companheiros. Por outro lado, ela sempre foi um desafio para impressionar, que é precisamente a maneira que prefiro.

A arcada de penas arrebatava uma corrente de ar e me lança para fora do parapeito. Vou em sua direção, o ar inchando sob as palhetas e fazendo as franjas tremularem. Meu voo é voraz, ao mesmo tempo carente e predatório. Sou cuidadoso na descida, flutuando silenciosamente até o chão, para não agitar o vento e alertá-la. Desse jeito dificilmente seria divertido.

É uma hora tranquila, as tochas em erupção, as chamas pintando a noite azul-esverdeada com tons de fogueira. Ando sorrateiramente pela grama e paro centímetros atrás dela. O vento sedoso responde ao meu pedido, aceitando o meu apelo e envolvendo-se à cintura dela.

Lark grita, depois relaxa quando a corrente a atrai para mim, suas costas se recostando no meu peito. Meus braços substituem o vento e deslizam ao redor dela. Consumo sua risada sedutora, forte e ardente, perdida no tom de bronze.

— Feérico sorrateiro — ela comenta.

— Humana resmungona — murmuro.

— Você sabe! Então, há quanto tempo está me observando?

Sorrio discretamente.

— Ah, mas levaria cem anos para responder a isso.

— Ainda bem que temos tempo.

— Então deixe-me lhe dizer...

— Deixa eu adivinhar: por um preço?

Como eu amo que ela me conheça tão bem. Que revigorante e aterrorizante.

Arrepios passam pelos meus dedos, igualmente quentes e frios. Será um desafio, aprender como fazer coisas sem que ela descubra.

No instante em que aumento o aperto na cintura de Lark, ela arqueja com aprovação.

— Você está nu.

— E você está prestes a ficar — prevejo.

Assim, meus dedos arrancam as alças de sua camisolinha atraente e as deslizam por seus braços. O tecido cai na grama. Humm, é uma pena descartar uma peça de tecido tão extraordinária. Claro, sacrifícios devem ser feitos. Se vou agir sorrateiramente, devo ser consistente.

Um mosaico de constelações brancas e azul-esverdeadas ilumina nossos corpos. Não estamos usando nada exceto nossos pequenos detalhes, a cintaliga dela e meus brincos. E por que não? Não há ninguém à espreita. Os intrometidos não estão mais na torre, já que Moth mandou os servos embora horas atrás, no momento em que minha companheira voltou para mim.

Lark. Ela voltou para mim.

Depois de tudo, ela voltou. Nunca conheci tal intensidade quanto no momento em que a vi ao lado do gazebo. Em todos meus séculos, pensei que já tinha sentido todas as emoções que haviam para serem experimentadas, mas, outra vez, ela provou que eu estava errado. Minha boca secou, minha respiração acelerou e o peso que carregava nos ombros desapareceu.

Maldição, mas a alegria foi insuportável, o alívio, avassalador, e o desejo, enlouquecedor.

Aqueles mesmos impulsos me estimulam hoje à noite. Por garantia, minhas asas afagam os quadris de Lark antes de se fecharem ao meu lado. Sua cabeça cai de encontro ao meu ombro, dando à minha boca acesso ao ponto pulsante em sua garganta. Não desperdiço nem um só segundo, meus lábios colando em sua pele arrepiada e distribuindo beijos lentos e lânguidos.

Seu arrepio é uma corrente, seu suspiro excitado é uma rajada. Enterro meu rosto em seu cabelo, inalando o cheiro do café e de manhãs nevoentas – suas coisas favoritas. Cada fragrância está impregnada nas curvas delas, misturada com o calor emanando de sua adorável boceta. Um cheiro combinado que inflama minha ereção ao limiar da dor.

Fábulas me livrem, isso não vai ser fácil. Esperar nunca é.

Ela não tem ideia de quantas vezes quis agarrá-la no passado, antes do nosso beijo sob o Horizonte. Quantas vezes ansiei por sua boca, querendo engolir seu sarcasmo inteiro e provar sua rebeldia em minha língua. Quantos encontros em que meu pau se apertou com sua proximidade. Quantas vezes imaginei agarrá-la do chão, prensá-la na superfície sólida mais próxima, e prolongar o clímax até ela desmaiar de prazer.

Sinto Lark sorrindo ao rebolar seu traseiro no meu pau latejante, o movimento provocante puxando um silvo da minha língua sedenta.

— Você vai pagar caro por isso.

— Não se você não conseguir me pegar.

Adrenalina trilha pelas minhas asas.

— Ah, mas já te peguei.

— Sim, mas agora eu sei me virar na montanha.

— É verdade?

Lark faz uma pausa de efeito, depois se vira e se esquivava de mim. Minha boca se curva quando me viro devagar e espreito pela grama enquanto ela recua para trás, uma iniciativa imprudente neste promontório. Nossos pés se espalham sob o verde, as chamas das tochas iluminando o branco de sua silhueta, as ondas e declives de sua desnudez à vista. No passado, já me senti dessas distrações exasperantes, detestei-as, sofri o insulto delas, mesmo quando me destruíam pouco a pouco.

Mas estou me desviando, o que é inaceitável. Não quando minhas penas detectam as características de um jogo.

Nós pausamos sob um raio do luar, o que me permite sentir o cheiro da sua excitação. É um aroma humano, rico de terra e sangue e força.

Um segundo depois, ela gira e foge, correndo pelo gramado para o jardim da vida silvestre, seus pés descalços pulando um arbusto.

Eu me lanço do chão, minhas asas arrebatando um bolsão de ar e indo adiante. Esse desejo não desapareceu – a perseguição, a caça e o jogo. Ela corre para o bosque, abrindo caminho pelas treliças de damas-da-noite e pulando de um nível para o outro. A fauna lhe ajuda um pouco, porque ela é um deles agora.

Tímien e a fauna, que me criaram, Moth, que se tornou minha irmã, e Lark, que se transformou em tudo. Essa é minha família.

Puck e Elixir são meus irmãos, minha irmandade. São importantes para mim, mas agora está muito mais complicado e vamos precisar de bastante conspiração para mudar isso. Queria que pudesse ser de outro jeito.

Minhas asas se estendem no ar. Mergulho entre as árvores, minhas plumas tocando nas folhas e apagando uma das tochas. Viro para o leste, depois para o oeste, esperando a hora certa, saboreando o ritmo da sua respiração, essa nova desculpa para prestar atenção nela.

E o melhor, não tem pressa. Seu destino está claro.

Raios iridescentes iluminam o gazebo, ramos de hera enlaçando a estrutura. Minha presa corre para o interior da estrutura, mas, logo antes de alcançar o patamar, eu me lanço. Mergulhando atrás dela, passo o braço ao redor da sua cintura e a puxo de encontro a mim sem diminuir a velocidade.

Ela grita, seus pés saindo do solo enquanto eu nos levo ao céu. Voamos pela cordilheira, meu dorso colado às suas costas, sua risada trêmula oscilando com o vento – e eu vejo, a brisa embalando o som e o carregando pela montanha.

Eu a seguro forte e digo:

— Abra os braços.

A euforia percorre o corpo dela, a sensação se desenrolando nas minhas plumas. Lark faz o que peço e estende os braços, alinhando-os com minhas asas, o vento se agitando abaixo de nós. Ela arqueja de prazer, percebendo que está voando.

Saboreio aquele pequeno som, sendo o único que consegue ouvi-lo. Como desejo mais dele.

— Agora — digo. — Diga aonde ir.

Ela concorda.

— Mais alto.

Realmente muito divertido, e a cara dela. Obedeço, arqueando-nos para os celestiais e devorando seus gritos alegres.

Oriente-me. Ordene-me. Mostre-me aonde iria. Deixe minhas asas serem suas.

Se posso dizer, Lark se acostuma muito bem a me dar ordens. Ela grita, e damos a volta no Pico Selvagem. Ela berra, e despencamos em um mergulho vertical, disparando para o vale.

Perto do Parlamento das Corujas, Tímien e as aves de rapina se juntam por

um tempo à jornada, criando um túnel que gira ao nosso redor.

A pedido de Lark, seguimos o terreno do leste e depois vamos para o oeste pelas cordas da folhagem. Sob a lua, ela nos faz voar por cada precipício que nos trouxe para o dia de hoje, para este momento. Eu nos lanço através de uma nuvem, dividindo a névoa e a espalhando em nossos corpos despidos. Seus seios sobem e descem selvagememente, mas ela se aconchega, confiando no meu abraço.

Poderia fazer isso pela eternidade. Ou, pelo menos, pela próxima hora, até que seja o momento de fazê-la gozar. A antecipação é muito mais gratificante, e adoro merecer cada um de seus orgasmos.

Até lá, desfruto desse passeio, atendendo aos desejos de Lark enquanto o sol espreita pelo horizonte.

Na frente da torre, aviso:

— Cuidado. Ou vai cair.

Ela coloca a boca na minha orelha, respirando perto dos brincos de asas e dando eco às minhas palavras:

— Ah, mas eu já caí de amores por você.

Fábulas eternas. Ela ousa me seduzir enquanto estamos voando?

Volto ao promontório e pouso onde começamos. Na beirada do mundo, nós nos movemos como um, minhas mãos girando Lark para ficar de frente para mim e os braços dela se jogando ao redor do meu pescoço. Nossas bocas rompem a distância. Então, no último segundo, paramos e soltamos uma explosão de ar, nossos lábios suspensos, pairando a centímetros de um beijo devastador.

Ardilosa como é, minha ereção se levanta mais entre nós.

— Ora, ora. Olá — Lark murmura, completamente orgulhosa de si mesma.

— Parece que você dormiu bem.

— Humana rebelde, mercenária e intrometida — ofego. — Bem o bastante para levantá-la da grama e fodê-la contra o vento. Só precisa me pedir. Ou você está tentando me arruinar?

— Não, mas ainda estou esperando que responda à minha pergunta.

Então, há quanto tempo você está me observando?

Há muito tempo. Por uma vida. Pelo tempo que ela me permitiu e um pouco mais.

— Hum. — Eu me aproximo de sua orelha e sussurro: — Verdade. Mas, se você deseja uma resposta completa, acho que vamos precisar fazer um acordo.

Lark fala nos meus lábios, humor e carinho suavizando sua voz:

— Puta merda! Você simplesmente não consegue resistir.

— Nunca — respondo, com sorriso perverso.

Não consigo resistir a nada quando ela está envolvida. Entretanto, tenho um acordo em mente. Se ela quiser saber com que frequência eu a observei, meu preço é simples. Um gemido por outro gemido. Uma batida do coração por outra batida do coração. Seu prazer pelas minhas confissões, seu êxtase pelos meus segredos.

Seu beijo pelo meu beijo. Seu amor pelo meu amor.

Sem dúvida, gosto de pensar que é uma troca justa.

Continua com a história de Puck e Juniper!

Caça Feérica

Feéricos Perversos 2

Em 2023

Nota da Autora:

Bem-vindos a Feéria, queridos! Estive tão nervosa e animada para vocês finalmente conhecerem este universo novo, espero que tenham ficado tão viciados quanto eu.

Quando comecei a ler sobre feéricos e me deparei com o tema dos feéricos solitários, a inspiração começou a fervilhar. Com seus hábitos reclusos e a tendência de morar na natureza, este grupo misterioso de imediato, despertou meu interesse. Ah, como eu gosto de ambientes isolados com lendas místicas escondidas nas árvores. Meu coração introvertido e amante das florestas ficou louquinho.

A inspiração veio de um conjunto de lugares, incluindo as *Fábulas de Esopo* e meu fascínio de infância com o filme *Labirinto: a magia do tempo*. Isso combinado com meu amor pela vida selvagem me levou à história de Lark e Cerulean. E ah, como eu adoro esses dois. Com cada cena intensa, o relacionamento deles me pegou de surpresa, como este universo. Mal posso esperar para explorar o restante das *Fábulas Sombrias* com vocês!

E apesar de os feéricos torcerem o nariz para a gratidão, eu só quero agradecer.

A Esther Gwynne, pela habilidade mágica com revisão.

Todos os abraços a Michelle, Jessa e Candace, por enfrentar aquele primeiro esboço e me assegurar que esta história tinha magia. A Amanda e Audrey, pelo apoio com livros. Vocês aquecem meu coração.

A minha família, muito amor.

A Roman, meu herói travesso e ardiloso.

E abraços eternos para cada um dos meus leitores. Para meu time que resenhou antes do lançamento, para o grupo *Myths & Tricksters* e para todos vocês por se aconchegarem com meus livros e me acompanharem nesta jornada. Vocês me encantam todos os dias!

Vejo vocês na Floresta Solitária. O reino de Puck os espera...

Sobre a Autora



Natalia Jaster é uma autora de romances fantásticos que costuma ter uma quedinha pelo vilão.

Vive em uma floresta sombria, onde escreve histórias *new adult* picantes sobre bobos brincalhões, divindades imortais e feéricos perversos. Heróis malvados são sua fraqueza, e heroínas rebeldes são suas melhores amigas.

Quando não está escrevendo, provavelmente pode encontrá-la debruçada no alto da torre do castelo, se esbanjando de chá de maçã caramelizada e observando as estrelas.